



Zecharia Sitchin

O Começo do Tempo

TRADUÇÃO

Luís Fernando Martins Esteves

2004

EDITORIA BEST SELLER

Título original: When Time Began

Copyright 1993 by Zecharia Sitchin

Sumário

Prefácio	7
1 Os ciclos do tempo	8
2 Um computador feito de pedra	34
3 Os templos que olhavam para o céu	58
4 Dur.an.ki - a "ligação Céu-Terra"	87
5 Guardiões de Segredos	116
6 Os arquitetos divinos	147
7 Um Stonehenge no Eufrates	177
8 Histórias do calendário	205
9 Onde o sol também nasce	230
10 Nas pegadas deles	262
11 Exílios numa Terra em mudança	298
12 A Era do Carneiro	323
13 Consequências	355

Prefácio

Desde os tempos antigos, os terráqueos têm erguido seus olhos para o céu. Intimidados e ao mesmo tempo fascinados, eles aprenderam os Caminhos do Céu: as posições das estrelas, os ciclos da Lua e do Sol, a rotação de uma Terra inclinada. Como tudo isso começou, como isso irá terminar - e o que irá acontecer no meio?

O Céu e a Terra se encontram no horizonte. Por milênios os terráqueos olharam as estrelas da noite dar lugar aos raios de Sol naquele lugar de encontro, e escolheram como um ponto de referência o momento em que o dia e a noite tinham a mesma duração, o dia do equinócio. O homem, auxiliado pelo calendário, tem contado o tempo terrestre a partir desse ponto.

Para identificar os céus estrelados, os firmamentos foram divididos em doze partes, as doze casas do zodíaco. Mas conforme o milênio se passou as "estrelas fixas" não pareciam fixas de forma alguma, e o dia do equinócio, o dia do Ano Novo, parecia ter passado de uma casa zodiacal para outra; e ao tempo terrestre foi adicionado o tempo celeste - o começo de uma Nova Era. À medida que chegamos ao limiar de uma Nova Era, quando o nascer do sol do dia do equinócio de primavera irá ocorrer na casa zodiacal de Aquário, em vez de fazê-lo na casa zodiacal de Peixes, como ocorreu nos 2.000 últimos anos, muitos se perguntam o que a mudança irá anunciar: bem ou mal, um novo começo ou um fim - ou nenhuma mudança?

Para entender o futuro devemos examinar o passado; porque desde que a raça humana começou a contar o tempo terrestre, ela já experimentou a medida do tempo celeste - a chegada de Novas Eras. O que precedeu uma Nova Era e o que a ela sucedeu guardam grandes lições para nossa própria situação atual no curso do tempo.

1

Os Ciclos do Tempo

Conta-se que perguntaram a santo Agostinho, bispo da Cartago romana (354-430 d.C.), o maior pensador da Igreja Cristã nos primeiros séculos e responsável por fundir a religião do Novo Testamento com a tradição platônica da filosofia grega: "O que é o tempo?" Sua resposta foi: "Se ninguém me perguntar, sei o que é; se eu quiser explicar o que é a quem pergunta, não sei mais".

O tempo é essencial à Terra e a tudo o que está sobre ela, assim como o é a cada um de nós como indivíduos; pois, como sabemos por meio de nossa própria experiência e observações, o que nos separa do momento em que nascemos e do momento em que paramos de viver é o TEMPO.

Embora não saibamos o que é o Tempo, encontramos formas de medi-lo. Contamos nosso tempo de vida em anos, o que - se pensarmos bem - não deixa de ser outra forma de dizer "órbitas", pois isso é o que significa um

"ano" na Terra: o tempo que nosso planeta demora para completar uma órbita ao redor de nossa estrela, o Sol. Não sabemos o que é o tempo, mas a forma como o medimos nos faz pensar: viveríamos mais se nosso ciclo de vida fosse diferente, se morássemos em outro planeta cujo "ano" fosse mais longo? Seríamos "imortais" se vivêssemos num "planeta de milhões de anos" - como, na verdade, os faraós egípcios acreditavam que seria, num pós-vida eterno, uma vez que se juntassem aos deuses nesse "planeta de milhões de anos"?

Na verdade, existem outros planetas "lá fora" e, mais que isso, planetas em cuja superfície a vida conforme a conhecemos pode ter se desenvolvido. Seria nosso sistema planetário único, a vida na Terra também única, ficando a humanidade sozinha, ou os faraós sabiam do que falavam em seus Textos das Pirâmides?

"Olha para o alto e conta as estrelas", disse Iavé para Abraão quando fizeram a aliança. O homem tem olhado para o céu desde tempos imemoriais perguntando-se se existem outros como nós no espaço, em outras terras. A lógica e a probabilidade matemática determinam uma resposta afirmativa; porém foi somente em 1991 que os astrônomos, pela primeira vez, conforme destacado, encontraram outros planetas orbitando outros sóis pelo universo.

A primeira descoberta, em julho de 1991, revelou não ser totalmente correta. Foi um anúncio feito por um grupo de astrônomos ingleses com base num período de observações de cinco anos, que os levou a concluir que uma estrela de rápida rotação, chamada Pulsar 1829-10, possuía um "companheiro do tamanho de um planeta", cerca de dez vezes o tamanho da Terra. Os pulsares são tidos como centros de estrelas extraordinariamente densas, que por um motivo ou outro regrediram. Girando muito rápido, eles emitem pulsos de rádio em fluxos regulares, muitas vezes por segundo. Tais pulsos podem ser monitorados por radiotelescópios; ao detectar uma flutuação cíclica, os astrônomos supuseram que um planeta orbitando a Pulsar 1829-10 uma vez a cada seis meses poderia explicar essas flutuações.

Vários meses depois, os astrônomos ingleses admitiram que seus cálculos tinham sido imprecisos e portanto não poderiam apoiar sua conclusão de que um pulsar, a 30.000 anos-luz de distância, possuísse um satélite planetário. A

essa altura, entretanto, um grupo americano havia feito uma descoberta similar em relação a um pulsar bem mais próximo, identificado como PSR 1257 + 12 - um sol decaído a apenas 1.300 anos-luz de nós. Ele explodiu, de acordo com as estimativas dos astrônomos, há apenas um bilhão de anos; definitivamente possuía dois, talvez três planetas orbitando ao redor. Os dois planetas tidos como certos orbitam a uma distância equivalente a Mercúrio de nosso Sol, enquanto o terceiro possível orbita a uma distância como a da nossa Terra para o Sol.

"A descoberta despertou a especulação de que os sistemas planetários fossem não apenas relativamente comuns mas que também pudessem ocorrer sob diversas circunstâncias", escreveu John Noble Wilford no New York Times de 9 de janeiro de 1992. "Cientistas declaram que seria altamente improvável que planetas orbitando pulsares pudessem ser favoráveis à vida; porém as descobertas encorajaram os astrônomos, que neste outono irão começar uma varredura sistemática dos céus para descobrir sinais de inteligência extraterrestre".

Os faraós, então, tinham razão?

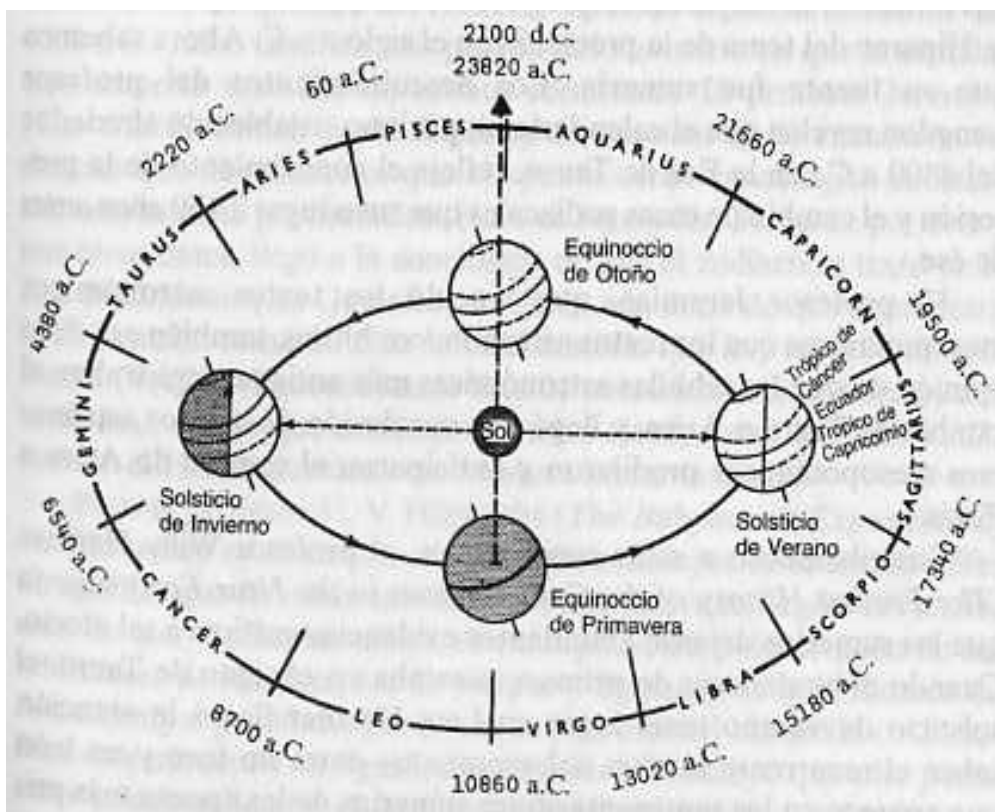
Bem antes dos faraós e dos Textos das Pirâmides, uma civilização antiga - a primeira conhecida pelo homem - possuía uma cosmogonia avançada. Seis mil anos atrás, na antiga Suméria, o que os astrônomos descobriram em 1990 já era conhecido; não apenas a verdadeira natureza e composição de nosso sistema solar (incluindo os planetas mais distantes), porém também a noção de que existem outros sistemas solares no universo, que suas estrelas ("sóis") podem implodir ou explodir, que seus planetas podem ser tirados de órbita - que a vida, na verdade, pode assim ser carregada de um sistema estelar para outro. Era uma cosmogonia detalhada colocada por escrito.

Um texto longo escrito em sete tábuas, nos alcançou principalmente em sua posterior versão babilônica. Chamado de a Epopéia da Criação e conhecido por suas palavras iniciais, Enuma Elish, era lido publicamente durante as festividades do Ano Novo, que se iniciavam no primeiro dia do mês de Nissan, o qual coincidia com o primeiro dia da primavera.

Esboçando o processo pelo qual nosso próprio Sistema Solar começou a existir, o longo texto descreve como o Sol ("Apsu") e seu mensageiro

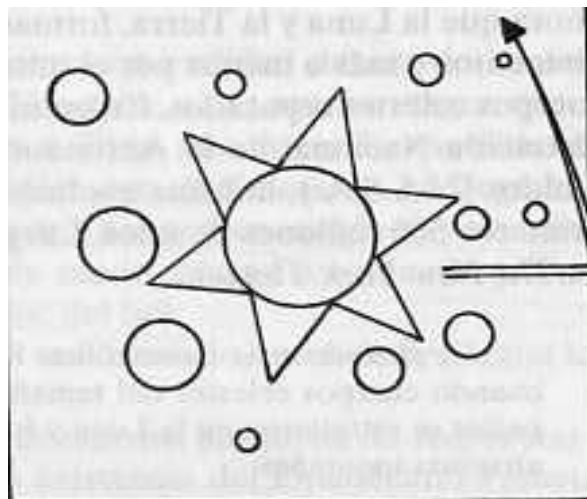
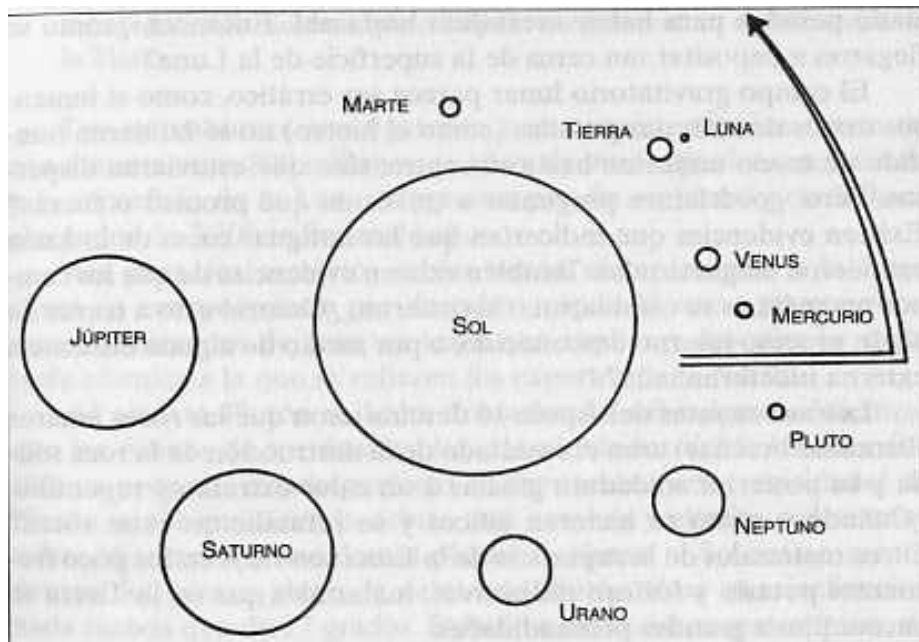
("Mummu") foram primeiro encontrados por um planeta antigo chamado Tiamat; como o par de planetas Vênus e Marte ("Lahamu e Lahmu") aglutinados entre o Sol e Tiamat, seguidos por outro par, além de Tiamat - Júpiter e Saturno ("Kishar" e "Anshar") e Urano e Netuno ("Anu" e "Nudimud"), os dois que permaneceram desconhecidos da astronomia moderna até 1781 e 1846 respectivamente - foram descritos pelos sumérios milênios atrás. Enquanto aqueles recém-criados "deuses celestes" empurravam e puxavam uns aos outros, alguns desenvolveram satélites - luas. Tiamat, no meio daquela instável família planetária, desenvolveu onze deles, sendo que um, "Kingu", ficou tão grande que começou a assumir os aspectos de um "deus celeste", um planeta por si. Astrônomos modernos permaneceram totalmente ignorantes quanto à possibilidade de um planeta possuir várias luas até que Galileu descobriu as quatro maiores luas de Júpiter, em 1609, com a ajuda do telescópio; contudo, os sumérios estavam conscientes do fenômeno milênios antes.

Naquele instável sistema solar, de acordo com a milenar Epopéia da Criação, pareceu surgir um invasor do espaço exterior: outro planeta. Um planeta que não nasceu com a família de Apsu, mas que pertencera à família de alguma outra estrela e fora atirado para o espaço. Milênios antes dos modernos astrônomos descobrirem pulsares e estrelas que implodiam, a cosmogonia suméria já falava de outros sistemas planetários e de estrelas que implodiam ou explodiam, e expulsavam seus planetas. Assim, o Enuma Elish relata que um desses planetas atingiu os limites de nosso Sistema Solar e começou a ser atraído para o centro.



À medida que passava por outros planetas, provocou mudanças responsáveis por vários enigmas que ainda espantam a astronomia moderna - tal como a causa para a inclinação do eixo de Urano para um dos lados, ou a órbita retrógrada de Tritão, a maior lua de Netuno, ou o que colocou Plutão para fora de sua órbita como satélite, transformando-o num planeta com uma órbita estranha. Quanto mais o invasor era atraído para o centro do Sistema Solar, mais ele era forçado a um curso de colisão com Tiamat, resultando numa "Batalha Celeste". Na série de colisões, com os satélites do invasor chocando-se repetidamente com Tiamat, o planeta mais velho foi partido em dois. Uma das metades foi transformada numa nuvem de pedaços pequenos e tornou-se o Cinturão de Asteróides (entre Marte e Júpiter), dando origem a vários cometas; a outra metade, quase intacta, foi atirada a uma nova órbita e transformou-se no planeta que chamamos de Terra ("Ki", em sumério), capturando em sua órbita o maior satélite de Tiamat, que se tornou nossa Lua. O próprio invasor foi capturado em órbita permanente ao redor do Sol, passando a ser o décimo segundo membro de nosso Sistema Solar (Sol, Lua e dez planetas). Os sumérios o chamaram de Nibiru - "Planeta da Travessia".

Os babilônios o rebatizaram de Marduk em honra a seu deus nacional. Foi durante a Batalha Celeste, esse antigo épico, que a "semente da vida", trazida de outro lugar por Nibiru, foi passada à Terra.



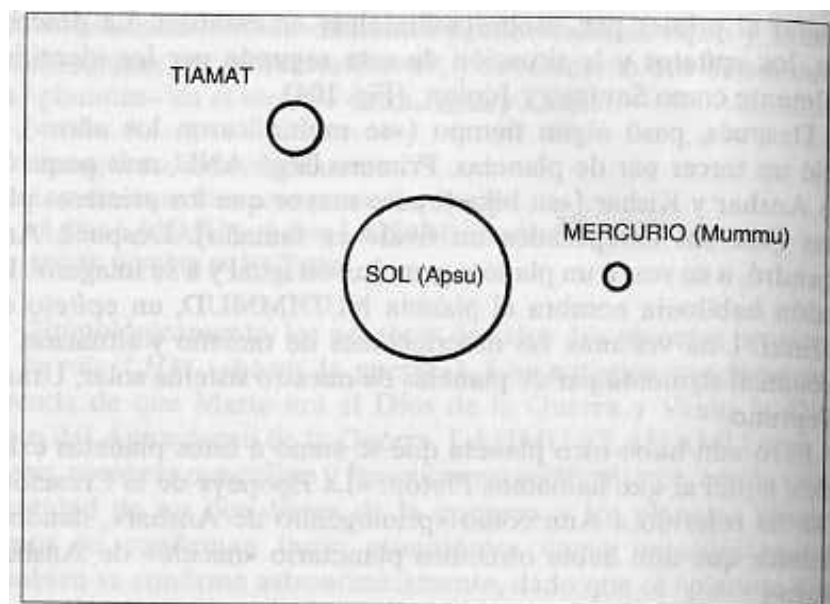


Fig. 102. I. En el Principio: Sol, Mercurio, «Tiamat».

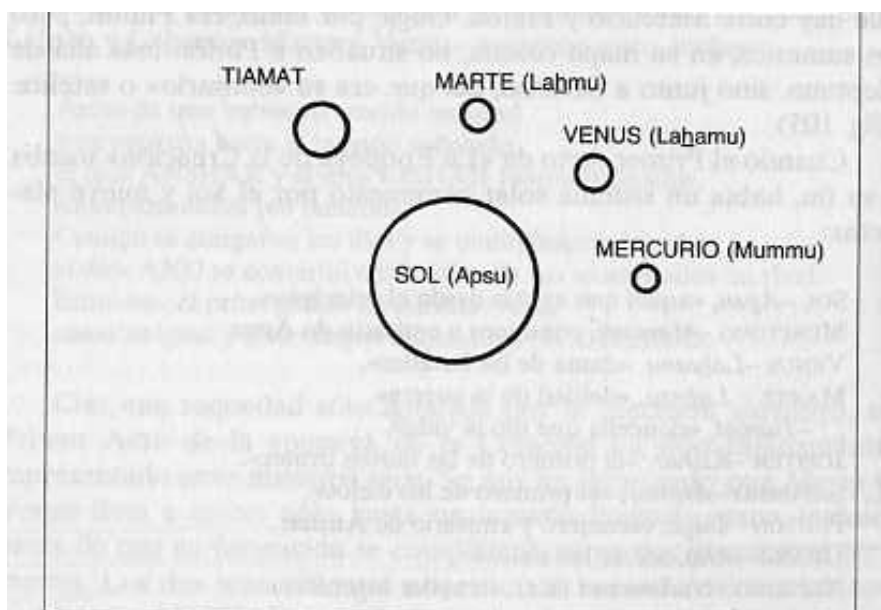
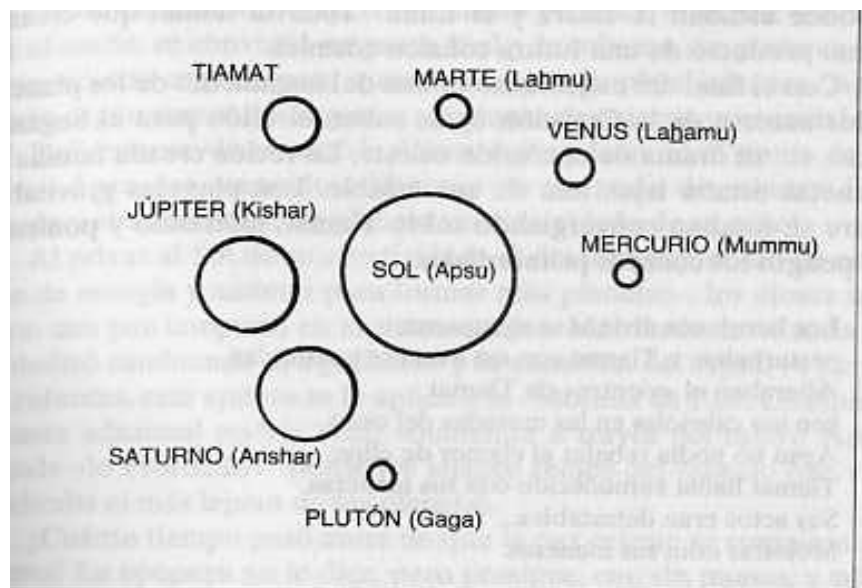
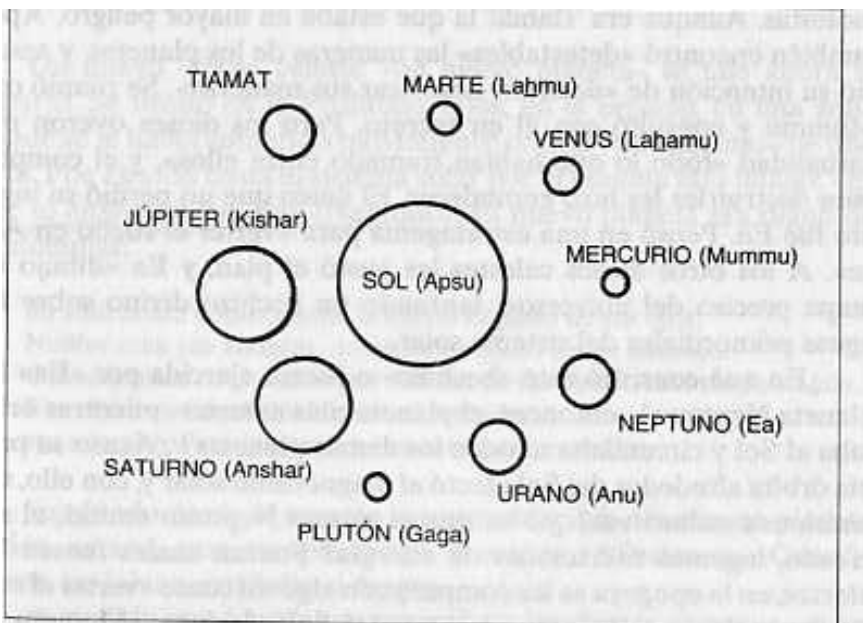


Fig. 103. II. Los Planetas Interiores –los «dioses en el medio»– nacen.



g. 104. III. Los SHAR –los planetas gigantes– son creados, junto con su «emisario».



g. 105. IV. Se añaden los dos últimos planetas –iguales en su imagen.

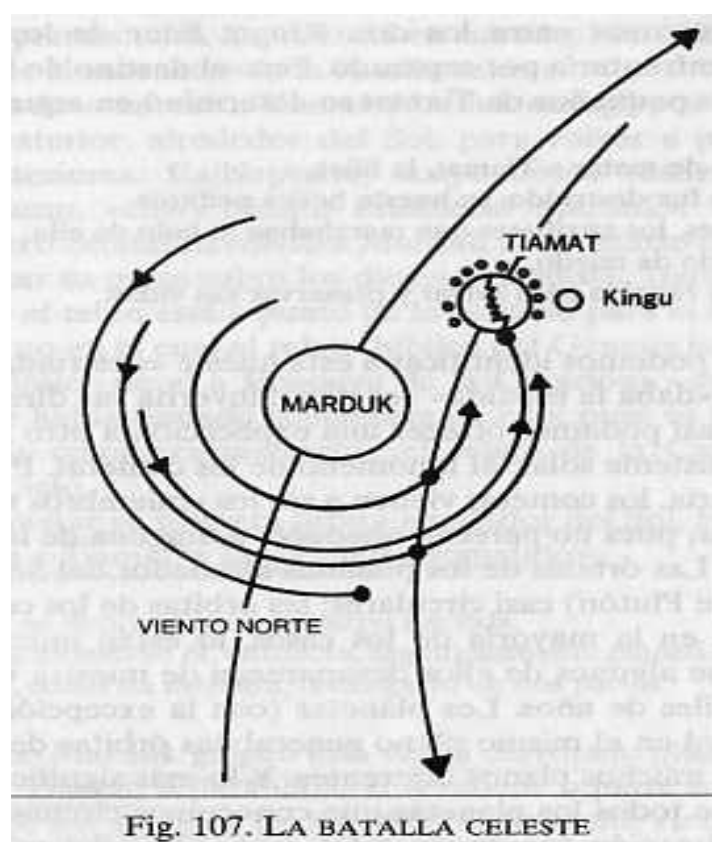
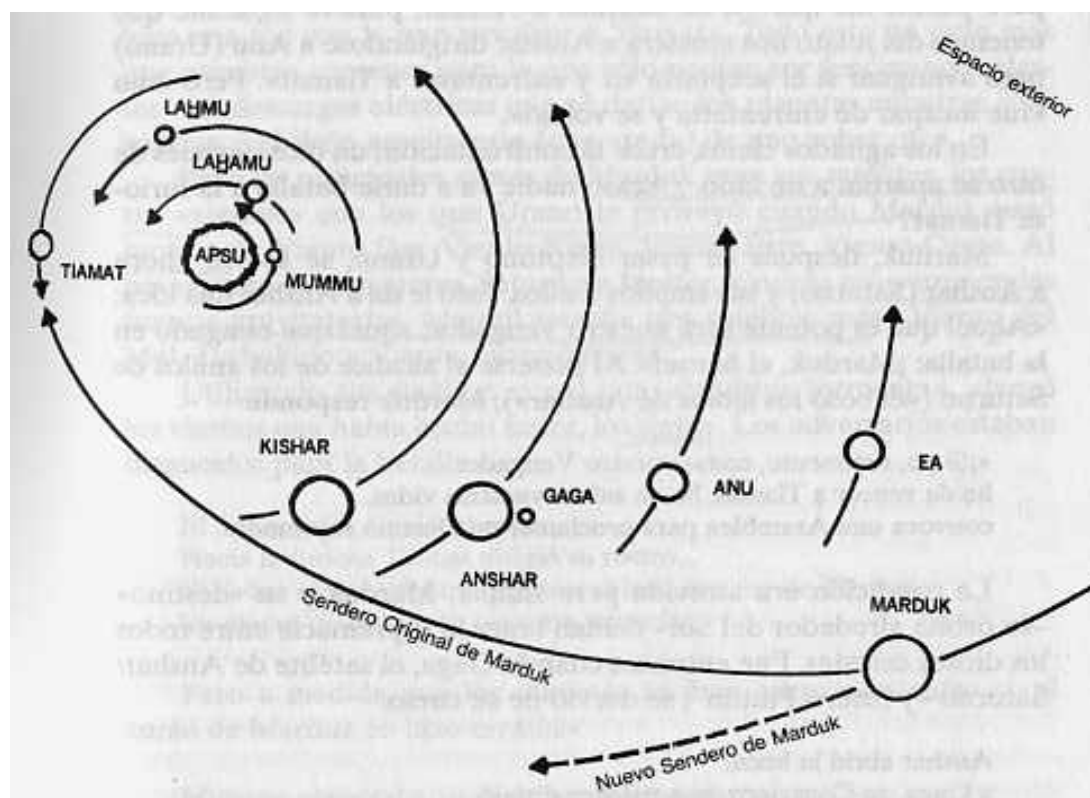


Fig. 107. LA BATALLA CELESTE

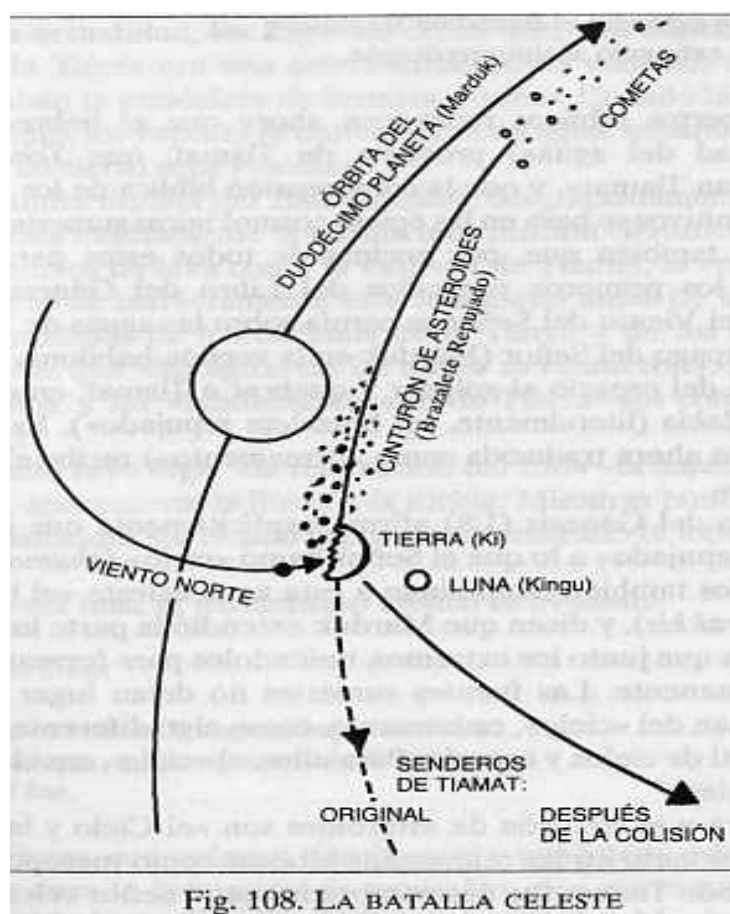
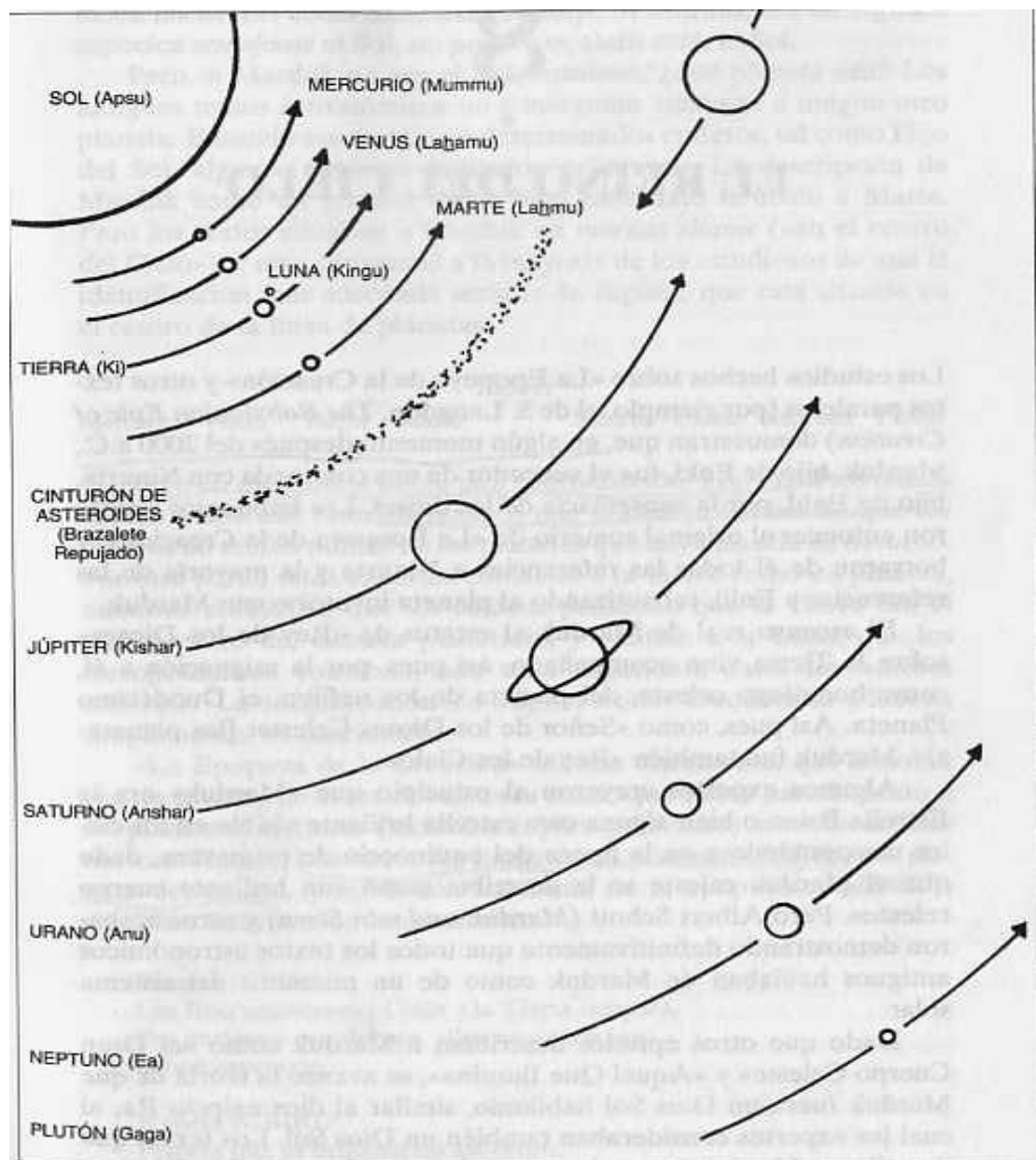
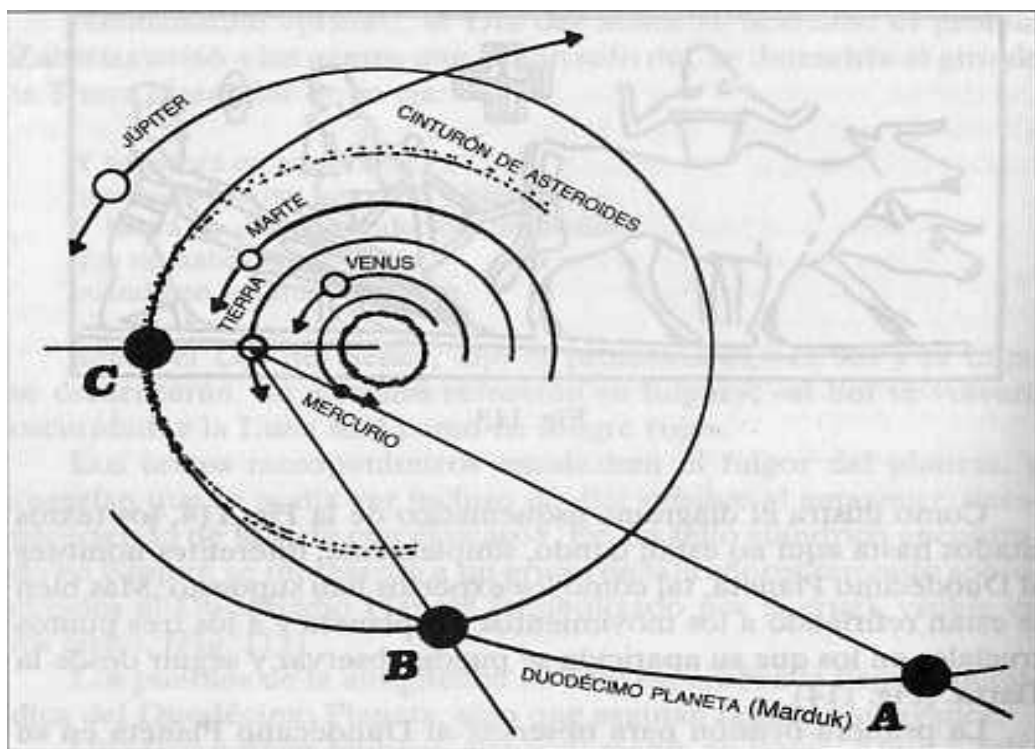
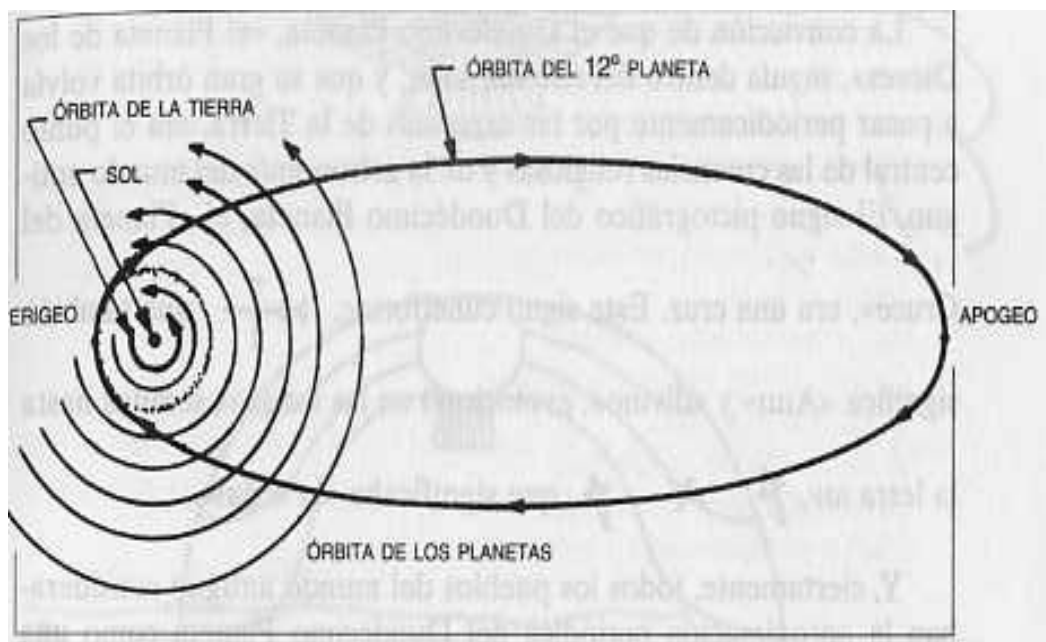


Fig. 108. LA BATALLA CELESTE





Filósofos e cientistas, contemplando o universo e oferecendo cosmogonias modernas, invariavelmente terminam discutindo o Tempo. Seria o Tempo uma dimensão em si mesmo, ou talvez a única dimensão verdadeira neste universo? Será que o Tempo só flui para a frente, ou pode correr para trás? O presente é uma parte do passado ou seria o começo do futuro? Além disso, o

Tempo teve começo? Se assim foi, terá um fim? Se o universo sempre existiu, sem começo e portanto sem fim, seria o Tempo também sem começo nem fim - ou o universo teria tido um começo, talvez com o Big Bang propagado por tantos astrofísicos, caso no qual o Tempo teria começado quando o universo começou?

Aqueles que conceberam a cosmogonia dos sumérios, impressionantemente precisa, também acreditavam num Princípio (o que inexoravelmente leva a um Fim). Fica claro que conceberam 12 o Tempo como medida, o que estabelece o ritmo de uma saga celeste e o define como o marcador dela; pois a primeira palavra da antiga Epopéia da Criação, Enuma, significa Quando:

[Enuma elish la nabu shamamu](#)

Quando nas alturas o céu ainda não recebera um nome

[Shaplitu amatum shuma la zacrat](#)

E abaixo, a terra firme ainda não fora chamada

Devem ter sido necessárias grandes mentes científicas para conceber uma fase primordial em que "nada existia a não ser o Apsu primordial, o progenitor deles; Mummu e Tiamat" - quando a Terra ainda não existia; e para compreender que para a Terra e tudo sobre ela o "Big Bang" não aconteceu quando o universo ou mesmo o Sistema Solar foram criados, mas sim quando ocorreu o evento da Batalha Celeste. Foi então, naquele momento, que o Tempo começou para a Terra. No instante em que, separada da metade de Tiamat que se tornou o Cinturão de Asteróides ("céu"), a Terra foi atirada a sua nova órbita e pôde começar a contar os anos, os meses, os dias e as noites - para medir o Tempo.

Essa visão científica, central para a cosmogonia, religião e matemática antigas, foi expressa em muitos outros textos sumérios além da Epopéia da Criação. Um texto tratado pelos estudiosos como o "mito" de "Enki e a ordem do mundo", mas que é literalmente uma história autobiográfica de Enki, o deus sumério das ciências, descreve o momento quando o Tempo começa a contar para a Terra:

Nos dias de antanho,
quando o céu estava separado da Terra,
Nas noites de antanho,
quando o céu estava separado da Terra...

Outro texto, em palavras muitas vezes repetidas nas tábuas de argila sumérias, trazia a noção do início ao listar os muitos aspectos da evolução e civilização que ainda não haviam começado a existir antes do evento crucial. Antes disso, afirmava o texto, "o nome do Homem não fora chamado" e "coisas necessárias ainda não tinham sido trazidas para a existência". Todos esses fatos começaram a acontecer apenas "depois que o céu se afastou da Terra, depois que a Terra se separou do céu".

Não é surpresa que as mesmas noções sobre o início do tempo também orientassem as crenças egípcias, cujo desenvolvimento ocorreu depois dos sumérios. Lemos nos Textos da Pirâmide (§ 1466) as seguintes descrições do Início das Coisas:

Quando o céu ainda não entrara em existência,
Quando o homem ainda não entrara em existência,
Quando os deuses ainda não haviam nascido,
Quando a morte ainda não chegara à existência...

Essa sabedoria, universal em antiguidade e que deriva da cosmogonia suméria, ecoou no primeiro verso do Gênesis, o primeiro livro da Bíblia Hebraica:

No princípio
Criou Elohim o céu e a terra
E a terra estava sem forma e vazia
E as trevas cobriam a face de Tehom,
E o vento do Senhor pairava sobre as águas

Hoje está bem estabelecido que essa história bíblica da criação foi baseada nos textos mesopotâmicos, como o Enuma Elish, com Tehom significando Tiamat, o "vento" significando satélites em sumério, e o "céu" descrito como "Pulseira Feita a Martelo", o Cinturão de Asteróides. A Bíblia, entretanto, é mais clara em relação ao momento do Princípio no que se refere à Terra; a versão bíblica se utiliza da cosmogonia mesopotâmica apenas do ponto de vista da separação da Terra do Shama'im, a "Pulseira Feita a Martelo", como resultado da quebra de Tiamat.

Para a Terra, o Tempo começou com a Batalha Celeste.

A história mesopotâmica da criação se inicia com a formação de nosso Sistema Solar e o surgimento de Nibiru/Marduk numa época em que as órbitas planetárias ainda não estavam fixas ou estáveis. Termina atribuindo a Nibiru/Marduk a forma atual de nosso Sistema Solar, onde cada planeta ("deus celeste") recebe seu lugar definido ("estação"), caminho orbital ("destino") e rotação, até mesmo suas luas. Na verdade, como um grande planeta cuja órbita percorre a de todos os outros planetas, que "atravessa o céu e vigia as regiões", era considerado aquele que tinha estabilizado o Sistema Solar:

Ele estabeleceu a estação de Nibiru,
para determinar suas faixas celestes,
que ninguém poderia atravessar ou não obedecer...

Ele estabeleceu para os planetas seus
céus sagrados,
Ele detém os caminhos,
determina seus cursos.

Assim afirma o Enuma Elish (Tábua V, linha 65): "Ele criou o Céu e a Terra"
- exatamente as mesmas palavras usadas no Livro do Gênesis.

A Batalha Celeste eliminou Tiamat como membro do antigo Sistema Solar, atirou metade dele numa nova órbita para que viesse a se tornar o planeta

Terra, reteve a Lua como componente essencial do novo Sistema Solar, colocou Plutão numa órbita independente e acrescentou Nibiru como o décimo segundo membro da Nova Ordem em nossos céus. Para a Terra e seus habitantes, foram esses os elementos que determinaram o Tempo.

Até hoje, o papel-chave que o número doze desempenha na ciência suméria e na vida diária (alinhada com o Sistema Solar de doze membros) nos tem acompanhado ao longo de milênios. Dividiram o "dia" (de pôr-do-sol a pôr-do-sol) em doze "horas duplas", cuja expressão persiste até nossos dias com o mostrador de doze horas e o dia de 24. Os doze meses do ano ainda estão conosco, assim como os signos do zodíaco. Esse número celeste possui muitas outras expressões, como as doze tribos de Israel ou os doze apóstolos de Jesus.

O sistema matemático sumério é chamado de sexagesimal, quer dizer, com "base 60", ao invés de 100, como no sistema métrico (no qual um metro é igual a 100 centímetros). Entre as vantagens do sistema sexagesimal estava sua divisibilidade por 12. O sistema sexagesimal progredia multiplicando-se alternadamente seis e dez: começando com 6, multiplicando por 10 ($6 \times 10 = 60$), depois por seis, para obter 360 - o número aplicado pelos sumérios ao círculo e ainda utilizado, tanto em geometria quanto em astronomia. Por sua vez, esse número era multiplicado por dez, para obter o sar ("chefe", "senhor"), o número 3 600, que era escrito traçando-se um grande círculo, e assim por diante.

O sar, 3.600 anos terrestres, era o período orbital de Nibiru ao redor do Sol; para todos em Nibiru tratava-se simplesmente de mais um ano-Nibiru. Segundo os sumérios, havia outros seres inteligentes em Nibiru, bem mais desenvolvidos do que os hominídeos na Terra. Os sumérios os chamavam de anunaques, significando literalmente: "Aqueles que do Céu para a Terra vieram". Os textos sumérios afirmam repetidamente que os anunaques vieram de Nibiru para a Terra na remota Antiguidade; quando vieram, não contaram o tempo usando termos terrestres, e sim a órbita de Nibiru. A unidade do Tempo Divino, um ano dos deuses, era o sar.

Textos conhecidos como a Lista dos Reis Sumérios, descrevendo os primeiros acampamentos dos anunaques na Terra, listam os governos dos dez

primeiros líderes anunaques antes do Dilúvio em sars, os ciclos terrestres de 3.600 anos. Desde a primeira aterrissagem até o Dilúvio, segundo aquele texto, 120 sars se passaram: Nibiru orbitou o Sol 120 vezes, o que perfaz 432.000 anos terrestres. E na centésima vigésima primeira órbita o impulso gravitacional de Nibiru foi tanto que a calota polar acumulada sobre a Antártida deslizou para os mares do sul, criando uma onda enorme que varreu a Terra - a Grande Enchente ou Dilúvio, registrada na Bíblia a partir das fontes anteriores e mais detalhadas dos sumérios.

As lendas e o folclore antigo conferem a esse número, 432.000, um significado cíclico além da terra que era chamada Suméria. No Moinho de Hamlet, Giorgio de Santillana e Hertha Von Dechend, procurando "um ponto em que os mitos e a ciência se encontram", concluíram que 432.000 era um número de significado para os antigos. "Entre os exemplos citados por eles estava a lenda nórdica do Valhala, o local mítico de descanso dos guerreiros mortos em batalha, que no Dia do Julgamento irão passar pelos portões do Valhala para lutar ao lado do deus Odin ou Woden, contra os gigantes. Eles sairiam pelos 540 portões do Valhala, oitocentos guerreiros de cada um. O número total de guerreiros-heróis, dessa forma, seria 432.000, ressaltam Santillana e Von Dechend. Esse número deve ter tido um significado muito antigo, pois também é o número de sílabas no Rig Veda, o Livro Sagrado de Versos, escrito em sânscrito, no qual se encontram as sagas de deuses e heróis indo-europeus. Quatrocentos e trinta e dois mil, escrevem os autores, remete ao número básico 10.800, o número de estrofes no Rig Veda, com 40 sílabas por estrofe ($10.800 \times 40 = 432.000$)”.

A tradição hindu claramente associa o número 432.000 com as iugas ou eras que a Terra e a humanidade experimentaram. Cada catur-iuga ("grande iuga") foi dividida em quatro iugas ou eras, cujas durações decrescentes eram expressões de 432.000: primeiro a Era Quádrupla ($4 \times 432.000 = 1.728.000$ anos), que corresponde à Idade de Ouro, depois a Era Tríplice da Sabedoria ($3 \times 432.000 = 1.296.000$ anos), seguida pela Era Dupla do Sacrifício ($2 \times 432.000 = 864.000$ anos); finalmente nossa era atual, a Era da Discórdia, que deverá durar apenas 432.000 anos. Todas essas tradições

hindus prognosticam dez éons, num paralelo com os dez líderes sumérios antediluvianos, mas expandindo o tempo até 4.320.000 anos.

Ainda mais expandidos, tais números astronômicos baseados no número 432.000 foram aplicados à religião hindu e às tradições do kalpa, o "Dia do Senhor Brahma". Foi definido que um éon compreende doze milhões de devas (Anos Divinos). Cada Ano Divino por sua vez compreende 360 anos terrestres. Portanto, um "Dia do Senhor Brahma" equivaleria a 4.320.000.000 anos terrestres - um período de tempo bem semelhante ao que os modernos estimam como a imagem de nosso Sistema Solar calculado por multiplicações de 360 e 12.

A cifra 4.320.000.000, entretanto, é um milhar de grandes iugas - um fato descoberto no século XI pelo matemático árabe Abu Rayhan al-Biruni, que explicou que os kalpa consistiam em 1.000 ciclos de catur-iugas. Assim, poderíamos parafrasear os matemáticos do calendário celeste hindu afirmando que aos olhos do Senhor Brahma mil ciclos eram apenas um único dia. Isso traz à lembrança a enigmática afirmação em Salmos (89:4) em relação ao Dia Divino do Deus bíblico:

Porque mil anos, aos teus olhos,
São como o dia de ontem, que passou.

Essa afirmação tradicionalmente tem sido encarada apenas como um simbolismo da eternidade do Senhor. Porém em vista dos numerosos traços de dados sumérios no Livro dos Salmos (assim como em outras partes da Bíblia Hebraica), uma fórmula matemática precisa pode ter sido intencional - uma fórmula também mencionada na tradição hindu.

As tradições hindus foram trazidas para o subcontinente Índico pelos emigrantes "arianos" das praias do mar Cáspio, primos dos indo-europeus que eram os hititas da Ásia Menor (Turquia atual) e dos assírios das cabeceiras do rio Eufrates, por meio dos quais a sabedoria e as crenças sumérias foram transmitidas aos indo-europeus. Acredita-se que as migrações arianas devem ter ocorrido no segundo milênio a.C. e os Vedas foram tidos como "de origem não humana", tendo sido elaborados pelos

próprios deuses numa era anterior. Com o tempo, vários componentes dos Vedas e a literatura auxiliar que deriva deles (os Mantras, Brahmanas etc.) foram ampliados pelos Puranas não-védicos ("Escritos Antigos") e pelos grandes relatos épicos do Mahabharata e do Ramayana. Neles, as eras que derivam de múltiplos de 3.600 também predominam; assim, de acordo com o Vishnu Purana, o "dia em que Krishna partirá da Terra será o primeiro dia da Era de Kali; continuará por 360.000 anos dos mortais". Esta é uma referência ao conceito de que a Kali-iuga, a era atual, é dividida em alvorada ou "crepúsculo matutino" de 100 anos divinos que perfazem 36.000 anos terrestres ou "mortais", a idade em si (1.000 anos divinos, iguais a 360.000 anos terrestres), e um "crepúsculo vespertino" dos 100 anos divinos finais (36.000 anos terrestres), perfazendo 1.200 anos divinos ou 432.000 anos terrestres.

A profundidade da crença disseminada num ciclo divino de 432.000 anos, equivalentes a 120 órbitas de 3.600 anos terrestres cada uma em Nibiru, nos faz pensar se representam meros truques aritméticos, ou, de alguma forma desconhecida, um fenômeno natural ou básico astronômico reconhecido na Antiguidade pelos anunaques. Mostramos em O 12º. Planeta, o primeiro livro da série Crônicas da Terra, que o Dilúvio foi uma calamidade global antecipada pelos anunaques, resultando do impulso gravitacional da aproximação de Nibiru sobre a calota instável da Antártida. O evento trouxe um final à última era glacial por volta de 13.000 anos atrás, e assim foi gravado nos ciclos terrestres como uma importante mudança climática e geológica.

Tais mudanças, dentre as quais as mais longas teriam sido as eras geológicas, foram verificadas por meio de estudos da superfície terrestre e de sedimentos do solo oceânico. A última era geológica, chamada Pleistoceno, começou cerca de 2.500.000 anos atrás e terminou na época do Dilúvio; foi o período de tempo durante o qual os homínídeos se desenvolveram, os anunaques chegaram à Terra e o homem, *Homo sapiens*, foi trazido à existência. E durante o Pleistoceno um ciclo de aproximadamente 430.000 anos foi identificado em sedimentos marinhos. Segundo uma série de estudos realizados por grupos de geólogos liderados por Madeleine Briskin, da

Universidade de Cincinnati, mudanças no nível do mar e registros climáticos de alto-mar mostram uma "ciclicidade quase periódica de 430.000 anos". Tal periodicidade cíclica está de acordo com a teoria astronômica de modulações climáticas que leva em conta mudanças devido à obliquidade (a inclinação da Terra), a precessão (o pequeno retardo orbital) e a excentricidade (forma da órbita elíptica). Milutin Milankovich, que esboçou a teoria na década de 20, estimou que a grande periodicidade resultante era de 413.000 anos. Tanto ele quanto o ciclo mais recente proposto por Briskin encaixam-se quase perfeitamente no ciclo sumério de 432.000 anos terrestres atribuídos aos efeitos de Nibiru: a convergência de órbitas, perturbações e ciclos climáticos.

O "mito" das Eras Divinas parece ser apoiado por fatos científicos.

O elemento Tempo apresentado nos antigos registros, tanto sumérios quanto bíblicos, não se limita a um ponto de partida - quando O processo da criação está ligado ao ato de medir o tempo, cuja medição, por sua vez, é ligada a determinados movimentos celestes. A destruição de Tiamat e a subsequente criação do Cinturão de Asteróides e da Terra exigiam, segundo a versão mesopotâmica, duas órbitas do Senhor Celeste (o invasor Nibiru/Marduk). Na versão bíblica, foram necessários dois dias "divinos" para completar a tarefa; esperamos que até mesmo os fundamentalistas concordem agora que os dias não foram dias comuns como os conhecemos agora, já que os dois "dias" ocorreram antes mesmo da existência da Terra (além disso, deixemos que eles considerem a afirmação do salmista que o dia do Senhor é igual a aproximadamente mil anos). A versão mesopotâmica claramente mede o Tempo da Criação ou Tempo Divino pelas passagens de Nibiru, numa órbita equivalente a 3.600 anos terrestres.

Antes de essa antiga história da Criação se voltar para a recém-formada Terra e para a evolução nesta, ela é uma história de estrelas, planetas, órbitas celestes; e o tempo mencionado é o Tempo Divino. Porém, uma vez que o foco se volta para a Terra e para o homem nela, a escala de Tempo também muda - para um Tempo Terrestre - para uma escala apropriada não apenas para o lar do homem, mas para uma que a humanidade pudesse entender e medir: Dia, Mês e Ano.

Ao considerar esses elementos familiares do Tempo Terrestre, devemos ter em mente que todos os três são expressões de movimentos celestes - cíclicos - envolvendo uma correlação complexa entre a Terra, a Lua e o Sol. Agora sabemos que a seqüência diária de luz e escuridão, à qual chamamos de Dia (de 24 horas), resulta do fato de que a Terra gira sobre seu eixo; assim, enquanto um dos lados está iluminado, o outro está em escuridão. Agora sabemos que a Lua está sempre lá, mesmo quando não a vemos, e que diminui e aumenta não porque desapareça, mas porque, dependendo das posições Terra-Sol-Lua, enxergamos a Lua completamente iluminada ou obscurecida pela sombra da Terra, com todas as fases intermediárias. Nesse relacionamento triplo que estende o período orbital da Lua ao redor da Terra de cerca de 27,3 dias (o "mês sideral") para o ciclo observado de 29,53 dias (o "mês sinódico") e para o fenômeno do reaparecimento ou Lua Nova, com todas suas implicações em termos de calendário e religiosidade. E o ano ou Ano Solar, agora sabemos, é o período que a Terra demora para completar uma órbita ao redor do Sol, nossa estrela.

Porém tais verdades básicas em relação aos movimentos terrestres que causam os ciclos de dias, meses e anos não são óbvias, e foram necessários determinados avanços científicos para que fossem notados. Durante boa parte de um período de 2.000 anos acreditou-se, por exemplo, que o ciclo dia/noite era causado pelo movimento do Sol ao redor da Terra; desde a época de Ptolomeu de Alexandria (século 11 d.C.) até a "Revolução de Copérnico", em 1543 d.C., a crença inquestionável era a de que todos os corpos celestes giravam em volta da Terra, considerada o centro do universo. A sugestão de Nicolau Copérnico de que o Sol estava no centro e de que a Terra era apenas outro corpo celeste girando ao redor dele, como qualquer outro planeta, foi tão revolucionária em termos científicos e tão herege em termos religiosos que ele adiou a elaboração de seu grande trabalho astronômico (*Sobre as Revoluções dos Orbes Celestes*) e seus amigos adiaram a impressão até seu último dia de vida, 24 de maio de 1543.

Ainda assim, é evidente que a sabedoria dos sumérios nos primórdios incluía familiaridade com o relacionamento triplo Sol-Terra-Lua. O texto do Enuma Elish descreve as quatro fases da Lua, claramente explicadas em termos de sua posição em relação ao Sol, enquanto o satélite circundava a Terra: uma lua cheia no meio do mês enquanto ela "fica oposta ao Sol" e seu desaparecimento ao final do mês enquanto ela "fica contra o Sol". Esses movimentos eram atribuídos aos destinos (órbitas) que o Senhor Celeste (Nibiru) designou para a Terra e a Lua como resultado da Batalha Celeste:

A Lua ele pôs a brilhar,
Confiando a ela a noite;
Na noite os dias a sinalizar
Ele designou (dizendo):
Mensalmente, sem cessar, forma desenhos com uma coroa.
No começo do mês, erguendo-se sobre a Terra,
Terás chifres luminosos para significar seis dias,
Alcançando um crescente no sétimo.
Ao meio do mês fica ao lado oposto do Sol;
Ele deve te ultrapassar no horizonte.
Depois diminui tua coroa e entrega a luz,
Dessa vez aproxima-te do Sol;
E no trigésimo dia ficarás contra ele.
Indiquei a ti um destino; segue esse caminho.

"Assim o Senhor Celeste mostra os dias e estabelece os padrões da noite e do dia", conclui o texto.

(Vale notar que pela tradição bíblica e hebraica, o dia de 24 horas inicia-se ao pôr-do-sol - "foi a noite e foi a manhã, um dia" -, o que já era expresso nos textos mesopotâmicos. Nas palavras do Enuma Elish, a Lua foi "designada à noite para sinalizar os dias").

Mesmo sendo a versão condensada dos textos mesopotâmicos mais detalhados, a Bíblia (Gênesis 1:14) expressa a tripla relação entre a Terra, a Lua e o Sol, que se aplica aos ciclos do dia, mês e ano:

Deus disse: façam-se uns luzeiros
No firmamento do Céu
Que dividam o dia e a noite
E sirvam de sinais nos tempos
As estações, os dias e os anos.

O termo hebraico Mo'edim usado aqui para "estações" significa a reunião ritual na noite da lua nova, estabelece o período orbital da Lua e suas fases como um componente integral do calendário mesopotâmico-hebraico desde a origem. Ao listar os dois luzeiros (Sol e Lua) responsáveis pelos meses, dias e anos, a natureza complexa da antiguidade do calendário também é apresentada. Ao longo de milênios de esforços da humanidade para medir o tempo utilizando um calendário, alguns (como os muçulmanos até hoje) só seguiram os ciclos lunares; outros (como os antigos egípcios e os calendários da Era Comum em uso no mundo ocidental) adotaram o ciclo solar, dividido convenientemente em "meses". Porém, o calendário idealizado há cerca de 5 800 anos em Nippur (o centro religioso da Suméria) e ainda usado pelos judeus retém a complexidade afirmada na Bíblia e baseada no relacionamento entre a Terra e seus dois luzeiros. Ao fazer isso, o fato de que a Terra orbita o Sol foi reconhecido pelo termo Shanah para "ano", que deriva do sumério shatu, um termo astronômico que significa "passar, orbitar", sendo o termo completo Tekufath ha-Shanah, "a órbita circular ou anua!", usado para designar a passagem de um ano completo.

Os estudiosos permanecem intrigados pelo fato de o Zohar (Livro do Esplendor), uma composição em hebraico e aramaico que é o trabalho central na literatura mística judaica conhecida como Cabala, explicar sem nenhuma dúvida - no século XIII da Era Cristã - que a causa da mudança do dia em noite eram as voltas que a Terra faz em torno de seu próprio eixo. Aproximadamente 150 anos antes de Copérnico afirmar que a sequência dia-noite não resultava de o Sol circular a Terra, mas do girar da Terra em torno de seu eixo, o Zohar afirmava que "toda a Terra gira, rodando como uma esfera. Quando uma parte está para baixo, outra está para cima. Quando está

iluminada uma parte, a outra está escura; quando é dia para eles, para os outros é noite". A fonte do Zohar foi o rabino Hamnuna, do século III!

Embora pouco conhecido, o papel dos sábios judeus ao transmitir conhecimento astronômico para a Europa Cristã na Idade Média foi convincentemente documentado pelos livros sobre astronomia escritos em hebraico e com ilustrações claras. Na verdade, os escritos de Ptolomeu de Alexandria, conhecidos do mundo ocidental como o *Almagesto*, foram preservados pelos conquistadores árabes do Egito no século VIII e se tornaram disponíveis para os europeus por meio de traduções feitas por sábios judeus; é significativo ver que algumas dessas traduções continham comentários que lançavam dúvidas sobre a precisão das teorias geocêntricas de Ptolomeu séculos antes de Copérnico. Tais traduções de trabalhos árabes e gregos sobre astronomia, assim como tratados independentes, foram a fonte principal para o estudo da astronomia na Europa Medieval. Nos séculos IX e X, astrônomos judeus compuseram tratados sobre os movimentos da Lua e dos planetas, e calcularam as trajetórias do Sol e a posição das constelações. Na verdade, a compilação de tabelas astronômicas, fosse para reis europeus, fosse para califas muçulmanos, era uma especialidade de astrônomos judeus na corte.

Tais conhecimentos avançados, aparentemente à frente de seu tempo, podem ser explicados apenas pela retenção de conhecimentos anteriores e sofisticados que permeiam a Bíblia e suas fontes sumérias mais antigas. Na verdade, Cabala significa literalmente "o que foi recebido", um conhecimento secreto transmitido de geração a geração. O conhecimento dos sábios judeus da Idade Média pode ser ligado diretamente a grupos da Judéia e da Babilônia que comentaram e guardaram dados bíblicos. O Talmude, que registra tais dados e comentários de cerca de 300 a.C. até cerca de 500 d.C., está repleto de ensinamentos astronômicos; incluía o comentário de que o rabino Samuel "conhece os caminhos do céu" como se fossem as ruas de sua cidade, ou a referência pelo rabino Joshua ben-Zakai a "uma estrela que aparece uma vez a cada 75 anos e confunde os marinheiros" - indicando a familiaridade com o cometa Halley, cujo retorno periódico a cada 75 anos presumiu-se ser desconhecido até a descoberta por Edmund Halley no século

XVIII. O rabino Gamliel de Jabneh possuía um instrumento óptico tubular com o qual observava estrelas e planetas - quinze séculos antes da invenção "oficial" do telescópio.

A necessidade de conhecer os segredos do céu deriva da natureza lunar-solar do calendário hebreu (nipuriano), que exigia um ajuste complexo - intercalação - entre o ano solar e o ano lunar, o último sendo mais curto 10 dias, 21 horas, 6 minutos e 45,5 segundos. A diferença equivale a $\frac{7}{19}$ do mês sinódico, por tanto um ano lunar pode ser realinhado com o solar, adicionando sete meses lunares a cada dezenove anos solares. Os livros de astronomia creditam ao astrônomo ateniense Meton (cerca de 430 a.C.) a descoberta desse ciclo de dezenove anos; porém a sabedoria na verdade vai a milênios antes, na antiga Mesopotâmia.

Os estudiosos têm ficado intrigados pelo fato de que no panteão sumério-mesopotâmico, Shamash (o "deus-sol") fosse representado como filho do "deus da Lua", Sin, de menor estatura hierárquica, ao invés de ser ao contrário. A explicação pode estar nas origens do calendário, em que a notação dos ciclos lunares precede as medidas de ciclos solares. Alexandre Marshack, em *The Roots of Civilization*, sugeriu que as marcas em ossos e ferramentas de pedra nos tempos de Neanderthal não eram decorações, e sim calendários primitivos.

Nos calendários puramente lunares, como ainda acontece com os muçulmanos, os feriados recuam cerca de um mês a cada três anos. O calendário nipuriano, tendo sido projetado para manter um ciclo de feriados relacionados com as estações, não podia permitir tais deslizos: o Ano Novo, por exemplo, tinha de começar no primeiro dia de primavera. Isso exigia, desde o início da civilização suméria, um conhecimento preciso dos movimentos da Terra e da Lua, e sua correlação com o Sol, dessa forma chegando aos segredos da intercalação. Também era necessária uma compreensão de como as estações aconteciam.

Atualmente sabemos que o movimento anual do Sol de norte para sul e depois a volta, que causa as estações, resulta do fato de que o eixo da Terra é inclinado em relação ao plano de sua órbita ao redor do Sol; essa "obliquidade" atualmente vale 23,5 graus. Os pontos mais longínquos

alcançados pelo Sol ao norte e ao sul, onde ele parece hesitar, depois voltar, são chamados solstícios (literalmente "paradas do Sol"), e ocorrem a 21 de junho e 22 de dezembro. A descoberta dos solstícios também foi atribuída a Meton e seu colega, o astrônomo ateniense Euctemon. Contudo, tal conhecimento remonta a tempos bem mais antigos. O rico vocabulário astronômico do Talmude já aplicava o termo neti'yah (do verbo Natoh, "virar, inclinar, voltar-se de lado") ao equivalente moderno "obliquidade"; um milênio antes, a Bíblia reconheceu a noção do eixo da Terra ao atribuir o ciclo dia/noite a uma "linha" desenhada através da Terra (Salmos 19:5); e o Livro de Jó, falando da formação da Terra e de seus mistérios, atribuía ao Senhor dos Céus a criação de uma linha inclinada, um eixo inclinado para a Terra (Jó 38:5). Usando o termo Natoh, o Livro de Jó se refere ao eixo inclinado da Terra e ao pólo norte quando afirma:

Ele inclinou para o norte por sobre o vazio
E pendurou a Terra sobre o nada.

Em Salmos 74:16-17 não só se admite a correlação entre a Terra, a Lua e o Sol, assim como a rotação da Terra sobre seu eixo, como a causa do dia, da noite e das estações, como também se reconhecem os pontos extremos, os "limites" dos movimentos aparentemente regulares do Sol, que chamamos de solstícios:

Vosso é o dia
E vossa também é a noite;
A Lua e o Sol organizastes.
Todos os limites da Terra estabelecestes,
Verão e inverno criastes.

Se uma linha fosse desenhada entre o ponto do nascer do sol e do crepúsculo para cada solstício, o resultado seria que as duas linhas iriam se cruzar sobre a cabeça do espectador, formando um "X" gigante dividindo a Terra e os céus acima em quatro partes. Essa divisão foi reconhecida na antiguidade e é

referida na Bíblia, como "os quatro cantos da Terra" e "os quatro cantos do céu". A divisão resultante em quatro partes que parecem triângulos arredondados nas bases criou para os povos antigos a impressão de "asas". A Bíblia fala das "quatro asas da Terra", assim como das "quatro asas dos céus".

Um mapa babilônico da Terra, do primeiro milênio a.C., ilustra esse conceito de "quatro cantos da Terra", representando literalmente quatro "asas" saindo da Terra circular.

O movimento aparente do Sol de norte para sul e de volta resulta não apenas nas duas estações claramente opostas do verão e do inverno, mas também nas estações do outono e da primavera. Essas últimas são associadas com os equinócios, quando o sol passa pelo equador da Terra (uma vez indo, outra voltando) - épocas na qual a duração do dia e da noite é igual. Na antiga Mesopotâmia, o Ano Novo começava no equinócio de primavera - o primeiro dia do primeiro mês (Nisanu - "quando o sinal é dado"). Mesmo então, na época do Êxodo, a Bíblia (Levítico 23) decretou que o Ano Novo fosse celebrado no dia do equinócio de outono, sendo o mês designado (Tishrei) "o sétimo mês", admitindo-se que Nisanu fosse o primeiro. Em qualquer caso, o conhecimento dos equinócios, atestados pelos dias de Ano Novo, claramente se estende aos tempos sumérios.

A divisão do ano solar em quatro estações (dois solstícios e dois equinócios) foi combinada na Antiguidade com os movimentos lunares para criar o primeiro calendário formal conhecido, o calendário lunar-solar de Nippur. Foi usado pelos acadianos, babilônios, assírios e outras nações depois deles, e permanece até os dias de hoje como o calendário hebraico.

Para a humanidade, o tempo terrestre iniciou-se em 3.760 a.C.; sabemos a data exata, porque no ano de 1992 da Era Comum o calendário hebraico contou o ano 5.752.

Entre o Tempo Terrestre e o Tempo Divino existe o Tempo Celeste.

Desde o momento em que Noé saiu da Arca, precisando saber se toda a vida não iria terminar outra vez na água, a humanidade tem vivido com uma noção que perdura - ou seria uma lembrança? - dos ciclos ou éons ou eras de

destruição e ressurreição, e tem olhado para os céus à procura de sinais, vaticínios de coisas boas ou ruins ainda por acontecer.

Desde as raízes na Mesopotâmia a linguagem hebraica utiliza o termo Mazal para significar "sorte, fortuna", que podem ser boas ou más. Não nos damos conta de que o termo é celeste, significando casa do zodíaco, e remonta ao tempo em que a astronomia e a astrologia eram a mesma coisa, e sacerdotes nos topos das torres dos templos seguiam os movimentos dos deuses celestes para ver em que casa do zodíaco - em que Manzalu, em acadiano - estariam naquela noite.

Porém não foi o homem quem primeiro agrupou as miríades de estrelas em constelações passíveis de reconhecimento, definidas, e as nomeou de acordo com aquelas que se estendiam sobre a eclíptica, e as dividiu em doze partes para criar as doze casas do zodíaco. Foram os anunaque que conceberam tudo isso, para suas próprias necessidades; o homem apenas adotou como sua essa ligação, esse meio de ascender aos céus a partir da vida mortal na Terra. Para alguém que chegasse de Nibiru com seu vasto "ano" orbital para um planeta de giro rápido (Terra, o "sétimo planeta", como os anunaques nos chamavam), cujo ano é apenas uma parte do ano-Nibiru, que corresponde a 3.600 anos terrestres, a contagem do tempo pareceria um grande problema. Torna-se evidente nas Listas de Reis Sumérios e em outros textos que falam dos negócios dos anunaque que por um longo tempo - certamente até o Dilúvio - eles mantiveram o sar, os 3.600 anos terrestres, como unidade divina de tempo. Mas o que eles podiam fazer para de alguma forma criar uma relação razoável, que não fosse 1:3.600, entre esse Tempo Divino e o Tempo Terrestre?

A solução veio no fenômeno chamado precessão. Por causa da oscilação da órbita da Terra ao redor do Sol, existe um retardo a cada ano; esse retardo, ou precessão, é da ordem de 1 grau a cada 72 anos. Idealizando a divisão da eclíptica (o plano das órbitas planetárias ao redor do Sol) em doze - para combinar com a disposição de doze membros do Sistema Solar - os anunaques inventaram as doze casas do zodíaco; isso conferia a cada casa 30 graus, o que significava que o retardo relativo a cada uma delas perfazia 2 160 anos ($72 \times 30 = 2.160$) e o Ciclo Precessional completo ou "Grande

Ano" era 25.920 anos ($2.160 \times 12 = 25.920$). Em Gênesis Revisitado sugerimos que, relacionando 2.160 com 3.600, os anunaque chegaram à Razão Áurea de 6:10, e, o mais importante, ao sistema sexagesimal de matemática que multiplicava 6 por 10 por 6 e assim por diante.

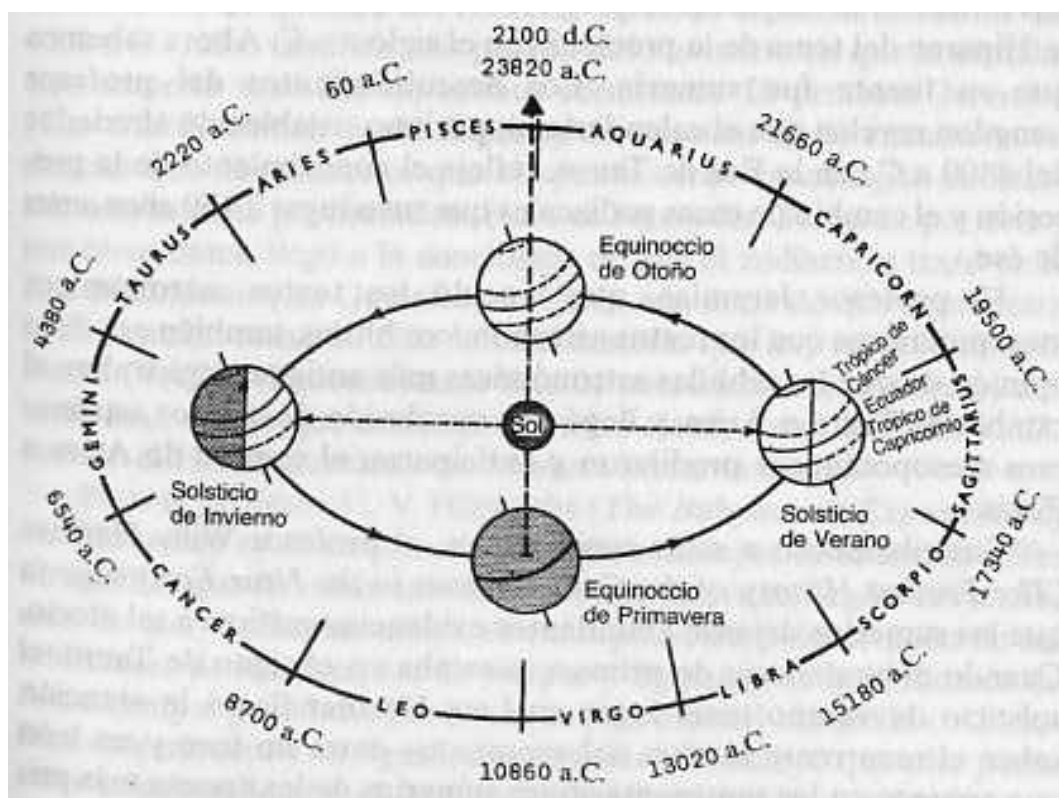
"Por um milagre que ainda não achei quem me explicasse", escreve o especialista em mitos Joseph Campbell em *As Máscaras de Deus: Mitologia Oriental* (1962), "a matemática que foi desenvolvida na Suméria em 3200 a.C., fosse por coincidência, fosse por dedução intuitiva, combinava tanto com a ordem celeste que consistia em uma revelação em si mesma". O "milagre", como temos apontado, foi providenciado por conta do conhecimento avançado dos anunaques.

A astronomia moderna, assim como as ciências exatas modernas, deve muito às primeiras descobertas dos sumérios. Entre elas está a divisão dos céus, e todos os outros círculos, em 360 partes (graus), talvez a mais básica. Hugo Winckler, que com nada além de uns poucos outros, na virada do século, combinou o domínio da "assiriologia" com o conhecimento da astronomia, compreendeu que o número 72 era fundamental como elo de ligação entre "Céus, Calendário e Mitos" (*Altorientalische Forschungen*). Foi assim por meio do Hameshtu, "vezes cinco", escreveu ele, criando o número fundamental 360 multiplicando o 72 celeste (o desvio precessional de 1 grau) pelo 5 da mão humana. Essa idéia nova, como seria de esperar na época dele, não o levou a divisar o papel dos anunaque, cuja ciência foi necessária para se conhecer o retardo da Terra em primeiro lugar.

Entre os milhares de tábuas matemáticas descobertas na Mesopotâmia, muitas das que serviram como tabelas prontas de divisão começavam com o número astronômico 12.960.000 e terminavam com 60, como a ducentésima décima sexta milésima ($1/216.000$) parte de 12.960.000. H. V. Hilprecht (*The Babylonian Expedition of the University of Pennsylvania*), que estudou milhares de tábuas matemáticas da biblioteca do rei assírio Assurbanipal, em Nínive, concluiu que o número 12.960.000 era literalmente astronômico, derivando de um Grande Ciclo de 500 Grandes Anos de desvios precessionais completos ($500 \times 25.920 = 12.960.000$). Ele, e outros, não tinham dúvida de que o fenômeno da precessão, presumivelmente

mentionado pelo grego Hiparco no século 11 a.C., já era conhecido e seguido na época dos sumérios. O número, reduzido em dez vezes para 1.296.000, aparece na tradição hindu como a duração da Era da Sabedoria, num múltiplo de três do ciclo de 432.000 anos. Os ciclos-dentro-de-ciclos, que relacionam 6 e 12 (os 72 anos do primeiro giro zodiacal), 6 e 10 (a razão entre 2.160 e 3.600) e 432.000 e 12.960, podem assim refletir ciclos cósmicos e astronômicos, pequenos e grandes - segredos ainda a ser revelados, dos quais os números sumérios oferecem apenas um vislumbre.

A seleção do equinócio vernal (ou, inversamente, do dia do equinócio de outono) como o momento para começar o Ano Novo não foi acidental, pois, em virtude da inclinação do eixo da Terra, só nesses dois dias o sol se ergue em pontos onde o equador celeste e o círculo eclíptico se interceptam. Por causa da precessão - o termo completo é Precessão dos Equinócios -, a casa zodiacal onde tal interseção ocorre se modifica, recuando 1 grau no zodíaco a cada 72 anos. Embora esse ponto ainda seja referido como o Primeiro Ponto de Áries, na verdade estamos na Era (ou zodíaco) de Peixes desde cerca de 60 a.C. e lenta mas inexoravelmente iremos logo entrar na Era de Aquário. É uma mudança tão grande - a passagem do término de uma era zodiacal para o início de uma outra - que dizemos se tratar do surgimento de uma Nova Era.



Enquanto a humanidade na Terra aguarda a mudança com antecipação, muitos de nós perguntamos o que essa mudança trará consigo - de que tipo de Mazal ela será portadora? Bênçãos ou problemas, um final... ou um novo início? O final da Velha Ordem ou o começo de uma Nova Ordem na Terra, talvez o profetizado retorno do Reino dos Céus na Terra?

Será que o tempo apenas flui para a frente ou também pode fluir para trás, perguntaram-se os filósofos. Na verdade, o Tempo vai para trás, pois essa é a essência do fenômeno da precessão: o retardo da órbita terrestre ao redor do Sol, que causa, uma vez a cada 2.160 anos, a observância do nascer do sol no equinócio de primavera não na casa zodiacal seguinte, mas na anterior... O Tempo Celeste, como o conhecemos, não progride na direção do Tempo Terrestre (e de todos os tempos planetários), no sentido anti-horário; ao invés disso, move-se em sentido horário, na direção oposta, combinando com a direção orbital de Nibiru (sentido horário).

O Tempo Celeste flui para trás, no que se refere a nós na Terra; portanto, em termos zodiacais, o Passado é o Futuro.

Vamos examinar o Passado.

2

Um Computador feito de Pedra

A noção ou a lembrança das eras cíclicas que afetaram a Terra e a humanidade não ficaram confinadas ao Velho Mundo. Quando Hernán Cortés foi recepcionado pelo rei asteca Montezuma como um deus que voltava, ganhou de presente um enorme disco de ouro em que estavam gravados os símbolos das eras cíclicas nas quais os astecas e seus ancestrais no México acreditavam. Esse precioso artefato foi perdido para sempre, tendo rapidamente sido derretido pelos espanhóis; porém réplicas de pedra têm sido encontradas. Os glifos representam o ciclo de "sóis" ou eras, entre as quais a atual seria a quinta. As outras quatro terminaram em virtude de uma ou outra calamidade natural - água, vento, terremotos, tempestades e animais selvagens. A primeira foi a Era dos Gigantes de Cabelos Brancos; a segunda, a Era de Ouro. A terceira foi a Idade do Povo de Cabelos Vermelhos (que, de acordo com as lendas, foram os primeiros a chegar em navios ao continente americano); e a quarta foi a Era do Povo de Cabelos Negros, com os quais o supremo deus mexicano, Quetzalcoátl, chegara. Muito mais ao sul, no Peru pré-colombiano, os povos andinos também falavam em cinco "sóis" ou eras. A primeira foi a Era dos Viracochas, deuses brancos e barbados; a segunda foi a Era dos Gigantes, seguida pela Era do Homem Primitivo. A quarta foi a Era dos Heróis; e então veio a quinta e contemporânea, a Era dos Reis, dos quais os reis incas eram os últimos descendentes. Monumentos maias e tumbas eram decorados com "faixas celestes", cujos glifos representavam a divisão zodiacal dos céus; artefatos encontrados em ruínas maias e em Cuzco, a capital dos incas, foram identificados como calendários zodiacais. A própria cidade de Cuzco (nas palavras de S. Hagar num trabalho entregue no décimo quarto Congresso de Americanistas) é "um testemunho em pedra" da familiaridade sul-americana com as doze casas do zodíaco. A inevitável conclusão é de que o conhecimento da divisão zodiacal da eclíptica era algo conhecido no Novo

Mundo há milênios, e que as eras costumavam ser medidas em unidades de 2.160 anos, o Tempo Celeste.

A idéia de que calendários sejam feitos de pedra pode parecer estranha a nós, mas evidentemente era lógica na Antiguidade. Tal calendário, repleto de enigmas, chama-se Stonehenge. Consiste hoje em dia em gigantescos blocos de pedra que se erguem silenciosamente numa planície varrida pelo vento na Inglaterra, ao norte da cidade de Salisbury e a cerca de 120 quilômetros de Londres. As ruínas apresentam um enigma que instigou a curiosidade e a imaginação de muitas gerações, desafiando historiadores, arqueólogos e astrônomos. O mistério que aqueles megálitos propõem fica perdido na névoa do tempo; e o Tempo, acreditamos, é a chave de seus segredos.

Stonehenge foi chamado de "o mais importante monumento pré-histórico em toda a Inglaterra" e apenas isso já justifica a atenção que vem recebendo ao longo dos séculos e especialmente em épocas recentes. Foi descrito - pelo menos por seus relatores ingleses - como único, pois "não existe nada parecido em todo o mundo" (R.J.C. Atkinson, *Stonehenge and Neighbouring Monuments*); e isso explicaria porque um manuscrito do século XVIII listava mais de seiscentos trabalhos escritos sobre Stonehenge em seu catálogo de monumentos antigos da Europa ocidental. Stonehenge é, sem dúvida, o maior e mais elaborado de mais de novecentos círculos antigos feitos de pedra, madeira e terra nas Ilhas Britânicas, assim como o maior e mais complexo da Europa.

Ainda assim, em nossa visão, o importante não é apenas o que torna Stonehenge único. É o que revela sua semelhança com determinados monumentos em outros lugares e seu propósito na época específica da construção que o tornam parte da história que chamamos de Crônicas da Terra. Acreditamos que ele se insira num quadro muito maior, capaz de oferecer uma solução plausível a esse enigma.

Mesmo os que jamais visitaram Stonehenge devem ter visto, em fotografias, desenhos ou documentários filmados, os aspectos mais impressionantes desse complexo antigo: os pares de rochas eretas, cada uma com cerca de quatro metros de altura, ligados no alto para fazer um lintel de pedra do mesmo porte, formando estruturas de três megálitos, os trilitos, cada um separado

dos outros; estes, dispostos em semicírculo, são, por sua vez, cercados por um círculo enorme de pedras gigantes similares, unidas no topo por lintéis cuidadosamente esculpidos para formar um anel contínuo ao redor dos trilítos eretos. Embora estejam faltando alguns dos blocos de pedra no que chamamos de trilítos sarsen (é o tipo de rocha calcária do qual foram retiradas essas pedras) e no Círculo Sarsen, e outras tenham caído, foram elas que criaram a imagem suscitada pela palavra "Stonehenge".



Stonehenge

No interior desse enorme anel de pedra, outras rochas menores foram colocadas para formar o Círculo de Dolerito (um tipo de calcário azulado) por fora dos trilítos e um semicírculo de doleritos (alguns chamam de Ferradura de Dolerito) no interior do semicírculo de trilítos. Como no caso do Círculo Sarsen, nem todos os doleritos estão em seus lugares nos semicírculos (ou ferraduras). Alguns sumiram, outros encontram-se por perto, como gigantes tombados. Isso, aliado ao clima sobrenatural, mais os

apelidos das pedras caídas (de origem incerta) completam o mistério; incluem a Pedra do Altar, um bloco de quase cinco metros de arenito azul-acinzentado que permanece semi-enterrado sob uma outra pedra em pé e o lintel de um dos trilitos. Apesar do considerável trabalho de restauração, boa parte da glória passada da estrutura se foi, ou caiu. Ainda assim, os arqueólogos foram capazes de reconstruir a aparência original desse notável monumento de pedra, com as evidências que sobraram.

Concluíram que o anel externo, de megálitos eretos unidos por lintéis curvos, consistia em trinta pedras eretas, das quais permanecem dezessete. No interior do Círculo Sarsen fica o Círculo de Dolerito, de pedras menores (das quais 29 ainda estão no local). Na parte interna desse segundo anel erguem-se cinco pares de trilitos, formando a Ferradura Sarsen, de dez grandes blocos; geralmente são numerados de 51 a 60 nos mapas (os lintéis são numerados separadamente, numa série que adiciona 100 aos números dos blocos eretos; assim, o lintel que une os números 51 e 52 é numerado 152).

O círculo mais interno consistiu em dezenove doleritos (alguns numerados de 61 a 72), formando a assim chamada Ferradura de Dolerito; no interior dessa estrutura, precisamente no eixo de todo o complexo de Stonehenge, de círculos dentro de círculos, está a Pedra do Altar.

Como se fosse necessário enfatizar a importância do formato circular já evidente, os anéis de pedras estão centralizados no interior de um enorme círculo. Trata-se de um fosso profundo e largo, cujo solo escavado foi utilizado para demarcar os limites; forma um anel perfeito ao redor de todo o complexo de Stonehenge, um anel com diâmetro de mais de 90 metros. Aproximadamente metade do circuito foi escavado no início do século passado e depois parcialmente aterrado; as outras porções do fosso e suas margens mais elevadas ostentam as marcas da ação da natureza e do homem ao longo dos milênios.

Esses círculos dentro de círculos foram repetidos de outras formas. A alguns metros da borda interna desse fosso existe um círculo feito de 56 poços, profundos e perfeitamente cavados, chamados de Orifícios Aubrey depois que John Aubrey, no século XVII, os descobriu. Os arqueólogos escavaram esses poços na esperança de descobrir quaisquer pistas existentes no material

no interior dos orifícios, depois os tamparam com lajes redondas de cimento; o resultado disso é um círculo perfeito formado por essas estruturas, principalmente na visão aérea. Além disso, orifícios mais toscos e irregulares foram cavados em época desconhecida ao redor dos círculos de sarsen e de dolerito, agora conhecidos como os orifícios Y e Z.

Duas pedras, diferentes de todas as outras, foram encontradas em lados opostos das margens internas do fosso; ao longo da linha dos Orifícios Aubrey (mas claramente sem fazer parte deles), foram achados também dois montes circulares, equidistantes dessas duas rochas, também com orifícios. Pesquisadores estão convencidos de que esses orifícios também continham pedras como as duas encontradas, e que as quatro, chamadas de Pedras das Estações (agora numeradas de 91 a 94) -, serviam a um propósito distinto, especialmente porque, ligadas por linhas, as quatro determinam um retângulo perfeito que provavelmente apresentava conotação astronômica. Outro bloco maciço apelidado de Rocha da Matança, está caído onde o fosso e suas margens têm uma grande interrupção, que claramente serve como abertura para os anéis concêntricos de pedra, orifícios e aterros. Provavelmente não está em sua posição original exata, nem devia ser único, como sugerem os buracos no chão.

A abertura está orientada exatamente para nordeste. Leva a (ou chega de) uma estrada elevada, chamada a Avenida. Dois montes paralelos delimitam essa avenida, deixando uma passagem de dez metros entre elas. Corre reta por mais de quinhentos metros, onde se ramifica para o norte na direção de um grande e alongado trabalho de aterro, conhecido como Cursus, cuja direção forma um ângulo com a Avenida; o outro lado desta se curva na direção do rio Avon.

Os círculos concêntricos de Stonehenge mais a Avenida voltada para nordeste fornecem uma pista em relação ao propósito para o qual Stonehenge foi construído. Que a direção da Avenida - sua precisa orientação para nordeste - não foi acidental torna-se claro quando se compreende que uma linha traçada através do centro da Avenida passa pelo centro dos círculos de pedra e orifícios para formar um eixo para a estrutura. Um deles, chamado de Pedra do Calcanhar, ainda permanece como testemunha muda das intenções

dos construtores e do propósito do local; sem dúvida estavam ligadas à astronomia.

A idéia de que Stonehenge era um observatório astronômico cuidadosamente planejado ao invés de um local para cultos pagãos ou ocultismo (uma noção expressa, por exemplo, chamando uma pedra caída de Pedra da Matança, o que implicaria sacrifícios humanos) não foi facilmente aceita. Na verdade, o grau de dificuldade aumentou quanto mais era estudado o local e quanto mais sua data de construção se aprofundava no passado.

Um relato do século XII (*Historia Regum Britanniae*, de Geoffrey de Monmouth) narra que o "Anel de Gigantes" era um "agrupamento de pedras que nenhum homem do período jamais poderia erigir e foi primeiro construído na Irlanda com pedras trazidas da África pelos gigantes". Foi então, a conselho do mago Merlim (a quem as lendas arturianas também relacionavam o Santo Graal), que o rei de Vortigen moveu as pedras e as erigiu novamente num círculo ao redor de um sepulcro, exatamente da mesma forma que foram encontradas no monte Killaraus, na Irlanda. (A possibilidade de essa lenda medieval ter um núcleo de verdade foi confirmada pelas descobertas que as pedras de arenito azulado originaram-se das montanhas Prescelly, a sudoeste de Gales, e de alguma forma foram transportadas por terra e água por uma distância de quatrocentos quilômetros - primeiro para um local a vinte quilômetros a nordeste de Stonehenge, onde podem ter sido erigidas num círculo anterior, e depois para Stonehenge propriamente dito).

Nos séculos XVII e XVIII, o templo de pedras foi atribuído aos romanos, aos gregos, aos fenícios e aos druidas. O aspecto comum dessas várias versões é que todas mudaram a época atribuída a Stonehenge desde a Idade Média até o começo da era cristã e depois mais para trás, aumentando a antiguidade do local. Dessas várias teorias, aquela relativa aos druidas foi favorecida na época, devido, sobretudo, à pesquisa e ao trabalho de William Stukeley, especialmente seu trabalho de 1740, *Stonehenge, A Temple Restor'd to the British Druids*. Os druidas eram a classe detentora do conhecimento, ou faziam o papel de professores-sacerdotes entre os antigos celtas. Segundo

Júlio César, considerado a melhor fonte de informação sobre druidas, eles se reuniam uma vez por ano num lugar oculto para praticar ritos secretos; ofereciam sacrifícios humanos; entre os assuntos que ensinavam aos nobres celtas estavam "os poderes dos deuses", as ciências da natureza e a astronomia. Embora nada tenha sido descoberto por arqueólogos que ligasse o local a druidas da era pré-cristã, os celtas chegaram àquela área por volta dessa época e não existe prova em contrário, também, principalmente de que os druidas não se tenham reunido nesse "Templo do Sol", mesmo que não tivessem nada a ver com os primitivos construtores.

Embora as legiões romanas tenham acampado próximo ao local, nenhuma evidência foi encontrada para ligar Stonehenge aos romanos. Uma ligação com os gregos e com os fenícios, porém, mostra-se mais promissora. O historiador grego Diodoro da Sicília (século I a.C.) - contemporâneo de Julio César -, que viajou para o Egito, escreveu uma história do mundo de vários volumes. Nos primeiros ele trata da pré-história dos egípcios, assírios, etíopes e gregos, os assim chamados "tempos míticos". Elaborando os escritos de historiadores anteriores, ele cita fatos de um livro (agora perdido) escrito por Hecateu de Abdera, no qual o último afirma, por volta de 300 a.C., que numa ilha habitada pelos hiperbóreos "existe um santuário de Apolo e um templo notável, esférico na forma". O nome em grego significa "povo de um norte distante", baseado no nome do vento norte ("Bóreas"). Eram adoradores do deus grego Apolo (depois romano) e as lendas dos hiperbóreos misturavam-se com os mitos em relação a Apolo e sua irmã gêmea, a deusa Ártemis. Como os antigos contavam, os gêmeos eram filhos do grande deus Zeus e da mãe Leto, uma titã. Fecundada por Zeus, Leto perambulou pela face da terra, procurando um local para dar à luz seus filhos com serenidade, longe da ira de Hera, a esposa oficial de Zeus; Apolo foi assim associado ao norte distante. Gregos e romanos o consideravam um deus da adivinhação e da profecia; ele circulava o zodíaco em sua carruagem. Embora ninguém atribua valor científico para tal ligação legendária ou mitológica com a Grécia, os arqueólogos parecem ter encontrado na região de Stonehenge, que está repleta de trabalhos pré-históricos em movimento de terra, várias estruturas e sepulturas. Esses restos feitos pelo homem incluem

as ruínas do grande Círculo de Avebury, que esquematicamente lembra o mecanismo de um relógio, conforme foi esboçada por William Stukeley, ou mesmo as engrenagens do antigo calendário maia. Também incluíam a trincheira de vários quilômetros, chamada de Cursus; um tipo de círculo feito de madeira ao invés de pedra, chamado Woodhenge; e a impressionante Silbury Hill- uma colina cônica e artificial que forma um círculo preciso e possui 158 metros de diâmetro, a maior de seu tipo na Europa (alguns enxergam significado no fato de que esteja situada exatamente a seis significativas "milhas megalíticas" de Stonehenge).

Os achados mais importantes nessa área, arqueologicamente falando, foram as tumbas (como em tantos outros locais), espalhadas por toda a área de Stonehenge. Nelas os arqueólogos encontraram punhais de bronze, machados e maçãs, ornamentos de ouro, cerâmica decorada e pedras polidas. Muitos desses achados reforçam a opinião arqueológica de que a forma pela qual as pedras em Stonehenge foram cuidadosamente polidas e trabalhadas indica "influências" da Creta minóica (a ilha no Mediterrâneo) e de Micenas, na Grécia. Também foi observado que algumas das juntas entre as pedras de Stonehenge, usadas para segurar os blocos de pedra, eram similares às juntas utilizadas nos portões de pedra de Micenas. Tudo isso, afirmavam alguns arqueólogos, apontava para uma ligação com a Grécia Antiga.

Uma representante dessa escola foi Jacquetta Hawkes, que em seu livro, *Dawn of the Gods*, sobre as origens minóicas e micênicas da civilização grega, não resistiu à inclusão de um capítulo sobre "Túmulos e Reinados", que falava de Stonehenge.

Micenas está localizada na parte sudoeste do continente grego, chamada de Peloponeso (agora separada do continente pelo canal de Corinto, feito pelo homem) e funcionou como ponte entre a civilização minóica inicial na ilha de Creta e a civilização grega clássica. Floresceu no século XVI a.C. e os tesouros descobertos nas tumbas de seus reis indicavam contatos estrangeiros, sem dúvida alguns britânicos. "Exatamente quando os reis de Micenas se elevavam a novos patamares de riqueza e poder", escreve J. Hawkes, "houve um avanço similar, embora em menor escala, ao sul da Inglaterra. Lá, também, uma aristocracia guerreira dominava os camponeses

e pastores, começando a comerciar e prosperar - e a serem enterrados com a extravagância apropriada”.

Entre as posses ali enterradas havia alguns objetos que provavam terem esses chefes entrado em contato com a cultura de Micenas. "Tais coisas não eram de grande monta, e poderiam ter sido fruto de comércio ou imitação, não fosse por um evento único - a construção do grande círculo de rochas e trilítos em Stonehenge" .

Nem todos os achados arqueológicos, todavia, demonstravam tais "influências" gregas. Os achados ao redor das tumbas próximas a Stonehenge incluíam, por exemplo, contas decoradas e discos de âmbar atados por um fio de ouro, numa técnica desenvolvida no Egito e não na Grécia. Tais achados levantam a possibilidade de que todos esses artefatos, de alguma forma, tenham sido trazidos para o sudoeste da Inglaterra, não por gregos ou por egípcios, mas talvez por um povo comerciante do Mediterrâneo ocidental. Os candidatos óbvios seriam os fenícios, famosos negociantes-marinheiros da Antiguidade.

É fato sabido que os fenícios, navegando dos portos no Mediterrâneo, chegaram à Cornualha, no extremo sudoeste da Inglaterra, bastante próximo a Stonehenge, na busca de estanho, que combinado ao cobre maleável formava o resistente bronze. Mas teria sido algum desses povos, cujos laços de comércio floresciam no milênio entre 1500 e 500 a.C., responsável pelo planejamento e construção de Stonehenge? Será que chegaram a visitá-lo? Uma resposta parcial dependeria, claro, de quando Stonehenge foi concebido e construído, ou de quem mais estaria lá para fazer isso.

Na ausência de registros escritos ou imagens esculpidas dos deuses do Mediterrâneo (artefatos encontrados em todas as ruínas minóicas, micênicas e fenícias), ninguém pode dizer com certeza. Porém a pergunta se torna discutível a partir do momento em que vários artefatos de origem orgânica, tal como chifres esculpidos, são escavados por arqueólogos em Stonehenge. Submetidos à datação pelo rádio-carbono, restos encontrados no Fosso produziram uma data de aproximadamente 2.900 a 2.600 a.C. - pelo menos mil anos, talvez mais, antes que marinheiros vindos do Mediterrâneo ali aportassem. Um pedaço de carvão encontrado num dos Orifícios Aubrey foi

datado como sendo de 2.200 a.C.; um chifre encontrado próximo a um dos trilhos deu uma leitura entre 2.280 e 2.060 a.C.; datações realizadas na Avenida forneceram datas entre 2.245 e 2.085 a.C.

Quem estaria lá numa época tão remota para planejar e executar esse maravilhoso complexo de pedra? Os estudiosos acreditam que até cerca de 3.000 a.C. a área era pouco povoada por pequenos grupos e pelos primeiros fazendeiros e seus herdeiros, que usavam ferramentas de pedra. Algum tempo depois de 2.500 a.C., novos grupos chegaram do continente europeu. Trouxeram com eles o conhecimento dos metais (cobre e ouro), usavam utensílios de barro e enterravam seus mortos em montes arredondados; foram apelidados de Povo Béquer, de acordo com a forma dos seus copos. Por volta de 2.000 a.C., o bronze fez sua aparição no local, surgindo uma população mais rica e numerosa, conhecida como o Povo de Wessex, que criava gado, trabalhava metais e fazia trocas com a Europa ocidental e central, e com o Mediterrâneo. Por volta de 1.500 a.C., essa era de prosperidade sofreu um declínio abrupto que durou boa parte do milênio seguinte; Stonehenge deve ter partilhado desse declínio.

Seriam os primeiros fazendeiros e pastores do Neolítico, o Povo Béquer, ou mesmo o Povo Wessex, da Idade do Bronze, capazes de criar Stonehenge? Ou será que simplesmente providenciaram o trabalho e mão-de-obra para construir o complexo mecanismo de pedra, idealizado pelo avanço científico de outros?

Mesmo uma defensora da ligação com Micenas, Jacquetta Hawkes, teve de admitir que Stonehenge, "esse santuário, construído com blocos colossais e ainda assim cuidadosamente trabalhados, que faziam a arquitetura ciclópica de Micenas parecer tijolos de crianças, não possuía nada a que se pudesse comparar, em toda a Europa pré-histórica". Para permitir a conexão com Micenas e ligá-la aos habitantes primitivos, ela passou a elaborar a teoria de que alguns dos senhores locais que controlavam os pastos e planícies de Salisbury, e talvez, como Ulisses, tivessem doze rebanhos de gado, podem ter tido a riqueza e a autoridade para transformar um modesto santuário, originário da Idade da Pedra, num trabalho nobre e sem paralelo de arquitetura megalítica. Sempre pareceu que algum indivíduo deu início à

obra por ambição desmedida ou obsessão religiosa -, mas pelo fato de todo o projeto e o método de construção serem mais avançados do que qualquer coisa conhecida na ilha antes, parece provável que idéias trazidas por uma tradição civilizada mais adiantada também estivessem envolvidas.

Porém o que seria essa "tradição civilizada mais adiantada" que deu origem a essa estrutura que ficava além de qualquer comparação com qualquer coisa na Europa pré-histórica? A resposta deve depender de uma datação precisa de Stonehenge; e se, como sugerem os dados científicos, for um a dois milênios mais antiga do que os micenenses e os fenícios, devemos procurar uma fonte anterior de "tradição civilizada". Se Stonehenge pertence ao terceiro milênio a.C., então os únicos candidatos seriam a Suméria e o Egito. Quando Stonehenge foi concebida, a civilização suméria, com suas cidades, suas combinações de templos-observatórios elevados, a escrita e o conhecimento científico, já possuía mil anos de idade, e o império já florescia no Egito havia muitos séculos.

Para responder melhor, precisamos juntar a sabedoria acumulada, examinando as várias fases pelas quais Stonehenge, segundo as últimas pesquisas, veio a existir.

Stonehenge começou praticamente sem pedras. Começou, todos concordamos, com o Fosso e seus limites, um grande círculo de terra com uma circunferência de 320 metros no fundo; possui cerca de 3,6 metros e chega a 1,8 metro de profundidade, requerendo assim uma boa escavação (solo calcário) para retirar a terra e colocá-la nas margens ampliadas. No interior desse anel externo, o círculo de 56 Orifícios Aubrey foi feito.

A seção nordeste do anel de terra foi deixada sem cavar, para providenciar uma entrada no meio do círculo. Ali, duas "pedras-portais", que não mais existem, flanqueavam a entrada; serviam também de auxiliares de focalização para a Pedra do Calcanhar, erigida no eixo resultante. Esse enorme rochedo natural eleva-se cerca de cinco metros acima do solo e penetra cerca de um metro na terra. Foi erigido com uma inclinação de 24 graus. Uma série de orifícios na faixa de entrada talvez tenham sido utilizados para colocar marcadores móveis de madeira, sendo por isso

chamados de Buracos dos Postes. Finalmente as quatro Pedras das Estações foram posicionadas para formar um retângulo perfeito; isso completa Stonehenge I - o anel de terra, os Orifícios Aubrey, um eixo de entrada, sete pedras e alguns postes de madeira.

Restos orgânicos e ferramentas de pedra associados a essa fase sugerem aos estudiosos que Stonehenge I foi construído em algum momento entre 2900 e 2.600 a.C.; a data selecionada pelas autoridades foi 2800 a.C.

Quem quer que tenha construído Stonehenge I, para o propósito que fosse, achou-o satisfatório por vários séculos. Durante toda a ocupação da área pelo Povo Béquer, não houve necessidade de mudar ou melhorar os trabalhos de deslocamento de terra e de pedras. Depois, cerca de 2100 a.C., pouco antes da chegada do Povo Wessex (ou talvez coincidindo com ela), um surto extraordinário de atividade irrompe no cenário. O evento principal foi a introdução dos doleritos na estrutura de Stonehenge, tornando Stonehenge II um "círculo" de pedra pela primeira vez.

Não foi uma tarefa fácil trazer as pedras, que pesavam até quatro toneladas cada uma, através de terra, mar e rio, numa distância total de cerca de 75 quilômetros. Até hoje, ninguém sabe por que essas rochas de dolerito foram escolhidas, e por que tanto empenho e esforço foram dedicados a levá-las até o local, diretamente ou com um pequeno intervalo numa parada intermediária. Qualquer que fosse a rota, acredita-se que, ao final, tenham sido trazidas até as vizinhanças do local subindo o Avon, o que explicaria por que a Avenida foi aumentada em três quilômetros nessa fase até ligar Stonehenge com o rio.

Pelo menos oitenta (alguns estimam em 82) pedras de dolerito foram trazidas. Acredita-se que 76 delas fossem para os orifícios que formavam os círculos concêntricos Q e R, 38 para cada círculo; os círculos pareciam ter aberturas no lado oeste.

Ao mesmo tempo uma rocha separada, a qual chamamos de Pedra do Altar, foi erigida no interior dos círculos, exatamente no eixo de Stonehenge, em frente à face nordeste da Pedra do Calcanhar. Porém, quando os pesquisadores verificaram o alinhamento e a posição das pedras exteriores, descobriram, surpresos, que a Pedra do Calcanhar foi girada nessa fase em

direção ao leste (para a direita, se for observada do centro); ao mesmo tempo, duas outras pedras foram erguidas numa linha em frente à Pedra do Calcanhar, como que para enfatizar a nova direção de mira. Para acomodar essas mudanças, a entrada foi ampliada para a direita (lado leste), enchendo-se parte do Fosso, e a Avenida foi alargada ali.

Inesperadamente, os pesquisadores compreenderam que a inovação principal não foram as rochas de dolerito, mas a apresentação de um novo eixo, um eixo bastante desviado para leste, em relação ao anterior.

Ao contrário dos sete séculos de dormência em Stonehenge I, Stonehenge III! sucedeu a Fase II em poucas décadas. Quem quer que estivesse encarregado resolveu dar ao complexo uma magnitude e aparência monumentais. Foi a vez dos enormes blocos de sarsen, que pesavam quarenta a cinquenta toneladas cada um, serem levados para Stonehenge desde Marlboro Downs, a cerca de trinta quilômetros de distância. Presume-se que 77 pedras foram transportadas.

Por mais trabalhoso que tivesse sido realizar o traslado dessas rochas, que perfaziam milhares de toneladas no total, ainda mais difícil deve ter sido a tarefa de erguê-las. As pedras foram trabalhadas cuidadosamente nas formas desejadas. Os lintéis recebiam uma curvatura precisa, devido às protuberâncias em pontas que (de alguma forma) se encaixavam com precisão nas depressões que ficavam exatamente na junta das rochas. Depois, todas aquelas pedras preparadas tinham de ser erguidas em um círculo preciso ou aos pares, e os lintéis precisavam ser erguidos até o topo. Como essa tarefa, tomada mais difícil pela inclinação do local, foi realizada, ninguém sabe.

Nessa época, o eixo realinhado ganhou firmeza por duas novas Pedras do Portal, substituindo o par anterior. Acredita-se que a atualmente caída Pedra da Matança possa ter sido uma dessas novas Pedras do Portal.

A fim de criar espaço para o Círculo Sarsen e a Ferradura Trilito ou oval, os dois círculos de dolerito da Fase II foram completamente desmontados. Dezenove delas foram usadas para formar a Ferradura de Dolerito (agora reconhecidamente uma oval aberta) e 59, acredita-se, deveriam ser utilizadas para formar os novos círculos de orifícios (Y e Z), que cercariam o Círculo

Sarsen. O Círculo Y deveria conter trinta pedras e o Círculo Z, 29. Algumas das 82 pedras originais podem ter sido designadas para servir como lintéis, ou (como acredita John E. Wood, *Sun, Moon and Standing Stones*) para completar a oval. Contudo, os círculos Y e Z jamais chegaram a ser realizados; ao invés disso, os doleritos foram dispostos num círculo maior, o Círculo de Dolerito, com um número indeterminado de pedras (alguns falam em sessenta). Também incerta é a época em que esse círculo foi erigido - na mesma época ou um século ou dois mais tarde. Alguns pensam que trabalhos adicionais foram realizados na Avenida, por volta de 1.100 a.C.

Porém, para todos os efeitos, a Stonehenge que vemos foi planejada em 2.100 a.C., executada durante o século seguinte, sendo os acabamentos recebidos por volta de 1.900 a.C. Métodos modernos colaboraram com as descobertas - na época, 1.880, surpreendentes - do renomado egiptólogo, sir Flinders Petrie, de que Stonehenge datava de cerca de 2.000 a.C. (foi Petrie quem idealizou o sistema de numeração das pedras, ainda em uso).

No atual esquema de estudos científicos de locais arqueológicos, os arqueólogos são os primeiros a entrar em cena, e os outros (antropólogos, metalúrgicos, historiadores, lingüistas e outros peritos) vêm depois. No caso de Stonehenge, os astrônomos encabeçaram a lista. Não apenas porque as ruínas eram aparentes na superfície, dispensando escavações para serem reveladas, mas também porque desde o início tornava-se quase evidente que o eixo do centro até a Pedra do Calcanhar através da Avenida apontava "para nordeste, onde o sol se ergue quando os dias são mais longos" (para usar as palavras de William Stukeley, 1740) - na direção onde nasce o sol no solstício de verão (21 de junho, aproximadamente). Stonehenge era um instrumento para medir a passagem do tempo!

Depois de dois séculos e meio de progresso científico, essas conclusões ainda são válidas. Todos concordamos que Stonehenge não era um local de residência; nem era um túmulo.

Nem palácio, nem tumba, era a essência de um templo-observatório, como os zigurates (pirâmides em degraus) da Mesopotâmia e das pirâmides do continente americano. E por estar orientado na direção do sol quando ele se ergue no meio do verão, poderia ser chamado de Templo do Sol.

Com esse fato básico e indiscutível, não é de se admirar que os astrônomos continuassem a liderar a pesquisa no que se relacionava a Stonehenge. Entre eles, logo no início desse século, estava sir Norman Lockyer, que conduziu um levantamento organizado em 1901 e confirmou a orientação para o solstício de verão em seu trabalho principal *Stonehenge and Other British Stone Monuments*. Como essa orientação fica satisfeita apenas pelo eixo, pesquisadores posteriores começaram a se perguntar se a complexidade adicional de Stonehenge - os diversos círculos, ovais, retângulos e outros marcadores - não seria dedicada à observação de outros fenômenos celestes além do nascer do sol no dia do solstício de verão.

Assim, surgiram sugestões nesse sentido em trabalhos posteriores sobre Stonehenge, porém foi apenas em 1963, quando Cecil A. Newham descobriu alinhamentos que sugeriam que os equinócios também podiam ser observados e até previstos, que essas possibilidades receberam um aval científico moderno.

A sugestão mais sensacional, entretanto (primeiro expressa por ele em artigos e depois em seu livro de 1964, *The Enigma of Stonehenge*), foi que Stonehenge deve ter sido um observatório lunar. Ele baseou suas conclusões ao estudar as quatro pedras da Estação e o retângulo formado por elas; também mostrou que quem quer que tenha pretendido dar a Stonehenge essa capacidade, sabia onde erigi-lo, pois o retângulo e seus alinhamentos teriam de ser localizados exatamente onde estão.

Tudo isso era em princípio recebido com extrema desconfiança e desdém, porque as observações lunares são consideravelmente mais complexas que as solares. Os movimentos da Lua (ao redor da Terra e junto com esta em torno do Sol) não se repetem anualmente porque, entre outros motivos, a Lua orbita a Terra numa inclinação suave em relação à órbita terrestre ao redor do Sol. O ciclo completo, repetido uma vez a cada dezenove anos aproximadamente, inclui oito pontos de "Parada Lunar" como os astrônomos as chamam, quatro maiores e quatro menores. A sugestão de que Stonehenge I - que já possuía os alinhamentos apontados por Newham - foi construído para permitir a determinação ou mesmo a previsão desses oito pontos parecia prematura e implausível na época, em vista do fato de que os habitantes da Inglaterra de

então estavam emergindo da Idade da Pedra. Esse argumento claramente é válido; e aqueles que, apesar de tudo, encontraram mais evidências das maravilhas astronômicas em Stonehenge ainda precisam providenciar uma resposta para o paradoxo da necessidade de um complexo observatório lunar para um povo na Idade da Pedra!

Destacando-se entre os astrônomos cujas investigações confirmaram as incríveis capacidades de Stonehenge estava Gerald S. Hawkins, da Universidade de Boston. Escrevendo em publicações científicas em 1963, 1964 e 1965, ele anunciou suas conclusões nos títulos de seus artigos: "Stonehenge Decodificada", "Stonehenge: um Computador Neolítico" e "Sol, Lua, Homens e Pedras", seguidos dos livros *Stonehenge Decoded* e *Beyond Stonehenge*. Com o auxílio dos computadores da universidade ele analisou centenas de linhas de observação em Stonehenge e as relacionou com as posições do Sol, da Lua e das estrelas mais importantes nos tempos antigos, e concluiu que a orientação resultante não deve ter sido acidental.

Atribuiu grande importância às quatro Pedras das Estações e ao retângulo perfeito que elas formavam e mostrou como as linhas que ligavam pedras opostas (91 oposta a 94 e 92 oposta a 93) estavam orientadas para os pontos de maior parada e como as linhas diagonais apontavam as menores paradas ao nascer e ao pôr da Lua. Junto com os quatro pontos referentes aos movimentos do Sol, Stonehenge, segundo Hawkins, permitia a observação e previsão de todos os doze pontos que marcavam os movimentos do Sol e da Lua. Acima de tudo, ele ficou fascinado pelo número 19, expresso por pedras e orifícios nos vários círculos: os dois círculos de 38 doleritos de Stonehenge II "poderiam ser encarados como dois semicírculos de 19" (*Stonehenge Decoded*) e a "ferradura" oval de Stonehenge III tinha os mesmos 19. Tratava-se de uma relação lunar inegável, pois dezenove era o ciclo da Lua que regula a intercalação.

O professor Hawkins foi ainda mais longe: concluiu que os números expressos pelas rochas e orifícios nos vários círculos traduziam uma habilidade para prever eclipses. Como a órbita lunar não está exatamente no mesmo plano que a órbita terrestre em volta do Sol (a primeira é inclinada cerca de 5 graus em relação à segunda), a órbita da Lua atravessa o caminho

da Terra em torno do Sol duas vezes por ano. Os dois pontos de interseção ("nódulos") são habitualmente marcados nas cartas astronômicas como N e N'; é onde ocorrem os eclipses. Porém, por causa das irregularidades na forma e do retardamento da órbita terrestre em torno do Sol, esses nódulos não recaem nas mesmas posições celestes ano após ano; ao invés disso, ocorrem num ciclo de 18,61 anos. Hawkins postulou que o princípio de operação para esse ciclo, portanto, seria "fim do ciclo/início do ciclo" no décimo nono ano; observou que o propósito dos 56 Orifícios Aubrey era para obter um ajuste, movendo três marca dores por vez no interior do Círculo Aubrey, considerando-se que $18 \left(\text{elevado à} \right) \frac{2}{3} \times 3 = 56$. Esse cálculo, sustenta ele, tornava possível a previsão de eclipses da Lua e também do Sol, e sua conclusão era que tal previsão de eclipses era o propósito principal do projeto e construção de Stonehenge. Anunciou que Stonehenge nada mais era do que um "brilhante computador astronômico feito de pedras".

A proposição de que Stonehenge não era apenas um "templo do Sol", mas também um observatório lunar, encontrou feroz resistência, a princípio. Entre os dissidentes, que consideravam vários alinhamentos lunares uma coincidência, estava Richard J.C. Atkinson, do University College em Cardiff, que liderara algumas das escavações mais extensas no local. As evidências arqueológicas da grande antiguidade de Stonehenge eram motivo para o desdém demonstrado em relação à teoria do "observatório de alinhamentos lunar/computador neolítico", pois afirmava que o homem do período Neolítico na Inglaterra era simplesmente incapaz de tais conhecimentos. Seu desdém e até mesmo um certo sarcasmo, expressos em determinados artigos publicados na *Antiquity* como "Luar sobre Stonehenge" e em seu livro *Stonehenge*, transformaram-se em apoio relutante como resultado de estudos conduzidos por Alexander Thom (*Megalithic Lunar Observations*). Thom, um professor de engenharia na Universidade de Oxford, supervisionou as medidas mais precisas em Stonehenge, e ressaltou que o arranjo em "ferradura" das pedras sarsen na verdade constituía uma oval, uma forma elíptica que representa com maior precisão as órbitas planetárias do que um círculo. Concordou com Newham que Stonehenge I foi inicialmente um observatório lunar, e não solar, e confirmou que

Stonehenge foi construído onde está porque é apenas ali que as oito observações lunares poderiam ser feitas com precisão ao longo das linhas formadas pelo retângulo que liga as quatro Pedras da Estação.

O acirrado debate, conduzido nas páginas dos mais importantes periódicos científicos e em conferências de confronto, foi resumido por C. A. Newham (Supplement to the Enigma of Stonehenge and its Astronomical and Geometric Significance) nas seguintes palavras: "Com exceção dos cinco trilítos, praticamente todos os outros aspectos parecem relacionados à observação lunar". Ele concordou que os "56 Orifícios Aubrey giram nos oito alinhamentos principais da Lua nascendo e se pondo". Mais tarde, até Atkinson admitiu que "persuadira-se de que o pensamento arqueológico tradicional precisava de uma revisão drástica" em relação ao propósito e funções de Stonehenge.

Tais conclusões foram, em grande parte, conseqüências da pesquisa de um participante ilustre, que engrossara a lista de cientistas envolvidos no final dos anos 60 e início de 1970. Tratava-se de sir Fred Hoyle, astrônomo e matemático. Ele sustentava que os alinhamentos listados por Hawkins para várias estrelas e constelações eram mais aleatórios do que deliberados, mas concordava completamente com os aspectos lunares de Stonehenge I - e especialmente no que dizia respeito ao papel desempenhado pelos 56 Orifícios Aubrey e os arranjos regulares das Pedras da Estação ("Stonehenge - Um Previsor de Eclipses", nas revistas Nature e On Stonehenge).

Porém, ao concordar que o Círculo Aubrey podia ser usado como "calculador" de eclipses (na opinião dele isso era feito movendo-se quatro marcadores), Hoyle agitou outra questão. Quem quer que tenha projetado esse calculador - Hawkins o chamou de "computador" - tinha de conhecer, de antemão, a duração precisa do ano solar, o período orbital da Lua e o ciclo de 18,61 anos; o homem do período Neolítico na Inglaterra simplesmente não possuía essa tecnologia.

Lutando para explicar como os avançados conhecimentos de astronomia e matemática haviam aparecido na Inglaterra neolítica, Hawkins recorreu a antigas gravações dos povos do Mediterrâneo. Além da referência a Diodoro/Hecateu, ele também mencionou a citação de Plutarco (em Ísis e

Osíris) de Eudoxo de Cnido, o astrônomo-matemático do século IV a.C. da Ásia Menor, que associara o "deus-demônio dos eclipses" ao número 56.

Na ausência de respostas do homem, uma olhada no que não era humano?

Hoyle, por sua parte, chegou à convicção de que Stonehenge não se tratava de um mero observatório, um local para saber o que estava acontecendo nos céus. Ele o chamou de Previsor, um instrumento para prever eventos celestiais e uma instalação para registrá-los em datas determinadas. Concordando que tal conquista intelectual estava muito além da capacidade dos fazendeiros e pastores locais do Neolítico, ele sentiu que as quatro Pedras da Estação e todas as implicações indicavam "que os construtores de Stonehenge podem ter vindo de fora das Ilhas Britânicas, procurando intencionalmente por aquele local" (o que significa que o importante é a localização de Stonehenge, no hemisfério norte), "assim como o astrônomo moderno procura lugares distantes para construir seus telescópios".

"Um verdadeiro Newton ou Einstein deve ter trabalhado em Stonehenge", sugere Hoyle; ainda assim, onde teria sido a universidade na qual ele aprendeu matemática e astronomia, onde estavam os registros escritos sem os quais o conhecimento acumulado não pode ser passado e aprendido, e como teria sido possível para um gênio apenas planejar, executar e supervisionar a construção de tamanha obra, quando apenas a Fase II durou um século inteiro? "Só existiram cerca de 200 gerações de história; existem mais de 10.000 gerações de pré-história", observa Hoyle. Teria tudo sido parte do "eclipse dos deuses", perguntou-se ele - a transição de uma época em que as pessoas adoravam de fato um deus do Sol e um deus da Lua, "para tornar-se o deus invisível de Isaías?".

Sem divulgar explicitamente seus pensamentos, Hoyle deu uma resposta citando um parágrafo inteiro de um texto de Diodoro no qual Hecateu faz menção aos hiperbóreos; afirma perto do final que depois de os gregos e hiperbóreos trocarem visitas, "nos tempos mais antigos",

Também dizem que a Lua, como é vista dessa ilha, parece estar bem próxima da Terra, e se enxergam as saliências, como aquelas da Terra, que são visíveis ao olho.

Também é relatado que o deus visita a ilha a cada dezenove anos, período no qual o retorno das estrelas ao mesmo local nos céus acontece; e por esse motivo o período de dezenove anos é chamado pelos gregos de "ano de Meton".

Nesses tempos distantes, a familiaridade não apenas com o ciclo de dezenove anos da Lua, mas também com "saliências, como aquelas da Terra" - detalhes do terreno tais como montanhas e planícies - é impressionante, sem dúvida. A atribuição pelos historiadores gregos da estrutura circular em Hiperbórea ao círculo lunar, primeiro descrito na Grécia pelo ateniense Meton, remete o problema "Quem Construiu Stonehenge?" para o antigo Oriente Próximo, assim como o faz com as conclusões e divagações dos astrônomos acima mencionados.

Porém, mais de dois séculos depois, William Stukeley já apontara respostas na mesma direção, na direção do Oriente Próximo. Em seu esboço sobre Stonehenge, como o idealizou, ele juntou a imagem que vira numa antiga moeda do Oriente Próximo que representa um templo numa plataforma elevada. Essa representação, mais explícita, também aparece em outra moeda antiga da mesma área, da cidade de Biblos, conforme foi reproduzida no primeiro volume de Crônicas da Terra. Mostra que o templo antigo possuía um espaço no qual havia um foguete sobre uma plataforma de lançamento. Identificamos o local como o Campo de Pouso do folclore sumério, onde o rei sumério Gilgamesh testemunhou a subida de uma nave para o espaço. O local ainda existe; agora é uma vasta plataforma nas montanhas do Líbano, em Baalbek, onde ainda se erguem as ruínas do maior templo romano jamais construído. Apoiando essa enorme plataforma estão três blocos colossais de pedra, que desde a Antiguidade são conhecidos como o Trilito.



As respostas ao enigma de Stonehenge devem, portanto, ser procuradas em locais distantes, mas numa época próxima a ele. O "Quando" contém a chave, acreditamos, não apenas para o "Quem" de Stonehenge I, mas também para o "Por Quê?" de Stonehenge II e III.

Pois, como veremos, a reconstrução apressada de Stonehenge em 2.100-2.000 a.C. esteve relacionada com a vinda de uma Nova Era - a primeira Nova Era historicamente registrada da humanidade.

3

Os templos que olhavam para o céu

Quanto mais sabemos sobre Stonehenge por meio da ciência moderna, mais incrível Stonehenge se torna. Na verdade, não fosse pela evidência visível dos megálitos e pela terraplanagem - se de alguma forma eles desaparecessem, assim como ocorreu com muitos outros monumentos antigos, devido aos caprichos do tempo e da natureza, ou a devastações causadas pelo homem -, a história completa das pedras que podiam calcular o tempo e dos círculos que podiam prever eclipses e determinar os movimentos do Sol e da Lua teria parecido tão implausível para os ingleses da Idade da Pedra que teria sido considerada apenas um mito.

A grande antiguidade de Stonehenge, que foi se mostrando cada vez mais antiga à medida que os métodos científicos progrediam, é o que mais perturba os cientistas. Foram as datas estabelecidas para Stonehenge I e II + III que levaram os arqueólogos a procurar visitantes do Mediterrâneo e eminentes cientistas a se referirem aos deuses, como explicações únicas para o enigma.

Entre toda a série de perguntas perturbadoras, como Quem e Para quê, o Quando foi a mais satisfatoriamente respondida. Arqueólogos e físicos (por meio de modernos métodos de datação, tais como medidas baseadas no carbono-14) foram unidos pela arqueoastronomia, para concordar sobre as datas: 2.900/2.800 a.C. para Stonehenge I, 2.100/2.000 a.C. para Stonehenge II e III.

O pai da ciência da arqueoastronomia - embora ele preferisse chamar de astroarqueologia, que traduzia melhor o seu pensamento - foi, sem a menor dúvida, sir Norman Lockyer. Uma forma de medir quanto a ciência oficial demora a aceitar mudanças é observar que um século se passou desde a publicação do principal trabalho de Lockyer, *The Dawn of Astronomy*, em 1894.

Tendo visitado o Oriente em 1890, ele observou que, enquanto nas antigas civilizações da Índia e China havia poucos monumentos mas uma abundância de registros escritos estabelecendo a idade, o oposto ocorria em relação ao Egito e à Babilônia: eram “duas civilizações de antiguidade indefinida”, onde abundavam monumentos de idade incerta (na época dos escritos de Lockyer). Em seus escritos, ele afirmou que ficou impressionado com o fato de que, na Babilônia, "desde o início das coisas o sinal para "simbolizar Deus era uma estrela" e algo semelhante acontecia no Egito, nos textos hieroglíficos, em que havia três estrelas representando o plural, deuses. Os registros babilônicos em tábuas e tijolos de argila queimada davam a impressão de lidar com os ciclos regulares de "posições da Lua e dos planetas com extrema precisão". Planetas, estrelas e as constelações do zodíaco estão representados nas paredes das tumbas egípcias e nos papiros. No panteão hindu, encontramos o culto ao Sol e à Aurora: o nome do deus Indra significa "O Dia Trazido pelo Sol", e o da deusa Ushas significa "Aurora".

Pode a astronomia ajudar a egiptologia?, perguntou-se ele; pode ajudar a definir a medida da antiguidade dos egípcios e babilônios?

Quando consideramos o livro hindu Rig Veda e as inscrições dos egípcios a partir de um ponto de vista astronômico, escreveu Lockyer, "ficamos surpresos com o fato de que, em ambos, todas as observações e a adoração iniciais estão relacionadas ao horizonte... Isso era verdadeiro não apenas em relação ao Sol, mas igualmente em relação às estrelas que brilham no espaço do céu". "O horizonte", continua ele, é o lugar onde o círculo que prende nossa vista à superfície da terra e o céu parecem se encontrar". Um círculo, em outras palavras, onde o Céu e a Terra se tocam e encontram. Era ali que os povos antigos buscavam quaisquer sinais ou premonições que seus observadores procuravam. Como o fenômeno mais comum observável no horizonte era o nascer e o pôr-do-sol a cada dia, era natural que essa fosse a base para nossas antigas observações astronômicas e para relacionar outros fenômenos (tais como o aparecimento ou o movimento de planetas e até estrelas) a seu "despertar helíaco", sua breve aparição no horizonte oriental enquanto a Terra atinge os poucos instantes do amanhecer, quando o Sol começa a se erguer mas o céu está suficientemente escuro para se enxergar as estrelas.

Um observador na Antiguidade poderia determinar com facilidade se o Sol sempre se ergue no lado leste do céu, mas teria reparado que no verão o sol parece elevar-se num arco mais alto do que no inverno e os dias são mais longos. Isso, explica a moderna astronomia, se deve ao fato de que o eixo da Terra ao redor do qual giramos não é perpendicular ao eixo de nosso movimento ao redor do sol (a Eclíptica), e sim inclinado - cerca de 23,5 graus hoje em dia. Isso cria as estações e os quatro pontos no movimento aparente do Sol para o alto e para baixo nos céus: os solstícios de verão e de inverno, e os equinócios de primavera ("verna!") e de outono (que já descrevemos anteriormente).

Estudando a orientação dos templos antigos e não tão antigos, Lockyer descobriu que aqueles chamados de "Templos Solares" eram de dois tipos: os orientados de acordo com os equinócios, e os orientados de acordo com os solstícios. Embora o Sol apareça todos os dias no oriente e se ponha nos céus

do lado oeste, só nos dias dos equinócios é que ele nasce precisamente no leste e se põe precisamente no oeste, visto de qualquer lugar da Terra. Portanto, Lockyer deduziu que tais templos "equinociais" eram mais universais do que aqueles construídos com o eixo para o solstício; porque o ângulo formado pelos solstícios mais ao norte e mais ao sul (para alguém no hemisfério norte, o inverno e o verão) dependia de onde estivesse o observador - da latitude. Portanto, templos de solstício eram mais individuais, específicos para a localização geográfica (e mesmo a altitude). Como exemplos de templos equinociais, Lockyer cita o Templo de Zeus em Baalbek, o Templo de Salomão em Jerusalém, e a grande basílica de São Pedro, no Vaticano, em Roma todos orientados segundo um eixo preciso leste-oeste. Em relação a esta última, ele citou estudos sobre a arquitetura de igrejas que descrevem como na antiga São Pedro (iniciada com Constantino, no século IV, e derrubada no início do século XVI), no dia do equinócio vernal, "as grandes portas do pórtico dos quadriporticus eram abertas ao amanhecer, e também as portas orientais da igreja; à medida que o sol se erguia, seus raios passavam pelas portas externas e, penetrando diretamente pela nave, iluminavam o Altar Principal". Lockyer acrescentou que "a igreja atual preenche as mesmas condições". Como exemplos de templos solares de "solstício", Lockyer descreve o principal "Templo do Céu" chinês em Pequim, onde "a mais importante de todas as datas observadas na China, o sacrifício executado ao ar livre no altar sul do Templo do Céu", ocorria no dia do solstício de inverno, em 21 de dezembro; e a estrutura em Stonehenge, orientada para o solstício de verão.

Tudo isso, entretanto, era só um prelúdio para os estudos principais de Lockyer, no Egito.

Estudando a orientação de templos egípcios antigos, Lockyer concluiu que os mais velhos eram "equinociais" e os mais novos, "solsticiais". Ficou surpreso ao descobrir que os templos antigos revelavam maior sofisticação astronômica do que os mais recentes, pois tinham sido feitos para observar e venerar não apenas o nascer e o pôr-do-sol, mas também as estrelas. Além do mais, os santuários mais antigos sugerem uma adoração mista Sol-Lua, que mudava para um foco equinocial. Esse santuário equinocial era o templo em

Heliópolis ("Cidade do Sol", em grego), cujo nome egípcio, Anu, também foi mencionado pela Bíblia, como On. Lockyer calculou que a combinação de observações solares com o período em que a brilhante estrela Sírius, durante a cheia anual do Nilo, uma conjunção tripla na qual o calendário egípcio se baseava, indicava que em tempo egípcio o Ponto Zero de ajuste era cerca de 3.200 a.C.

O santuário de Anu, sabemos pelas inscrições egípcias, continha o Ben-Ben ("Pássaro-Pirâmide"), tido como a parte cônica da "Barca Celeste" na qual o deus Rá veio para a Terra, do "Planeta de Um Milhão de Anos". Geralmente mantido no interior do sacrário no templo, era colocado em exposição pública uma vez por ano, e nos tempos dinásticos peregrinações ao santuário continuaram a ser feitas, para venerá-lo como algo sagrado. O objeto em si já desapareceu ao longo dos milênios, mas uma réplica de pedra foi encontrada, mostrando o grande deus visível através da porta ou escotilha da cápsula. A lenda da Fênix, o pássaro mítico que morre e ressurge depois de um determinado período, também foi relacionada a esse santuário e a sua veneração.

O Ben-Ben ainda estava lá na época do faraó Pi-Ankhi (cerca de 750 a.C.), pois foi encontrada uma inscrição descrevendo a visita dele ao santuário. Com desejo de entrar no aposento do Santo dos Santos e ver o objeto celeste, Pi-Ankhi começou o processo oferecendo sacrifícios elaborados ao amanhecer no pátio do templo. Depois entrou no templo propriamente dito, curvando-se para o grande deus. Uma prece foi oferecida pela segurança do rei, para que pudesse entrar e sair do Santo dos Santos sem sofrer danos. Seguiram-se cerimônias que incluíam a lavagem, purificação e defumação do rei com incensos, para que ele pudesse entrar no aposento chamado "Sala da Estrela". Recebeu então flores e galhos de plantas raras para oferecê-las ao deus, depositando-as em frente ao Ben-Ben. Então Pi-Ankhi subiu os degraus que levavam ao "grande tabernáculo" que continha o objeto sagrado. Chegando ao alto, puxou o ferrolho e abriu as portas para o Sagrado entre os Sagrados; "e viu seu ancestral Rá na câmara do Ben-Ben". Então recuou, fechou as portas atrás de si e as selou com argila, pressionando ali seu lacre.

Esse santuário não sobreviveu aos milênios, contudo o que pode ter sido um santuário modelado de acordo com o de Heliópolis foi encontrado por arqueólogos. É o assim chamado templo do faraó Ne-user-Rá, da V dinastia, que durou de 2.494 a 2.345 a.C. Construído num lugar chamado Abusir, ao sul de Gizé e das Grandes Pirâmides, consistia em princípio num grande terraço, onde se erguia sobre uma plataforma de proporções com patíveis um objeto curto em forma de obelisco. Uma rampa, onde ficava um corredor coberto iluminado por janelas a espaços regulares no teto, ligava a elaborada entrada do templo a um grande portão no vale abaixo. A base do objeto em forma de obelisco erguia-se cerca de vinte metros acima do nível do pátio do templo; o obelisco, que pode ter sido encapado de cobre, elevava-se mais 36 metros.

O templo, com paredes que criavam várias salas e compartimentos, formava um retângulo perfeito, que media 80 por 110 metros. Estava claramente orientado segundo um eixo leste oeste para os equinócios, mas o longo corredor obviamente fora reorientado para ficar de frente para o nordeste. Foi uma reorientação do antigo santuário heliopolitano (que era orientado apenas no sentido leste-oeste), o que fica claro pelas inscrições e desenhos que decoravam o corredor. Comemorava o trigésimo aniversário do reinado do faraó, época provável da construção do corredor. A comemoração seguiu os ritos misteriosos do festival Sed (o significado do termo permanece incerto), que marcava algum tipo de "jubileu" e sempre começava no primeiro dia do calendário egípcio - o primeiro dia do primeiro mês, chamado de mês de Thot. Em outras palavras, o festival Sed era uma espécie de Dia do Ano Novo, comemorado não a cada ano, mas depois da passagem de um certo número de anos.

A presença de orientações tanto para o equinócio quanto para o solstício nesse templo implica familiaridade - no terceiro milênio a.C. - com o conceito dos Quatro Cantos. Desenhos e inscrições encontrados nos corredores do templo descrevem a "dança sagrada" do rei. Foram copiados, traduzidos e publicados por Ludwig Borchardt com H. Kees e Friedrich Von Bissing em *Das Re-Heiligtum des Königs Ne-Woser-Re*. Concluíram que a "dança" representava o "ciclo de santificação dos Quatro Cantos da Terra".

A orientação para o equinócio do templo propriamente dito e para o solstício do corredor, aludindo aos movimentos do Sol, levou os egiptólogos a aplicar o termo "Templo Solar" à estrutura. Encontraram reforço para essa denominação na descoberta de um "barco solar" (parcialmente esculpido na rocha e parcialmente construído com tijolos secos e pintados) enterrado sob a areia logo ao sul de onde o templo se encontrava. Textos hieroglíficos que tratavam de medidas de tempo e do calendário do Egito Antigo afirmavam que os corpos celestes atravessavam o céu em barcos. Muitas vezes os deuses, ou mesmo os faraós deificados (tendo se unido aos deuses no Pós-vida), eram representados em tais barcos, velejando sobre o firmamento dos céus, mantidos elevados pelos quatro cantos do céu.

O grande templo seguinte claramente imita o conceito pirâmide-sobre-plataforma do "Templo do Sol" de Ne-user-Rá, mas já estava completamente orientado para os solstícios desde o início, tendo sido planejado e executado ao longo de um eixo noroeste-sudeste. Foi construído do lado oeste do Nilo (próximo à vila atual de Deir-el-Bahari) no Alto Egito, como parte da grande Tebas, pelo faraó Mentuhotep I, por volta de 2100 a.C.

Seis séculos mais tarde, Tutmósis III e a rainha Hatshepsut, da XVIII dinastia, construíram seus templos ao lado; a orientação foi similar - mas não exatamente igual. Foi em Tebas (Karnak) que Lockyer fez sua mais importante descoberta, a que estabeleceu as bases para a arqueoastronomia.

A seqüência de capítulos, fatos e argumentos em *The Dawn of Astronomy* revela que a rota de Lockyer para Karnak e os templos egípcios passou pelas evidências da Europa. Havia a orientação da velha Igreja de São Pedro, em Roma, e a informação sobre o raio de sol na aurora do solstício de primavera; e havia também a praça de São Pedro com semelhanças impressionantes com Stonehenge...

Ele observou o Partenon, em Atenas, o principal templo da Grécia e descobriu que "há o velho Partenon, uma construção que pode estar em pé desde a guerra de Tróia, e o novo Partenon, com um pátio externo parecido com os templos egípcios, mas com o santuário ao centro da construção. Foi pela diferença de direção desses dois templos em Atenas que tive minha atenção despertada para o assunto".

Ele possuía plantas de vários templos egípcios, nas quais as orientações pareciam variar do início da construção para reformas posteriores, e ficou impressionado com uma em que havia dois templos, de costas um para o outro, num local não muito distante de Tebas, denominado Medinet-Habu. Chamou a atenção para as semelhanças entre a "diferença de orientação" egípcia e grega, em templos que de um ponto de vista puramente arquitetônico deveriam ser paralelos e com o mesmo eixo de orientação.

Poderia essa orientação alterada resultar de mudanças na amplitude (na posição dos céus) do Sol ou das estrelas que tenham sido causadas pelo eixo da Terra? Lockyer sentiu que a resposta era sim.

Agora sabemos que os solstícios resultam do fato de que o eixo da Terra é inclinado em relação a seu plano de órbita ao redor do Sol, e os pontos de "parada" combinam com essa inclinação. Porém os astrônomos estabeleceram que esse ângulo não é constante. A Terra oscila, como um navio, de um lado para o outro - talvez o resultado de algum choque que tenha recebido no passado (pode ter sido a colisão original que colocou a Terra em sua órbita atual, ou o impacto de um grande meteoro, cerca de 65 milhões de anos atrás, que teria extinguido os dinossauros). A atual oscilação de cerca de 23,5 graus pode diminuir até talvez 21 graus, ou, por outro lado, aumentar até 24 – ninguém sabe ao certo, já que a mudança de 1 grau demoraria milhares de anos (7.000, de acordo com Lockyer). Tais mudanças na obliquidade resultam em mudanças dos pontos de parada do Sol. Isso significa que a construção de um templo cuja orientação seja precisa para o solstício numa determinada época não estaria adequadamente alinhada com essa orientação algumas centenas - e muito menos milhares - de anos mais tarde.

A sensacional inovação de Lockyer era essa: ao determinar a orientação de um templo e sua longitude geográfica, seria possível calcular a obliquidade que prevalecia na época da construção; ao determinar as mudanças na obliquidade ao longo dos milênios, seria possível concluir com certeza razoável a época de construção do templo.

A Tabela de Obliquidade, que durante o século XIX tornou-se ainda mais afinada e precisa, mostra a mudança no ângulo da Terra a intervalos de quinhentos anos, desde os 23 graus e 27 minutos do presente (23,5 graus).

500 a.C.	cerca de 23,75 graus
1000 a.C.	cerca de 23,81 graus
1500 a.C.	cerca de 23,87 graus
2000 a.C.	cerca de 23,92 graus
2500 a.C.	cerca de 23,97 graus
3000 a.C.	cerca de 24,02 graus
3500 a.C.	cerca de 24,07 graus
4000 a.C.	cerca de 24,11 graus

Lockyer aplicou suas descobertas primeiramente ao grande templo de Amon-Rá em Karnak. Esse templo, que foi ampliado por vários faraós, consistia em duas estruturas retangulares construídas de costas uma para a outra, num eixo sudeste-noroeste, significando uma orientação para o solstício. Lockyer concluiu que o propósito da orientação e o projeto do templo eram de molde a permitir que um raio de sol, no dia do solstício, passasse por um longo corredor, entre dois obeliscos, e atingisse o Santo dos Santos com um raio de luz divina na parte mais interna da construção. Lockyer reparou que os eixos dos dois templos, de costas um para o outro, não eram orientados da mesma forma: o mais novo representava um solstício resultante de uma obliquidade menor do que o mais velho. As obliquidades determinadas por Lockyer mostram que o templo mais antigo fora construído por volta de 2.100 a.C., e o mais novo por volta de 1.200 a.C.

Investigações mais recentes, especialmente por Gerald S. Hawkins, sugerem que os raios do Sol, no solstício de inverno, deveriam ser vistos de uma parte do templo que Hawkins chamou de "Sala Elevada do Sol", e não como um raio passando por todo o comprimento do eixo, uma visão que não altera as conclusões básicas de Lockyer em relação à orientação para o solstício. Na verdade, descobertas arqueológicas posteriores em Kamak corroboram a inovação principal de Lockyer - de que a orientação dos templos muda ao

longo do tempo para refletir as mudanças dessa obliquidade. Portanto, a orientação pode servir como pista para a época de construção dos templos. Os últimos avanços arqueológicos confirmam que a construção das partes mais antigas coincide com o início do Médio Império sob a XI dinastia, por volta de 2.100 a.C. Consertos, demolições e reconstruções continuaram ao longo dos séculos seguintes, realizados por faraós de outras dinastias; os dois obeliscos foram erigidos por faraós da XIX dinastia, que reinou em 1.216-1.210 a.C. - tudo como Lockyer determinara.

A arqueoastronomia - ou astroarqueologia como sir Norman Lockyer a chamou - provou seu mérito e valor.

No início do século XX, Lockyer voltou sua atenção para Stonehenge, tendo se convencido de que o fenômeno que ele descobrira regia a orientação de templos em todas as partes do mundo antigo, como no Partenon, em Atenas. Em Stonehenge, o eixo de visão do centro através do Círculo Sarsen indicava claramente uma orientação para o solstício de verão, e Lockyer realizou suas medidas de acordo. A Pedra do Calcanhar, concluiu ele, era o indicador do ponto no horizonte onde aconteceria a esperada aurora; e o aparente giro da pedra (com o respectivo alargamento e reorientação da Avenida) sugeria a ele que à medida que os séculos passavam e a mudança no eixo da Terra alterava o ponto desse nascer do Sol, ainda que levemente, as pessoas encarregadas de Stonehenge continuavam ajustando a linha de visão.

Lockyer apresentou suas conclusões em *Stonehenge and Other British Stone Monuments* (1906); elas podem ser resumidas em um desenho. Presumem um eixo que começa na Pedra do Altar, passa entre as pedras sarsen numeradas de 1 a 30, ao longo da Avenida, na direção da Pedra do Calcanhar e do pilar de focalização. O ângulo de obliquidade indicado por esse eixo o leva a sugerir que Stonehenge foi construída em 1.680 a.C. Desnecessário dizer que tal data recuada foi uma sensação e tanto na época, um século atrás, quando os estudiosos ainda pensavam em Stonehenge como sendo do tempo do rei Artur.

Os refinamentos nos estudos da obliquidade terrestre, com margens de erro, e a determinação das várias fases de Stonehenge não diminuíram a

contribuição básica de Lockyer. Embora Stonehenge III, que é o que essencialmente enxergamos hoje em dia, agora seja datado de cerca de 2.000 a.C., geralmente se concorda que a Pedra do Altar foi removida quando a reconstrução começou, em cerca de 2.100 a.C., com o duplo Círculo de Dolerito (Stonehenge II), e que foi reerguida onde está agora apenas quando os doleritos foram trazidos outra vez e os orifícios Y e Z cavados. Essa fase, designada Stonehenge III b, não foi datada com precisão; ocorreu num período entre 2.000 a.C. (Stonehenge III a) e 1.550 a.C. (Stonehenge III c) - muito possivelmente a data de 1.680 a.C. à qual chegou Lockyer. Como o desenho mostra, ele não designou uma data muito anterior para as fases iniciais de Stonehenge; isso também combina com a data atualmente aceita de 2900/2800 a.C. para Stonehenge I.

Dessa forma, a arqueoastronomia junta-se às descobertas arqueológicas e datações com carbono-14 para chegar às mesmas datas para as construções das várias fases de Stonehenge, com os três métodos em separado confirmando um ao outro. Com uma determinação tão convincente das datas para Stonehenge, a questão sobre quem a construiu toma-se mais importante. Quem, por volta de 2.900/2.800 a.C., possuía conhecimentos de astronomia (para não mencionar engenharia e arquitetura), para construir tal "computador-calendário", e, por volta de 2.100/2.000 a.C., para arranjar os vários componentes e chegar a um novo alinhamento? E por que tal realinhamento seria necessário ou desejável?

A transição da humanidade do Paleolítico (Velha Idade da Pedra), que durou centenas de milhares de anos, para o Mesolítico (Idade Média da Pedra) ocorreu abruptamente no antigo Oriente Próximo. Lá, por volta de 11.000 a.C. - logo depois do Dilúvio, segundo nossos cálculos -, a agricultura intencional e a domesticação de animais se iniciou numa profusão abundante. Evidências arqueológicas e de outra natureza (recentemente ampliadas por estudos de padrões lingüísticos) mostram que a agricultura do Mesolítico espalhou-se do Oriente Próximo para a Europa como resultado da migração de pessoas com tal conhecimento. Chegou à península Ibérica entre 4.500 e 4.000 a.C., à costa oeste de onde hoje é a França e as Terras Baixas entre 3.500 e 3.000 a.C., e às Ilhas Britânicas entre 3.000 e 2.500 a.C. Logo em

seguida, o "Povo Béquer", que sabia como fazer utensílios de argila, chegou ao cenário de Stonehenge.

Porém, àquela altura o antigo Oriente Próximo já havia entrado no Neolítico (Nova Idade da Pedra), que lá começou por volta de 7.400 a.C. e cujas marcas eram a transição de pedras e argila para metais, e o aparecimento de centros urbanos. Nessa época, essa fase chega às Ilhas Britânicas com o assim chamado "Povo de Wessex" (depois de 2.000 a.C.), enquanto no Oriente Próximo a grande civilização suméria já tinha quase 2.000 anos e a egípcia mais de mil anos de idade.

Se, como todos concordam, o conhecimento científico sofisticado necessário para o planejamento, localização, orientação e construção de Stonehenge tinha de vir de fora das Ilhas Britânicas, as antigas civilizações do Oriente Próximo pareciam ser as únicas fontes possíveis, na época.

Seriam os Templos do Sol, no Egito, protótipos para Stonehenge? Temos visto que, nas datas estabelecidas para as várias fases de Stonehenge, já existiam no Egito templos elaborados que eram orientados astronomicamente. O Templo do Sol (equinocial) em Heliópolis foi construído por volta de 3.100 a.C., quando o império começou no Egito (se não antes) - vários séculos antes de Stonehenge I. A construção da fase mais antiga do templo orientado para o solstício, em homenagem a Amon-Rá, em Kamak, ocorreu em cerca de 2.100 a.C. - uma data que coincide (talvez não por acaso) com a data para a "reforma" de Stonehenge.

Portanto, é teoricamente possível que um povo Mediterrâneo - os egípcios ou um povo com a tecnologia egípcia - poderia de alguma forma contribuir para a construção de Stonehenge I, II e III, em épocas em que isso seria impossível para os habitantes do local.

Enquanto, de um ponto de vista temporal, o Egito poderia ser a fonte desse conhecimento, devemos ter em mente uma diferença entre todos os templos egípcios e Stonehenge; nenhum dos templos egípcios, sem importar a orientação, era circular como Stonehenge o era já durante as fases iniciais. As várias pirâmides eram de base quadrada; o mesmo valia para os suportes para obeliscos e os objetos piramidais; os numerosos templos eram todos

retangulares. Com todas as pedras que o Egito tinha, nenhum de seus templos era um círculo de pedra.

Desde o início dos templos dinásticos no Egito, com os quais a aparência de uma civilização egípcia distinta está ligada, tinham sido os faraós a contratar arquitetos e pedreiros, sacerdotes e sábios, e decretar o planejamento e a construção dos maravilhosos edifícios de pedra. Nenhum deles, entretanto, parece ter projetado, orientado ou construído um templo circular.

E quanto aos famosos navegadores, os fenícios? Não apenas eles alcançaram as Ilhas Britânicas (principalmente em busca de estanho) tarde demais para terem construído Stonehenge I, assim como II e III, mas também nenhum exemplo de sua arquitetura apresenta a menor semelhança com o formato circular de Stonehenge. Podemos ver um templo fenício na moeda de Biblos, e ele certamente é retangular. Nas vastas plataformas de pedra em Baalbek, nas montanhas do Líbano, povos após povos e conquistadores após conquistadores construíram seus templos exatamente nas ruínas e de acordo com o formato do templo anterior. Esses, como as últimas ruínas da era romana, representam um templo retangular (área escura) com um pátio quadrado (os pavilhões com formato de losango são reformas romanas). O templo é claramente orientado segundo um eixo leste-oeste, voltado diretamente para o leste, na direção do nascer do sol - um templo equinocial. Isso não deveria constituir surpresa, posto que nos tempos antigos o local era chamado de "Cidade do Sol" - Heliópolis, para os gregos, Bet-Sames ("Casa do Sol") na Bíblia, na época do rei Salomão.

O fato de que a forma retangular e o eixo leste-oeste não fossem uma moda passageira na Fenícia é atestado pelo templo de Salomão, o primeiro templo de Jerusalém, que foi construído segundo a ajuda dos arquitetos fenícios providenciados por Ahiram, rei de Tiro; era uma estrutura retangular num eixo leste-oeste, de frente para o leste, construído sobre uma grande plataforma feita pelo homem. Sabatino Moscati (*The World of the Phoenicians*) afirma sem qualificar que, "se não existem ruínas de templos fenícios, o templo de Salomão em Jerusalém, construído por trabalhadores fenícios, é descrito em detalhes no Antigo Testamento - e os templos fenícios deviam ser parecidos uns com os outros". Não havia nada circular neles.

Os círculos aparecem, no entanto, no caso de outros "suspeito" no Mediterrâneo - os micenenses, o primeiro povo helênico da Grécia Antiga. Mas estes eram no início o que os arqueólogos chamaram de Tumbas Circulares - poços para sepultamento cercados por um círculo de pedras, que evoluíram para tumbas circulares ocultas sob um monte cônico de terra. Porém isso aconteceu por volta de 1.500 a.C., e o maior deles, chamado de "O Tesouro de Atreus", por causa dos artefatos de ouro encontrados ao redor dos mortos, remonta a 1.300 a.C. Os arqueólogos que aderiram à ligação com Micenas comparam tais montes fúnebres no Mediterrâneo oriental com Silbury Hill, na região de Stonehenge, ou com um outro em Newgrange, do outro lado do mar da Irlanda, em Boyne Valley, County Meath, na Irlanda; porém Silbury Hill foi datada por carbono, e não foi construída depois de 2.200 a.C., assim como o monte fúnebre em Newgrange é da mesma época - quase mil anos antes que o Tesouro de Atreus e outros exemplos micênicos; o período dos montes fúnebres é ainda mais distante de Stonehenge I. Na verdade, os montes fúnebres nas Ilhas Britânicas são mais parecidos, em construção e na época, com aqueles exemplos do Mediterrâneo ocidental, como Los Millares, no sul da Espanha.

Acima de tudo, Stonehenge nunca serviu como túmulo. Por todos esses motivos, a busca de um protótipo - uma estrutura circular que sirva a propósitos astronômicos - deve continuar além do Mediterrâneo oriental.

Mais antiga do que os egípcios e possuindo muito mais conhecimentos científicos avançados, a civilização suméria poderia ter servido, teoricamente, como inspiração para Stonehenge. Entre as surpreendentes conquistas dos sumérios estão as grandes cidades, uma linguagem escrita, literatura, reis, tribunais, leis, juízes, mercadores, artesãos, poetas e dançarinos. As ciências surgiram no interior dos templos, onde os "segredos dos números e dos céus" - matemática e astronomia - eram mantidos, ensinados e transmitidos por gerações de sacerdotes que realizavam suas funções por trás das paredes dos templos sagrados. Tais templos geralmente incluíam santuários dedicados a várias divindades, residências, locais de trabalho e de estudo para os sacerdotes, armazéns e outros prédios administrativos e - como figura dominante do local mais sagrado da cidade -

um zigurate, uma pirâmide que se elevava ao céu em andares (geralmente sete). O andar mais alto era uma estrutura de vários aposentos, cujo propósito - literal - era servir de residência do grande deus cujo "centro de culto" (como os estudiosos gostam de chamar) era a própria cidade.

Uma boa ilustração do projeto de tal construção sagrada; o zigurate, é uma reconstrução baseada em descobertas arqueológicas na área local sagrada em Nippur (NI.IBRU em sumério), o "quartel-general" dos primeiros dias do deus Enlil; mostra um zigurate com uma base quadrada no interior de um terreno retangular. Arqueólogos bafejados pela sorte desenterraram uma tábua na qual um cartógrafo antigo desenhou um mapa de Nippur; mostra claramente o terreno sagrado retangular com o zigurate de base quadrada, o nome (em escrita cuneiforme), o E.KUR - "Casa, que parece urna montanha". A orientação do zigurate e dos templos era tal que os cantos da estrutura apontavam para os quatro pontos cardeais, de forma que os lados da estrutura se voltavam para o nordeste, sudoeste, noroeste e sudeste.

Orientar os cantos do zigurate de acordo com os pontos cardeais - sem uma bússola - não era uma tarefa fácil. Mas era tal orientação que tomava possível varrer os céus em muitas direções e ângulos. Cada estágio do zigurate providenciava um ponto mais alto, e, dessa forma, um horizonte diferente, ajustável à localização geográfica; a linha entre os cantos leste e oeste providenciava a orientação para os equinócios; os lados proporcionavam uma vista do solstício tanto no nascer quanto no pôr-do-sol, no verão e no inverno. Astrônomos modernos têm encontrado muitas dessas orientações para observação no famoso zigurate da Babilônia, cujas medidas precisas e planos de construção foram localizados em tábuas de argila.

Estruturas quadradas ou retangulares, com ângulos precisos, eram as formas tradicionais dos zigurates e templos da Mesopotâmia, quer examinemos o local sagrado de Ur - por volta de 2.100 a.C., a época de Stonehenge II -, quer retornemos aos templos mais antigos, construídos numa plataforma mais elevada, que remontam a 3.100 a.C. - dois ou três séculos antes das datas de Stonehenge I.

A forma deliberada pela qual os templos mesopotâmicos, em todas as épocas, receberam o formato retangular e orientações específicas podem ser

facilmente inferida do projeto na Babilônia, ao se comparar o traçado aleatório dos prédios e cidades nos tempos babilônicos com o desenho perfeitamente geométrico e reto dos locais sagrados e com a forma quadrada de seu zigurate.

mm encontradas nas ruínas de cidades mais novas; um local sagrado (como esse num local chamado Khafajeh) era muitas vezes cercado por um muro oval. Fica claro que evitar a conhecida forma circular nos templos foi intencional.

Os templos mesopotâmicos eram assim retangulares, e os zigurates, de base quadrada e intencional. Para o caso de alguém se perguntar se isso era porque os sumérios e seus sucessores não conheciam o círculo nem eram capazes de construir um, é suficiente lembrar que nas tabelas matemáticas certos números-chave do sistema sexagesimal (base 60) eram representados por círculos; em tabelas que lidavam com geometria e medidas de terras, as instruções para medir áreas regulares e irregulares incluíam círculos. A roda circular era conhecida - mais uma "inovação" suméria. Residências claramente circulares foram encontradas nas ruínas de cidades mais novas; um local sagrado (como esse num local chamado Khafajeh) era muitas vezes cercado por um muro oval. Fica claro que evitar a conhecida forma circular nos templos foi intencional.

Assim havia diferenças básicas quanto ao projeto, à arquitetura e à orientação entre os templos sumérios e Stonehenge, ao que se poderia acrescentar que os sumérios não trabalhavam com pedras (pois não havia pedreiras nas planícies de aluvião entre os rios Tigre e Eufrates). Os sumérios não foram os que planejaram e executaram Stonehenge; e a única coisa que pode ser considerada uma exceção às descobertas e templos sumérios, como veremos, reforça essa conclusão.

Portanto, se os egípcios, fenícios, primeiros gregos ou os sumérios e seus sucessores não construíram Stonehenge, quem teria vindo à planície de Salisbury para planejar e supervisionar sua construção?

Uma pista interessante emerge quando se lêem as lendas que se referem aos túmulos de Newgrange. Segundo Michael J. O'Kelly, um grande arquiteto e

explorador do local e seus arredores (Newgrange: Archaeology, Art and Legend), o local era conhecido no folclore da Irlanda por vários nomes que o designavam como Brug Oengusa, a "Casa de Oengus", filho do deus principal do panteão pré-celta, que viera "do Outromundo" para a Irlanda. Esse deus principal era conhecido como An Dagda, "An, o bom deus"...

De fato era impressionante encontrar o nome da divindade principal em todos esses locais diversos - na Suméria e em seu E.ANNA, o zigurate de Uruk; na Heliópolis dos egípcios, cujo verdadeiro nome era Anu; e na Irlanda distante...

Isso poderia ser uma pista importante e não uma insignificante coincidência, o que se torna possível ao se examinar o nome do filho desse "deus-chefe", Oengus. Quando o sacerdote babilônico Beroso escreveu, por volta de 290 a.C., a história e a pré-história da Mesopotâmia e da humanidade, segundo os registros sumérios e babilônicos, ele (ou os gregos que os copiaram) citam o nome de Enki, "Oanes". Enki era o líder do primeiro grupo de anunaques que desceu à Terra, no golfo Pérsico; era o cientista-chefe dos anunaques e o que escrevia toda a sabedoria nos ME, enigmáticos objetos que, com nossa tecnologia presente, poderíamos comparar a discos de memória de computador. De fato, ele era filho de Anu; teria sido ele quem se tornaria o deus Oengus do mito pré-celta, o filho de An Dagda?

"Tudo o que sabemos foi ensinado pelos deuses", repetiam sempre os sumérios.

Quer dizer que não foram os povos antigos que criaram Stonehenge e sim os deuses antigos?

4

DUR.AN.KI - A "Ligação Céu-Terra"

Desde os primeiros tempos, o homem tem levantado seus olhos para os céus a fim de receber orientação divina, inspiração e ajuda em tempos turbulentos. Desde o início, mesmo quando a Terra foi separada do "Céu" ao ser criada, o céu e a Terra continuaram se encontrando no horizonte. Foi lá, onde o

homem olhou na distância, ao nascer ou ao pôr-do-sol, que ele pôde ver o Senhor Celeste.

Céu e Terra se encontram no horizonte, e o conhecimento obtido da observação dos céus e dos movimentos celestes resultantes é chamado de astronomia.

Desde os primórdios, o homem soube que seus criadores vinham do céus - anunaques, ele os chamou, literalmente "Aqueles que do Céu para a Terra vieram". A verdadeira habitação deles era nos céus, o homem sabia: "Pai nosso, que estais no céu", os homens aprenderam a dizer. Porém aqueles anunaques que vieram ficaram na Terra e podiam ser adorados nos templos.

O homem e seus deuses se encontravam nos templos; o conhecimento, os rituais e as crenças que resultavam disso eram chamados de religião.

O mais importante "centro de culto", o "umbigo da Terra" foi a cidade de Enlil, no que foi depois chamado de Suméria. Era o centro geográfico, das religiões e filosofias: Nippur era o Centro de Controle de Missão; seu Santo dos Santos, onde as tábuas do Destino eram mantidas, chamava-se DUR.AN.KI - "Ligação Céu-Terra".

Desde então, em todas as épocas, em todos os lugares e em todas as religiões, os locais de adoração foram chamados templos, e a despeito de todas as mudanças pelas quais eles, a humanidade e suas religiões passaram, permaneceu a Ligação Céu-Terra.

Nos tempos antigos a astronomia e a religião eram ligadas: os sacerdotes eram astrônomos e os astrônomos eram sacerdotes. Quando Iavé fez sua aliança com Abraão, mandou que este saísse e erguesse os olhos na direção do céu, a fim de contar as estrelas. Havia mais do que um estratagema fútil nisso, pois o pai de Abraão, Tera, era um sacerdote do oráculo em Nippur e Ur, portanto conhecedor de astronomia.

Naqueles dias, cada um dos Grandes Anunaques tinha um equivalente celeste, e como o Sistema Solar possuía doze membros, o "Círculo Olímpico", ao longo dos milênios, incluindo a época dos gregos, sempre foi relacionado ao número doze. Por isso, a adoração dos deuses estava diretamente relacionada aos movimentos dos corpos celestes, e as

admoestações bíblicas contra a adoração" do Sol, da Lua e das Hostes do Céu" eram na realidade avisos sobre adorar outros deuses que não Iavé. Os rituais, festivais, dias de abstinência e outros ritos que expressavam a adoração dos deuses eram assim sintonizados com os movimentos de seus equivalentes celestes. A adoração requer um calendário; templos eram observatórios; sacerdotes eram astrônomos. Os zigurates eram Templos de Tempo, nos quais a guarda do tempo juntava-se à astronomia para formalizar a adoração.

Tornou Adão a conhecer sua mulher,
E [ela] deu à luz um filho, e deu-lhe o nome de Set [dizendo]:
Ora, pôs-me Deus outra semente em lugar de Abel, porquanto, matou-o
Caim.

E Set, também a ele nasceu um filho, e deu-lhe o nome de Enoch:
E foi então que se começou a invocar o nome do Eterno.

Assim, de acordo com a Bíblia (Gênesis 4:25-26), foi que o filho de Adão começou a adorar seu Deus. Como esse chamado pelo nome do Senhor era feito - que forma assumia, quais os rituais envolvidos - não ficamos sabendo. Aconteceu, a Bíblia deixa claro, em tempos remotos, bem antes do Dilúvio. Textos sumérios, entretanto, esclarecem o assunto. Não apenas afirmam repetida e enfaticamente - que existiam Cidades dos Deuses na Mesopotâmia antes do Dilúvio, e que quando o Dilúvio ocorreu ainda existiam "semideuses" (filhos de "Filhas dos Homens" e de "deuses" anunaques), mas também que a adoração ocorria em locais consagrados (nós os chamamos templos). Já existiam, conforme vimos no texto anterior, Templos de Tempo.

Uma das versões mesopotâmicas dos eventos que levaram ao Dilúvio é o texto conhecido (por suas palavras iniciais) como "Quando os deuses gostam dos homens", no qual o herói do Dilúvio é chamado de Atra-Hasis ("Aquele que é excessivamente sábio"). A história relata como Anu, o governante de Nibiru, voltou a seu planeta de uma visita à Terra, depois de acomodar uma distribuição de poderes e territórios entre seus dois filhos, os meios-irmãos

Enlil ("Senhor do Governo") e Enki ("Senhor da Terra"), deixando Enki encarregado das operações de mineração de ouro na África. Depois de descrever o trabalho duro dos anunaques designados para as minas, um motim e a decorrente criação, por meio de engenharia genética, por Enki e sua meia-irmã Ninharsag, do Adamu, um "trabalhador primitivo", o épico relata como a humanidade começou a procriar e multiplicar-se. Com o tempo, a humanidade começou a aborrecer Enlil por suas excessivas "conjugações", especialmente com os anunaques (uma situação refletida na versão bíblica da história do Dilúvio); Enlil prevaleceu no Grande Conselho dos anunaques, a ponto de usar a catástrofe já prevista da inundação para varrer a humanidade da face da Terra.

Porém Enki, embora tivesse jurado não divulgar a decisão entre os humanos, não estava contente e procurou formas de contornar a resolução. Escolheu fazer isso pela intermediação de Atra-Hasis, que era filho de Enki com uma mãe humana. O texto, que às vezes assume um estilo biográfico, como se escrito pelo próprio Atra-Hasis, afirma: "Sou Atra-Hasis; moro no templo de Enki, meu senhor...", uma afirmação que claramente estabelece a existência de um templo naquela época remota antes do Dilúvio.

Descrevendo as condições climáticas a piorar por um lado e as medidas duras de Enlil contra a humanidade no período que precedeu o Dilúvio, o texto cita o conselho de Enki às pessoas por meio de Atra-Hasis, agora protestando contra o decreto: a adoração aos deuses devia parar!

"Enki abriu a boca e dirigiu-se a seu servo", dizendo:

Os mais velhos, num sinal, convocaram a Casa do Conselho.
Deixe que os arautos proclamem a ordem, Bem alto pela terra:
Não reverenciem seus deuses, não rezem para suas deusas.

À medida que a situação ficava pior e a catástrofe se aproximava, Atra-Hasis persistiu em sua interação com seu deus Enki. "No templo de seu deus... ele pisou... todos os dias chorava, trazendo sacrifícios pela manhã." Buscando o auxílio de Enki para ajudar a evitar o desaparecimento da humanidade, "ele chamava o nome de seu deus" - palavras que empregam a mesma

terminologia do que no texto já citado da Bíblia. Ao final, Enki resolveu subverter a decisão do Conselho dos Anunaques chamando Atra-Hasis para o templo e falando a ele por trás de um biombo. O evento foi registrado num cilindro sumério, mostrando Enki (como deus-serpente) a revelar os segredos do Dilúvio a Atra-Hasis, dando-lhe instruções para construir um submersível que suportasse a quantidade de água; avisou-o para não perder tempo, pois só tinha sete dias antes que a catástrofe começasse. Para certificar-se de que Atra-Hasis não iria perder tempo, Enki colocou em ação um dispositivo para medir o tempo:

Ele abriu o relógio de água e o encheu;
A chegada da enchente na sétima noite
Ele [Enki] marcou para ele [Atra-Hasis]

Essa informação, pouco ressaltada, revela que o tempo era mantido nos templos e que essa medida de tempo retorna ao mais antigo, até nos tempos antediluvianos. Assumiu-se que a antiga ilustração mostra (à direita) o biombo de juncos atrás do qual Enki falou ao herói da Grande Enchente, o Noé bíblico. É preciso imaginar, porém, que o que vemos não seja um biombo, mas uma representação de um relógio pré-histórico de água (seguro por um sacerdote).



Enki era o cientista-chefe dos anunaques; não é de espantar, portanto, que tenha sido em seu "centro de culto" Eridu que os primeiros cientistas humanos, os Homens Sábios, serviram como sacerdotes. Um dos primeiros, se não o primeiro, era chamado Adapa. Embora o texto original sumério não tenha sido encontrado, as versões acadiana e assíria em fragmentos de argila atestam sua importância. Somos informados no começo que as palavras de sabedoria de Adapa eram quase tão boas quanto as do próprio Enki. O texto explica que Enki "havia aperfeiçoado para ele uma compreensão ampla, revelando todos os projetos da Terra; a Sabedoria lhe fora dada por ele". Tudo foi feito no templo; Adapa ia "todos os dias ao santuário de Eridu". Segundo as crônicas sumérias do início, era no templo de Eridu que Enki, como guardião dos segredos de toda a sabedoria científica, guardava os ME - objetos em forma de tábuas nos quais os dados científicos estavam inscritos. Um dos textos sumérios detalha como a deusa Inana (mais tarde conhecida como Ishtar), querendo conferir status ao seu "centro de culto", Uruk (a Erech bíblica), enganou Enki para que este lhe desse algumas dessas fórmulas divinas.



Inana

Adapa, descobrimos, também tinha o nome de NUN.ME, que significava "Aquele que pode decifrar as ME". Mesmo nos milênios que se seguiram, nos tempos assírios, a expressão "sábio como Adapa" significava que alguém tinha muita sabedoria e conhecimento. O estudo das ciências na Mesopotâmia muitas vezes era referido como Shunnat apkali Adapa, "repetição do grande ancestral Adapa". Uma carta do rei assírio Assurbanipal mencionava que seu avô, o rei Senaqueribe, conseguira grande sabedoria quando Adapa aparecera para ele num sonho. A "grande sabedoria" dividida por Enki com Adapa incluía a escrita, a medicina e - de acordo com a série astronômica de tábuas UD.SAR.ANUM.ENLILLA ("Os Grandes Dias de Anu e Enlil") - sabedoria de astronomia e astrologia.

Embora Adapa tenha ido diariamente ao santuário de Enki, parece, a julgar pelos textos sumérios, que o primeiro sacerdote apontado oficialmente - uma função que depois passou hereditariamente de pai para filho - recebeu o nome de EN.MEDUR.AN.KI - "Sacerdote dos ME de Duranki", o local sagrado de Nippur. O texto relata a maneira pela qual os deuses "mostraram como observar óleo e água, os segredos de Anu, Enlil e Enki. Deram a ele a Tábua Divina, os registros dos segredos do Céu e da Terra. Eles o ensinaram a fazer cálculos com números" - o conhecimento de matemática e astronomia, e da arte de medir, inclusive o tempo.

Muitas das tábuas da Mesopotâmia que lidavam com matemática, astronomia e calendário surpreenderam os cientistas por sua sofisticação. No centro dessas ciências estava um sistema matemático chamado sexagesimal (base 60), cuja natureza avançada, incluindo seus aspectos celestes, já foi discutida. Essa sofisticação estava presente até mesmo nos primeiros tempos que alguns chamam pré-dinásticos: tábuas aritmeticamente gravadas que foram encontradas atestam o uso do sistema sexagesimal e o hábito de fazer registros numéricos. Desenhos em objetos de argila, também dos mais antigos, não deixam dúvidas em relação ao alto nível de conhecimento geométrico naquela época remota, seis mil anos atrás. E é preciso pesquisar se esses desenhos são meramente decorativos, ou se (pelo menos alguns

deles) representam conhecimento em relação à Terra, seus quatro "cantos" e talvez até as formas astronomicamente relacionadas. O que esses desenhos também mostram se aplica a um ponto importante abordado no capítulo anterior: o círculo e as formas circulares eram obviamente conhecidos na antiga Mesopotâmia e podiam ser desenhados com perfeição.

Informações adicionais em relação à antiguidade das ciências exatas podem ser retiradas das histórias sobre Etana, um dos primeiros soberanos sumérios. No princípio considerado um herói mítico, ele é agora reconhecido como personagem histórico. Segundo as Listas de Reis Sumérios, quando o reinado - um tipo organizado de civilização - foi "permitido mais uma vez pelos céus" depois do Dilúvio, "o primeiro reino foi em Kish" - uma cidade cujos restos e antiguidade foram encontrados e confirmados pelos arqueólogos. Seu décimo primeiro monarca foi chamado Etana, e as Listas de Reis, que apenas registram os nomes dos soberanos e o tempo de cada reinado, fazem uma exceção a Etana, adicionando após seu nome uma anotação: "Um pastor; ele que subiu ao céu, que consolidou todas as terras". Segundo Thorkild Jacobsen (The Sumerian King List), o reinado de Etana começou por volta de 3.100 a.C.; escavações em Kish têm desenterrado os restos de construções monumentais e um zigurate (templo em andares) que data da mesma época.

Ao final do Dilúvio, quando a planície entre os rios Tigre e Eufrates secou o suficiente para permitir seu aproveitamento, as Cidades dos Deuses foram reconstruídas exatamente onde haviam estado antes, de acordo com o "plano antigo". Kish, a primeira "Cidade dos Homens", era completamente nova e seu lugar e planejamento precisavam ser determinados. Tais decisões, conforme lemos na História de Etana, eram tomadas pelos deuses, empregando o conhecimento científico da geometria para o planejamento e da astronomia para orientação.

Os deuses traçaram uma cidade;

Sete deuses estabeleceram sua fundação.

A cidade de Kish eles traçaram, e lá os sete deuses colocaram sua fundação.

Uma cidade eles estabeleceram, um lugar para estar; mas um Pastor
retiveram.

Os doze governantes que precederam Etana ainda não possuíam o título sumério do nível de sacerdote real EN.SI - "Senhor Pastor" ou como preferem alguns "Pastor Justo". Ao que parece, a cidade só poderia atingir seu status quando os deuses tivessem encontrado o homem certo para construir um templo-zigurate, e, ao tornar-se um rei-sacerdote, receber o título EN.SI. Quem seria "seu construtor, aquele que iria erguer o E.HURSAG.KALAMMA"?, perguntavam os deuses - a construir a "Casa" que será "A montanha-guia para todas as terras"?

A tarefa de "procurar um rei em todas as terras, acima e abaixo", foi entregue a Inana/Ishtar. Ela encontrou e recomendou Etana - um humilde pastor. Enlil, "aquele que garante a realeza", precisava fazer a confirmação. Lemos que "Enlil inspecionou Etana, o jovem a quem Ishtar indicou. 'Ela procurou e encontrou!', comentou ele. 'Na Terra a realeza vai se estabelecer; que Kish alegre seu coração!' “

Agora vem a parte "mitológica". A breve notação nas Listas de Reis de que Etana subiu ao céu deriva de uma crônica que os estudiosos chamam de a "lenda" de Etana, que narra como este, com a permissão do deus Utu/Shamash, encarregado do espaçoporto, foi carregado por uma "águia". Quanto mais alto se erguia, menor a Terra parecia. Depois do primeiro beru do vôo, a terra "tomou-se uma pequena colina"; depois do segundo beru a terra parecia um sulco; após o terceiro beru, era uma vala de jardim; depois de mais um beru, a terra desapareceu completamente. "Quando olhei ao redor, a terra tinha desaparecido, e sobre o mar meus olhos não puderam rejubilar-se.”

Um beru era uma unidade de medida na Suméria - (uma "légua") e de tempo (uma "hora dupla", a décima segunda parte de um período dia-noite, que agora dividimos em vinte e quatro horas). Permanecia uma unidade de medida em astronomia, quando representava uma décima segunda parte do círculo celeste. O texto da História de Etana não deixa claro qual unidade de medida - distância, tempo ou arco - fora aplicada; talvez as três. O que o texto deixa claro é que a época remota, quando o primeiro verdadeiro Rei-

Pastor foi empossado, na Cidade dos Homens, a distância, o tempo e os céus já podiam ser medidos.

Como primeira cidade real - sob a proteção de "Nimrod" -, Kish é mencionada na Bíblia (Gênesis capítulo 10); e alguns outros aspectos dos eventos registrados pela Bíblia requerem exploração. Isso ocorre por causa da menção, na História de Etana, dos sete deuses envolvidos no planejamento - portanto, na orientação - da cidade e de seu zigurate.

Como todos os deuses principais da antiga Mesopotâmia possuíam equivalentes celestes entre os doze membros do Sistema Solar, assim como um equivalente entre as doze constelações do zodíaco e os doze meses, é preciso perguntar-se se a referência à determinação da orientação de Kish e seu zigurate pelos "sete deuses" não se refere exatamente aos sete planetas que essas divindades representam. Estariam os anunaques esperando pelo alinhamento propício de sete planetas como o tempo e orientação corretos para Kish e seu zigurate?

Podemos lançar mais luz sobre o assunto, acreditamos, se fizermos uma viagem de mais de dois mil anos no tempo até a Judéia de cerca do ano 1.000 a.C. Incrivelmente, descobrimos que cerca de três mil anos atrás as circunstâncias que cercavam a escolha de um pastor para ser o construtor de um novo templo numa nova capital real emulavam os eventos e circunstâncias registrados na História de Etana; o mesmo número sete, com um significado ligado ao calendário, também desempenhou um papel.

A cidade da Judéia aludida acima era Jerusalém. Davi, que então pastoreava os rebanhos de seu pai, Jessé, foi escolhido pelo Senhor para o reinado. Depois da morte do rei Saul, quando Davi reinou em Hebron sobre a tribo de Judá, representantes das outras onze tribos "vieram até Davi, em Hebron" e pediram que ele reinasse sobre todos, lembrando-o que Iavé lhe dissera: "Você vai pastorear meu povo de Israel e deve se tornar Nagid sobre Israel" (Samuel II 5:2).

Dependendo da versão da Bíblia, o termo Nagid é traduzido como "capitão", "comandante" e até "Príncipe". Nenhuma delas parece ter compreendido que

Nagid é uma palavra que foi importada intacta da linguagem suméria, em que significa: "pastor"!

A principal preocupação dos israelitas na época era a necessidade de encontrar um lar para a Arca da Aliança - não apenas um lar permanente, mas seguro. Originalmente feita e colocada por Moisés no Tabernáculo durante o Êxodo, ela continha as duas tábuas de pedra inscritas com os Dez Mandamentos no monte Sinaí. Feita com uma madeira específica e recoberta de ouro por dentro e por fora, era guardada por dois querubins elaborados a partir de ouro endurecido, com asas estendidas na direção um do outro; a cada vez que Moisés conversava com Deus, Iavé falava com ele "entre os dois querubins". Acreditamos que a Arca, com suas camadas isolantes de ouro e os querubins, era um dispositivo de comunicação, talvez alimentado eletricamente (quando ela era tocada inadvertidamente, a pessoa envolvida caía morta).

Iavé dera instruções bastante detalhadas em relação à construção do Tabernáculo e à sua vedação, assim como para a Arca, incluindo o que poderia ser chamado de um "manual de operações" para a desmontagem e montagem de todo o material, assim como para o transporte. Por volta da época de Davi, entretanto, a Arca não mais era carregada por varas de madeira, mas transportada numa carruagem com rodas. Era movida de um lugar temporário para outro, e um trabalho à altura do novo soberano ungido seria estabelecer uma capital nacional em Jerusalém e, portanto, construir um lar permanente para a Arca da Aliança, uma "Casa do Senhor".

Porém, isso não aconteceria. Falando com o rei Davi por meio do profeta Nathan, o Senhor o informou de que não seria ele mas seu filho a ter o privilégio de construir uma Casa de Cedros para Iavé. Assim, uma das primeiras tarefas do rei Salomão foi construir a "Casa de Iavé" (agora referindo-se ao Primeiro Templo) em Jerusalém. Construído como local sagrado no Sinai, foi erigido de acordo com todas as instruções fornecidas e detalhadas. Na verdade, esses planos eram quase idênticos aos do Sinai. Ambos foram orientados segundo um eixo leste-oeste preciso, sendo identificados como templos equinociais.

As semelhanças entre Kish e Jerusalém como nova capital nacional, um rei-pastor e a tarefa de construir um templo cujos planos tinham sido fornecidos pelo Senhor são enfatizadas pelo significado do número sete.

Em Reis I (cap. 3) somos informados que Salomão continuou a organizar a preparação do projeto (envolvia, entre outras coisas, 80.000 trabalhadores de pedreira e 70.000 carregadores na força de trabalho) só depois que Iavé apareceu para ele em Gabaão "numa visão noturna". A construção, que durou sete anos, começou com a pedra fundamental, no quarto ano do reinado de Salomão e "no décimo primeiro ano, no mês de Bul, que é o oitavo do ano, o templo ficou completo em todos os seus detalhes e exatamente de acordo com seu plano". Porém, embora completo, sem que nenhum detalhe faltasse ou tivesse sido omitido, ele não foi inaugurado.

Só onze meses mais tarde, "no mês de Etanim, o sétimo mês, no festival", os anciãos e chefes tribais de todos os locais reuniram-se em Jerusalém "e os sacerdotes trouxeram a Arca da Aliança com Iavé em seu lugar, no Dvir do templo, que é o Santo dos Santos, sob as asas dos querubins... e não havia nada na arca, a não ser as duas tábuas de pedra que Moisés colocara ali no deserto, depois de Iavé fazer um pacto com os Filhos de Israel que tinham deixado o Egito. E quando os sacerdotes saíram do Santo dos Santos, uma nuvem encheu a Casa de Iavé". E Salomão orou a Iavé, pedindo a "Ele que vive nos céus" que viesse para escutar as orações de seu povo no novo templo.

O longo adiamento da inauguração do templo era necessário, ao que parece, para que tudo acontecesse "no sétimo mês, no festival". Não havia dúvida de que o festival mencionado era o Ano Novo, em concordância com os mandamentos que mencionam dias santos e festivais, no livro bíblico do Levítico. "Existem datas marcadas para Iavé", afirma o prólogo do capítulo 23; a observância do sétimo dia como sábado é apenas o primeiro dos dias santos a ser comemorado em intervalos de múltiplos de sete dias, ou que deveriam durar sete dias, culminando com os festivais do sétimo mês: o Ano Novo, o Dia do Perdão e a Festa de Tabernáculos.

Na Mesopotâmia, àquela altura, a Babilônia e a Assíria haviam suplantado a Suméria, e as festividades de Ano Novo eram comemoradas - conforme

indicava o nome - no primeiro mês, Nissan, que coincidia com o equinócio de primavera. Os motivos pelos quais os israelitas foram levados a festejar o Ano Novo no sétimo mês, coincidindo com o equinócio de outono, permanecem inexplicados na Bíblia. Mas podemos encontrar uma pista no fato de que a narrativa bíblica não chama o mês por seu nome babilônico-assírio, Tishrei, mas pelo enigmático nome Etanim. Não há até hoje uma explicação satisfatória para esse nome; mas uma solução nos ocorre: em vista de todas as semelhanças citadas até agora entre o rei-sacerdote como pastor, as circunstâncias da fundação de uma nova capital e a construção da residência de Iavé no deserto e em Jerusalém, a pista para o nome do mês deve ser procurada na História de Etana. Pois o nome usado na Bíblia, Etanim, não deriva diretamente do nome Etana?

O nome Etan, como nome pessoal, pode-se observar, não era incomum entre os hebreus, significando "heróico, poderoso".

O alinhamento celeste em Kish, reparamos, não era expresso, apenas na orientação solar do templo, mas também num relacionamento com os sete "deuses" planetários nos céus. Vale notar que numa discussão de August Wünsche sobre as similaridades entre os edifícios de Salomão em Jerusalém e o "retrato dos céus" na Mesopotâmia (Ex Oriente Lux, v. 2) ele cita a referência rabínica - como na História de Etana - às "sete estrelas que indicam o tempo" - Mercúrio, Lua, Saturno, Júpiter, Marte, Sol e Vênus. Existem muitas pistas e indicações que confirmam os aspectos relativos ao céu e ao calendário do Templo de Salomão - aspectos que se ligam à sua tradição e orientações estabelecidas milênios antes, na Suméria.

Isso não se reflete apenas na orientação, mas também na divisão tripartida do templo; imita os planos tradicionais de templos que se iniciaram na Mesopotâmia milênios antes. Günter Martiny, que em 1930 liderou os estudos em relação à arquitetura e orientação astronômica dos templos mesopotâmicos (Die Gegenstätze im Babylonischen und Assyrischen Tempelbau e outros estudos), esboçou assim uma planta básica de três elementos, formando a "estrutura de culto": uma ante-sala retangular, um saguão ritual alongado e um Santo dos Santos quadrado. Walter Andrae (Des Gotteshaus und die Urformen des Bauens) lembrou que na Assíria a entrada

do templo era flanqueada por dois pilões; isso refletiu-se no Templo de Salomão, em que a entrada era flanqueada por dois pilares soltos.

As informações detalhadas de arquitetura e construção com respeito ao Templo de Salomão na Bíblia chama sua ante-sala de Ulam, o saguão para rituais de Hekhal e a parte mais sagrada de Dvir. Essa última, que significa "onde o falar pode acontecer", sem dúvida reflete o fato de que Deus falava a Moisés por meio da Arca da Aliança, a voz vindo do ponto onde as asas dos querubins se tocavam; e a Arca foi colocada no Templo como o único artefato na parte mais sagrada, o Santo dos Santos ou Dvir. A terminologia usada para as duas partes, conforme os estudiosos reconheceram, vem dos sumérios (via Acádia): E-gal e Ulamu.

Essa divisão essencial em três partes, adotada mais tarde em todos os locais (por exemplo, o templo de Zeus em Olímpia, ou O templo cananeu em Tainat, na Síria), foi na realidade uma continuação que se iniciou com a maior parte dos templos antigos, os zigurates da Suméria, em que o caminho para o topo do zigurate, passando pelas escadas, atravessava dois santuários: um santuário exterior com dois pilões à frente e uma sala de orações - desenhada por G. Martin, em seus estudos.

Assim como no Tabernáculo do Sinai e no Templo de Jerusalém, também os utensílios e objetos usados nos rituais dos templos eram inicialmente feitos de ouro. Textos que descrevem os rituais dos templos em Uruk mencionam taças, bandejas e incensários de ouro; tais objetos foram encontrados em escavações arqueológicas. A prata também era usada, sendo um exemplo o vaso gravado que Entemena, um dos primeiros reis sumérios, deu de presente ao deus Ninurta no templo de Lagash. Os objetos votivos eram artísticos, geralmente ostentando uma inscrição na qual o rei afirmava que ele era oferecido para que o rei pudesse ter longa vida.

Tais apresentações só podiam ser feitas com a permissão dos deuses, e, em muitos casos, eram eventos de grande significado, valendo a pena uma comemoração nas Fórmulas de Data - listas de reinados em que cada ano era nomeado pelo evento mais importante; a ascensão do rei ao trono, uma guerra, a apresentação de um novo artefato para o templo. Assim, um rei de

Isin (Ishbi-Erra) chamou ao décimo nono ano de seu reinado "O ano em que o trono da Casa Grande da deusa Ninlil foi feito"; e outro governante de Isin (Ishme-Dagan) chamou a um dos anos de seu reinado: "O ano em que Ishme-Dagan fez uma cama de ouro e prata para a deusa Ninlil".

Porém, por serem construídos de tijolos de argila, os templos da Mesopotâmia com o passar do tempo sofriam com a falta de manutenção, necessária principalmente em decorrência dos terremotos. Manutenção e reparos constantes eram exigidos, e, em vez de oferendas de novas peças de mobília, reparos ou reconstrução das casas dos deuses começaram a preencher as Fórmulas de Data. Assim, as listas anuais do famoso Hamurabi, rei da Babilônia, começavam com a designação do Ano Um como o "ano em que Hamurabi construiu um muro para o santuário". Um sucessor de Hamurabi na Babilônia, o rei Shamshi-Iluna, chamou o décimo oitavo ano de seu reinado de o "ano em que o trabalho de reconstrução foi feito no E.BABBAR do deus Utu em Sippar" (E.BABBAR, que significa "Casa daquele que Brilha", era um templo dedicado ao "deus-Sol" Utu/Shamash).

Os sumérios, depois os acadianos, os babilônios e os assírios, registravam com grande orgulho em suas inscrições como consertavam, embelezavam ou reformavam os templos sagrados e seus terrenos; escavações arqueológicas não apenas descobriram tais inscrições, mas também corroboraram os pedidos ali gravados. Em Nippur, por exemplo, os arqueólogos da Universidade da Pensilvânia descobriram na década de 1880 evidências de trabalhos de reparo e manutenção do recinto sagrado, em cerca de onze metros de entulho acumulados durante cerca de quatro mil anos por cima de um pavimento de tijolos construído pelo rei acadiano Naram-Sin em cerca de 2.250 a.C. e outra acumulação de entulho de mais de 10 metros abaixo do pavimento de tempos mais antigos até solo virgem (que não foi escavado e examinado na época).

Voltando a Nippur meio século depois, uma expedição conjunta da Universidade da Pensilvânia e do Instituto Oriental da Universidade de Chicago passou várias temporadas de escavação trabalhando para desenterrar o templo de Enlil no santuário de Nippur. Os escavadores encontraram cinco construções sucessivas entre 2.200 e 600 a.C., as últimas tendo o assoalho

cerca de sete metros sobre as primeiras. Os templos ainda mais antigos, observou na época o relatório dos arqueólogos, ainda precisavam ser escavados. O relatório também registrava que os cinco templos tinham sido "construídos uns sobre os outros, porém exatamente no mesmo plano".

A descoberta de que os templos eram erigidos sobre as fundações de templos mais antigos, respeitando completamente os planos originais, foi confirmada em outros locais da Mesopotâmia. A regra se aplicava até mesmo à ampliação dos templos ainda que mais de uma vez, como aconteceu em Eridu; em todos os casos o eixo original e a orientação foram respeitados. Ao contrário dos templos egípcios, cuja orientação para o solstício precisa de ajuste periódico por causa da mudança na inclinação, os templos mesopotâmicos equinociais não precisavam de ajuste em sua orientação porque o norte e o leste geográficos, por definição, permanecem inalterados, não importa quanto o eixo da Terra tenha mudado: o Sol sempre passa por sobre o equador em horários do "equinócio", nascendo nessas datas precisamente no leste.

A obrigação de aderir aos "planos originais" foi declarada numa inscrição em uma tábua encontrada em Nínive, a capital assíria, entre as ruínas do templo em reconstrução. Nela o rei assírio registra sua mudança com o sagrado requerimento:

[**A planície eterna, que para o futuro a construção determinada, \[eu segui.\]
É aquele que ostenta os desenhos dos Tempos Antigos e a escrita do Céu
Elevado.**](#)

O rei assírio Ashur-Nasir-Pal descreve em que consistia tal trabalho, em uma longa inscrição em relação à restauração do templo em Calah (uma cidade antiga mencionada na Bíblia). Descrevendo como atingira o "monte antigo", ele afirma: "Cavei até o nível da água, pois 120 medidas na profundidade penetrei. Encontrei as fundações do deus Ninib, meu Senhor... construí daí em diante, com tijolos firmes, o templo de Ninib, meu Senhor", O rei termina dizendo: "Foi feito de forma que o deus Ninib (um epíteto para o deus Ninurta) possa ordenar que meus dias sejam longos". Tal bênção, o rei

esperava, seria seguida pela decisão por parte do deus, numa época de escolha dele "segundo o desejo do coração", de vir residir no templo reconstruído: "Quando meu senhor Ninib resolver vir morar em seu templo puro, seu local de habitação". É um convite e a expressão de uma expectativa não muito diferente do expresso pelo rei Salomão quando o Primeiro Templo se completou.

Na verdade, a obrigação de construir a partir do templo mais antigo, de acordo com a orientação e a planta dos templos no Oriente Médio, não importa quão longos os intervalos ou quão extensivos os reparos e a reconstrução tenham de ser, é exemplificada pelos templos sucessivos em Jerusalém. O Primeiro Templo foi destruído pelo rei da Babilônia, Nabucodonosor, em 587 a.C.; porém depois que a Babilônia caiu sob o domínio dos aquemênidas persas, o rei persa Ciro publicou um edito permitindo a volta dos exilados judeus para Jerusalém e a reconstrução do templo por eles. Significativamente, a reconstrução começou com a edificação de um altar (onde o primeiro costumava ficar) "quando o sétimo mês começou" no dia do Ano Novo (e os sacrifícios continuaram até a Festa de Tabernáculos). Ainda que pairasse dúvida sobre a data, o Livro de Esdras (3:6) reafirma: "Desde o primeiro dia do sétimo mês começaram os sacrifícios para Iavé".

A obediência não apenas à localização e orientação do templo mas também à época do Ano Novo - uma indicação do aspecto calendário do templo - é reafirmada nas profecias de Ezequiel. Sendo um dos judeus exilados por Nabucodonosor, ele teve uma visão do templo reconstruído na Nova Jerusalém. Aconteceu, afirma o profeta (Ezequiel cap. 40), no mês do Ano Novo, no décimo dia - precisamente no Dia do Perdão - "que a mão de Iavé desceu sobre mim e me levou para aquele lugar" (para a "Terra de Israel"). "E me sentou na montanha mais alta, ao lado da qual havia um modelo de cidade." Lá, ele viu "um homem, sua aparência como aquela do bronze; ele segurava nas mãos uma corda de linho e um bastão de medir, e estava ao portão". Esse Homem de Bronze se pôs a descrever o Novo Templo para Ezequiel. Estudiosos, usando os dados, foram capazes de desenhar o templo

da visão; ele segue precisamente o projeto e a orientação do templo construído por Salomão.

A visão profética tornou-se realidade depois que o rei persa Ciro, tendo capturado e subjugado a Babilônia, editou uma lei proclamando a restauração do templo destruído pelo império babilônico; uma cópia do edito, inscrita num cilindro de argila, foi encontrada por arqueólogos. Uma proclamação especial do rei, registrada palavra por palavra no Livro de Esdras, conclamou os judeus no exílio a reconstruir a "Casa de Iavé, Deus dos Céus".

O Segundo Templo, construído sob condições mais difíceis, no que era ainda uma terra devastada, era uma imitação pobre do Primeiro Templo. Reconstruído uma parte por vez, foi feito de acordo com os planos recebidos de gravações mantidas nos arquivos reais da Pérsia, e, segundo a Bíblia, estritamente de acordo com os detalhes nos Cinco Livros de Moisés. Que o templo realmente tenha seguido a planta original e a orientação se tornou claro cinco séculos depois, quando o rei Herodes resolveu substituir a réplica pobre por um edifício novo e esplêndido que não apenas imitasse, mas ultrapassasse em grandeza o Primeiro Templo. Construído sobre uma grande plataforma (ainda conhecida como o Monte do Templo) e sobre suas paredes maciças (das quais a Parede Oeste, ainda intacta em boa parte, é reverenciada pelos judeus como o que sobrou do Templo Sagrado), foi cercado por pátios e vários tipos de prédios auxiliares. Porém a Casa do Senhor mantinha o projeto em três partes e a orientação do Primeiro Templo. O Santo dos Santos, além do mais, permaneceu idêntico em tamanho àquele do Primeiro Templo - e ficava localizado precisamente no mesmo local; a única diferença era que agora não mais se chamava Dvir, pois a Arca da Aliança desapareceu quando os babilônios destruíram o Primeiro Templo e levaram todos os artefatos do interior.

À medida que se observam os restos dos imensos territórios sagrados com seus templos, santuários e prédios auxiliares, portões e pátios, além do zigurate, na parte mais interna, deve-se ter em mente que os primeiros templos eram de fato a habitação dos deuses e eram literalmente chamados de "E" dos deuses A "casa" em si. De início com estruturas sobre montes artificiais e plataformas elevadas, eles com o tempo evoluíram para tornar-se

os famosos zigurates (pirâmides em degraus) - os arranha-céus da Antiguidade. Como mostra a concepção de um artista, a residência verdadeira do deus era no estágio mais alto. Lá, sentados em seus tronos sob dosséis, os deuses davam audiências para seus reis escolhidos, os "pastores de homens". Como é mostrado nessa representação de Utu/Shamash em seu templo, o Ebabbar em Sippar, o rei precisava ser levado para o interior pelo sumo sacerdote e era acompanhado por seu deus ou deusa patronos. (Mais tarde, só o sumo sacerdote podia entrar no Santo dos Santos).



Por volta de 2.300 a.C., uma sacerdotisa, a filha de Sargão da Acádia, reuniu todos os hinos aos templos-zigurates daquela época. Chamada pelos sumeriólogos de "composição literária única" (A. Sjöberg e E. Bergmann em *Texts from Cuneiform Sources*, v. 3), o texto homenageia 42 templos "E", desde Eridu no sul até Sippar ao norte e em ambos os lados dos rios Tigre e Eufrates. Os versos não apenas dão o nome dos templos, mas também a localização e o nome da divindade para quem cada um foi construído e fornece um testemunho inestimável sobre a grandeza e magnificência dessas habitações divinas, assim como suas funções e, algumas vezes, sua história. A composição apropriadamente se inicia com o templo ziguarte de Enki em Eridu, chamado no hino de "lugar cujo Santo dos Santos é a fundação do Céu-Terra", pois Eridu foi a primeira cidade dos deuses, o posto avançado da

primeira equipe de aterrissagem dos anunaques (liderados por Enki) e a primeira cidade divina que se abriu para os habitantes da Terra, a fim de tornar-se também uma Cidade dos Homens. Chamada EDUKU, "Casa do Monte Sagrado", era descrita no hino como "um santuário elevado erguendo-se para o céu".

Esse hino era seguido por um outro para o E.KUR - "Casa que é como uma montanha" -, o zigurate de Enlil em Nippur.

Considerado o Umbigo da Terra, Nippur ficava equidistante de todas as outras Cidades dos Deuses. De seu zigurate, podia-se olhar para a direita e enxergar a Suméria ao sul, depois a Acádia no norte, olhando-se à esquerda, segundo o hino. Era um "santuário onde os destinos são determinados", um zigurate "que une o céu e a terra". Em Nippur a esposa de Enlil, chamada Ninlil, possuía seu templo separado, "envolta em um brilho impressionante". Dele a deusa surgia "no mês do Ano Novo, no dia do festival, adornada de forma maravilhosa".

A meia-irmã de Enki e Enlil, Ninharsag, que estava entre os primeiros anunaques a vir até a Terra, era a bióloga-chefe e médica-chefe, e possuía seu templo numa cidade chamada Kesh.

Simplesmente chamado de E.NINHARSAG, a "Casa da Senhora dos Picos da Montanha", era descrito como um zigurate cujos "tijolos são bem moldados... um local de Céu e Terra, um lugar que inspirava respeito" e que aparentemente estava adornado com uma "grande serpente venenosa" feita de lápis-lazúli - o símbolo da medicina e da cura. (Moisés, conforme lembraremos, fez a imagem de uma serpente para combater uma praga mortal no deserto do Sinai).

O deus Ninurta, o filho mais importante de Enlil por sua meia-irmã Ninharsag, possuía um zigurate como seu próprio "centro de culto", chamado Lagash, e à época da composição do texto também possuía um no santuário de Nippur. Chamava-se E.ME.UR.ANNA, a "Casa para os ME do Herói de Anu". Em Lagash, o santuário se chamava E.NINNU, "Casa dos Cinquenta", refletindo o valor numérico de Ninurta na hierarquia divina. (O número de Anu, 60, era o mais alto). "Era uma casa cheia de luminosidade e respeito, mais alta do que uma montanha", afirmava o hino, onde ficavam Ninurta e

seu "Pássaro Negro", sua máquina de voar e sua arma Sharur ("Tempestade raivosa que envolve os homens").

O primogênito de Enlil com sua esposa oficial, Ninlil, foi Nanar (mais tarde conhecido como Sin), que se associou com a Lua, seu equivalente celeste. Em Ur, seu zigurate era chamado E.KISH.NU.GAL, uma "Casa de Trinta, a Grande Semente" e era descrito como um templo "cujo luar forte se espalha pela terra" - todas referências à associação celeste entre Nanar/Sin, a Lua e o mês.

O filho de Nanar/Sin, Utu/Shamash (sua referência celeste é o Sol) possuía seu templo em Sippar, o E.BABBAR - "Casa daquele que Brilha" ou "Casa brilhante". Foi descrito como "Casa do príncipe do céu, uma estrela do céu que do horizonte enche a terra de céu", Sua irmã gêmea, Inana/Ishtar, cujo equivalente celeste era o planeta Vênus, tinha seu templo-zigurate na cidade de Zabalam, onde era chamada "Casa cheia de brilho"; era descrita como uma "montanha pura", um "santuário cuja boca abre ao amanhecer" e um lugar "por meio do qual o firmamento é tornado belo durante a noite" - sem dúvida uma referência ao papel duplo de Vênus tanto como um astro da noite quanto como a "estrela" da manhã. Inana/Ishtar também era adorada em Erech, onde Anu havia colocado à disposição dela o templo-zigurate construído para ele quando viera para a Terra visitar o planeta. O zigurate era chamado E.ANNA, simplesmente "Casa de Anu". O hino o descreve como um "zigurate de sete estágios, vigiando os sete deuses luminosos da noite" - uma referência ao alinhamento e aos aspectos astronômicos que ecoaram, como já observamos, em comentários rabínicos em relação ao templo em Jerusalém.

E assim a composição continua, descrevendo os 42 zigurates, suas glórias e associações celestes. Os estudiosos falam dessa composição de mais de 4.300 anos de idade como uma "coleção de antigos hinos de tempos sumérios" e a intitularam "O Ciclo dos Velhos Poemas Sumérios sobre os Grandes Templos". Pode, no entanto, ser mais apropriado seguir o costume sumério e chamar o texto por suas palavras de abertura:

E U NIR - Casa-zigurate elevando-se alto

NA.KI.DA - Céu-Terra unindo-se

Uma dessas Casas e seus santuários, como veremos, guarda uma chave que pode abrir a porta para a solução do enigma de Stonehenge e para os eventos da Nova Era daquela época.

5

Guardiões de Segredos

Entre o ocaso e o amanhecer houve a noite.

A Bíblia constantemente afirma a inspiração do Criador na "Hoste do Céu" - as miríades de estrelas e planetas, luas e pequenos satélites que brilham no Domo dos Céus quando cai a noite. "Os céus falam da glória do Senhor e o Domo dos Céus revela o trabalho de sua mão divina", escreve o salmista. Os "céus" assim descritos eram os céus noturnos; a glória à qual ele se refere foi trazida para a humanidade por astrônomos-sacerdotes. Foram eles que tiveram de extrair sentido dos incontáveis corpos celestes, reconhecer as estrelas por seus grupos, distinguir entre as estrelas imóveis e os planetas errantes, conhecer os movimentos do Sol e da Lua, e manter a contagem do Tempo o ciclo de dias sagrados e os festivais, o calendário.

Os dias sagrados começavam ao anoitecer da noite anterior - um costume ainda mantido no calendário hebraico. Um texto que descreve os deveres do sacerdote Urigallu durante o festival de Ano Novo de doze dias na Babilônia não apenas esclarece a origem de outros rituais, mas também da ligação entre as observações celestes e os procedimentos no festival. No texto descoberto (geralmente considerado como de origem suméria, assim como o próprio título do sacerdote URI.GALLU), o início, que trata da determinação do primeiro dia do Ano Novo (o primeiro do mês Nisan, na Babilônia) de acordo com o equinócio de primavera, está faltando. A inscrição começa com as instruções para o segundo dia:

No segundo dia do mês Nisanu, duas horas na noite
O sacerdote Urigallu deve acordar e se lavar com água do rio.

Então, colocando uma túnica de puro linho, ele poderia se colocar na presença do grande deus (Marduk na Babilônia) e recitar orações prescritas no Santo dos Santos do zigurate (o Esagil na Babilônia). Essa recitação, que ninguém mais podia ouvir, era considerada tão secreta que antes das linhas onde estavam inscritas as palavras, o sacerdote incluía o seguinte aviso: "Vinte e uma linhas: segredos do templo Esagil. Quem quer que reverencie o deus Marduk não as irá mostrar para ninguém, a não ser para o sacerdote Urigallu".

Depois que terminava de rezar essa oração secreta, o sacerdote Urigallu abria os portões do templo para deixar entrar os sacerdotes Eribiti, que "continuavam a realizar seus ritos, da forma tradicional", juntamente com músicos e cantores. O texto então detalha o restante dos deveres do sacerdote Urigallu naquela noite.

"No terceiro dia do mês Nisanu", num horário depois do pôr-do-sol, impossível de se identificar no texto original, por este estar danificado demais, o sacerdote Urigallu deveria outra vez realizar determinados ritos e recitações; isso ele fazia ao longo da noite, até "três horas depois do nascer do sol", quando precisava instruir os artesãos que iriam criar imagens de metal e pedras preciosas para ser usadas em cerimônias no sexto dia. No quarto dia, às "três horas e um terço da noite", os rituais se repetiam, mas as orações agora se expandiam para incluir um serviço separado para a esposa de Marduk, a deusa Sarpanit. Os fiéis então prestavam homenagem aos outros deuses do Céu e da Terra e pediam a graça de uma longa vida ao rei e prosperidade para o povo da Babilônia. Foi depois disso que o advento do Ano Novo passou a ser diretamente ligado ao Tempo do Equinócio na constelação do Carneiro: o nascer da estrela do Carneiro próxima ao sol ao amanhecer. Pronunciando a bênção "Iku-estrela" sobre o Esagil, imagem do céu e da terra", o restante do dia passava-se em orações, cantos e músicas. Nesse dia, depois do ocaso, o Enuma Elish, a Epopéia da Criação, era recitado na íntegra.

O quinto dia de Nissan foi comparado por Henri Frankfort (*Kingship and the Gods*) com o Dia do Perdão dos judeus, pois nesse dia o rei era levado para a

capela principal e ali retiravam-se todos os símbolos de realeza; depois disso, ele era atingido na face pelo sacerdote e humilhava-se prostrando-se no chão, declarando suas culpas e arrependimentos. O texto que temos estudado (por F. Thureau-Dangin, *Rituels Accadiens*, e E. Ebeling em *Altorientalische Texte zum alten Testament*) trata, entretanto, apenas dos deveres do sacerdote Urigallu; lemos então que nessa noite o sacerdote, "às quatro horas da noite", recitava doze vezes a oração "Meu Senhor, não é ele meu Senhor", em honra a Marduk, e invocava o Sol, a Lua e as doze constelações do zodíaco. Segue-se uma oração para a deusa, na qual seu epíteto, DAM.KI.ANNA (Senhora da Terra e do Céu), revelava a origem suméria do ritual. O fiel a comparava ao planeta Vênus, que "brilha muito entre as outras estrelas", citando sete constelações. Depois dessas orações, que esgotavam os aspectos astronômico-calendários da ocasião, músicos e cantores desempenhavam suas artes "da forma tradicional" e um café da manhã era servido a Marduk e Sarpanit "duas horas depois da aurora".

Os rituais babilônicos do Ano Novo se originaram do sumério AKITI ("A Vida Construída na Terra"), um festival cujas raízes podem ser traçadas até a visita de Anu e sua esposa Antu à Terra, por volta de 3.800 a.C. (segundo os textos), quando o zodíaco era dominado pelo Touro do Céu, na Era de Touro. Sugerimos que tenha sido nessa época que o Tempo Contado, o calendário de Nippur, foi passado para a humanidade. Inevitavelmente as observações celestes decorrentes levaram à criação de uma classe de sacerdotes-astrônomos.

Vários textos, alguns bem preservados e outros que só sobreviveram em fragmentos, descrevem a pompa e circunstância da visita de Anu e Antu a Uruk (a Erech bíblica) e as cerimônias que se tornaram os rituais do festival de Ano Novo nos milênios que se seguiram. Os trabalhos de F. Thureau-Dangin e E. Ebeling ainda constituem a fundação na qual estudos subsequentes seriam baseados; os textos antigos foram então brilhantemente utilizados pelos escavadores alemães de Uruk para localizar, identificar e reconstruir o antigo santuário sagrado - os muros e portões, os pátios, altares e construções específicas, assim como os três templos principais: o zigurate

E.ANNA ("Casa de Anu"), o Bit-Resh (Templo Principal), que também era uma torre em estágios, e o Irigal, o templo dedicado a Inana/Ishtar. Dos muitos volumes dos relatórios dos arqueólogos (Ausgrabungen der Deutschen Forschungsgemeinschaft in Uruk- Warka), de particular interesse para a espantosa correlação entre textos e modernas escavações são o segundo (Archaische Texte aus Uruk) e o terceiro (Topographie Von Uruk), por Adam Falkenstein.

Surpreendentemente, os textos nas tábuas de argila (cujos colofões do escriba identificam como cópia de um original anterior) claramente descrevem dois grupos de rituais - um acontecendo no mês de Nissan (o mês do equinócio de primavera) e o outro em Tishrei (o mês do equinócio de outono); o primeiro se tornaria o Ano Novo babilônico e assírio, e o último seria marcado no calendário judeu, seguindo o mandamento bíblico para comemorar o Ano Novo "no sétimo mês", Tishrei. Embora o motivo para essa diversidade ainda intrigue os estudiosos, Ebeling reparou que os textos de Nissan pareciam mais bem preservados do que os de Tishrei, mais fragmentados, sugerindo uma certa influência dos últimos sacerdotes escribas; Falkenstein reparou que os rituais de Nissan e Tishrei, que pareciam idênticos, não o eram; o primeiro enfatizava as várias observações celestes, enquanto o segundo priorizava os rituais no interior do Santo dos Santos e em sua ante-sala.

Dos vários textos, dois em especial tratavam dos rituais do anoitecer e do amanhecer. O mais antigo, longo e bem preservado é especialmente legível desde o ponto em que Anu e Antu, os visitantes divinos de Nibiru, estão sentados no pátio do santuário, prontos a começar um banquete generoso. Enquanto o Sol se punha no oeste, os astrônomos-sacerdotes nos vários estágios do zigurate deviam observar os planetas e anunciar o momento em que avistavam a chegada de cada um, começando com Nibiru.

No primeiro turno da noite do telhado do estágio mais alto da torre do templo principal, quando o planeta Grande Anu do Céu e o planeta Grande Antu do Céu aparecem na constelação do Carro, o sacerdote deve recitar as composições Ana tamshil zimu bane Kakkab shamami Anu sharru e Ittatza tzalam banu.

Enquanto essas composições ("Para aquele que brilha mais, o planeta celestial do Senhor Anu" e "A imagem do Criador chegou") eram executadas a partir do zigurate, o vinho era oferecido aos deuses, de um vaso sagrado de ouro. Depois, em sucessão, os sacerdotes anunciavam a aparição de Júpiter, Vênus, Mercúrio, Saturno, Marte e a Lua. A cerimônia de lavar as mãos se seguia, honrando, com sete recipientes de ouro a derramar água, os seis luzeiros da noite mais o Sol. Uma grande tocha de "petróleo misturado com especiarias" era acesa; todos os sacerdotes cantavam o hino Kakkab Anu etellu shamame (O Planeta de Anu ergueu-se no céu) e o banquete podia começar. Depois Anu e Antu saíam para a noite e conduziam os deuses ao lugar onde ficariam de vigia até o amanhecer. Então, "quarenta minutos depois da aurora", Anu e Antu eram acordados "trazendo um fim para sua estadia noturna".

As comemorações matutinas começavam no lado de fora do templo, no pátio da Bit Akitu ("Casa do Festival de Ano Novo" em acadiano). Enlil e Enki aguardavam Anu no "suporte de ouro", permanecendo ao lado dele ou segurando vários objetos; os termos acadianos, cujo significado preciso parece escapar, são mais bem traduzidos como "aquilo que abre os segredos", "os discos do Sol" (plural!) e "os postes esplêndidos e brilhantes". Anu então chegava ao pátio, acompanhado pelos deuses em procissão. "Ele caminhava até o Grande Trono no pátio do Akitu e sentava-se de frente para o sol nascente." Então Enlil juntava-se a ele, acomodando-se à direita, e Enki, à esquerda; Antu, Nanar/Sin e Inana/ Ishtar assumiam seus lugares atrás de Anu, que estava sentado.

A afirmação de que Anu se sentava "de frente para o Sol nascente não deixa dúvida de que a cerimônia envolve a determinação de um momento ligado ao nascer do Sol num dia em particular - o primeiro dia de Nissan (o dia do equinócio de primavera) ou o primeiro dia de Tishrei (o equinócio de outono). Só quando essa cerimônia da aurora se completava é que Anu era levado por um dos deuses e pelo sumo sacerdote para o BARAG.GAL - o "Santo dos Santos" no interior do templo.

(BARAG significa "santuário interno, lugar oculto" e GAL significa "grande, mais importante". O termo evoluiu para Baragu/Barakhu/Parakhu em acadiano, com os significados: "Santuário Interior, Santo dos Santos" incluindo a tela que o separava da ante-sala. Esse termo aparece na Bíblia como a palavra hebraica Parokhet, que designava tanto o Santo dos Santos como o tecido que o separava da ante-sala. As tradições e rituais que se iniciaram na Suméria foram assim conservadas, tanto física como lingüisticamente).

Outro texto de Uruk, instruindo os sacerdotes a observar o sacrifício diário, pede que sejam sacrificados "carneiros gordos e limpos, cujos chifres e pelego estivessem inteiros" para as divindades Anu e Antu, "para os planetas Júpiter, Vênus, Mercúrio, Saturno e Marte; para o Sol que se levanta e para a Lua quando aparecer". O texto explica que "aparecer" diz respeito a cada um dos corpos celestes: significa o momento quando eles vêm descansar no instrumento que está "no meio do Bít Mahazzat" ("Casa da Visão"). Instruções posteriores sugerem que esse aposento fosse "no estágio superior da torre-templo do deus Anu".

As representações têm mostrado os seres divinos nos dois lados da entrada de um templo e segurando postes aos quais estão presos objetos que parecem anéis. A natureza celeste da cena é indicada pela inclusão dos símbolos do Sol e da Lua. Por um lado, o artista antigo pode ter pretendido ilustrar a cena descrita no texto ritual Uruk - mostrando Enlil e Enki flanqueando um portal através do qual Anu faz uma grande entrada. Os dois deuses estão segurando postes aos quais estão ligados dispositivos para ver (instrumentos circulares, com um furo no meio, o que está de acordo com o texto que falava dos discos solares no plural); os símbolos do Sol e da Lua são mostrados sobre o portão. Outras representações dos postes com anéis sem ninguém a segurá-los, ao lado das entradas dos templos, sugerem que eram os ancestrais das estruturas eretas que flanqueavam os templos em todo o Oriente Médio nos milênios seguintes, seja nas colunas do templo de Salomão, seja nos obeliscos dos egípcios. Que os originais tivessem uma função verdadeira e não apenas astronômica pode ser deduzido de uma inscrição pelo rei assírio Tiglatpileser I (1.115-1.077 a.C.), na qual ele registrou a restauração do templo de Anu e

Adad, que fora construído 641 anos antes e estava em ruínas havia sessenta anos. Descrevendo como ele limpou os destroços para chegar até a fundação e seguiu o desenho original na reconstrução, o rei assírio disse:

Duas grandes torres para discernir dois grandes deuses
Construí na Casa do Brilho um lugar para a alegria deles, um lugar para que
Se orgulhem um brilho das estrelas do céu.
Com a habilidade do arquiteto, com meu próprio planejamento e
Execução, os interiores dos templos tornei esplêndidos
E em seu meio fiz um lugar para os raios diretos dos céus, nas paredes fiz
Com que as estrelas aparecessem.
Tornei grande seu brilho, as torres que fiz para se elevarem ao céu.

De acordo com esse relato, as duas grandes torres do templo não eram apenas aspectos da arquitetura, mas serviam a um propósito astronômico. Walter Andrae, que liderou algumas das mais compensadoras escavações na Assíria, expressou a idéia de que as "coroas" serradas que encimavam as portas dos templos em Assur, a capital assíria, de fato serviam a tal propósito (Die Jüngerer Ishtar-Tempel). Ele encontrou confirmação para a conclusão de que, em ilustrações relevantes em cilindros assírios, as torres são associadas com símbolos celestes. Andrae supôs que alguns dos altares mostrados (geralmente aparece um sacerdote realizando os ritos) também serviam a um propósito celeste (astronômico). Em suas superestruturas serradas essas instalações, altas nos portais dos templos ou nos pátios abertos dos santuários, criaram substitutos para os estágios em degraus dos zigurates, quando estes deram lugar a templos de telhado achatado, mais fáceis de construir.

A inscrição assíria também serve como lembrete de que não apenas o Sol na aurora, e o nascer de estrelas e planetas, mas também a Hoste do Céu noturno era observada pelos sacerdotes-astrônomos. Um exemplo perfeito de tais observações duplas é o do planeta Vênus, que, por ter um tempo de órbita menor em torno do Sol do que da Terra, parece, a um observador situado em nosso planeta, metade do tempo uma estrela da noite e metade do tempo uma

estrela da manhã. Um hino sumério a Inana/ Ishtar, cujo equivalente celeste é o planeta que chamamos de Vênus, adorava o planeta de início como estrela da noite, depois como estrela da manhã.

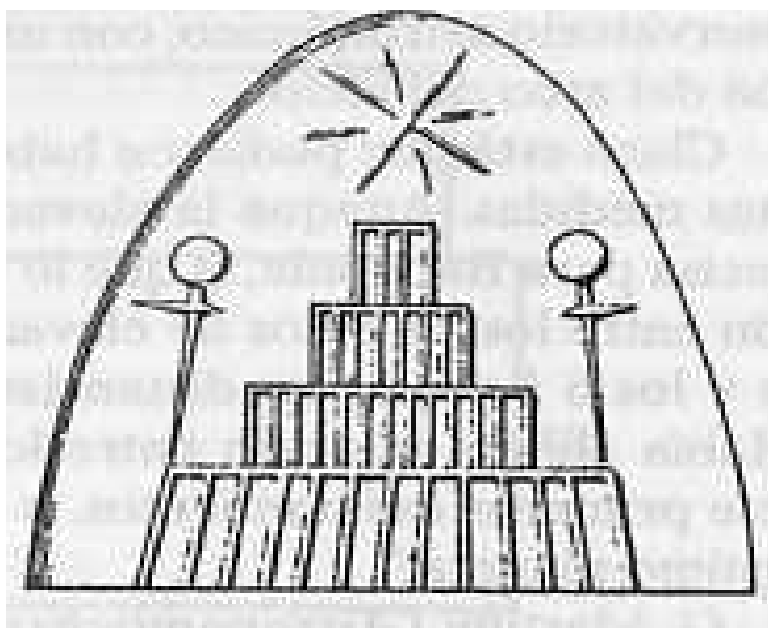
O sagrado aparece contra o céu claro;
Sobre todas as terras e todas as pessoas a deusa olha docemente do meio do
céu...

À tarde uma estrela radiante, uma grande luz que enche o céu;
A Dama da Noite, Inana, está orgulhosa no horizonte.

Descrevendo como pessoas e animais se retiram para passar a noite" em seus lugares de dormir" depois do aparecimento da estrela vespertina, o hino continua a oferecer adoração a Inana/Vênus como a estrela da manhã: "Ela faz a manhã chegar, traz a luz do dia; e nos quartos, o doce sono chega ao fim".

Enquanto tais textos lançam luz sobre o papel dos zigurates e seus estágios mais elevados na observação do céu noturno, eles também levantam uma intrigante pergunta: os sacerdotes-astrônomos observavam o céu a olho nu ou possuíam instrumentos para apontar com precisão essas observações? A resposta é fornecida por representações de zigurates em cujos estágios superiores existem postes encimados por objetos circulares; sua função celeste é indicada pela imagem de Vênus ou da Lua.

Os dispositivos em forma de chifres servem como conexão para representações egípcias de instrumentos de observação astronômica associados aos templos. Lá, os dispositivos de visão consistiam em um aro circular colocado no centro de um par de chifres no alto de um poste em frente aos templos de um deus chamado Min. O festival deste, celebrado uma vez por ano na época do solstício de verão, envolvia o erguimento de um mastro alto por grupos de homens puxando cordas - um antecessor, talvez, dos festivais que usam mastros enfeitados na Europa. No topo desse mastro está o emblema de Min - o templo com os chifres lunares de visão.



A identidade de Min é misteriosa. As evidências sugerem que ele já era adorado na época pré-dinástica, mesmo no período arcaico que precedeu o reinado dos faraós em muitos séculos. Como os primitivos deuses Neteru ("Guardiões") egípcios, ele veio para o Egito de algum outro lugar. G. A. Wainwright ("Algumas Associações Celestes de Min", no *Journal of Egyptian Archaeology*, v. XXI) e outros acreditam que veio da Ásia; outra opinião (Martin Isler, no *Journal of the American Research Center in Egypt*, v. XXVII) é que Min chegou ao Egito por mar. Min também era conhecido como Amsu ou Khem, o que, segundo E. A. Wallis Budge (*The Gods of Egyptians*), representava a Lua e significava "regeneração" - uma conotação calendárica.

Em algumas representações egípcias a Deusa da Lua, Qetesh, era mostrada em pé junto a Min. Ainda mais interessante é o símbolo de Min, que alguns chamam seu "machado duplo", mas outros consideravam um gnômon, um instrumento de operação manual para auxiliar a visão do céu, representando os crescentes da Lua.

Seria Min outra encarnação de Thot, que estava firmemente ligado ao calendário lunar no Egito? O certo é que Min possuía um relacionamento celeste com o Touro do Céu, a constelação de Touro, cuja era foi de cerca de 4.400 a 2.100 a.C. Os dispositivos de visão que temos examinado nas

representações mesopotâmicas e suas associações com Min no Egito representam alguns dos mais antigos instrumentos astronômicos na Terra.

De acordo com os textos rituais de Uruk, um instrumento chamado Itz Pashshuri era usado para observações planetárias. Thureau-Dangin traduziu o termo simplesmente como "um aparato", mas o termo literalmente significa um instrumento "que resolve, que abre segredos". Esse instrumento seria tal qual os objetos circulares que ficavam no alto de postes, ou se trataria de um termo genérico, significando "instrumento astronômico" em geral? Não podemos ter certeza porque os dois tipos de textos e representações foram descobertos, desde o tempo dos sumérios, o que atesta a existência de uma variedade de tais instrumentos.

O dispositivo astronômico mais simples era o gnômon (do grego "aquele que sabe"), um instrumento que seguia os movimentos do Sol pela sombra projetada por uma vareta ou um poste; o comprimento da sombra (vai ficando menor à medida que o sol se aproxima do meio-dia) indicava a hora do dia, enquanto a direção (onde os raios de sol apareceram primeiro e lançaram a maior sombra) podia indicar a estação. Os arqueólogos encontraram tais dispositivos em locais egípcios que eram marcados para mostrar o tempo. Como na época do solstício as sombras ficam longas demais, os dispositivos achatados eram melhorados inclinando-se a escala horizontal, reduzindo portanto o comprimento da sombra. Com o tempo, isso levou a relógios de sol estruturais, construídos como escadas que indicam o tempo à medida que a sombra avança para cima e para baixo.

Relógios de sol também se desenvolveram quando o suporte do poste recebeu uma base semicircular na qual era marcada uma escala angular. Arqueólogos descobriram tais instrumentos em locais egípcios, porém o mais antigo descoberto até agora vem da cidade cananéia de Gezer, em Israel; possui uma escala angular comum num dos lados e uma cena de adoração do deus egípcio Thot do outro. Esse relógio de sol, feito de marfim, ostenta o cartucho do faraó Merenptah, que reinou no século XIII a.C.

Relógios de sol são mencionados na Bíblia. O Livro de Jó refere-se a gnômons portáteis que eram usados para marcar o tempo; quando se diz que um trabalhador contratado "desejava merecidamente a sombra", isso indicava

que era o momento de receber seus salários do dia (Jó 7:2). Menos clara é a natureza do relógio de sol que apresentou um miraculoso incidente, narrado em Reis II, capítulo 20, e em Isaías, capítulo 38. Quando o profeta Isaías disse ao rei Ezequias que este iria se recuperar completamente em três dias, o rei não acreditou. Então o profeta fez uma previsão: ao invés de se mover para a frente, as sombras do relógio de sol do templo seriam trazidas "dez graus para trás". O texto hebreu usa o termo Ma'aloth Ahaz, as "escadas" ou "graus" do rei Ahaz. Alguns estudiosos interpretam a afirmação como referente a um relógio de sol com uma escala angular (graus), enquanto outros acreditam que se trata de uma escadaria verdadeira. Talvez fosse uma combinação dos dois, uma versão primitiva do relógio de sol ainda existente em Jaipur, na Índia.

Seja como for, os estudiosos concordam, em sua maioria, que o relógio mencionado na profecia foi um presente para o rei judeu Ahaz, por parte do rei assírio Tiglatpileser II no século VIII a.C. Apesar de seu nome grego (gnômon), cujo uso persistiu durante a Idade Média, não se tratava de uma invenção grega, ao que parecia, nem mesmo egípcia. Segundo Plínio, o Velho, o sábio que viveu no século I, a ciência da gnomônica foi descrita primeiramente por Anaximandro de Mileto, que possuía um instrumento chamado "caçador de sombras". Porém o próprio Anaximandro, em seu trabalho (escrito em grego) Sobre a Natureza (547 a.C.) escreveu que havia obtido seu gnômon nas terras da Babilônia.

Ao que nos parece, o texto em Reis II, capítulo 20, sugere um mostrador desenhado ao invés de uma escadaria e ficava no pátio do Templo (tinha de ficar em espaço aberto, onde o Sol criasse sombras). Se Andrae estava certo em relação à função astronômica do altar, era possível que o instrumento fosse colocado sobre o altar principal do Templo. Tal altar possuía quatro "chifres", um termo hebreu (Keren) que também significa "canto, esquina", além de "raio" - termos que sugerem uma origem astronômica. Evidências em desenhos apoiando tal possibilidade vão desde a representação dos zigurates, na Suméria, onde os "chifres" precederam os objetos circulares, até a época dos gregos. Em tábuas representando altares de vários séculos depois da época de Ezequias, podemos ver um anel de mira num suporte curto

colocado entre os dois altares; numa segunda ilustração vemos um altar flanqueado por instrumentos para ver o Sol e a Lua.

Ao considerar os instrumentos astronômicos da Antiguidade, estamos na verdade lidando com conhecimento e sofisticação que remontam alguns milênios atrás, até a antiga Suméria.

Uma das representações mais arcaicas da Suméria, que mostra uma procissão de assistentes de templo segurando instrumentos e ferramentas, apresenta um deles segurando um poste com um instrumento astronômico ao alto: um dispositivo que liga dois postes curtos com miras no alto. Os dois anéis iguais nessa disposição são familiares até mesmo hoje em dia, em modernos binóculos ou teodolitos, para criar e medir profundidade e distância. Ao carregar tudo, o assistente mostra que se tratava de um dispositivo portátil, um instrumento que poderia ser empregado em várias posições.

Se o processo da observação celeste progrediu de zigurates maciços e de círculos de pedras enormes para torres de observação e altares especialmente desenhados, os instrumentos com os quais os astrônomos-sacerdotes varriam os céus à noite ou seguiam o Sol durante o dia devem ter progredido na mesma direção. Que tais instrumentos se tenham tornado portáteis é uma afirmativa que faz sentido, especialmente se alguns tiverem sido usados não apenas para propósitos calendáricos (fixar as datas dos festivais), mas também para navegação. Ao final do segundo milênio a.C. os fenícios, do norte de Canaã, se tornaram os melhores navegadores do mundo antigo; percorrendo as rotas de comércio, entre os pilares de pedra em Biblos e os que existem nas Ilhas Britânicas, seu posto mais avançado a oeste foi Cartago (Keret-Hadash, "Cidade Nova"). Lá adotaram como seu símbolo divino principal o desenho de um instrumento astronômico; antes que começasse a aparecer em estelas e lápides, foi mostrado em associação com dois pilares de dois anéis que flanqueavam a entrada do templo - como antes, na Mesopotâmia. O anel flanqueado por dois crescentes, um oposto ao outro, sugere observação das fases do Sol e da Lua.

Uma "tabela votiva" encontrada nas ruínas de um acampamento fenício na Sicília representa uma cena num quintal aberto, sugerindo que os movimentos do Sol e não os da noite eram o objetivo astronômico. Um pilar

com o anel e um altar ficavam em frente à estrutura de três colunas; lá, também, existe um dispositivo para observação: um anel entre dois postes verticais curtos, colocados numa barra horizontal e montados sobre uma base triangular. Essa forma em particular para observação do Sol traz à mente o hieróglifo egípcio para "horizonte" - o sol erguendo-se entre duas montanhas. Na verdade, o dispositivo fenício (os acadêmicos se referem a ele como "objeto de culto") sugere um par de mãos levantadas e está relacionado ao hieróglifo egípcio para Ká, que representa o espírito ou alter ego do faraó para a jornada depois da morte rumo à habitação dos deuses, no "Planeta de milhões de anos". A origem do Ká poderia ter sido um início como instrumento astronômico, como sugere a antiga representação egípcia de um dispositivo de visão à frente de um templo.

Todas essas semelhanças e sua origem astronômica deveriam adicionar idéias novas à compreensão da representação egípcia da subida do Ká na direção do planeta dos deuses com as mãos estendidas para emular o dispositivo sumério; encontra-se no alto de um pilar com degraus ou estágios.

O hieróglifo egípcio que mostra esse pilar chamava-se Ded, que significava "Eternidade". Era freqüentemente mostrado aos pares, porque dois pilares daquela forma ficavam em frente ao templo principal de Osíris, em Abidos. Nos Textos das Pirâmides, nos quais são descritas as viagens dos faraós, os dois pilares Ded são mostrados flanqueando a "Porta do Céu". As portas duplas ficam fechadas até que a alma do faraó recém-chegada pronuncie a fórmula mágica: "Ó Excelso, vossa Porta do Céu: o rei veio até vós; abre a porta para ele". Então, subitamente, as "portas duplas se abriam... o espaço entre as janelas celestes se abria". Alçando vôo como um grande falcão, o Ká do faraó se junta aos deuses na eternidade.

O Livro dos Mortos dos egípcios não nos alcançou na forma de um livro coeso, presumindo-se que essa concepção como "livro" tivesse existido de verdade; ao invés disso, deve ter sido uma espécie de coletânea dos textos escritos nas paredes das sepulturas reais. Porém um livro completo chegou até nós do Egito Antigo, e mostra que uma subida para o céu a fim de conquistar imortalidade era tida como ligada ao calendário.

O livro ao qual nos referimos é o Livro de Enoch, uma antiga composição conhecida em duas versões, uma etíope, que os acadêmicos chamam de "Enoch 1", e uma versão eslava, identificada como "Enoch 2", que também é conhecida como O Livro dos Segredos de Enoch. As duas versões, das quais os manuscritos copiados foram encontrados principalmente em traduções latinas e gregas, são baseadas em fontes mais antigas que aumentam a curta referência bíblica a Enoch, o sétimo patriarca depois de Adão, que não morreu, porque, com a idade de 365, ele "andou com Deus" - foi levado na direção do céu para reunir-se com a divindade.

Aumentando esse breve episódio na Bíblia (Gênesis, capítulo 5), o livro descreve em detalhes as duas viagens de Enoch ao céu - a primeira para aprender os segredos celestes, voltar e transmitir sua sabedoria aos filhos; a segunda para ficar na habitação celeste. As várias versões indicam grande conhecimento astronômico em relação aos movimentos do Sol e da Lua, os solstícios e equinócios, os motivos para a diminuição e o aumento dos dias, a estrutura do calendário, os anos solar e lunar, além da regra para a intercalação. Em essência, os segredos atribuídos a Enoch e passados por ele a seus filhos eram o conhecimento de astronomia relativo ao calendário.

Acredita-se que autor de O Livro dos Segredos de Enoch, a assim chamada versão eslava, seja (para citar R. H. Charles, *The Apocrypha and Pseudepigrapha of the Old Testament*) "um judeu que viveu no Egito, provavelmente em Alexandria", em alguma época por volta do começo da era cristã. Assim conclui o livro:

Enoch nasceu no sexto dia do mês de Tsivan, e viveu trezentos e sessenta e cinco anos.

Ele foi levado para o céu no primeiro dia do mês Tsivan e permaneceu no céu por sessenta dias.

Escreveu todos os sinais de toda a criação que o Senhor criou, e escreveu trezentos e sessenta e seis livros, e os entregou a seus filhos.

Foi levado (outra vez) para o céu no sexto dia do mês de Tsivan, no mesmo dia e hora em que nasceu.

Matusalém e seus irmãos, todos filhos de Enoch, apressaram-se em construir um altar no lugar chamado Ahuzan, onde Enoch foi levado para o céu.

Não apenas o conteúdo do Livro de Enoch - astronomia relacionada com o calendário - mas também a própria vida e ascensão de Enoch estão repletos de aspectos calendáricos. Seus anos na Terra, trezentos e sessenta e cinco, correspondem ao número de dias inteiros num ano solar; seu nascimento e a partida da Terra estão ligadas a um mês específico, até mesmo ao dia do mês. A versão etíope é tida pelos acadêmicos como sendo vários séculos mais antiga do que a eslava, e partes da versão mais antiga foram retiradas de manuscritos ainda mais antigos, tais como a obra perdida O Livro de Noé. Fragmentos dos livros de Enoch foram descobertos entre os Manuscritos do Mar Morto. A história astronômico-calendária de Enoch assim mergulha em grande antiguidade - talvez, como a Bíblia afirma, até a tempos antediluvianos.

Agora, que é certo que a história bíblica do Dilúvio e dos Nefilim (os anunaques bíblicos), da própria criação de Adão e da própria Terra, e dos patriarcas antediluvianos são formas abreviadas dos textos originais da Suméria, é quase certo que o Enoch bíblico seja o equivalente ao primeiro sacerdote sumério, EN.ME.DUR.AN.KI ("Alto Sacerdote dos ME da Ligação Céu-Terra"), o homem da cidade Sippar levado para o céu a fim de aprender os segredos do Céu e da Terra, da adivinhação e do calendário. Foi com ele que a geração de astrônomos-sacerdotes, de Guardiões de Segredos, começou.

O fato de Min entregar aos astrônomos-sacerdotes o dispositivo de visão não foi uma ação extraordinária. Uma escultura suméria moldada em relevo mostra um grande deus segurando um dispositivo astronômico para um rei-sacerdote. Numerosas outras representações sumérias mostravam o rei recebendo uma régua de medir e uma corda graduada enrolada para o propósito de garantir a correta orientação astronômica dos templos. Tais representações só destacam a evidência textual explícita sobre a maneira como começou a linha de astrônomos-sacerdotes.

Teria o homem se tornado suficientemente arrogante para presumir que conseguiu todo esse conhecimento sozinho? Milênios atrás a questão foi abordada quando Jó recebeu ordem para admitir que nenhum homem, mas El, "o Magnífico", era o Guardião dos Segredos do Céu e da Terra:

Diz se conheces o segredo da ciência:
Quem mediu a Terra, que seja conhecido?
Quem estendeu uma corda sobre ela?
Onde foram forjadas suas plataformas?
Quem lançou sua pedra fundamental?

Você já arrumou a manhã, ou já compreendeu a Aurora de acordo com os cantos da terra?, foi perguntado a Jó. Sabe onde a luz do dia e a escuridão trocam de lugar, ou como a neve e o granizo caem do céu, ou a chuva, ou o orvalho? "Conhece as leis celestes, ou como elas regulam o que está sobre a superfície da Terra?"

O texto e as representações eram destinados a tomar claro que os humanos Guardiões de Segredos eram alunos, não professores. Os registros da Suméria não deixam dúvida de que os professores, os Guardiões de Segredos originais, eram os anunaques.

O líder do primeiro grupo de anunaques que veio à Terra, amerissando nas águas do golfo Pérsico, foi E.A – ele "cuja casa é a água". Foi o cientista-chefe dos anunaques e sua tarefa inicial era obter o ouro de que eles precisavam extraíndo-o das águas do golfo - uma tarefa que exigia conhecimentos de física, química e metalurgia. Quando se tornou necessária uma mudança para mineração e a operação se transferiu para o sudeste da África, o conhecimento de geografia, geologia, geometria - de tudo o que chamamos de Ciências da Terra - entrou em jogo; não é de espantar que seu nome-epíteto fosse mudado para EN.KI, "Senhor da Terra", pois dele era o domínio dos segredos do nosso planeta. Finalmente, sugerindo e realizando a engenharia genética que trouxe Adão à existência - um feito no qual foi auxiliado por sua meia-irmã Ninharsag, a oficial-chefe dos médicos -, ele demonstrou sua capacidade nas Ciências da Vida: biologia, genética,

evolução. Mais de cem MEs, os enigmáticos objetos que, como os discos de computador, continham a sabedoria, eram mantidos em seu centro, Eridu, na Suméria; ao sul do continente africano, uma estação científica guardava a "tábua da sabedoria" .

Toda essa sabedoria foi, a seu tempo, partilhada por Enki com seus seis filhos, cada um dos quais se tornou especialista em um ou mais desses segredos científicos.

O meio-irmão de Enki, EN.LIL - "Senhor do Comando" -, chegou em seguida à Terra. Sob essa liderança, o número de anunaques na Terra aumentou para seiscentos; além disso, trezentos IGI.GI ("Aqueles que Observam e Vêem") permaneceram na órbita terrestre, tripulando estações e operando transportes espaciais que chegavam e saíam. Estabeleceu o primeiro Centro de Missão de Controle em NI.IBRU, conhecida por nós pelo nome acadiano, Nippur, e as comunicações com o planeta natal, o DUR.AN.KI - "Ligação Céu-Terra". Cartas espaciais, dados celestes, os segredos da astronomia eram dele para saber e guardar. Ele planejou e supervisionou o estabelecimento da primeira base espacial em Sippar ("Cidade dos Pássaros"). Assuntos meteorológicos, ventos e chuvas eram as suas preocupações; assim também a certeza de transportes e suprimentos suficientes, incluindo a provisão local de estoques e as artes e ofícios da agricultura e pastoreio. Ele mantinha a disciplina entre os anunaques, presidia o conselho dos "Sete que Julgam", e permaneceu o deus supremo da lei e da ordem quando a humanidade começou a proliferar. Ele regulava as funções dos sacerdotes e, quando a realeza foi instituída, era chamado pelos sumérios de "enlileza".

Um longo e bem preservado Hino a Enlil, o Bondoso, encontrado entre as ruínas do E.DUB.BA, "Casa das Tábuas de Escrever" em Nippur, mencionou, em suas 170 linhas, muitas das conquistas científicas e organizacionais de Enlil. Em seu zigurate, o E.KUR "Casa que é como uma montanha", ele possuía um "raio que penetrava o coração de todas as terras". Ele "montou o Duranki", a "Ligação Céu-Terra". Em Nippur, erigiu "um termômetro do universo". Justiça e honestidade ele distribuía. Com os "ME do céu" que "ninguém podia contemplar" ele estabeleceu, na parte mais

oculta do Ekur, "um zênite celeste, tão misterioso como o mar distante", contendo os "emblemas das estrelas... até a perfeição"; esses permitiram o estabelecimento dos rituais e festivais. Foi sob a orientação de Enlil que "cidades foram construídas, acampamentos estabelecidos, currais foram construídos, e também cercados para ovelhas", margens de rios foram controladas para evitar enchentes, foram feitos canais artificiais, para que os campos e riachos ficassem "cheios de grão abundante", jardins começaram a produzir frutas, aprendeu-se a tecer e a tricotar.

Esses foram os aspectos da sabedoria e civilização que Enlil transmitiu a seus filhos e netos, e, por meio deles, para a humanidade.

O processo pelo qual os anunaques resolveram partilhar esses diversos aspectos da ciência e da tecnologia com a humanidade permanece um campo de estudos negligenciado. Pouco foi feito para resolver, por exemplo, uma questão tão importante sobre como os sacerdotes-astrônomos começaram a existir - um evento sem o qual, hoje em dia, não saberíamos muito sobre nosso Sistema Solar, nem seríamos capazes de nos aventurar pelo espaço. Um dos acontecimentos mais importantes, o ensinamento dos segredos celestes para Enmeduranki, pode ser lido numa tábuia conhecida que felizmente foi trazida à luz por W. G. Lambert em seu estudo *Enmeduranki and Related Material*:

Enmeduranki [foi] um príncipe em Sippar,

Amado por Anu, Enlil e Ea.

Shamash no Templo Brilhante o escolheu [como sacerdote].

Shamash e Adad [o levaram] para a reunião [dos deuses]...

Mostraram a ele como observar óleo e água, um segredo de Anu, Enlil e Ea.

Deram a ele a Tábuia Divina,

O segredo kibbu do Céu e da Terra...

Eles o ensinaram a fazer cálculos com números.

Quando as instruções de Enmeduranki na sabedoria secreta dos anunaques ficaram completas, ele foi devolvido à Suméria. Os "homens de Nippur, Sippar e da Babilônia foram chamados a sua presença". Ele os informou de

suas experiências e do estabelecimento da instituição do sacerdócio e que os deuses mandavam que fossem passados de pai para filho:

A sabedoria aprendida que guarda os segredos dos deuses irá prender seu filho favorito a um juramento perante Shamash e Adad...

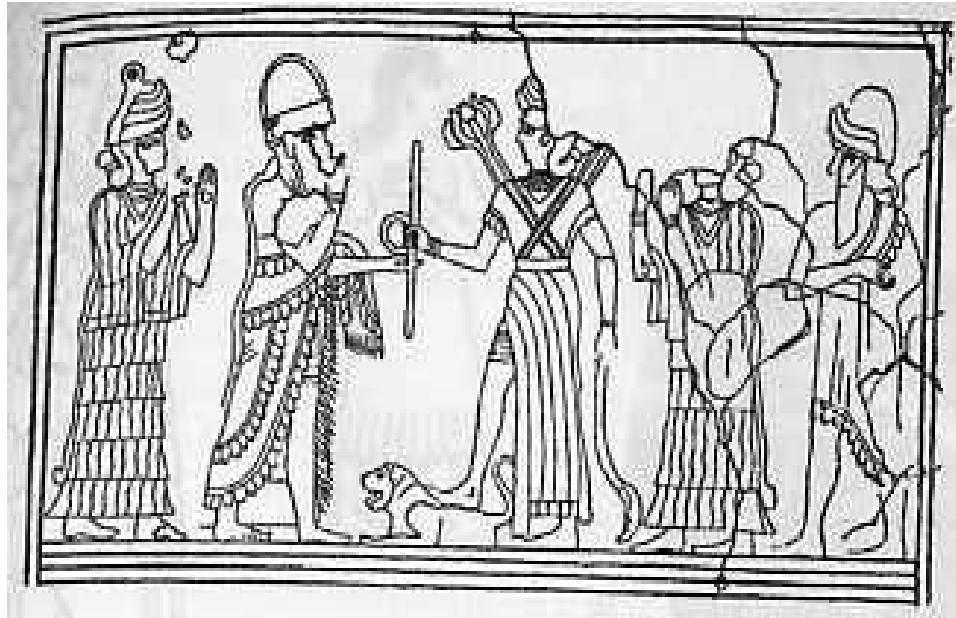
E o irá instruir nos segredos dos deuses.

A tábua possui um post-scriptum:

Assim foi criada a linhagem de sacerdotes,
Daqueles a quem é permitido aproximar-se de Shamash e Adad.

Segundo as Listas de Reis Sumérios, Enmedurana foi o sétimo rei antediluviano e reinou em Sippar durante seis órbitas de Nibiru antes que fosse sumo sacerdote e rebatizado Enmeduranki. No Livro de Enoch foi o arcanjo Uriel ("Deus é minha Luz") quem mostrou a Enoch os segredos do Sol (solstícios e equinócios, seis "portais" no total) e as "leis da Lua" (incluindo a intercalação), assim como as doze constelações de estrelas, "todos os trabalhos do céu". E ao final do aprendizado, Uriel deu a Enoch - assim como Shamash e Adad teriam dado a Enmeduranki - as "tábuas do céu", instruindo-o a estudar cuidadosamente e reparar em "qualquer fato individual". Retornando à Terra, Enoch passou sua sabedoria a seu filho mais velho, Matusalém. O Livro dos Segredos de Enoch inclui na sabedoria transmitida a ele "todos os trabalhos do céu, da terra e dos mares, e todos os elementos, suas passagens e caminhos, e o trovejar dos trovões; os segredos do Sol e da Lua; as mudanças nas estrelas; as estações, anos, dias e horas". Isso estaria de acordo com Shamash - o deus cujo equivalente celeste era o Sol e que comandava o espaçoporto, e de Adad, que era o "deus do clima" da antiguidade, deus das chuvas e tempestades. Shamash (Utu em sumério) era geralmente representado segurando a régua e a corda; Adad (Ishkur em sumério) era representado segurando um forçado de raios. A representação do selo real assírio (Tukulti-Ninurta I) mostra o rei sendo apresentado aos

dois grandes deuses, talvez com o propósito de garantir a ele a sabedoria dada a Enmeduranki.



Apelos dos reis para serem agraciados com tanta "Sabedoria" e conhecimento científico quanto aqueles que antigos sábios famosos tinham possuído, ou o fato de esses reis se gabarem por saber tanto quanto eles não eram incomuns. A correspondência real da Assíria louvava um rei como "ultrapassando em conhecimento todos os homens sábios do Mundo Inferior" porque era um descendente do "sábio Adapa". Em outra instância, um rei babilônio declarou que possuía "sabedoria que ultrapassava até o que estava contido nos escritos que Adapa deixara". Essas eram referências a Adapa, o Sábio de Eridu (o centro de Enki na Suméria), a quem Enki ensinara "compreensão ampla" dos "projetos da Terra" - os segredos das Ciências Terrestres.

Não se pode deixar de fora a possibilidade de que, como Enmeduranki e Enoch, Adapa também fosse o sétimo numa linhagem de sábios, os Sábios de Eridu, e assim outra versão da memória suméria ecoa no registro bíblico sobre Enoch. Segundo essa história, sete Homens Sábios foram treinados em Eridu, a cidade de Enki; seus epítetos e conhecimentos em particular variavam de versão para versão. Rykle Borger, examinando essa história à luz da tradição de Enoch ("Die Beschwörungsserie Bit Meshri und die Himmelfahrt Henochs", no *Journal of Near Eastern Studies*, V. 33), ficou

especialmente fascinado pela inscrição na terceira tábua da série de Encantamentos Assírios. Nele, o nome de cada sábio é dado, assim como sua principal contribuição é explicada; fala assim do sétimo: "Utu-abzu, aquele que subiu aos céus". Citando esse texto, R. Borger concluiu que esse sétimo sábio, cujo nome combinado de Utu/Shamash com o domínio de Enki, o Mundo Inferior (Abzu), era o assírio "Enoch".

Segundo as referências assírias à sabedoria de Adapa, ele compôs um livro de ciências, chamado *USAR d Anum d ENLILA* - "Escritos em relação ao Tempo; do divino Anu e do divino Enlil". Adapa, assim, recebe o crédito por ter escrito o primeiro livro de astronomia e calendário para a humanidade.

Quando Enmeduranki subiu ao céu para aprender os vários segredos, seus deuses patronos eram Utu/Shamash e Adad/Ishkur, um neto e um filho de Enlil. Sua subida, portanto, estava sob cuidados enlilitas. De Adapa ficamos sabendo que quando Enki o enviou para o céu, na habitação de Anu, os dois deuses que agiram como "padrinhos" foram Dumuzi e Gizida, dois filhos de Ea/Enki. Lá, "Adapa, do horizonte do céu ao zênite do céu observou; viu seu espanto" - palavras refletidas no Livro de Enoch. Ao final da visita, Anu negou a ele vida eterna; em vez disso, decretou para Adapa "o sacerdócio da cidade de Ea para glorificar no futuro".

As implicações dessas histórias é que existiram duas linhas de sacerdotes - uma enlilita e a outra enkiita; e duas academias científicas centrais, uma na Nippur de Enlil e a outra em Eridu, de Enki. Ambos competindo e cooperando, sem dúvida, como os próprios irmãos faziam, parecendo ter adquirido suas especialidades. Essa conclusão, apoiada por eventos e artigos recentes, reflete o fato de que encontramos os anunaques mais importantes como tendo cada um seus talentos, especialidades e tarefas específicas.

À medida que continuamos a examinar essas especialidades e tarefas, iremos descobrir que o estreito relacionamento templo-astronomia-calendário também era expresso no fato de que as várias divindades, na Suméria e no Egito, combinavam essas especialidades com seus atributos. E considerando-se que os zigurates e templos serviam como observatórios - para determinar a passagem dos tempos Terrestre e Celeste -, as divindades com o

conhecimento astronômico também foram aquelas com o conhecimento da orientação e projeto dos templos e seus planos.

"Diz, se tiveres ciência. Quem mediu a Terra, que seja conhecido? Quem estendeu uma corda sobre ela?" Assim foi perguntado a Jó, quando ele foi chamado para admitir que Deus, e não o homem, era o mais importante Guardião dos Segredos. Na cena da apresentação do rei-sacerdote para Shamash, o propósito ou essência do ocorrido é indicado por dois Divinos Seguradores de Corda. As duas cordas que eles esticam para um planeta emissor de raios formam um ângulo, sugerindo uma medida, não tanto de distância quanto de orientação. Uma representação egípcia de um motivo similar, uma cena pintada no Papiro da Rainha Nejmet, mostra como dois seguradores de cordas mediram um ângulo com base no planeta chamado o "Olho Vermelho de Hórus".

O esticar das cordas para se obter a orientação adequada de um templo era a tarefa de uma deusa chamada Shesheta, no Egito. Ela era, por um lado, a deusa do Calendário; seus epítetos eram "a grande, senhora das cartas, amante da Casa dos Livros" e seu símbolo era o estilo, feito de galho de palmeira, o que os egípcios chamavam de "contar os anos". Ela era representada com uma estrela de sete raios no interior do Arco do Céu em sua cabeça. Era a Deusa da Construção, mas apenas (conforme foi observado por sir Norman Lockyer, em *The Dawn of Astronomy*) para o propósito de determinar a orientação dos templos. Tal orientação não era errática nem matéria de adivinhação. Os egípcios dependiam de guias divinos para determinar a orientação e o eixo principal do templo; a tarefa era entregue a Shesheta. Auguste Mariette, relatando suas descobertas em Dendera, onde representações e inscrições pertencentes a Shesheta foram descobertas, disse que era ela "quem se certificava que a construção de santuários sagrados estava acontecendo exatamente de acordo com as instruções contidas nos Livros Divinos".

Determinar a orientação correta exigia uma cerimônia especial chamada Put-ser, que significa "a esticada da corda". A deusa enterrava o poste no solo, batendo nele com uma clava de ouro; o rei, guiado por ela, enterrava outro poste. Uma corda era então esticada entre os dois postes, indicando a

orientação adequada; era determinada pela posição de uma estrela específica. Um estudo por Z. Zaba, publicado pela Academia Tchecoslovaca de Ciências (Archiv Orientalni, Suplemento 2, 1953), concluiu que a cerimônia revelava conhecimento do fenômeno da precessão e da divisão zodiacal do círculo celeste. O aspecto astral da cerimônia fica aparente por meio de relevantes inscrições, como aquela encontrada nas paredes do templo de Hórus, em Edfu. Registrou as palavras do faraó:

Apanho o poste,
Agarro o martelo pelo cabo,
Estico a corda com Sesheta.
Volto meu olhar para seguir os movimentos da estrela,
Fixo meus olhos na astralidade de Msihetu.
O deus-estrela que anuncia o tempo atinge o ângulo de seu Merkhet;
Estabeleço os quatro cantos do templo do deus.

Em outra oportunidade, relacionada ao trabalho de reconstrução de um templo em Abidos pelo faraó Seti I, a inscrição cita o rei:

O martelo em minha mão era de ouro.
Atingi o poste com ele.
Estavas comigo na capacidade de Harpedonapt.
Tua mão segurou a espada durante a fixação dos quatro cantos do templo
Com precisão pelos quatro apoios do céu.

A cerimônia foi registrada por meio de ilustrações nas paredes do templo. Sesheta era, de acordo com a teologia egípcia, a companheira e assistente de Thot, o deus egípcio das ciências, da matemática e do calendário - o Escriba Divino, que mantinha os registros dos deuses e o Guardião dos Segredos de construção das pirâmides.

Como tal, era o mais importante Arquiteto Divino.

Os Arquitetos Divinos

Em alguma época entre 2.200 e 2.100 a.C. - uma época de grande importância em Stonehenge -, Ninurta, o filho preferido de Enlil, resolve realizar uma tarefa de monta: a construção de uma nova "Casa" para ele em Lagash.

O evento lança luz sobre vários assuntos de deuses e homens, graças ao fato de que o rei encarregado da tarefa, Gudea de Lagash, anotou tudo em detalhes minuciosos em dois grandes cilindros de argila. A despeito da enormidade da tarefa, ele percebeu que era uma grande honra e uma oportunidade única de ter seu nome e feitos lembrados por todos os tempos, pois nem todos os reis recebiam tanta confiança; na verdade, os registros reais (encontrados pelos arqueólogos desde então) mostram que pelo menos um rei famoso (Naram-Sin), e benquisto pelos deuses, recebeu várias recusas ao pedir a permissão de construir um novo templo (essa situação repetiu-se um milênio depois no caso do rei Davi, em Jerusalém). De forma astuta, Gudea resolveu expressar sua gratidão ao deus escrevendo frases para louvá-lo, em estátuas de si mesmo, que colocou no novo templo. Conseguiu deixar uma boa quantidade de informação escrita, o que explica o "Como" e o "Para quê" dos santuários e templos sagrados dos anunaques.

Como filho preferido de Enlil, com sua meia-irmã Ninharsag, Ninurta, o herdeiro, partilhava o número de seu pai, cinquenta (sendo o de Anu, mais alto, sessenta, e de Enki, o outro filho, quarenta), e portanto era uma escolha simples chamar o zigurate de Ninurta E.NINNU, a "Casa dos Cinquenta".

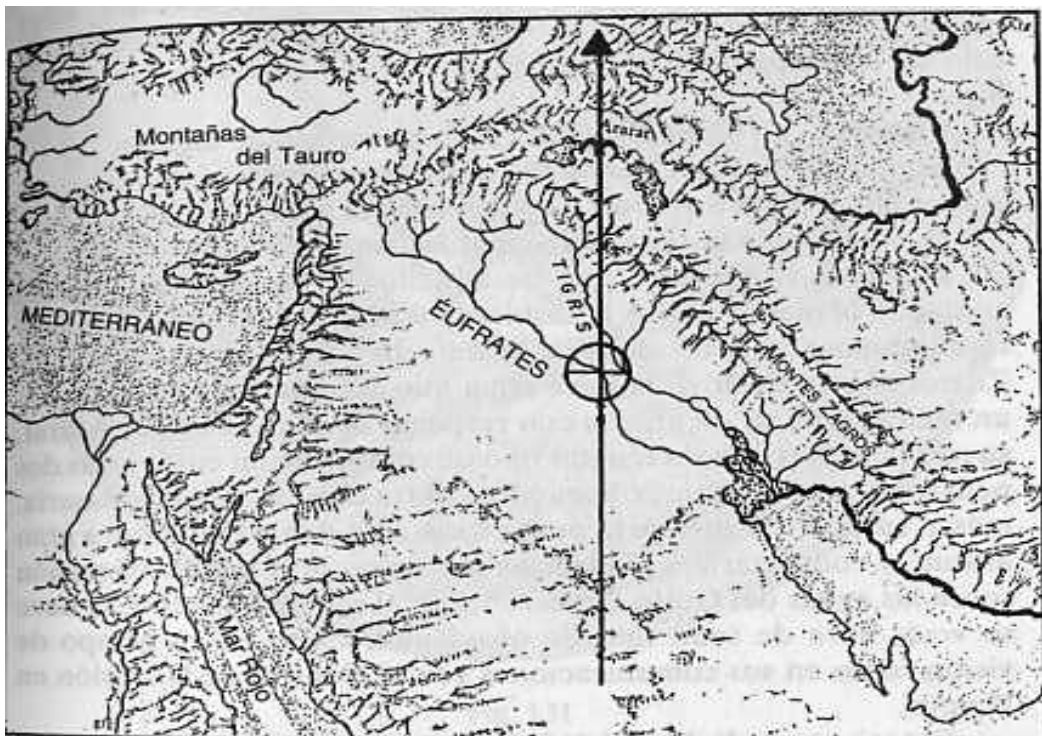
Ao longo dos milênios, Ninurta foi um ajudante fiel de seu pai realizando conscienciosamente cada tarefa que lhe era confiada. Adquiriu o epíteto "Melhor Guerreiro de Enlil" quando um deus rebelde chamado Zu apanhou as Tábuas do Destino do Centro de Controle de Missão, em Nippur, desequilibrando a ligação Céu-Terra; foi Ninurta quem perseguiu o usurpador até os confins da Terra, agarrando-o, recuperando as tábuas fundamentais e devolvendo-as a seu lugar certo. Quando irrompeu uma guerra brutal, à qual chamei, em As Guerras de Deuses e Homens, de Segunda Guerra das Pirâmides, entre os enlilitas e os enkiitas, foi outra vez

Ninurta quem levou o lado de seu pai à vitória. Tal conflito terminou com uma conferência de paz forçada por Ninharsag, que dividiu a Terra entre os dois irmãos e seus filhos; a civilização foi garantida à humanidade nas "Três Regiões" - Mesopotâmia, Egito e o vale do Indo.

A paz durou um bom tempo, mas não para sempre. Um dos que não tinham ficado satisfeitos com os arranjos fora Marduk, o primogênito de Enki. Revivendo a rivalidade entre os pais, que derivava das complexas regras de sucessão entre os anunaques, Marduk desafiou o direito de soberania na Suméria e Acádia (que chamamos de Mesopotâmia) dos descendentes de Enlil e exigiu direitos em relação a uma cidade mesopotâmica chamada Bab-Ili (Babilônia) - literalmente, "Portão dos Deuses". Como resultado dos conflitos resultantes, Marduk foi sentenciado a ser enterrado vivo no interior da Grande Pirâmide, em Gizé; perdoado antes que fosse tarde demais, foi forçado ao exílio; mais uma vez Ninurta foi chamado para ajudar a resolver os conflitos.

Ninurta, entretanto, não era apenas um guerreiro. Depois do Dilúvio, foi ele quem represou as passagens nas montanhas, para evitar que a planície entre o Tigre e o Eufrates fosse ainda mais inundada com as águas do degelo, depois orientou trabalhos de drenagem para tornar a planície habitável outra vez. Mais tarde supervisionou a chegada da agricultura à região e viu-se apelidado pelos sumérios de Urash - Aquele da Colheita. Quando os deuses decidiram dar o reino aos homens, foi Ninurta quem recebeu a incumbência de organizar a primeira Cidade dos Homens, Kish. E quando, depois da rebelião de Marduk, as terras se aquietaram, por volta de 2.250 a.C., foi outra vez Ninurta quem restabeleceu a ordem e a realeza em sua cidade-culto, Lagash. Sua recompensa foi a permissão de Enlil para construir um templo novo em Lagash. Não que estivesse "sem casa", pois possuía um templo em Kish e um templo no interior do terreno sagrado, em Nippur, próximo ao zigurate de seu pai. Tinha também seu templo no Girsu, o santuário de seu "centro de culto", na cidade de Lagash. Equipes francesas de arqueólogos que estiveram escavando nesse local agora chamado Telo, conduziram vinte "campanhas" entre 1877 e 1933, e descobriram várias partes de um zigurate quadrado e de um templo retangular, cujos cantos estavam precisamente orientados para os

pontos cardeais. Eles estimaram que as fundações do templo mais antigo foram estabelecidas nos tempos dinásticos, antes de 2.700 a.C., sobre o pequeno monte marcado com um "K" no mapa de escavação. Inscrições feitas pelos primeiros governantes de Lagash já falavam em reformas e melhoramentos no Girsu, assim como na apresentação de artefatos votivos, tais como o vaso de prata de Entemena, por um período de seis ou sete séculos antes da era de Gudea. Algumas inscrições podem significar que as fundações para o primeiro Eninnu foram dadas por Mesilim, um rei de Kish que reinou por volta de 2.850 a.C.



Kish, conforme dissemos, era a cidade onde Ninurta estabelecera para os sumérios o conceito de realeza. Por um longo tempo, os governantes de Lagash eram considerados apenas vice-reis, que precisavam merecer o título de "rei de Kish" para serem soberanos. Talvez tenha sido esse estigma de "segunda classe" que fez Ninurta procurar um templo autêntico para sua cidade; ele também precisava de um que pudesse abrigar as incríveis armas que recebera de Anu e Enlil, incluindo uma aeronave, apelidada de "Pássaro

da Tempestade Divina", pois possuía uma envergadura de 23 metros, necessitando, por isso, de um "hangar" especialmente construído.

Quando Ninurta derrotou os enkiitas, entrou na Grande Pirâmide e pela primeira vez divisou sua arquitetura interna, intrincada e impressionante, rivalizando com a grandeza da externa. A informação fornecida pelas inscrições de Gudea sugerem que Ninurta nutria um desejo de possuir um zigurate de igual grandeza e complexidade desde sua viagem ao Egito. Agora que a Suméria estava pacificada e ele conseguira para Lagash uma posição de capital real, pediu permissão mais uma vez a Enlil para construir um novo E.NINNU, uma nova "Casa dos Cinquenta", no terreno sagrado em Lagash. Dessa vez, seu desejo seria atendido.

O fato de seu desejo ter sido atendido não deve ser subestimado como algo banal. Lemos, por exemplo, nos "mitos" cananeus em relação ao deus Baal ("Senhor") que por seu papel em derrotar os inimigos de El ("O Magnífico", a divindade suprema) ele pedira a permissão deste para construir uma Casa na encosta do monte Zaphon, no Líbano. Baal pedira antes, outras vezes, recebendo em todas elas uma recusa, e queixava-se repetidamente a "Bull El, seu pai":

Baal não tem casa, como os deuses, nenhum lugar como os filhos de Asherah; a habitação de El é o abrigo de seu filho.

Dessa vez ele pedira a Asherah, a esposa de El, para interceder por ele; e Asherah finalmente convenceu El a conceder a permissão. Além dos argumentos anteriores, havia mais um: Baal podia "observar as estações" em sua nova casa, disse ela - fazer observações para um calendário.

Mas, apesar de ser um deus, Baal não podia simplesmente construir sua habitação-templo. Os planos precisavam ser desenhados e a construção seria supervisionada pelo Kothar-Hasis, o arquiteto "Habilidoso e Sábio" dos deuses. Não apenas os modernos acadêmicos, mas também Filo de Biblos, no século I da nossa era, (citando historiadores fenícios anteriores), comparam Kothar-Hasis ao artesão dos deuses gregos, Hefaístos (que construiu o templo-habitação de Zeus) ou com Thot, o deus egípcio da sabedoria, artesanato e

magia. Os textos cananeus de fato afirmam que Baal mandou emissários ao Egito para buscar Kothar-Hasis, mas o encontraram em Creta, mais tarde. Assim que Kothar-Hasis chegou, entretanto, Baal e ele se viram envolvidos em discussões acaloradas, no tocante à arquitetura do templo. Ele queria uma Casa com apenas duas partes, não as três habituais - um Hekhal e um Bantim (um estágio elevado). A maior discórdia era sobre uma janela em forma de funil, ou clarabóia, que Kothar-Hasis afirmava precisar estar posicionada "na habitação", enquanto Baal veementemente afirmava que devia ficar em outro lugar qualquer. A discussão merece o espaço de muitos versos no texto para mostrar a agressividade e a importância; envolvia gritos e perdigotos...

Os motivos para a discussão em relação à luz do Sol e sua localização permanecem obscuros; nosso palpite é que poderiam estar ligados à orientação do templo. A afirmação, por Asherah, de que o templo permitiria monitorar as estações sugere uma orientação adequada para realizar tais observações astronômicas. Baal, por outro lado, como o texto cananeu revela mais tarde, estava planejando instalar no templo um dispositivo secreto de comunicação que permitiria que ele tivesse poder sobre outros deuses. Com esse propósito, Baal "esticou a corda, forte e flexível", do pico do Zaphon ("Norte") para Kadesh ("O Lugar Sagrado") no sul, até o deserto do Sinai.

A orientação, ao final, permaneceu da forma que o arquiteto divino, Kothar-Hasis, desejava. "Preste atenção às minhas palavras", disse ele a Baal, e "quanto a Baal, sua casa foi então construída". Se pudermos presumir que os templos posteriores colocados sobre a plataforma de Baalbek foram construídos sobre o plano antigo, descobriremos que a orientação que Kothar-Hasis defendeu tanto resultou num templo com eixo leste-oeste.

À medida que se desenrola a história suméria do novo templo Eninnu, veremos que também envolve observações celestes para determinar sua orientação, e precisou dos serviços de um arquiteto divino.

À semelhança do que fez o rei Salomão, treze séculos mais tarde, Gudea em suas inscrições detalhou o número de trabalhadores (216.000) envolvidos no projeto, o número de cedros que ele trouxe do Líbano, os outros tipos de madeira usados para grandes vigas, as "grandes pedras das montanhas,

divididas em blocos"- betume dos poços e do "lago de betume", cobre das "montanhas de cobre", prata "de suas montanhas" e ouro "de suas montanhas", todos os artefatos de bronze e as decorações e os acabamentos, as estelas e as estátuas. Tudo foi descrito em detalhe, tudo tão magnífico e maravilhoso que, quando terminaram, "os anunaques ficaram todos tomados de admiração".

As seções de maior interesse nos escritos de Gudea são aquelas que tratam dos eventos que precederam a construção do templo, a determinação de sua orientação, seu equipamento e simbolismo; seguimos primariamente as informações das inscrições conhecidas como Cilindro A.

A corrente de eventos, registra Gudea, começou num dia determinado, um dia de grande significado. Referindo-se a Ninurta em seus registros pelo título formal NIN.GIRSU - "Senhor do Girsu" -, eis aqui como se inicia o texto:

No dia em que o Destino Céu-Terra é decretado,
Quando Lagash levantou sua cabeça na direção do céu, de acordo com o
grande ME,
Enlil lança um olho favorável sobre o senhor Ningirsu.

Registrando a queixa de Ninurta sobre a demora na construção de um novo templo, "que é vital para a cidade de acordo com os ME", declara que, no dia propício, Enlil finalmente concedeu a permissão, e também decretou qual deveria ser o nome do templo: "Seu rei deve chamar o templo de E.NINNU". O edito, escreve Gudea, "produziu um brilho no céu e na Terra".

Tendo recebido a permissão de Enlil e obtido o nome para o novo zigurate, Ninurta estava agora livre para prosseguir com a construção. Sem perder tempo, Gudea se apressa a suplicar a seu deus que lhe permita encarregar-se dessa tarefa. Oferecendo sacrifícios de bois e crianças, "ele buscava a vontade divina... de dia e no meio da noite Gudea erguia os olhos para seu senhor Ningirsu; pela ordem de iniciar o templo ele procurava". Persistindo, Gudea continuou rezando. "Ele suspirava e dizia: 'assim vou falar; assim vou falar; essa palavra eu desejo dar: sou o pastor, escolhido para a realeza'."

Finalmente, o milagre aconteceu: "À meia-noite, alguma coisa veio até mim; o significado eu não entendi". Gudea então tomou seu barco, vedado com asfalto, navegou através de um canal e foi até uma cidade próxima para procurar a explicação da deusa de oráculos Nanshe, em sua "Casa que Resolve o Destino". Oferecendo orações e sacrifícios para que ela resolvesse o enigma de sua visão, ele lhe contou sobre a aparência do deus cujo comando estava a ponto de aceitar:

No sonho [vi]

Um homem brilhante, brilhante como o Céu, grande no Céu, grande na Terra, que pelo seu capacete era um deus.

Ao seu lado estava o Divino Pássaro da Tempestade; como uma tempestade devoradora sob seus pés dois leões se abaixavam, à direita e à esquerda. Ele me mandou construir seu templo.

Uma profecia celeste então ocorreu, e Gudea contou o significado dela à deusa do oráculo, pois não entendera: o Sol sobre Kishar, Júpiter, surgiu subitamente no horizonte. Uma mulher então apareceu para dar a Gudea outras instruções celestes:

Uma mulher... quem era ela?

Quem não era ela?

A imagem de um templo-estrutura, um zigurate, ela carregava na cabeça na mão segurava um estilo sagrado, a tábua da estrela favorável do céu ela ostentava, aconselhando-se com ela.

Apareceu então um terceiro ser divino que possuía a aparência de um "herói":

Uma tábua de lápis-lazúli ele tinha na mão; o plano de um templo ele desenhou ali.

E então, perante seus olhos, se materializaram os sinais para a construção: "uma cesta santa para transporte de material" e um "molde sagrado de tijolos", onde estava colocado o "tijolo destinado" .

Tendo ouvido os detalhes da visão que parecia um sonho, a deusa do oráculo continuou a dizer a Gudea o que significava. O primeiro deus parecia ser Ningirsu (Ninurta); "ele mandou que construísse o templo, Eninnu". A relação com a aurora, explicou ela, sinalizava o deus Ningishzida, indicando para ele o ponto do Sol no horizonte. A deusa era Nisaba; "para construir a Casa de acordo com o Planeta Sagrado ela te instruiu". E o terceiro deus, explicou Nanshe, "Nindub é seu nome; ele entregou o plano da Casa para ti". Nanshe então acrescentou algumas ordens por ela mesma, lembrando a Gudea que o novo Eninu precisava ter espaços apropriados para as armas de Ninurta, para sua grande aeronave e até mesmo para sua lira favorita. Dadas essas explicações e instruções, Gudea voltou para Lagash e trancou-se no velho templo, tentando descobrir o que todas aquelas instruções significavam. "Por dois dias no santuário do templo ele se trancou, durante a noite ele se trancou; o plano da Casa ele contemplou, repetia a visão para si mesmo."

O mais impressionante para ele, para começar, era a orientação do templo. Subindo a uma parte mais elevada do velho templo chamada Shugalam, o "lugar da abertura, o lugar da determinação, do qual Ningirsu pode ver a repetição sobre suas terras", Gudea removeu uma parte do que obstruía a visão (reboco? lama?), tentando adivinhar os segredos da construção do templo; mas ainda estava confuso e perplexo. "Ó, meu senhor Ningirsu", gritou ele para seu deus, "Ó, filho de Enlil: meu coração permanece sem saber; o significado está longe de mim como no meio do oceano, como o meio do céu está distante... Ó, filho de Enlil, senhor Ningirsu - eu, eu não sei."

Ele pediu uma segunda profecia; enquanto dormia, Ningirsu/Ninurta apareceu a ele: "Enquanto eu dormia, ele ficou em pé, perto da minha cabeça", escreve Gudea. O deus tornou claras as instruções, assegurando a Gudea a constante ajuda divina.

Minhas ordens vão ensinar a ti o sinal pelo divino planeta celestial; de acordo com os ritos sagrados.

Minha Casa, o Eninnu, irá unir a Terra com o Céu.

O deus, então, lista para Gudea todos os atributos internos do novo templo, expandindo ao mesmo tempo seus grandes poderes, suas armas espantosas, seus feitos memoráveis (tais como represar as águas) e o status que recebera de Anu, "os cinquenta nomes de comando, com sua ordem certa". A construção deveria começar no "dia da lua nova", quando o deus iria lhe dar uma previsão adequada - um sinal: na noite do Ano Novo, a mão do rei aparecerá, segurando uma chama "que irá tornar a noite tão clara como o dia".

Ninurta/Ningirsu também assegura a Gudea que ele irá receber desde o começo a ajuda divina para o planejamento do novo Eninnu: o deus cujo epíteto era "A Serpente Brilhante" veio para ajudar a construir Eninnu e seu espaço sagrado - "construí-lo para ser como a Casa da Serpente, para ser como um forte elo será construído". Ninurta então promete a Gudea que a construção do templo irá trazer abundância para a Terra: "Quando meu templo-terraço estiver pronto", as chuvas virão na época certa, os canais de irrigação se encherão de água, e até o deserto "onde a água não flui" deve florescer; existirá colheita abundante e bastante óleo para cozinhar, e "lã em abundância será pesada".

Agora "Gudea entendera o plano favorável, um plano que era a mensagem clara de sua visão-sonho; tendo escutado as palavras do senhor Ningirsu, ele baixou a cabeça... Agora tinha sabedoria e compreendia grandes coisas".

Sem perder tempo, Gudea continuou "purificando a cidade" e organizando o povo de Lagash, velhos e moços, para formar brigadas de trabalho e listá-los para ajudar na monumental tarefa. Em versos que lançam uma luz sobre a vida e os costumes das pessoas da época, percebemos o lado humano da história, como eram a vida, os problemas sociais e o jeito das pessoas há mais de quatro milênios, vemos isso como uma forma de se consagrarem para um empreendimento único: "o chicote do capataz foi proibido, a mãe não passava reprimendas nos filhos... a empregada que fez um grande mal não

apanhou de sua patroa no rosto". Porém, não se pediu às pessoas apenas que se tornassem angélicas; para financiar o projeto, Gudea "baixou impostos sobre a terra; como submissão para o senhor Ningirsu, os impostos foram aumentados"...

Podemos parar um instante para examinar outra construção de residência divina, a que foi construída no deserto para Iavé. O assunto foi registrado com precisão no Livro do Êxodo, começando no capítulo 25.

"Fala aos Filhos de Israel", disse Iavé a Moisés, "que eles podem trazer para mim uma contribuição: de cada homem cujo coração deva impeli-lo a isto, deve ser tomada uma parte para mim. E eles devem fazer um santuário sagrado para que eu habite no meio deles, o qual será conforme exatíssima planta, que eu te hei de mostrar do tabernáculo, como também será o modelo dos vasos que nele hão de servir. Eis aqui como farás esse santuário." Segue-se a mais detalhada lista de instruções arquitetônica - detalhes que tornaram possível a reconstrução do Tabernáculo e de seus componentes por estudiosos.

Para ajudar Moisés a realizar esses planos detalhados, Iavé resolveu providenciar para aquele dois assistentes que dotaria de "espíritos divinos" - "sabedoria, compreensão e conhecimento de todas as formas de artesanato". Dois homens foram escolhidos por Iavé a fim de receberem essa instrução, Beseleel e Ooliab, "para realizarem todo o trabalho da forma que Iavé ordenou". Essas instruções começavam com o plano do Templo e tornavam claro que a área era retangular, com os lados mais longos (cem cúbitos) alinhados com o sul e o norte, enquanto os lados mais curtos (cinquenta cúbitos) eram voltados para leste e oeste, criando um eixo leste-oeste de orientação.

Voltemos para a Suméria, sete séculos antes do Êxodo, quando Gudea, agora "muito sábio" e "compreendendo muitas coisas", começou a executar suas instruções em grande estilo. Por canal e por rio enviou barcos, "navios sagrados nos quais foi elevado o símbolo de Nanshe", para convocar a ajuda de seus seguidores; enviou caravanas de gado e jumentos para as terras de mana, com seu emblema do disco com a estrela como estandarte; alistou os homens de Utu, "o deus a quem ele ama". Como resultado, "elamitas vieram

de Elam, susianos de Susa; Magan Egito) e Melukhah (Núbia) enviaram grandes tributos de suas montanha". Cedros foram trazidos do Líbano, bronze foi recolhido e carregamentos de pedras chegaram nos navios. Cobre, ouro, prata e mármore foram assim obtidos.

Quando tudo ficou pronto, chegou o momento de fabricar os tijolos de argila. A tarefa não era pequena, não só porque seriam necessários dez mil tijolos. Os tijolos - uma das inovações introduzidas pelos sumérios, o que, numa terra sem grandes pedras, os tornou capazes de construir prédios elevados - não eram do tamanho que conhecemos hoje em dia: geralmente eram quadrados, com um lado de trinta centímetros ou mais. Não eram idênticos em todos os lugares; algumas vezes eram apenas cozidos pelo sol, outras cozidos em fornos, para aumentar a durabilidade; nem sempre eram planos, mas algumas vezes côncavos ou convexos, conforme a função a ser desempenhada, para suportar o cansaço da estrutura. Fica claro pelo texto de Gudea, como também de outros reis, que quando se tratava de templos, principalmente zigurates, era o deus encarregado quem determinava o tamanho e formato dos tijolos; era um passo tão importante na construção, e constituía uma honra tão grande para o soberano moldar o primeiro tijolo que os reis imprimiam nos tijolos ainda úmidos um carimbo com conteúdo votivo. Esse costume, felizmente, tornou possível para os arqueólogos a identificação dos reis envolvidos na construção, reconstrução ou reforma dos templos.

Gudea devotou várias linhas em suas inscrições ao assunto dos tijolos. Era uma cerimônia que contava com a presença de diversos deuses, realizada no terreno do templo antigo. Gudea preparou-se passando a noite no santuário, depois banhando-se e colocando roupas especiais pela manhã. Por todo o país era um dia solene. Ele ofereceu sacrifícios, depois foi até o Santo dos Santos; lá estava o molde que o deus lhe havia mostrado no sonho-visão e uma "cesta santa" para carregá-lo. Gudea colocou a cesta na cabeça. Um deus chamado Galalim liderava a procissão. O deus Ningishzida segurava o molde nas mãos. Ele deixou que Gudea colocasse no molde água da bacia de cobre do templo, como um bom presságio. A um sinal de Ninurta, Gudea derramou argila no molde enquanto recitava encantamentos. Com reverência, continua

a inscrição, executou os ritos sagrados. Toda a cidade de Lagash "segurava a respiração", aguardando o resultado: o tijolo sairia bem, ou seria defeituoso?

Depois que o sol brilhou por sobre o molde
Gudea o quebrou, separou o tijolo.
A face inferior da argila moldada ele olhou;
Com um olhar fiel a examinou.

O tijolo estava perfeito!

Ele levou o tijolo para o templo,
O tijolo retirado do molde.
Como um diadema brilhante ele o ergueu para o céu;
Levou-o para o povo e o levantou.
Colocou o tijolo no templo;
Estava sólido e firme.
E o coração do rei tornou-se tão brilhante quanto o dia.

Representações antigas, mesmo arcaicas, mostravam a cerimônia do tijolo; uma delas mostra uma divindade sentada segurando o molde sagrado, do qual são retirados tijolos para construir um zigurate.

Chegara o momento de começar a construir o templo; o primeiro passo era marcar sua orientação e implantar a pedra fundamental. Gudea escreveu que outro local fora escolhido para o novo Eninnu, e os arqueólogos realmente encontraram as ruínas numa colina a cerca de 150 metros da anterior, no pequeno monte marcado com "A" no mapa de escavações.

Sabemos por esses restos que o zigurate foi construído de forma que seus cantos fossem orientados para os pontos cardeais; a orientação precisa era obtida primeiro determinando o leste verdadeiro, depois construindo as paredes em ângulos retos. Essa cerimônia também era feita num dia auspicioso pelo qual "o ano inteiro" passaria. O dia foi anunciado pela deusa Nanshe. "Nanshe, uma filha de Eridu (a cidade de Enki), comandava a

realização da profecia determinada." Acreditamos que tenha sido o Dia do Equinócio.

Ao meio-dia, "quando o sol estava alto", o "Senhor dos Observadores, um Arquiteto, parava no templo, a direção cuidadosamente planejada". Enquanto os anunaques observavam o procedimento de determinar a orientação "com muita admiração", ele "instalou a pedra fundamental e marcou na terra a direção da parede". Lemos depois na inscrição que esse Senhor dos Observadores, o Arquiteto, era Ningishzida; sabemos a partir de várias representações que era uma divindade (reconhecida por seu chapéu com chifres) que implantava a pedra fundamental cônica em tais ocasiões.

Além das representações da cerimônia, mostrando um deus com o capacete provido de chifres a implantar a "pedra" cônica, tais representações feitas de bronze sugerem que a "pedra" na verdade era desse material; o uso do termo "pedra" não era incomum, já que todos os metais que resultavam de mineração recebiam o nome depois do prefixo NA, que significa "pedra" ou "o que é minerado". A esse respeito é digno de nota que na Bíblia a instalação da pedra fundamental também é considerada um ato divino ou inspirado pelo divino, significando a "bênção do Senhor para a nova casa". Na profecia de Zacarias sobre a reconstrução do Templo em Jerusalém, ele relata como Iavé lhe mostrou numa visão "um homem segurando na mão uma corda de medir", e como lhe foi dito que esse emissário divino viria para medir os quatro lados de uma Jerusalém maior e reconstruída, com sua nova Casa do Senhor, cujas pedras deveriam se erguer sete vezes depois que o Senhor colocasse para ele a pedra fundamental. "E quando eles enxergarem a pedra de bronze nas mãos de Zorobabel" (aquele escolhido por Iavé para reconstruir o Templo) todas as nações irão saber que é a vontade de Deus. Nessa ocasião também os homens escolhidos para reconstruir o templo serão escolhidos por Iavé.

Em Lagash, uma vez que a pedra fundamental foi instalada pelo deus Ningishzida, Gudea foi capaz de estabelecer os alicerces do templo "como Nisaba, conhecendo o significado dos números" .

O zigurate construído por Gudea, concluíram os acadêmicos, era de sete estágios. Por isso foram pronunciadas sete bênçãos. Assim que a pedra

fundamental foi colocada e a orientação do templo estabelecida, Gudea começou a colocar os tijolos sobre as marcas do chão:

Que os tijolos possam descansar em paz!
Que a casa por esse plano se eleve!
Que o divino Pássaro Negro da Tempestade
Seja como uma jovem águia!
Possa ser inspiradora como um jovem leão!
Possa a Casa ter o brilho do Céu!
Possa a alegria abundar nos sacrifícios prescritos!
Possa Eninnu ser uma luz no mundo!

Então Gudea começou a construir a "Casa, um local para o senhor Ningirsu... um templo que é verdadeiramente uma montanha Céu-Terra, a cabeça voltada para o céu... Com alegria Gudea erigiu o Eninnu com os tijolos firmes da Suméria; o grande templo ele construiu".

Sem pedras para serem extraídas na Mesopotâmia, a "terra entre os rios" que fora coberta por uma avalanche de lama durante o Dilúvio, os únicos materiais para construção eram a lama ou tijolos de argila, e todos os templos e zigurates foram construídos assim. A afirmação, por Gudea, de que Eninnu foi erigida com "os tijolos firmes da Suméria" era simplesmente a afirmação de um fato. O que parece intrigante é a lista detalhada de Gudea para os outros materiais usados na construção. Nos referimos aqui não apenas aos vários tipos de madeiras, usados ordinariamente na construção de templos, mas à variedade de metais e pedras empregados no projeto - materiais que precisavam ser importados de longe.

Lemos na inscrição que o rei, o "Pastor Justo", "construiu o templo brilhante com metal", trazendo cobre, ouro e prata de terras distantes. "Ele construiu o Eninnu com pedra, ele o fez brilhante com jóias; com cobre misturado com estanho ele o firmou." Sem dúvida, essa é uma referência ao bronze, que, além de servir para fabricar vários artefatos, provavelmente era usado para unir blocos de pedra e metais. A fundição do bronze, um processo complexo envolvendo a mistura de cobre e estanho em presença de grande calor e em

proporções específicas, era uma arte; de fato as inscrições de Gudea tornam claro que, para esse propósito, um Sangu Simug, um "sacerdote metalúrgico", que trabalhava para o deus Nintud, foi trazido da "terra da fundição". Esse artesão, acrescenta a inscrição, "trabalhou na fachada do templo; com duas palmas [aproximadamente 8 cm] de pedra brilhante ele cobriu os tijolos; com diorita e uma palma de pedra brilhante ele"... (nesse ponto a inscrição está danificada demais para ser legível).

Tanto a quantidade de pedras usada no Eninnu como a afirmação de que os tijolos foram cobertos com pedras brilhantes de uma determinada espessura - uma afirmação que até agora não chamou a atenção dos estudiosos - são coisas simplesmente sensacionais. Não conhecemos outro exemplo de construção de um templo sumério que mencione o capeamento ou cobertura dos tijolos com pedras. Tais inscrições sempre falam de tijolos sua feitura, a erosão, a substituição - mas nunca de pedras cobrindo a fachada de tijolos.

Incrivelmente - mas, como veremos, não de forma inexplicável - a fachada do novo Eninnu com pedras polidas, única na Suméria, emulou o método egípcio de cobrir pirâmides de degraus com pedras polidas, produzindo lados lisos!

As pirâmides egípcias que foram construídas pelos faraós começaram com uma, construída pelo rei Zoser em Sakkara (sul de Mênfis), por volta de 2.650 a.C. Erguendo-se em seis estágios de um terreno retangular, originalmente era recoberta com pedras de calcário polido, das quais permanecem apenas traços: as pedras que compunham o acabamento foram retiradas por governantes posteriores, para usar em seus próprios monumentos.

As pirâmides egípcias, como mostramos e provamos em A Escada para o Céu, começaram com aquelas construídas pelos próprios anunaques - a Grande Pirâmide e suas duas companheiras, em Gizé. Foram eles que criaram a cobertura com pedras brilhantes para os degraus, conferindo-lhes uma aparência uniforme na parte externa. O fato de o novo Eninnu em Lagash, erguido por Ninurta aproximadamente na mesma época em que

Stonehenge se tornou verdadeiramente de pedra, simular a superfície de uma pirâmide egípcia é uma pista para a solução do enigma de Stonehenge.

Tal elo inesperado com o Egito Antigo, como mostramos, era apenas um entre muitos. O próprio Gudea mencionou essas conexões quando afirmou que a forma do Eninnu e seu acabamento de pedras brilhantes foram baseados em informações trazidas por Nisaba, "que aprendeu a planta do templo com Enki", na "Casa de Aprender". Tal local certamente seria um dos centros de Enki; o Egito, conforme recordamos, foi o domínio de Enki e de seus descendentes quando a Terra foi dividida.

O projeto Eninnu envolveu a participação de um bom número de deuses. Nisaba, que aparecera a Gudea na primeira visão com o mapa estelar, não foi a única deusa entre eles. Vamos examinar a lista completa, depois ressaltar os papéis das mulheres.

Primeiro foi Enlil que começou o processo, garantindo a permissão para Ninurta construir o novo templo. Depois Ninurta apareceu para Gudea, informando-o da decisão divina e da escolha dele (Gudea) para ser o construtor. Em sua visão, Ningishzida indicou a ele o ponto celeste onde o Sol se erguia, Nisaba apontou com o estilo a estrela favorável e Nindub desenhou o plano numa pedra. Para compreender tudo isso, ele consultou Nanshe, a deusa do oráculo. Inana/Ishtar e Utu/Shamash colocaram seus seguidores para obter os materiais raros para a construção. Ningishzida, com a participação de um deus chamado Galalim, envolveu-se em moldar os tijolos. Nanshe escolheu o dia propício para iniciar a construção. Ningishzida então determinou a orientação e estabeleceu a pedra fundamental. Antes que o Eninnu fosse declarado pronto, Utu/Shamash examinou seu alinhamento com o Sol. Os santuários individuais construídos ao longo do zigurate honravam Anu, Enlil e Enki. E a purificação final com os ritos de consagração, antes que Ninurta/Ningirsu e sua esposa Bau se mudassem, foi realizada por Ninmada, Enki, Nindub e Nanshe.

A astronomia desempenhou claramente um papel importante no projeto de Eninnu; duas das divindades envolvidas, Nanshe e Nisaba, eram deusas-astrônomas. Aplicavam seus conhecimentos especializados de astronomia, matemática e medidas não apenas à construção do templo (como no caso de

Gudea), mas também a propósitos gerais, assim como rituais individuais. Uma foi treinada na academia de Eridu, a outra em Nippur.

Nanshe, que identificou para Gudea o papel celeste de cada uma das divindades que apareceram a ele em sua visão e determinou o dia preciso (o equinócio) para orientar o templo, é chamada nas inscrições de Gudea "uma filha de Eridu" (a cidade de Enki na Suméria). Realmente, nas listas dos Grandes Deuses da Mesopotâmia, ela era chamada NIN.A - "Dama da Água" - e apresentada como filha de Ea/Enki. O planejamento de aqueduto e a localização das fontes eram sua especialidade; seu equivalente celeste era a constelação de Escorpião - mul GIR. TAB em sumério. O conhecimento que ela trouxe para a construção do Eninnu em Lagash foi aquele das academias de Enki.

Um hino a Nanshe em seu papel como determinadora do Ano Novo a descreve sentada no julgamento da Espécie Humana naquele dia, acompanhada por Nisaba no papel de Contadora Divina que determina e mede os pecados daqueles que são julgados, tais como o pecado daquele que "substitui um peso pequeno por um grande, uma medida pequena por uma grande". Porém, enquanto as duas deusas freqüentemente eram mencionadas juntas, Nisaba (alguns estudiosos lêem seu nome como Nidaba) era claramente mencionada entre os enlilitas e algumas vezes identificada como irmã de Ninurta/Ningirsu. Embora mais tarde ela fosse venerada como a deusa que abençoa a colheita talvez por causa de sua associação com o calendário e o tempo -, era descrita na literatura suméria como aquela que "abre os ouvidos dos homens", isto é, lhes ensina a sabedoria. Num dos vários ensaios compilados por Samuel N. Kramer (The Sumerians) de fragmentos dispersos, o Ummia ("Conhecedor de palavras") destaca Nisaba como a deusa protetora do E.DUB.BA ("Casa das Tábuas Escritas"), a principal academia para escribas. Kramer a chamou de "Deusa Suméria da Sabedoria".

Nisaba era, nas palavras de D. O. Edzard (Gotter und Mythen im Vorderen Orient), a deusa suméria da "arte de escrever, da matemática, da ciência, arquitetura e astronomia". Gudea especificamente a descreve como a "deusa que conhece números" - uma "Einstein" de saias da Antiguidade...

O símbolo de Nisaba era o estilo sagrado. Um hino curto a Nisaba numa tábu, desenterrada nas ruínas do santuário de ILAGASH, a descreve como "aquela que conseguiu cinquenta grandes ME" e como possuidora do "estilo de sete números". Ambos os números eram associados a Enlil e Ninurta: o número de ambos era cinquenta, e um dos epítetos de Enlil (como comandante da Terra, o sétimo planeta) era "Senhor de Sete".

Com seu Estilo Sagrado, Nisaba apontou a Gudea a "estrela favorita" na "tábua de estrelas" que ela ostentava nos joelhos; a implicação é que essa tábu trazia mais de uma estrela, de forma que a estrela correta para a orientação tinha de ser apontada entre várias. Essa conclusão é reforçada pela afirmação em A Bênção de Nisaba por Enki de que Enki lhe dera, como parte do aprendizado, a "tábua sagrada das estrelas celestes" - outra vez o plural na palavra estrela.

O termo MUL em sumério (Kakkab em acadiano), que significa "corpo celeste", era aplicado tanto a planetas como a estrelas, e ficamos a nos perguntar que tipo de corpos celestes apareciam no mapa estelar que Nisaba possuía, se eram estrelas ou planetas (talvez ambos). A linha de abertura no texto presta homenagem a Nisaba como grande astrônoma, chamando-a de NIN MUL.MUL.LA - "Senhora das Muitas Estrelas". O aspecto intrigante dessa formulação é que o termo "muitas estrelas" não está escrito com o sinal para "estrela" ao lado do sinal para "muitas", porém com quatro estrelas. A única explicação plausível para essa rara formulação é que Nisaba podia apontar, em sua carta celeste, as quatro estrelas que continuamos a usar para determinar os pontos cardeais.

Sua grande sabedoria e conhecimento científico eram expressos em hinos sumérios pela afirmação de que ela fora "aperfeiçoada com os cinquenta grandes ME" - aquelas enigmáticas "fórmulas divinas", que como discos de computador eram suficientemente pequenas para serem levadas na mão, embora cada uma contivesse uma quantidade enorme de informações. Um texto sumério relata que Inana/Ishtar foi para Eridu e enganou Enki para ganhar cem delas. Nisaba, por outro lado, não precisou roubar seus cinquenta ME. Um texto poético compilado de fragmentos e passado para o inglês por William W. Hallo (numa conferência chamada "Cultic Setting of Sumerian

Poetry"), que ele chamou de A Bênção de Nisaba por Enki, deixa claro que, além de seus estudos enlilitas, havia também uma graduação na academia de Enki em Eridu. Aclamando Nisaba como "escriba-chefe do céu, guardião de dados para Enlil, sábia entre os deuses" e exaltando Enki, o "artífice de Eridu" e sua "Casa de Ensino", o hino afirma:

Ele abriu a Casa do Ensino para Nisaba;
Ele colocou a tábua de lápis-lazúli nos joelhos dela,
Aconselhou-se com a tábua sagrada das estrelas do céu.

A "cidade-culto" de Nisaba era chamada de Eresh ("Primeira Habitação"); suas ruínas ou a localização nunca foram descobertas na Mesopotâmia. A quinta estrofe desse poema sugere que está localizada no "Mundo Inferior" (Abzu) da África, onde Enki supervisionava a mineração e as operações metalúrgicas e conduzia suas experiências sobre genética. Listando os vários locais distantes onde Nisaba também aprendera sob a guarda de Enki, o poema afirma:

Eresh ele construiu para ela,
Em abundância, criada de pequenos tijolos puros.
Ela recebeu sabedoria no mais alto grau no Abzu,
Grande lugar da coroa de Eridu.

Prima de Nisaba, a deusa ERESH.KI.GAL ("Principal Habitação no Grande Lugar") estava encarregada da estação científica no sul da África e lá partilhava o controle de uma Tábua de Sabedoria com Nergal, um filho de Enki, como dote de casamento. É possível que tenha sido aí o lugar em que Nisaba adquiriu instrução adicional.

Essa análise dos atributos de Nisaba pode nos ajudar a identificar a divindade - vamos chamá-la Deusa dos Astrônomos que aparece numa tábua assíria. Ela é mostrada no interior de um portal dominado por posições de observação em degrau. Segura um instrumento de observação montado numa haste, identificado aqui pelo crescente como especial para observar os

movimentos da Lua com finalidade calendária. Ela é identificada pelas quatro estrelas - o símbolo, acreditamos, de Nisaba.

Uma das afirmações mais estranhas feitas por Gudea quando descreveu as divindades que apareciam para ele dizia respeito a Nisaba: "A imagem de um templo-estrutura, um zigurate, ela carregava na cabeça". O ornamento na cabeça dos deuses da Mesopotâmia era reconhecido pelos pares de chifres; que algum deus ou deusa usasse na cabeça a imagem de um templo ou um objeto era algo absolutamente inédito. Ainda assim, em sua inscrição, foi como Gudea descreveu Nisaba.

Ele não estava imaginando coisas. Nisaba de fato carrega na cabeça a imagem de um templo-zigurate, assim como Gudea afirmou. Porém não se trata de uma estrutura com degraus, ao invés disso é a imagem de uma pirâmide com os lados lisos - uma pirâmide egípcia!

Além do mais, não nos referimos aqui apenas a um zigurate "egipcianizado" - o costume de usar tais imagens na cabeça é egípcio, sobretudo no que se refere às deusas egípcias. À frente estão Ísis, a esposa-irmã de Osíris, e Néftis, irmã deles.

Seria Nisaba uma deusa enlilita que estudara na escola de Enki, egipcianizada o suficiente para usar aquele tipo de ornamento na cabeça? À medida que prosseguimos nessa linha de investigação, aparecem muitas semelhanças entre Nisaba e Sesheta, a assistente feminina de Thot no Egito. Em relação aos atributos e funções de Shesheta, que já passamos em revista, existem outros que parecem bastante com os de Nisaba. Incluem seu papel como a deusa das "artes de escrever e das ciências" nas palavras de Hermann Kees (*Der Gotterglaube in Alten Aegypten*).

Nisaba possuía o "estilo de sete números"; Sesheta também era associada ao número sete. Um dos epítetos era "Sesheta significa sete" e seu nome era freqüentemente escrito com hieróglifos usando o sinal para o número sete colocado sobre um arco. Como Nisaba, que apareceu a Gudea com a imagem de um templo-estrutura na cabeça, Sesheta também aparecia com a imagem de uma torre gêmea sobre a cabeça, acima do símbolo da estrela e do arco. Ela era uma "filha do céu", estudava e registrava os tempos; como Nisaba, determinava a data astronômica requerida pelos construtores de templos.

Segundo os textos sumérios, o consorte de Nisaba era um deus chamado Haia. Pouco se sabe a respeito dele, a não ser que nos julgamentos do Ano Novo, supervisionado por Nanshe, ele também estava presente, agindo como fiel da balança. Na crença egípcia, o Dia do Julgamento para o faraó era quando ele morria, época em que seu coração era pesado para determinar seu destino no Pós-vida. Na teologia egípcia, o deus que equilibrava as escalas era Thot, deus da ciência, astronomia, do calendário, da escrita e da guarda de informação.

Tal superposição de identidades entre as divindades que providenciavam saber astronômico e calendárico para o Eninnu revela um estágio desconhecido de colaboração, na época de Gudea, entre os Arquitetos Divinos egípcios e sumérios.

Era, em muitos aspectos, um fenômeno incomum; encontrou expressão na forma única, na aparência do Eninnu e na ocupação interna do terreno sagrado, por meio da construção de instalações astronômicas. Tudo envolvia o calendário e girava em torno dele - o presente dos Guardiões de Segredos para a humanidade.

Depois de a construção do zigurate Eninnu estar completa, bastante esforço e arte foram empregados nos adornos, não apenas no exterior, como também no interior; porções do "Santuário interno" eram cobertas com "painéis de cedro, agradáveis à vista". Do lado de fora, árvores raras e arbustos eram plantados para criar um jardim agradável. Uma piscina foi construída e povoada com peixes raros - outro hábito incomum em templos sumérios e popular entre os egípcios, onde um lago sagrado era comum.

"O sonho foi realizado", escreveu Gudea. O Eninnu ficou pronto, "como uma massa de luz brilhante, um brilho que cobre tudo; como uma montanha cuja luz se espalha com alegria".

Agora ele voltava sua atenção para o Girsu, o terreno sagrado. Uma ravina, "um grande depósito", foi preenchida: "com a sabedoria vinda de Enki, divinamente ele fez a inclinação, aumentando a área do terraço do templo". Só o Cilindro A fornece uma lista de mais de cinquenta santuários separados e templos construídos para honrar os vários deuses envolvidos no projeto, assim como Anu, Enlil e Enki. Havia jardins fechados, prédios utilitários,

pátios, altares e portões; residências para os vários sacerdotes e, naturalmente, os aposentos especiais e quartos para Ningirsu/Ninurta e sua esposa Bau.

Havia também instalações especiais para acomodar o Divino Pássaro Negro, a aeronave de Ninurta, e suas armas diferenciadas; assim como locais onde as funções calendárico-astronômica do novo Eninnu seriam realizadas. Havia um local especial para o "Guardião dos Segredos" e o novo Shugalam, o lugar alto da abertura, um "lugar para determinar quem é o mais impressionante, onde o Brilho é anunciado". Havia dois prédios ligados à "solução de cordas" e "atar com as cordas" respectivamente - instalações cujo propósito desafiou os estudiosos, mas que devem estar relacionadas à observação celeste, pois estavam localizados nas proximidades ou faziam parte das estruturas chamadas "Câmara Mais Elevada" e Câmara das Sete Zonas".

Havia com certeza outros aspectos adicionados ao novo Eninnu e seu terreno sagrado que sem dúvida o tornavam único, como Gudea apregoou; vamos discuti-los com os detalhes que merecem um pouco mais adiante. Havia também a necessidade, conforme o texto afirma claramente, de aguardar um dia específico - o Ano Novo para ser exato - antes que Ninurta e sua esposa Bau pudessem mudar-se para o novo Eninnu e torná-lo sua casa.

Enquanto o Cilindro “A” era devotado aos eventos que antecederam a construção e à construção em si, as inscrições de Gudea no Cilindro “B” tratam dos ritos dedicados à consagração do novo zigate e seu território sagrado com as cerimônias que envolviam a chegada de Ninurta e Bau ao Girsu - reafirmando o título dele como NIN.GIRSU, "Senhor do Girsu" - e sua entrada na nova habitação. Os aspectos astronômicos e calendários desses ritos e cerimônias confirmam os dados do Cilindro “A”.

Enquanto aguardava a chegada da data de inauguração por uma boa parte do ano - Gudea envolvia-se em preces diárias, em fazer libações e encher os celeiros com alimento dos campos e os cercados com carneiros dos pastos. Finalmente o dia marcado chegou:

O ano transcorreu,

Os meses se completaram;
O Ano Novo chegou aos céus –
O "Mês do Templo" começou.

Naquele dia, enquanto a Lua nascia, as cerimônias começaram. Os próprios deuses realizavam a purificação e os ritos de consagração: "Ninmada realizou a purificação; Enki garantiu um oráculo especial; Nindub espalhou incenso; Nanshe, a Senhora dos Oráculos, cantou hinos sagrados; eles consagraram o Eninnu, tornaram-no sagrado".

O terceiro dia, lembra Gudea, foi um dia brilhante. Foi o dia em que Ninurta saiu - "resplandecia com um brilho suave". À medida que entrava no terreno sagrado, "a deusa Bau avançava a seu lado esquerdo". Gudea "aspergiu óleo no solo... trouxe mel, manteiga, leite, grãos, azeite de oliva... tâmaras e uvas ele empilhou - comida não tocada pelo fogo, comida para os deuses comerem".

O casal divino e os outros deuses se entretiveram com as frutas e outras comidas cruas até o meio-dia. "Quando o Sol se elevou alto sobre a terra, Gudea matou um boi e um carneiro gordo", e uma festa de carnes regada a muito vinho começou; "pão branco e leite eles trouxeram durante o dia e ao longo da noite"; e "Ninurta, o guerreiro de Enlil, comendo e tomando cerveja, estava satisfeito". Enquanto isso, Gudea "fez toda a cidade ajoelhar-se, fez o país inteiro prostrar-se a seus pés... De dia faziam solicitações, de noite rezavam".

"Na aurora, Ningirsu, o guerreiro, entrou no Templo; para dentro do Templo seu Senhor veio; gritando como se fosse para uma batalha, Ningirsu entrou em seu templo. Foi como o nascer do Sol sobre a terra de Lagash... toda a terra de Lagash alegrou-se". Foi também o dia em que começou a colheita:

Naquele dia,
Quando o Deus Justo entrou,
Gudea, naquele dia,
Começou a colheita dos campos.

De acordo com um decreto de Ninurta e da deusa Nanshe, seguiram-se sete dias de penitência e perdão na terra. "Por sete dias a empregada e sua patroa foram iguais, o senhor e o escravo andaram lado a lado... os maledicentes passaram a falar bem... o rico não fez mal à órfã, nenhum homem oprimiu a viúva... a cidade tornou-se sem maldade." Ao final dos sete dias, no décimo do mês, Gudea entrou no novo templo e pela primeira vez realizou os ritos de sumo sacerdote, "acendendo o fogo no terraço-templo, perante o céu claro". Uma representação num cilindro do segundo milênio a.C. encontrada em Assur pode bem ter preservado para nós a cena que aconteceu mil anos antes em Lagash: representa um sumo sacerdote (que metade das vezes era o rei, como no caso de Gudea) acendendo um fogo num altar, olhando para o zigurate do deus, enquanto o "planeta favorito" é visto no céu. No altar, "perante o céu brilhante, o fogo no templo-terraço aumentava". Gudea "sacrificava bois e crianças em quantidade". De uma tigela ele bebeu. "Pela cidade abaixo do templo pediu."

Jurou aliança eterna com Ningirsu, "jurou pelos tijolos do Eninnu, e pronunciou palavras favoráveis".

E o deus Ninurta, prometendo abundância para Lagash e seu povo, disse: "Que a terra gere tudo o que é bom"; e para o próprio Gudea: "A vida será prolongada para ti".

Apropriadamente a inscrição no Cilindro "B" conclui:

Casa, elevando-se na direção do céu como uma grande montanha,
Sua luminosidade poderosa cai sobre a terra
Como Anu e Enlil determinam o destino de Úlgash.

Eninnu, pelo Céu-Terra construído,
O domínio de Ningirsu
Por sobre todas as terras se torna conhecido.
Ó Ningirsu, és honrado!
A Casa de Ningirsu foi construída;
Que a Glória recaia sobre ela.

Um Stonehenge no Eufrates

Existe uma riqueza de informação nas inscrições de Gudea; quanto mais as estudamos, aprendendo sobre os aspectos especiais do Eninnu, mais surpresos ficamos.

Examinando o texto verso por verso e visualizando o novo templo-terraço e seu zigurate, iremos descobrir aspectos celestes impressionantes na "Ligação Céu-Terra"; uma das mais antigas, se não a mais antiga associação de um templo com o zodíaco; o aparecimento de esfinges na Suméria numa época totalmente inesperada; uma série de ligações com o Egito e especialmente com um de seus deuses; e um "mini-Stonehenge na Terra Entre Rios...

Vamos começar com a primeira tarefa que Gudea assumiu depois de a construção estar completa e de o templo-terraço estar formado. Foi o erguimento de sete pilares de pedra em sete posições cuidadosamente estudadas. Gudea, afirma a inscrição, certificou-se de que estivessem firmemente instalados: ele "colocou a todos numa fundação, em bases ele as erigiu".

As estelas (como os estudiosos chamam essas pedras eretas) devem ter sido de grande importância, pois Gudea passou um ano inteiro para trazer as pedras em bruto, a partir das quais as estelas eram modeladas, de um lugar distante até Lagash; mais um ano para cortá-las e esculpir tudo. Porém, num esforço desesperado que durou precisamente sete dias durante os quais o trabalho foi executado sem parada, sem descanso, as sete estelas foram instaladas em seus lugares adequados. Se, como a informação sugere, as sete estelas estavam posicionadas num determinado alinhamento astronômico, então a velocidade do esforço pode ser compreendida, pois, quanto mais demoradas as providências, mais desalinhados estariam os corpos celestes.

Testemunho da importância das estelas e de suas posições é o fato de Gudea ter dado a cada uma um "nome", feito de uma longa expressão, evidentemente relativa à posição da estela (por exemplo, "no terraço magnífico", em frente ao "portal da margem do rio", ou "do lado oposto ao santuário de Anu"). Embora a inscrição afirme sem equívoco (coluna XXIX,

linha 1) que "sete estelas foram instaladas", só são fornecidos os nomes de seis delas. Com respeito a uma delas, presumivelmente a sétima, a inscrição afirma que "foi erguida na direção do Sol nascente". Como a essa altura todas as orientações necessárias do Eninnu já haviam sido satisfeitas, começando com as instruções divinas e a pedra fundamental colocada por Ningishzida, nenhuma das seis espalhadas, ou a sétima "erguida na direção do Sol nascente" foram necessárias para orientar o templo. Outro propósito diferente teve de ser o motivo; a única conclusão lógica é que envolviam outras observações que não fossem a determinação do Dia do Equinócio (por exemplo, do Ano Novo) - algumas observações calendárico-astronômicas de natureza incomum, justificando o grande esforço para obter e dar forma às estelas, além da pressa para a instalação.

O enigma desses pilares de pedra começa com a pergunta: por que tantas, quando duas são suficientes para criar uma linha de mira, por exemplo, na direção do Sol nascente? O quebra-cabeça assume proporções incríveis quando observamos na inscrição a sensacional afirmação de que as seis cujas localizações são fornecidas foram colocadas por Gudea "num círculo" . Teria Gudea usado as estelas para formar um círculo de pedra - na Suméria, há mais de cinco mil anos?

As inscrições de Gudea indicam, de acordo com A. Falkenstein (*Die Inschriften Gudeas Von Lagash*), a existência de uma avenida ou caminho que - como em Stonehenge! - formava uma direção ou linha de mira sem obstáculos. Ele reparou que a estela chamada "na direção do Sol nascente" ficava ao final de um caminho ou avenida chamada "caminho para a posição alta". No outro extremo desse caminho ficava o Shugalam, o "Lugar alto cuja inspiração é grande, onde o Brilho é levantado". O termo SHU.GALAM significava, de acordo com Falkenstein: "Onde a mão é elevada" - um lugar alto de onde é dado um sinal. De fato, a inscrição do Cilindro "A" afirma que "Na entrada brilhante de Shugalam, Gudea estabeleceu uma imagem favorável; na direção do Sol nascente, no local destinado, o emblema do Sol ele estabeleceu" .

Já discutimos as funções do Shugalam quando Gudea visitou o do templo antigo, para remover o estuque ou lama que obscurecia a vista. Era "o local

da abertura, o lugar de determinação". A inscrição afirmava: "Ninurta poderá ver as repetições sobre suas terras (o ciclo anual)". A descrição traz à mente a abertura no teto, que provocou tanta discussão entre Baal e o divino arquiteto que viera do Egito para desenhar o novo templo no Líbano.

Um pouco de esclarecimento sobre o enigmático propósito de tal clarabóia ou abertura no teto pode ser obtido com o exame do termo hebraico e suas raízes acadianas. É Tzohar, e aparece apenas uma vez na Bíblia para descrever a única abertura no teto da hermeticamente fechada Arca de Noé. O significado, todos concordamos, é uma "janela no teto, por onde um raio de luz possa entrar". Em hebraico moderno, o termo também é usado para significar "zênite", o ponto no céu exatamente acima; tanto no hebraico moderno quanto no texto bíblico, o termo Tzohora'im, que deriva dele e ainda é utilizado, significa "meio-dia", quando o Sol está exatamente a pino. Tzohar, portanto, não era uma abertura simples, mas uma cuja intenção era deixar entrar um raio de sol no ambiente escuro numa determinada hora do dia; com uma grafia levemente diferente, Zohar, o termo significa "brilho". Tudo deriva do acadiano, a língua-mãe de todas as linguagens semitas, nas quais as palavras izirru, tzurru significam "animar-se, brilhar" e "seja elevado".

No Shugalam, narrou Gudea, ele "fixou a imagem do Sol". Todas as evidências sugerem que era um dispositivo por meio do qual o Sol nascente - sem dúvida no Dia do Equinócio, a julgar pelas datas nas inscrições - era observado para determinar e anunciar a chegada do Ano Novo.

Seria o conceito sob o arranjo estrutural (possivelmente) o mesmo que no monte Zaphon e (com certeza) nos templos egípcios, onde um raio de sol passava por um eixo pré-selecionado para iluminar o Santo dos Santos ao amanhecer do dia escolhido?

No Egito, os templos solares eram flanqueados por dois obeliscos que os faraós erigiam para garantir vida eterna; sua função seria guiar o raio de sol no dia prescrito. E. A. Wallis Budge (The Egyptian Obelisk) ressalta que os faraós, como Ramsés II e a rainha Hatshepsut, sempre estabeleciam os obeliscos em pares. A rainha Hatshepsut chegou mesmo a escrever seu nome

(no interior de um cartucho) entre dois obeliscos de modo que o Raio Abençoado de Rá brilhasse sobre ela nesse dia importante.

Os estudiosos repararam que o Templo de Salomão também possuía duas colunas em sua entrada; como as estelas eretas em Eninnu, que receberam nomes dados por Gudea, assim também foram os pilares de Salomão:

E ele erigiu os pilares

No pórtico do templo.

Colocou o pilar direito e lhe deu o nome de Iachin.

Colocou o pilar da esquerda e lhe deu o nome de Boaz.

Embora o significado dos dois nomes ainda intrigue os estudiosos (a melhor tradução seria "Iavé faz com firmeza" e "Nele está a força"), a forma, a altura e a decoração dos pilares são descritas na Bíblia (principalmente em Reis I, capítulo 7) com detalhes. Os dois pilares foram feitos de bronze fundido, dezoito cúbitos (nove metros, aproximadamente) de altura. Cada pilar suportava um "chapéu" complexo, como uma coroa, onde havia uma corola cujo topo serrado criava sete protuberâncias; um deles (ou ambos, dependendo da forma como o verso é lido) era "circundado por uma corda de doze cúbitos". (Doze e sete são números predominantes no Templo.)

A Bíblia não afirma a finalidade desses pilares, e as teorias variam, atribuindo desde funções decorativas ou simbólicas até uma função semelhante àquela do par de obeliscos que ladeava a entrada dos templos no Egito. A esse respeito uma sugestão vem da palavra egípcia sobre obeliscos, Tekhen. O termo, escreve Budge, "era uma palavra muito antiga, e a encontramos duplicada nos Textos das Pirâmides, escritos antes do final da VI dinastia". Quanto ao significado da palavra, que ele não sabia, acrescentou: "O significado exato de Tekhen é desconhecido para nós e é provável que os egípcios o tenham esquecido num período remoto". Isso acena com a possibilidade de que a palavra tenha sido um termo estrangeiro, um "estrangeirismo" de outra língua ou país, e, de nossa parte, acreditamos que tanto a palavra Iachin quanto a palavra egípcia Tekhen derivam da raiz acadiana khunnu, que significa "estabelecer corretamente", assim como

"acender uma luz" (ou fogo). O termo acadiano pode ser seguido até o sumério mais antigo GUNNU, que combina os significados "luz do dia" com "tubo, cano".

Essas pistas lingüísticas combinam bem com representações sumérias antigas de entradas de templos, mostrando-as flanqueadas por pilares aos quais foram aplicados dispositivos circulares (fig. 8Sb). Esses devem ter sido os antecessores de todos os pares de pilares, colunas ou obeliscos, pois aparecem na representação suméria milênios antes dos outros. A procura de respostas para o enigma dessas estruturas erguidas é corroborada ao examinarmos o termo usado por Gudea em suas inscrições para descrever as pedras eretas. Ele chamou as sete de NE.RU - de onde deriva a palavra hebraica Ner, que significa "vela". A escrita suméria se desenvolveu por meio das marcas que o escriba fazia na argila molhada para imitar o desenho ou ação original do objeto ao qual o termo se aplicava. Descobrimos que o pictograma original do termo Neru eram dois - dois, e não um - pilares em bases estáveis com estruturas que lembram antenas.

Tais pares de pilares, guiando (simbolicamente ou não) o raio de sol num dia específico, seriam suficientes se apenas uma posição solar - de equinócio ou solstício - estivesse envolvida. Se tal determinação única fosse pretendida em Girsu, duas estelas, em alinhamento com o Shugalam, teriam sido suficientes. Porém Gudea estabeleceu sete delas, seis em círculo e a sétima em alinhamento com o Sol. Para formar uma linha de mira, esse estranho pilar poderia ter sido posicionado tanto no centro do círculo como fora dele, na avenida. De qualquer forma, o resultado iria indicar uma estranha semelhança com Stonehenge, nas Ilhas Britânicas.

Seis pontos externos em circunferência com um no centro teriam criado um desenho que, como em Stonehenge II - pertencente à mesma época -, forneceria alinhamentos não apenas com os equinócios, mas também com os quatro pontos de solstício (aurora e crepúsculo do meio do verão, aurora e crepúsculo do meio do inverno). Considerando-se que o Ano Novo mesopotâmico estava ancorado firmemente nos equinócios, resultando em zigurates cujo canto principal estava orientado para leste, um arranjo de pilares de pedras que incorporasse a fixação de solstícios seria uma grande

inovação. Também indicaria uma influência "egípcia" decisiva, pois era nos templos egípcios que tal orientação pelos solstícios predominava - certamente na época de Gudea.

Se, como sugere o estudo de Falkenstein, o sétimo pilar não ficasse no interior do círculo de seis estelas, mas fora dele, no caminho ou avenida que ligava ao Shugalam, uma semelhança ainda maior emerge, não com o último Stonehenge, mas com o mais antigo, Stonehenge I, onde, lembramos, existiam sete pedras: as quatro pedras das estações formando um retângulo, duas formando o portal que flanqueava o início da avenida, e a Pedra do Calcanhar, que marcava a linha de mira - um arranjo de sete pedras eretas. Como em Stonehenge os Orifícios Aubrey faziam parte da fase I, a linha de mira podia ser determinada com facilidade por um observador no orifício 28, dirigindo seu olhar para um posto no orifício 56, observando o Sol aparecer por sobre a Pedra do Calcanhar no dia propício.

Tal semelhança nos projetos deve ser ainda mais significativo do que a primeira alternativa, pois o retângulo formado pelas quatro Pedras das Estações implicava observações lunares além de solares. A compreensão desse arranjo em retângulo levou Newham e Hawkins a conclusões abrangentes em relação à sofisticação do planejamento de Stonehenge I. Porém, como Stonehenge I precedeu a Eninnu em cerca de sete séculos, as similaridades implicariam que o planejamento das sete estelas em Eninnu teria copiado a idéia de Stonehenge I.

Tal semelhança entre as duas estruturas, em duas partes diferentes do mundo, parece incrível; entretanto, ela se torna mais viável à medida que trazemos à luz aspectos mais impressionantes do Eninnu de Gudea.

O círculo de seis-mais-um não era o único círculo de pedras na plataforma do novo Eninnu.

Gabando-se de ter realizado "grandes coisas" que requeriam "sabedoria" (conhecimento científico), Gudea continuou a descrever, depois da parte na qual falava das estelas, o "círculo em coroa para a lua nova" - uma criação de pedra tão única que "seu nome no mundo ele tornará para sempre brilhante". Esse segundo círculo era disposto como uma "coroa circular para a lua nova"

e consistia em treze pedras erguidas "como heróis num grupo" - uma descrição figurativa, nos parece, para descrever um círculo de pedras erguidas ligadas ao alto por lintéis que formavam um "grupo" semelhante ao dos trilítos em Stonehenge!

Embora a possibilidade de que o primeiro círculo servisse a funções tanto lunares quanto solares não passe de suposição, o segundo círculo, maior, sem dúvida era utilizado para observar a Lua. A julgar pelas repetidas referências à lua nova nas inscrições, as observações lunares eram equipadas para o acompanhamento do círculo completo, o crescente e o minguante ao longo dos quatro quartos. Nossa interpretação do círculo em coroa é reforçada pela afirmação de que esse círculo consistia em dois grupos de megálitos - um de seis e outro de sete, este último aparentemente mais alto do que o anterior.

À primeira vista, o arranjo dos treze (seis mais sete) megálitos, ligados em seus topos por lintéis para formar uma "coroa", parece ser um erro, porque esperamos encontrar apenas doze pilares (o que no círculo cria doze aberturas) se o arranjo for relacionado aos doze meses das fases lunares. A presença de treze pilares, entretanto, faz sentido se existir a necessidade de adicionar um mês de vez em quando para propósitos de correção. Se assim for, os impressionantes círculos no Girsu também formam os primeiros calendários feitos de pedra para acomodar os ciclos solar e lunar.

(É o caso de perguntar se esses círculos de pedra no Girsu de alguma forma não contribuíram para a introdução da semana de sete dias - uma divisão de tempo cujas origens intrigam os estudiosos -, a semana bíblica que intercala seis dias de criação com o dia adicional de descanso. O número sete aparece duas vezes, no primeiro arranjo de pilares e como parte do segundo círculo. É possível também que de alguma forma os dias sejam contados de acordo com cada grupo, levando a uma repetição de períodos de sete dias. E, também, as quatro fases da Lua multiplicadas pelos treze pilares dividiriam o ano em 52 semanas de sete dias cada.)

Quaisquer que sejam as possibilidades astronômico-calendárias inerentes aos dois círculos (e provavelmente citamos apenas as mais básicas), é evidente que no Girsu de Lagash um computador solar-lunar de pedra foi colocado em operação.

Se tudo isso começar a soar como "Stonehenge no Eufrates" um mini-Stonehenge erigido por um rei sumério no Girsu de Lagash mais ou menos ao mesmo tempo em que nas Ilhas Britânicas o verdadeiro Stonehenge se tomava um círculo de pedras, por volta de 2.100 a.C. - ainda há mais. Foi nessa época que os doleritos, o segundo tipo de pedra, foram transportados até a planície de Salisbury, de uma fonte distante. Isso também aumenta as semelhanças: Gudea, da mesma forma, trouxe não um, mas dois tipos diferentes de pedras, igualmente de fontes distantes, "das montanhas de pedra" de Magan (Egito) e Melukhah (Núbia), na África. Lemos na inscrição do Cilindro A que levou um ano inteiro para obter esses blocos de pedra das "montanhas de pedra em que nenhum rei (sumério) havia entrado antes". Para alcançá-las, Gudea "fez uma estrada para o interior das montanhas e suas grandes pedras ele trouxe em blocos; carregamentos de pedras Hua e Lua".

Embora os significados dos nomes dos dois tipos de pedras permaneça indecifrado, sua origem distante é claramente afirmada. Vindo de duas fontes africanas, primeiro foram transportadas por terra, via uma nova estrada construída por Gudea, de pois carregadas por navios ao longo das rotas marítimas até Lagash (que é ligada ao rio Eufrates por um canal navegável).

Tal como a planície de Salisbury na Inglaterra, assim era o terreno na Mesopotâmia: pedras trazidas de longe, especialmente escolhidas, estabelecidas em dois círculos. Tal como em Stonehenge I, sete pilares representam um papel-chave; tal como em todas as fases de Stonehenge em Lagash, também um grande megálito criou a linha de mira desejada na direção da orientação solar principal. Em ambos os lugares um "computador" de pedra foi criado para servir de observatório solar-lunar.

Teriam sido ambos, então, criados pelo mesmo gênio científico, pelo mesmo Arquiteto Divino - ou simplesmente foram o resultado de tradições científicas acumuladas que encontraram expressões em estruturas similares? Embora o conhecimento científico em geral, como aplicado à astronomia e ao calendário, sem dúvida tenha representado um papel, a mão de um Arquiteto Divino não pode ser ignorada. Em capítulos anteriores apontamos a diferença principal entre Stonehenge e todos os outros templos do Velho

Mundo: os primeiros foram todos construídos com ângulos retos (retângulos ou quadrados). Essa diferença, evidentemente, não é a única no plano geral de outros templos, mas também em várias situações onde foram encontradas pedras erguidas, o padrão sugere observações astronômicas e calendárias. Um exemplo digno de nota é encontrado em Biblos, num promontório com vista para o Mediterrâneo. O Santo dos Santos em seu templo, de formato quadrado, era flanqueado por monólitos de pedra erguidos. Ficam num alinhamento que sugere observações de equinócios e solstícios; porém nenhum foi arranjado em círculo. Aparentemente, foi o caso de um local em Canaã, Gezer, perto de Jerusalém, onde a descoberta de uma tábua em que estava escrita a lista dos meses e suas atividades relativas à agricultura sugere a existência de um centro para o estudo do calendário. Existe também uma fileira de monólitos eretos, indicando a existência em antiguidade de estrutura comparável a Biblos; as pedras ficavam numa linha reta, desmentindo qualquer arranjo circular.

Os poucos exemplos de monólitos colocados em círculo, que de alguma forma imitam o extraordinário arranjo em Girsu, nos chegam pela Bíblia. Sua raridade, entretanto, aponta para uma conexão direta com a Suméria, no tempo de Gudea.

O conhecimento de um círculo de treze com uma pedra ao centro emerge na história de José, o bisneto de Abraão, que incomodava os irmãos com histórias de seus sonhos onde todos se curvavam a ele, embora ele fosse o mais novo. O sonho que perturbava mais os outros, a ponto de os irmãos resolverem se livrar dele, vendendo-o como escravo aos egípcios, era aquele no qual, segundo José, "O Sol, a Lua e onze estrelas se curvam para mim", representando o pai, a mãe e os onze irmãos.

Vários séculos depois, enquanto os israelitas saíam do Egito para a Terra Prometida em Canaã, um círculo de pedra - dessa vez de doze pedras - foi erigido. Nos capítulos 3 e 4 do Livro de Josué, a Bíblia descreve a travessia milagrosa do rio Jordão pelos israelitas sob a liderança de Josué. Como instruído por Iavé, os chefes das doze tribos erigiram doze pedras no meio do rio; e quando os sacerdotes, levando a Arca da Aliança, se aproximaram das águas, ficando onde as pedras foram colocadas, o fluxo das águas do rio foi

"cortado" rio acima, e o leito ficou exposto, possibilitando a passagem dos israelitas, para que atravessassem o rio a pé. Assim que os sacerdotes desceram das pedras e carregaram a Arca para o outro lado, "as águas do Jordão retornaram ao lugar e fluíram ao longo de suas margens como faziam antes".

Então Iavé ordenou a Josué que levasse as doze pedras e as erigisse num círculo, do lado oeste do rio, a leste de Jericó, como uma comemoração perene do milagre realizado por Iavé. O local onde as doze pedras foram erigidas desde então é conhecido como Gilgal, significando "Lugar do Círculo".

Não apenas o estabelecimento do círculo de doze pedras como dispositivo milagroso é relevante aqui; a data do acontecimento também. Ficamos sabendo, no capítulo 3, que o tempo era "tempo de colheita, quando as águas do Jordão ultrapassavam suas margens". O capítulo 4 é mais específico: foi no primeiro mês do calendário, o mês do Ano Novo; e foi no décimo dia daquele mês o mesmo dia no qual as cerimônias de inauguração eram festejadas em Lagash - que "as pessoas deixaram o Jordão e acamparam no Gilgal, onde Josué erigira as doze pedras trazidas do rio Jordão".

Tais marcadores calendáricos ostentam estranha semelhança com dados similares que dizem respeito à época em que Gudea erigiu os círculos de pedra na plataforma de Girsu, depois que o Eninnu fora completado. Lemos na inscrição de Gudea que no dia em que Ninurta e sua esposa entravam em sua nova habitação, iniciava-se a colheita - combinando com a "época de colheita" na história de Gilgal. A astronomia e o calendário convergem nas duas histórias, e ambas mencionam estruturas circulares.

A emergência de tradições de círculos de pedra entre os descendentes de Abraão pode ser seguida até o próprio Abraão e a identidade de seu pai, Tera. Tratando o assunto detalhadamente em *As Guerras de Deuses e Homens*, concluímos que Tera era um sacerdote de oráculo, de descendência real, nascido e criado em Nippur. Com base nas datas bíblicas, temos calculado que ele nasceu em 2.193 a.C.; isso significa que Tera era um sacerdote-astrônomo em Nippur quando Enlil autorizou seu filho, Ninurta, a continuar com o novo Eninnu, com Gudea.

O filho de Tera, Abrão (mais tarde rebatizado Abraão) nasceu, por nossos cálculos, em 2.123 a.C. e tinha dez anos de idade quando a família resolveu mudar-se para Ur, onde Tera deveria servir como um contato. A família ficou lá até 2.096 a.C. quando saiu da Suméria para a região do Alto Eufrates (uma migração que mais tarde levou ao acampamento de Abraão em Canaã). Abraão então já era versado em assuntos reais e sacerdotais, incluindo astronomia. Sendo educado no templo sagrado de Nippur e Ur exatamente quando se discutiam as glórias do novo Eninnu, ele não podia ter deixado de saber sobre o círculo sagrado de pedras em Girsu; isso explicaria o conhecimento de seus descendentes.

De onde veio a idéia de círculo - uma forma que se torna o aspecto mais impressionante de Stonehenge - como forma apropriada para fazer observações astronômicas? Em nossa visão, veio do zodíaco, o ciclo das doze constelações agrupadas ao redor do Sol no plano orbital (Eclíptica) dos planetas.

No início do século passado, os arqueólogos escavaram, na Galiléia, ao norte de Israel, restos de sinagogas que remontam às décadas e séculos seguintes à destruição do Segundo Templo em Jerusalém pelos romanos (em 70 d.C.). Para surpresa deles, um aspecto comum entre as sinagogas era a decoração do assoalho com mosaicos de desenhos intrincados, que incluíam os signos do zodíaco. Como mostra esse de um lugar chamado Bet-Alfa, o número - doze - era o mesmo que hoje em dia, os símbolos são os mesmos que agora usamos e os nomes também. Escritos de forma análoga ao hebraico moderno, iniciam-se (no leste) com Taleh para o carneiro, Áries, flanqueado por Shor (boi) para Touro e Dagim (peixes) para Peixes, e assim por diante, exatamente na mesma ordem que continuamos a empregar, milênios depois. O círculo zodiacal do que os acadianos chamavam de Manzallu ("estações" do Sol) foi a fonte do termo hebreu Mazalot, que significa "sorte". Aí está, portanto, a transição entre a natureza essencialmente astronômica e calendária para suas conotações astrológicas - uma transição que a seu tempo obscureceu o significado original do zodíaco e o papel que desempenhava nos assuntos de deuses e homens. Por último, mas não menos importante, havia a maravilhosa expressão que Gudea construiu no Eninnu.

Apesar dos fatos, prevaleceu a noção de que o conceito, os nomes e símbolos do zodíaco foram idealizados pelos gregos, pois a palavra é de origem grega, significando "círculo animal". Concede-se que a inspiração pode ter vindo do Egito, onde o zodíaco com seus símbolos inalterados, com a ordem e com os nomes era certamente conhecido. Apesar da antiguidade de algumas representações egípcias - incluindo uma magnífica no templo de Dendera -, o zodíaco não foi criado lá. Estudos tais como o realizado por E. e Krupp (In Search of Ancient Astronomies) enfaticamente afirmam que "todas as evidências disponíveis indicam que o conceito do zodíaco não era originário do Egito; ao invés disso, acredita-se que o zodíaco foi para o Egito importado da Mesopotâmia" em alguma data desconhecida. Sábios gregos, que possuíam acesso à arte e tradições egípcias, atestaram em seus escritos que, no que se relacionava à astronomia, a sabedoria vinha dos "caldeus", os sacerdotes-astrônomos da Babilônia.

Os arqueólogos encontraram tábuas astronômicas na Babilônia claramente marcadas em doze partes, cada uma com seu símbolo zodiacal estampado. Podem muito bem representar o tipo de recursos que os sábios gregos estudaram. Porém, os símbolos celestes foram esculpidos em rochas no interior de um círculo celeste. Quase dois mil anos antes do círculo zodiacal de Bet-Alfa, os governantes do Oriente Médio, especialmente na Babilônia, invocavam seus deuses em documentos de tratados; pedras que serviam de marcos (Kudurru) foram entalhadas com os símbolos desses deuses - planetários e zodiacais - no interior do círculo celeste, envolvido por uma serpente ondulante que representa a Via Láctea.

O zodíaco, entretanto, começara, no tocante à humanidade, na Suméria. Como mostramos sem sombra de dúvida em O 12º Planeta, os sumérios conheciam e representavam as casas zodiacais e lhes davam nomes, exatamente como ainda fazemos, seis mil anos depois:

GU.ANNA ("Touro Celeste") - Touro
MASH.TAB.BA ("Gêmeos") - Gêmeos
DUB ("Tenazes, Pinças") - Câncer
UR.GULA ("Leão") - Leão

AB.SIN ("Cujo Pai era Sin") - a Donzela - Virgem
ZI.BA.AN.NA ("Destino Celeste") - os pratos de Libra
GIR.TAB ("O Cortador", "O que Agarra com Tenazes") - Escorpião
PA.BIL ("Defensor") o Arqueiro - Sagitário
SUHUR.MASH ("Peixe-cabra") - Capricórnio
GU ("Senhor das Águas") - o Aguadeiro - Aquário
SIM.MAH ("Peixes") - Peixes
KU.MAL ("Que Vive no Campo") - o Carneiro - Áries

Provas irrefutáveis demonstram que os sumérios eram conhecedores das eras zodiacais - não apenas dos nomes e imagens mas do ciclo precessional envolvido - quando o calendário iniciou-se, em Nippur, por volta de 3.800 a.C, na Era de Touro. Willy Hartner, em seu estudo "A História Mais Antiga das Constelações no Oriente Médio" (Journal of Near Eastern Studies), analisou as evidências pictóricas e concluiu que as numerosas representações de um touro atacando um leão (do quarto milênio a.C), ou de um leão arrastando touros (de cerca de 3.000 a.C), são representações do tempo zodiacal quando o equinócio de primavera, época em que o ano calendárico se inicia, ocorria na constelação de Touro, e o solstício de verão ocorria no signo de Leão.

Alfred Jeremias (The Old Testament in the Light of the Ancient Near East) encontrou evidências textuais de que o "ponto zero" sumério calendárico-zodiacal ficava precisamente entre Touro e Gêmeos, a partir do que concluiu que a divisão zodiacal dos céus - inexplicável para ele - foi introduzida mesmo antes do início da civilização suméria, na Era de Gêmeos. Ainda mais intrigante para os estudiosos foi uma tábua suméria sobre astronomia (VAT.7847 no Museu Vorderasiatisches, em Berlim), que inicia a lista de constelações zodiacais com a de Leão - remontando a cerca de 11.000 a.C, por volta da época do Dilúvio.

Criado pelos anunaques como ligação entre o Tempo Divino (ciclo baseado na órbita de Nibiru, de 3.600 anos) e o Tempo Terrestre (o período da órbita da Terra), o Tempo Celeste (o período de 2.160 anos para a mudança

precessional de uma casa do zodíaco para outra) serviu para datar eventos importantes na pré-história da Terra, assim como a arqueoastronomia pôde fazer com o período histórico. Dessa maneira, uma representação dos anunaques como astronautas e uma nave espacial entre Marte (a estrela de seis pontas) e a Terra (identificada pelas sete bolas e o crescente da Lua junto) localiza o evento, temporalmente, na Era de Peixes, ao incluir o símbolo zodiacal de dois peixes na figura. Textos escritos também incluíam datas zodiacais; o texto que localiza o Dilúvio na Era de Leão é um exemplo. Mesmo que não possamos precisar quando a humanidade se tornou consciente do zodíaco, claramente percebemos que foi muito antes da época de Gudea. Sendo assim, não nos devemos surpreender com o fato de que representações zodiacais estão presentes no templo novo em Lagash; não, entretanto, no assoalho, como em Bet-Alfa, e não como símbolos esculpidos em pedras distantes. Ao contrário, numa estrutura magnífica que pode, com certeza, ser chamada de o primeiro e mais antigo planetário do mundo!

Lemos no texto de Gudea que ele colocou "imagens de constelações" num local "puro e sagrado, num santuário interno". Lá um "cofre do céu", especialmente desenhado - uma imitação do círculo celeste, uma espécie de planetário antigo -, foi construído como um domo apoiado no que poderia ser chamado de entablamento (um termo técnico que designa a base de uma superestrutura apoiada em colunas). Nesse "cofre do céu", Gudea fazia deslizar as imagens zodiacais. Encontramos mencionados na lista "os Gêmeos Celestes", o "Santo Capricórnio", o "Herói" (Sagitário), o Leão, as "Criaturas Celestes", o Touro e o Carneiro.

Como Gudea se gabara, esse "cofre do céu" com os símbolos zodiacais devia ser mesmo uma bela coisa para se apreciar. Milênios mais tarde, não podemos mais entrar nesse santuário interno e compartilhar com Gudea a ilusão de ver os céus com suas constelações brilhantes; porém poderíamos ter ido para Dendera, no Alto Egito, entrado no santuário interno do templo principal e olhado para o teto. Lá teríamos visto uma pintura do céu estrelado; o círculo celeste, seguro nos quatro pontos cardeais pelos filhos de Hórus e nos pontos de aurora e crepúsculo nos solstícios por quatro donzelas. Um círculo representando os 36 "decanatos" (períodos de dez dias, três por

mês, do calendário egípcio) cerca o "cofre do céu" central no qual as doze constelações do zodíaco são representadas pelos mesmos símbolos (touro, carneiro, leão, gêmeos etc.) e na mesma ordem que ainda usamos e que se iniciou na Suméria. O nome hieroglífico do templo, ta ynt neterti, significa "Lugar dos pilares da deusa", sugerindo que em Dendera, assim como em Girsu, algumas pedras verticais serviam para a observação celeste, ligada por um lado ao zodíaco e pelo outro ao calendário (como atestam os 36 decanatos).

Os estudiosos não conseguem concordar sobre a época representada pelo zodíaco em Dendera. A representação, como a conhecemos, foi descoberta quando Napoleão invadiu o Egito, foi removida para o Museu do Louvre, em Paris, e acredita-se que remonte ao período quando o Egito ficou sob o domínio greco-romano. Os estudiosos, porém, estão certos de que representa a cópia de um tempo mais antigo, dedicado à deusa Hathor. Sir Norman Lockyer, em *The Dawn of Astronomy*, interpretou um texto da IV dinastia (2.613-2.494 a.C.) que descrevia os alinhamentos celestes nesse templo anterior; colocaria a data em que o "cofre do céu" em Dendera foi criado, entre o final de Stonehenge I e a construção do Eninnu em Lagash por Gudea. Se, como outros sustentam, os céus mostrados em Dendera são datados pela imagem de uma maça com um falcão pousado, tocando o pé dos Gêmeos, entre o Touro (à direita) e o Caranguejo (à esquerda), significa que a obra em Dendera representava o céu no passado (como quando reproduzimos, num planetário, o céu na época de Cristo) em algum lugar entre 6.540 e 4.380 a.C. Segundo a cronologia egípcia, transmitida pelos sacerdotes e registrada por Maneto, foi a época em que os semideuses reinaram sobre o Egito; tal datação dos céus em Dendera (como diferente da época de construção do templo em si) corrobora as descobertas, mencionadas acima, de Alfred Jeremias em relação ao "ponto zero" do calendário zodiacal sumério. Tanto as datações egípcias quanto as sumérias confirmam que esse conceito precedeu o início dessas civilizações, e que os "deuses", e não os homens, foram responsáveis por essas representações e sua datação.

Como mostramos, o zodíaco e o Tempo Celeste que o acompanha foram criados pelos anunaques logo depois de terem vindo à Terra, e algumas datas

que marcam eventos representados nos cilindros de argila foram anteriores ao surgimento das civilizações humanas. A Era de Peixes, por exemplo, que é indicada por dois peixes, ocorreu entre 25.980 e 23.820 a.C. (talvez mais cedo, se o evento ocorreu em outra Era de Peixes, no Grande Ciclo de 25.920 anos).

Um fato maravilhoso, apesar de não surpreender, é que encontramos a possibilidade da existência de outro "céu estrelado", representando o círculo celeste e as constelações do zodíaco, segundo um texto conhecido pelos acadêmicos como Um Hino a Enlil, o Todo-Beneficente. Descrevendo a parte mais interna do Centro de Controle de Missão de Enlil, em Nippur, no interior do zigurate E.KUR, o texto afirma que numa câmara escurecida conhecida como Dirga, estava instalado "um zênite celestial, tão misterioso quanto o mar distante", no qual "emblemas estrelados" eram "representados com perfeição".

O termo DIR.GA indica "escuro, na forma de coroa"; o texto explica que os "emblemas das estrelas" instalados permitiam a determinação de festivais, significando uma função calendárica. Tudo indica um precursor do planetário de Gudea; exceto que a câmara em Ekur era oculta a olhos humanos, aberta somente aos anunaques.

O "cofre do céu" de Gudea, construído como planetário, ostenta maior semelhança com o Dirga do que com o templo em Dendera, que era apenas uma pintura no teto. Ainda assim, não podemos descartar a possibilidade de que a inspiração para a de Girsu tenha vindo do Egito por causa das inúmeras semelhanças com os aspectos egípcios. A lista parece longe de estar completa.

Alguns dos achados mais impressionantes encontrados adornando as coleções assírias e babilônicas nos grandes museus são estátuas colossais de animais com corpos de touro ou leão e cabeças de deuses usando capacetes com chifres, postados como guardas à entrada dos templos. Podemos presumir com segurança que essas "criaturas míticas", como dizem os acadêmicos, traduzem em pedra o motivo Touro-Leão que ilustramos antes,

invocando para os templos a magia de um Tempo Celeste anterior e os deuses associados com essas eras zodiacais.

Os arqueólogos acreditam que essas esculturas foram inspiradas pelas esfinges do Egito, principalmente a Grande Esfinge, em Gizé, que os assírios e babilônios conheciam como resultado do comércio e das guerras. Porém as inscrições de Gudea revelam que cerca de 1.500 anos antes que tais criaturas divino-zodiacais fossem colocadas nos templos assírios, Gudea já posicionara esfinges no templo Eninnu; as inscrições mencionavam "um leão que inspirava terror" e um "touro selvagem, sentado como um leão". Para a descrença dos arqueólogos sobre as esfinges serem conhecidas na Suméria, uma estátua do próprio Ninurta/Ningirsu, mostrando-o como uma esfinge abaixada, foi descoberta entre as ruínas de Girsu, em Lagash.

Pistas de que tudo seria de se esperar foram dadas a Gudea - e assim a nós - na aparição de Ninurta ao surpreso Gudea na visão da segunda noite, na qual Ninurta afirmou seus poderes e reafirmou sua posição entre os anunaques ("Por cinquenta editos meu comando foi decretado"), lembrou sua familiaridade com outras partes do mundo ("Um senhor cujos olhos são elevados à distância", como resultado de seus passeios no Divino Pássaro Preto), assegurou-o quanto à cooperação de Magan e Melukhah (Egito e Núbia) e prometeu a ele que o deus chamado a "Serpente Brilhante" viria em pessoa ajudar na construção do novo Eninnu: "Como uma fortaleza será construída, como E.HUSH será meu lugar sagrado".

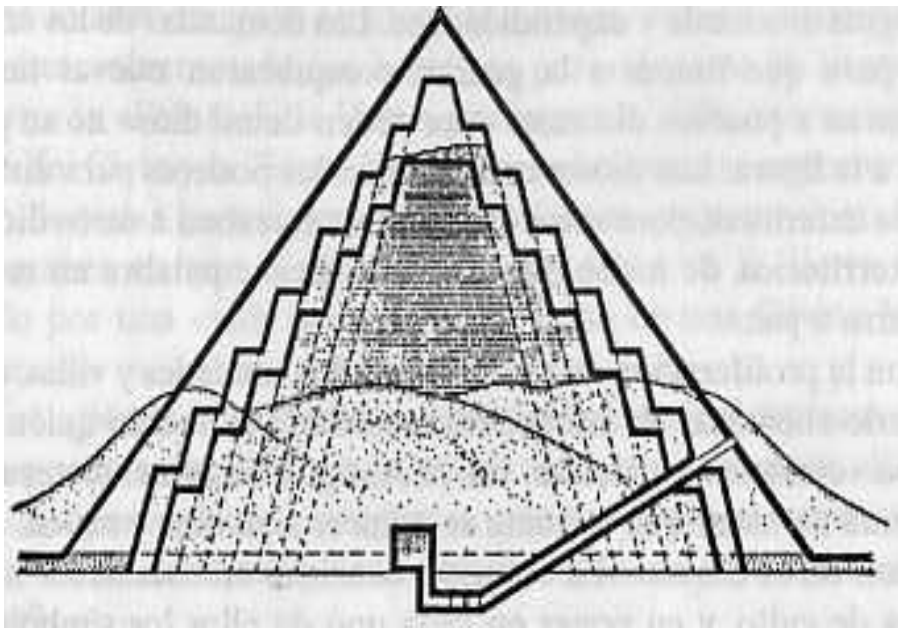
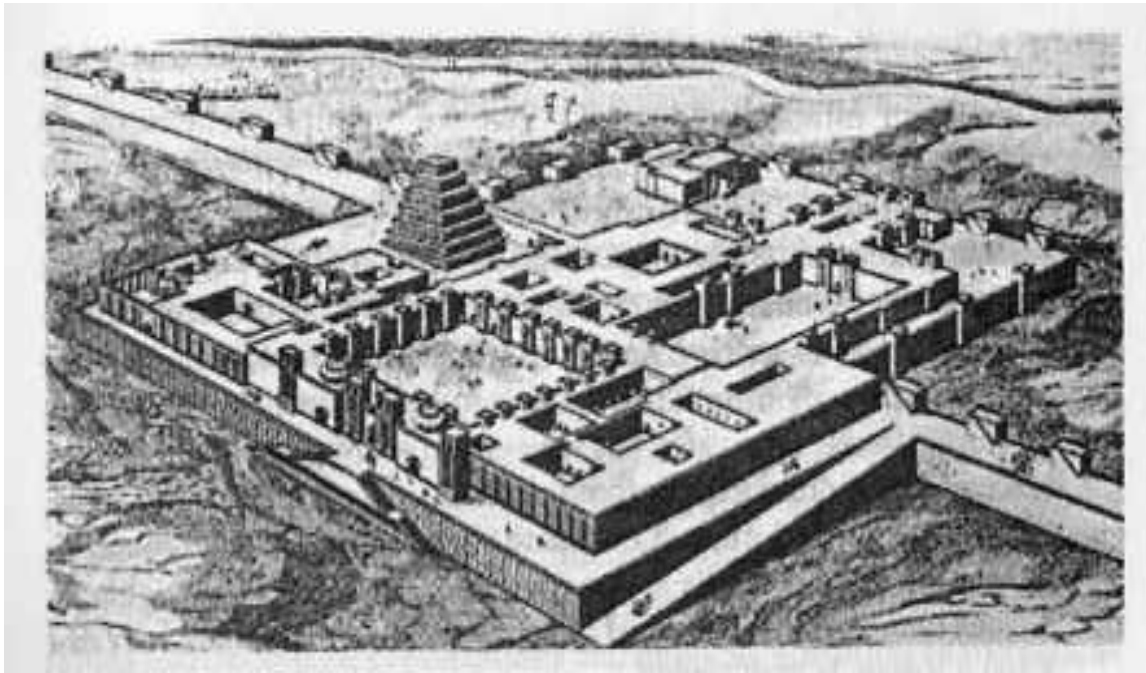
Essa última afirmação é verdadeiramente sensacional em suas implicações.

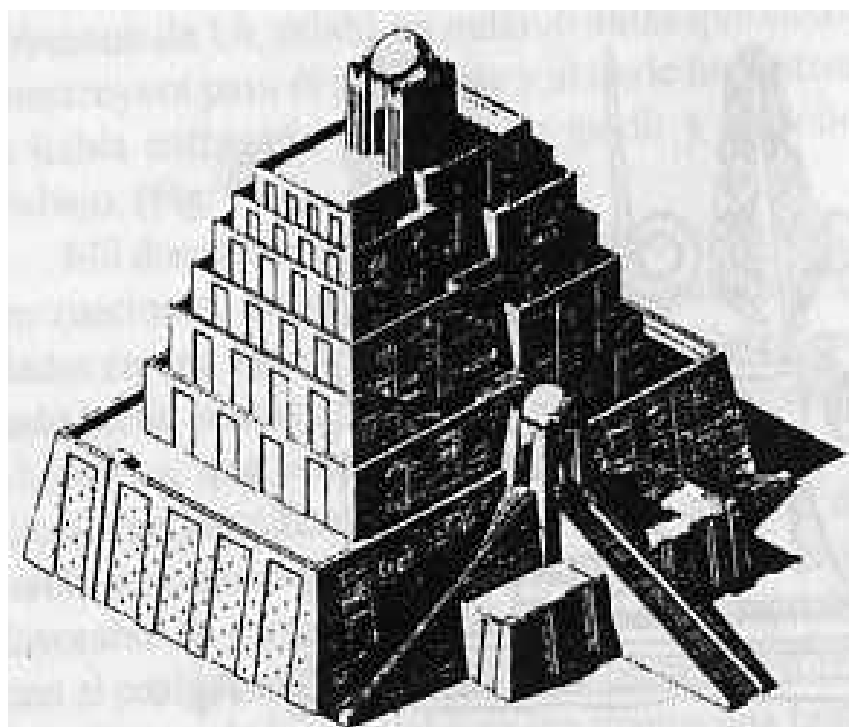
"E", conforme sabemos, significa a "casa" de um deus, um templo; no caso de Eninnu - uma pirâmide em estágios. E.HUSH (pronunciado "Chush", onde o "ch" inicial soa como o ch alemão e o "sh" é produzido com a língua) significa, em sumério, "de cor vermelha, tom avermelhado". Foi isso o que Ninurta quis dizer, quando falou: o novo Eninnu será como a "Casa Divina Avermelhada". A afirmação implicava que o novo Eninnu iria imitar uma estrutura existente, conhecida por seu tom avermelhado...

Nossa busca por essa estrutura pode ser facilitada pelo exame do pictograma que representa Hush. O que encontramos é verdadeiramente uma surpresa, pois trata-se de um desenho em corte de uma pirâmide egípcia, mostrando

seus corredores internos, passagens e câmaras subterrâneas. Mais especificamente parece ser desenhado como um corte da Grande Pirâmide, em Gizé, ou do modelo experimental em escala, a menor pirâmide de Gizé - e da primeira pirâmide faraônica bem-sucedida, que significativamente era chamada de Pirâmide Vermelha, do mesmo tom que Hush significara.

A Pirâmide Vermelha certamente estava ali para ser copiada quando o Eninnu foi construído em Lagash. Era uma das três pirâmides atribuídas a Sneferu, o primeiro faraó da IV dinastia, que reinou por volta de 2.600 a.C. Seus arquitetos primeiro tentaram construir para ele uma pirâmide em Maidum, imitando a inclinação de 52 graus das pirâmides em Gizé, construídas milênios antes pelos anunaques; porém o ângulo era inclinado demais e a pirâmide desabou. Tal desabamento provocou uma mudança no ângulo da pirâmide em Dashur, em construção, para 43 graus, resultando na pirâmide que agora recebe o nome de Pirâmide Torta. Ela levou à construção, também em Dashur, da terceira pirâmide de Sneferu. Considerada a "primeira pirâmide clássica" feita por um faraó, seus lados apresentam uma inclinação de 43,5 graus. Foi construída de calcário cor-de-rosa local, e portanto foi apelidada de Pirâmide Vermelha. Prolongamentos sobre os lados tinham a função de segurar no lugar uma camada de calcário branco; porém não permaneceu por muito tempo, e hoje a pirâmide é vista em seu tom avermelhado original.





Tendo lutado (e vencido) na Segunda Guerra das Pirâmides no Egito, Ninurta conhecia as pirâmides. Teria ele visto, à medida que o reinado foi estabelecido no Egito, não apenas a Grande Pirâmide e suas companheiras em Gizé, mas também uma pirâmide de degraus construída pelo faraó Zoser em Sakkara, cercada por seu magnífico pátio sagrado, construída por volta de 2.650 a.C? Teria visto a imitação bem-sucedida da Grande Pirâmide - a Pirâmide Vermelha de Sneferu, construída por volta de 2.600 a.C? E teria dito ao Arquiteto Divino: isso é o que eu gostaria de construir para mim, um zigurate único, combinando elementos dos outros três?

Além do mais, como seria possível explicar as evidências que ligam Eninnu, construído entre 2.200 e 2.100 a.C com o Egito... e seus deuses?

E de que outra forma se poderia explicar as semelhanças entre Stonehenge nas Ilhas Britânicas e "Stonehenge no Eufrates"?

Para explicar temos de voltar nossa atenção para o Arquiteto Divino, o Guardião de Segredos das Pirâmides, o deus chamado por Gudea de Ningishzida; pois ele não era outro senão o deus egípcio Tehuti a quem chamamos THOT.

Thot foi chamado nos Textos da Pirâmide de "Aquele que reconhece os céus, o contador de estrelas e medidor da Terra"; o inventor das artes e das

ciências, escriba dos deuses, "Aquele que faz cálculos em relação aos céus, às estrelas e à Terra". Como "Reconhecedor de tempos e estações", ele foi representado com um símbolo combinando o disco do Sol e o crescente da Lua sobre sua cabeça e - em palavras que sugerem a adoração bíblica do Senhor Celeste - as inscrições egípcias e lendas sobre Thot de que sua sabedoria e poderes de cálculo "mediam o Céu e planejavam a Terra". Seu nome hieroglífico Tehuti geralmente se explica como o significado "Ele que equilibra". Heinrich Brugsch (*Religion und Mythologie*) e E. A. Wallis Budge (*The Gods of the Egyptians*) entenderam isso como um sinal de que Thot era o "deus do equilíbrio" e levaram em conta as representações dele como "Mestre do Equilíbrio" para indicar que ele estava associado aos equinócios - a época em que o dia e a noite estavam equilibrados.

Os gregos identificavam Thot com seu deus Hermes, a quem consideravam ter sido o originador da astronomia e astrologia, da ciência dos números e da geometria, da medicina e da botânica.

À medida que seguirmos os passos de Thot, encontraremos as histórias do calendário que erguem a cortina dos negócios entre deuses e homens - e de enigmas, como Stonehenge.

8

Histórias do Calendário

A história do calendário é de inventividade, uma combinação sofisticada de astronomia e matemática. É também uma história de conflito, fervor religioso e luta pela supremacia.

A noção de que o calendário foi idealizado por fazendeiros e para fazendeiros a fim de que pudessem saber quando semear e quando plantar foi dada como certa por tempo demais; ela falha tanto no que se refere ao campo da lógica quanto ao do fato. Fazendeiros não precisam de um calendário formal para conhecer as estações, e sociedades primitivas conseguiram alimentar-se por gerações sem um calendário. O fato histórico é que o calendário foi idealizado para predeterminar o intervalo preciso entre os festivais que honravam os deuses. O calendário, em outras palavras, era um dispositivo

religioso. Os primeiros nomes pelos quais os meses eram chamados na Suméria tinham o prefixo EZEN. A palavra não significava "mês"; significava "festival". Os meses eram as épocas quando o Festival de Enlil, ou o Festival de Ninurta, ou os de outras divindades importantes seriam observados.

Que o propósito do calendário fosse permitir as observâncias religiosas não deveria ser uma surpresa. Encontramos um exemplo que ainda regula nossas vidas no atual calendário cristão. Sua principal festividade religiosa é a Páscoa, o ponto focal que determina o restante do calendário anual, a comemoração da ressurreição, segundo o Novo Testamento, de Jesus no terceiro dia depois de sua crucificação. Os cristãos ocidentais comemoram a Páscoa no primeiro domingo depois da lua cheia que ocorre logo após o equinócio de primavera (no hemisfério norte). Isso criou um problema para os primeiros cristãos em Roma, onde o elemento dominante do calendário era o ano solar de 365 dias e os meses eram de comprimento irregular e não exatamente relacionados às fases da Lua. A determinação da Páscoa, portanto, exigia uma dependência do calendário judaico, porque a Última Ceia, de onde são contados os dias, era na verdade a refeição Seder para comemorar a Pessach hebraica, que ocorre na véspera do décimo quarto dia do mês Nissan, a época da lua cheia. Como resultado, nos primeiros séculos da cristandade, a Páscoa era comemorada de acordo com o calendário judaico. Foi apenas quando o imperador romano Constantino, tendo se convertido ao cristianismo, conclamou um concílio, o Concílio de Nicéia, no ano 325, que a dependência contínua do calendário judaico foi abalada, e a cristandade, até então tida apenas como mais uma corrente do judaísmo, foi considerada uma religião separada.

Nessa mudança, como na origem, o calendário cristão foi uma expressão de crenças religiosas e um instrumento para determinar as datas de adoração. E o foi também mais tarde, quando os muçulmanos saíram da Arábia para conquistar pela espada terras e pessoas a leste e oeste; a imposição do calendário puramente lunar foi um dos primeiros atos, pois possuía grande conotação religiosa; contava a passagem do tempo a partir da Hégira,

a migração de Maomé, o fundador do islamismo, de Meca para Medina (em 622).

A história do calendário romano-cristão, interessante em si, ilustra alguns dos problemas inerentes ao unir os calendários solar e lunar e a necessidade resultante, ao longo dos milênios, de reformas no calendário e noções das eras que se renovam.

O atual calendário da Era Cristã comum foi introduzido pelo papa Gregório XIII em 1582 e, portanto, é chamado de calendário gregoriano. Ele constitui uma reforma do calendário Juliano, como era chamado o anterior, numa referência ao imperador romano Júlio César.

Esse famoso imperador romano, cansado do calendário caótico romano, convidou no século I a.C. o astrônomo Sosígenes, de Alexandria, no Egito, para que sugerisse uma reforma no calendário. O conselho de Sosígenes foi para que esquecesse o calendário lunar e adotasse um solar, "como o dos egípcios". O resultado foi um ano de 365 dias mais um ano diferenciado com 366 dias a cada quatro anos. Porém aquilo deixava uma sobra de 11 minutos e 1/4 por ano em excesso. Parecia pouca coisa para preocupar; porém o resultado foi que em 1582 o primeiro dia de primavera, fixo pelo Conselho de Nicéia em 21 de março, foi retardado por dez dias para 11 de março. O papa Gregório corrigiu o problema, decretando no dia 4 de outubro que o dia seguinte seria 15 de outubro. Essa reforma estabeleceu o calendário gregoriano atualmente em uso, cuja outra inovação foi decretar que o ano começava em 1º de janeiro.

A sugestão do astrônomo de adotar um calendário "como aquele dos egípcios" foi aceita em Roma, devemos presumir, sem muita dificuldade porque na época Roma, e especialmente Júlio César, eram familiarizados com o Egito, seus costumes religiosos e seu calendário. Naquele tempo o calendário egípcio era puramente solar, com 365 dias divididos em doze meses de trinta dias cada. Aos 360 eram adicionados cinco dias de festividades religiosas, dedicados a Osíris, Hórus, Seth, Ísis e Néftis.

Os egípcios tinham consciência de que o ano solar era um pouco maior do que 365 dias, não apenas pelo dia inteiro a cada quatro anos, como Júlio César dissera, mas pelo suficiente para alterar o calendário em um mês a cada

120 anos e por um ano inteiro a cada 1.460 anos. O ciclo determinante ou sagrado do calendário dos egípcios era esse período de 1.460 anos, por sua coincidência com o ciclo do despontar helíaco da estrela Sírius (Sept, em egípcio, Sothis, em grego) na época da enchente anual do Nilo, que geralmente acontecia por volta do solstício de verão (no hemisfério norte).

Edwar Meyer (*Agyptische Chronologie*) concluiu que quando esse calendário egípcio foi introduzido, tal convergência do despontar helíaco de Sírius e da inundação do Nilo havia ocorrido em 19 de julho. Baseado no que Kurt Sethe (*Urgeschichte und ilteste Religion der Agypter*) calculou, esses fatos devem ter ocorrido ou em 4.240 ou 2.780 a.C., observando os céus tanto em Heliópolis quanto em Mênfis.

Atualmente os pesquisadores do antigo calendário egípcio concordam que o calendário solar de 360+5 dias não foi o primeiro calendário daquela terra. Esse calendário "civil" ou secular foi introduzido apenas depois do início da época dinástica no Egito, por volta de 3.100 a.C.; de acordo com Richard A. Parker (*The Calendars of the Ancient Egyptians*), ocorreu por volta de 2.800 a.C. "provavelmente por motivos administrativos e fiscais". Esse calendário civil suplantou, ou talvez tenha suplementado, no início, o antigo calendário "sagrado". Nas palavras da Enciclopédia Britânica, "os antigos egípcios utilizavam um calendário baseado na Lua". Segundo R. A. Parker (*Ancient Egyptian Astronomy*), aquele calendário inicial era "como o de todos os povos antigos", um calendário de doze meses lunares mais um décimo terceiro intercalado que mantinha as estações em seus locais.

Esse calendário antigo era também, na opinião de Lockyer, equinocial, sem dúvida ligado ao templo mais antigo, em Heliópolis, cuja orientação era equinocial. Em tudo, mesmo na associação dos meses com festividades religiosas, o calendário egípcio era igual ao dos sumérios.

A conclusão de que o calendário egípcio tinha suas raízes em tempos pré-dinásticos, antes que a civilização aparecesse no Egito, só pode significar que não foram os próprios egípcios que inventaram esse calendário. É uma conclusão que combina o zodíaco no Egito e o zodíaco e o calendário na Suméria: foram as invenções artísticas dos "deuses".

No Egito, a religião e a adoração dos deuses tiveram início em Heliópolis, próximo à pirâmide de Gizé; seu nome egípcio original era Anu (como o nome do governante de Nibiru) e foi chamada On na Bíblia: quando José foi feito vice-rei de todo o Egito (Gênesis, capítulo 41), o faraó "lhe deu Asenet, a filha de Putifar, o [sumo] sacerdote de On, por esposa". Seu mais antigo santuário era dedicado a Ptah ("O que Desenvolve"), que, segundo a tradição egípcia, ergueu o Egito de sob as águas da Grande Enchente e tornou-o habitável por meio de drenagem intensa e aterros. O reino divino sobre o Egito foi então transferido por Ptah para seu filho Rá ("O Brilhante"), que também era chamado Tem ("O Puro"); e num santuário especial, também em Heliópolis, o Barco do Céu de Rá, o cônico Ben-Ben, podia ser visto por peregrinos uma vez por ano.

Rá era o chefe da primeira dinastia divina segundo o sacerdote egípcio Maneto (seu nome hieroglífico significa "Presente de Thot"), que compilou, no século III a.C., a lista de dinastias egípcias. O reinado de Rá e seus sucessores, os deuses Shu, Geb, Osíris, Seth e Hórus, durou mais de três milênios. Foi seguido por uma segunda dinastia divina que se iniciou com Thot, outro filho de Ptah; durou duas vezes mais do que a primeira dinastia divina. Depois disso, uma dinastia de semideuses, trinta deles, reinou sobre o Egito durante 3.650 anos. Ao todo, segundo Maneto, os reinados divinos de Ptah, a dinastia de Rá, a dinastia de Thot e a dinastia dos semideuses duraram 17.520 anos. Karl R. Lepsius (Konigsbuch der alten Agypter) reparou que esse período de tempo representa exatamente doze ciclos regulares de 1.460 anos cada um, corroborando, portanto, a origem pré-histórica do conhecimento calendárico-astronômico no Egito.

Com base em evidências substanciais, concluímos em As Guerras de Deuses e Homens e outros volumes das Crônicas da Terra que Ptah não era outro senão Enki, e que Rá era Marduk do panteão da Mesopotâmia. As terras africanas foram dadas para Enki e seus descendentes quando a Terra foi dividida entre os anunaques depois do Dilúvio, deixando o E.DIN (a terra bíblica do Éden) e a esfera mesopotâmica de influência nas mãos de Enlil e seus descendentes. Thot, um irmão de Rá/Marduk, era o deus que os sumérios chamavam de Ningishzida.

Muito da história e dos conflitos violentos que seguiram à divisão da Terra derivou da recusa de Rá/Marduk em aceitar a divisão. Ele estava convencido de que seu pai fora injustamente privado do governo da Terra (o que o nome-epíteto EN.KI, "Senhor da Terra", indicava); e que, portanto, ele, não o filho principal de Enlil, Ninurta, deveria reinar supremo na Terra, na Babilônia, a cidade mesopotâmica cujo nome significava "Portal dos Deuses". Obcecado por essa ambição, Rá/Marduk criou conflitos não apenas com os enlilitas, mas também aumentou a animosidade de alguns de seus próprios irmãos, envolvendo-os nesses conflitos, assim como deixando o Egito para depois voltar a reivindicar sua soberania.

No curso dessas idas e vindas, altos e baixos na luta de Rá/ Marduk, ele causou a morte de seu irmão mais novo, Dumuzi, deixou que seu irmão Thot reinasse e depois forçou-o a um exílio e fez com que seu irmão Nergal trocasse de lado numa Guerra dos Deuses que resultou num holocausto nuclear. Foi esse relacionamento de união e desunião com Thot, acreditamos, o elemento essencial para as Histórias do Calendário.

Os egípcios, conforme afirmamos, não tinham apenas um, mas dois calendários. O primeiro, com raízes na pré-história, era "baseado na Lua". O último, introduzido vários séculos depois do início do governo dos faraós, era baseado no ano solar de 365 dias. Contrariamente à noção de que o termo "calendário civil" era uma inovação administrativa de um faraó, sugerimos que este também, como o primeiro, foi uma criação dos deuses; com exceção de que enquanto o primeiro foi obra de Thot, o segundo foi criado por Rá.

Um aspecto do calendário civil considerado específico e original foi a divisão dos meses de trinta dias em "decanatos", períodos de dez dias cada pronunciados pelo despontar helíaco de uma certa estrela. Cada estrela (representada como um deus celestial navegando pelos céus) tinha a missão de dar notícias da última hora da noite; ao final de dez dias, uma nova estrela-decanato era observada.

Sugerimos que a introdução desse calendário baseado em decanatos foi um ato deliberado de Rá num conflito com o irmão Thot.

Ambos eram filhos de Enki, o grande cientista dos anunaques, e podia-se presumir com segurança que boa parte de sua sabedoria vinha do pai. Esse é

certamente o caso de Rá/Marduk, pois foi encontrado um texto mesopotâmico que afirma claramente esse fato. Trata-se de um texto cujo início registra uma queixa de Marduk ao pai, afirmando que lhe faltava determinado tipo de sabedoria. A resposta de Enki foi:

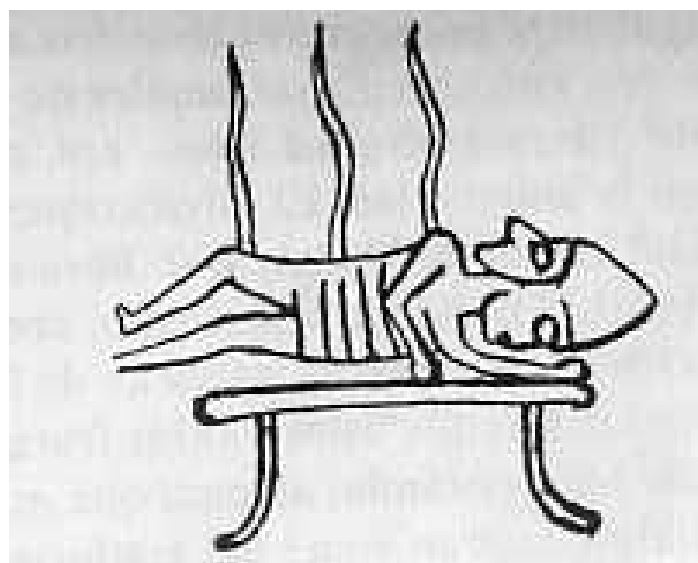
Meu filho, o que você não sabe?
O que mais posso dar a você?
Marduk, o que você não sabe?
O que posso lhe dar mais?
Tudo o que sei, você sabe!

Haveria, talvez, ciúme entre os irmãos nesse aspecto? O conhecimento de matemática, astronomia e orientação de estruturas sagradas era partilhado por ambos; o testemunho dos conhecimentos de Marduk nesses campos é o magnífico zigurate da Babilônia, que de acordo com o Enuma Elish fora projetado pelo próprio Marduk. Porém, como relata o texto citado acima, na área de medicina e saúde, seu conhecimento era menor do que o de seu irmão: ao contrário de Thot, ele não sabia reviver os mortos. Temos informações sobre esses poderes tanto por fontes mesopotâmicas quanto por fontes egípcias. Suas representações sumérias o mostram com o emblema das serpentes entrelaçadas, o emblema originariamente de seu pai Enki, que praticava engenharia genética - sugerimos que seja o emblema da hélice dupla do DNA. Seu nome em sumério, NIN.GISH.ZID.DA, que significa "Senhor da Vida Artificial", testemunhava o reconhecimento de sua capacidade de restaurar a vida, ressuscitando os mortos. Um texto litúrgico sumério o chamava de "Senhor curador, Senhor que segura a mão, Senhor do Artefato da Vida". Ele era invocado sempre nos textos mágicos e de exorcismo; uma série de encantamentos Maqlu ("Oferendas Queimadas") e fórmulas mágicas devotava a sétima tábua inteiramente a ele. Num dos encantamentos, devotado a marinheiros afogados ("As pessoas que vivem no mar que estão em descanso total"), o sacerdote invoca as fórmulas de "Síris e Ningishzida, os operários do milagre, os encantadores".

Síris é o nome de uma deusa até então desconhecida no panteão sumério, e a possibilidade de que seja uma versão mesopotâmica do nome da estrela Sírius nos vem à mente porque no panteão egípcio essa estrela era associada à deusa Ísis. Nas lendas egípcias, Thot foi quem ajudou Ísis, a esposa de Osíris, a extrair do desmembrado Osíris o sêmen com o qual a deusa se impregnou para conceber Hórus. Mas não era tudo. Numa inscrição egípcia encontrada num artefato conhecido como a Estela Metternich, a deusa Ísis descreve como Thot trouxe seu filho Hórus de volta do reino dos mortos, depois de ter sido picado por um escorpião. Respondendo aos lamentos dela, Thot veio dos céus "e ele era dotado de poderes mágicos, e possuía o grande poder que faz a palavra tornar-se real". E ele realizou mágica, e por volta do anoitecer retirou o veneno e Hórus voltou à vida.

Os egípcios afirmavam que o Livro dos Mortos, versos encontrados nas paredes das tumbas para que o faraó falecido pudesse ser transportado ao Pós-Vida, era uma composição de Thot, "escrita pelos seus próprios dedos". Num trabalho curto chamado pelos egípcios de Livro dos Fôlegos, afirmava-se que "Thot, o mais poderoso deus, o Senhor de Khemenu, vem até ti; ele escreveu para ti o Livro dos Fôlegos com seus próprios dedos, para que teu Ká respire para sempre e sempre, e tua forma seja dotada com a vida na Terra".

Sabemos por fontes sumérias que esse conhecimento, tão essencial em crenças faraônicas - sabedoria para reviver os mortos -, era possuído em primeiro lugar por Enki. Num texto longo, que relata a jornada de Inana/Ishtar ao Mundo Inferior (sul da África), o reino de sua irmã que casara com outro filho de Enki, Ishtar é morta pela irmã. Atendendo a pedidos, Enki fabricou remédios e supervisionou o tratamento do corpo com pulsos de som e radiação, e "Inana ergueu-se".



Evidentemente o segredo não fora divulgado a Marduk; quando ele se queixou, seu pai foi evasivo na resposta. Apenas aquilo já seria suficiente para tornar o ambicioso Marduk ciumento em relação a Thot. O sentimento de ter sido ofendido, talvez até ameaçado, era provavelmente maior. Em primeiro lugar, porque foi Thot, e não Marduk/Rá, quem ajudou Ísis a recuperar o desmembrado Osíris (neto de Rá) a salvar seu sêmen, depois reviver Hórus (bisneto de Rá) envenenado. Em segundo lugar, porque tudo isso levou - como o texto em sumério deixa claro - a uma afinidade entre Thot e a estrela Sírius, controladora do calendário egípcio e mensageira das enchentes férteis do Nilo.

Seriam apenas esses os motivos para o ciúme, ou Rá/Marduk teria outros motivos para encarar Thot como um rival, uma ameaça a sua supremacia? Segundo Maneto, o longo reinado da primeira dinastia divina iniciada com Rá terminou abruptamente depois de um reinado curto de trezentos anos por Hórus, em seguida ao conflito que chamamos de Primeira Guerra das Pirâmides. Depois, ao invés de outro descendente de Rá, foi Thot quem conquistou supremacia no Egito, e sua dinastia durou (segundo o historiador grego) 1.570 anos. Seu reinado, uma época de progresso e paz, coincidiu com o período Neolítico no Oriente Médio - a primeira fase da implantação da civilização para a humanidade pelos deuses.

Por que teria sido Thot, de todos os outros filhos de Ptah/ Enki, o escolhido para substituir a dinastia de Rá no Egito? Pode haver uma pista para uma

resposta a essa pergunta, num estudo intitulado *Religion of the Ancient Egyptians*, por W. Osborn Jr., no qual ele afirma em relação a Thot: "Embora ele ficasse na mitologia numa esfera secundária de divindades, sempre permaneceu como uma emanção direta de Ptah, parte dele, o **primogênito** das divindades primitivas" (a ênfase é nossa). Com as regras complexas de sucessão dos anunaques, pelas quais um filho nascido de uma meia-irmã se tornava herdeiro com preferência a um primogênito (desde que esse não fosse filho de uma meia-irmã) uma causa do atrito sem fim entre Enki (primogênito de Anu) e Enlil (nascido de uma meia-irmã de Anu) -, é possível que as circunstâncias do nascimento de Thot ameaçassem de alguma forma os desejos de Rá/Marduk pela supremacia?

É sabido que inicialmente a "companhia dos deuses" dominante, ou dinastia divina, era a de Heliópolis; mais tarde ela foi ultrapassada pela semente divina de Mênfis (quando Mênfis tornou-se a capital do Egito unificado). Porém entre os dois existiu uma Paut ou "companhia divina" de deuses liderados por Thot. O "centro de culto" desse último era em Hermópolis ("Cidade de Hermes" em grego), cujo nome egípcio, Khemenu, significa "oito". Um dos epítetos de Thot era "Senhor do Oito", o que, de acordo com Heinrich Brugsch (*Religion und Mythologie der alten Aegypter*) referia-se às oito orientações celestes, incluindo os quatro pontos cardeais. Também se referia à capacidade de Thot em descobrir e marcar os oito pontos de parada da Lua - o corpo celestial com o qual Thot estava associado.

Marduk, um deus "solar", por outro lado, estava associado ao número dez. Na hierarquia numérica dos anunaques, na qual Anu era representado pelo número mais alto, 60, Enlil se relacionava ao 50 e Enki ao 40 (e assim por diante), o número de Marduk era 10; esta pode ter sido a origem dos decanatos. De fato, a versão babilônica da Epopéia da Criação atribui a Marduk a criação de um calendário de doze meses, cada um dividido em três "astrais celestiais".

Ele determinou o ano, designou as zonas:

Para cada um dos doze meses

Ele estabeleceu três astrais celestes,

[Assim] definindo os dias do ano.

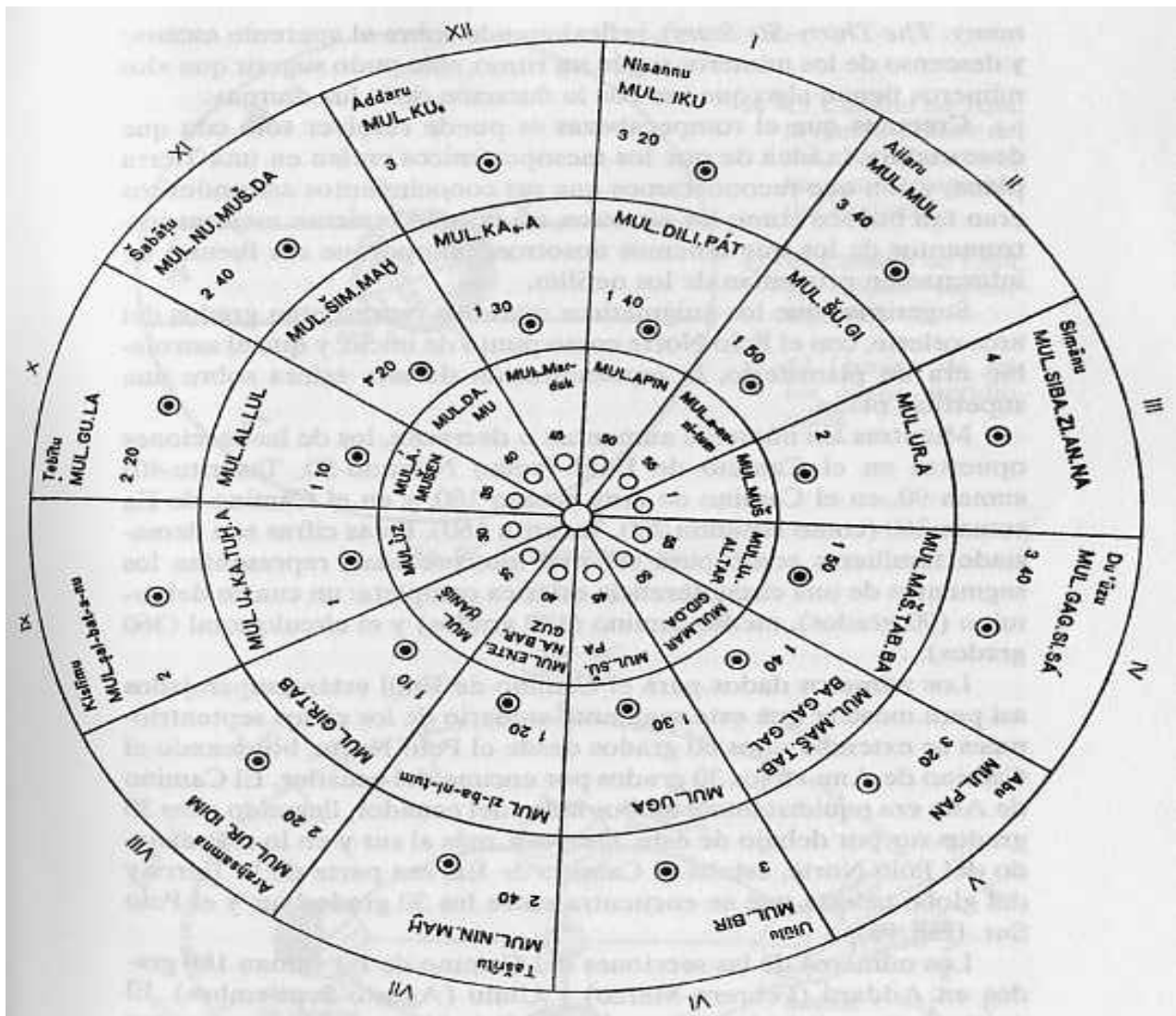
Essa divisão dos céus em 36 porções como meio de "definir os dias do ano" é uma referência tão clara quanto possível ao calendário - um calendário com 36 "decanatos". Aqui, no Enuma Elish, a divisão é atribuída a Marduk, aliás, Rá.

A Epopéia da Criação, sem dúvida de origem suméria, é conhecida hoje em dia principalmente por meio da versão babilônica (as sete tábuas do Enuma Elish). É uma versão, conforme concordam os acadêmicos, que tinha por intenção glorificar o deus nacional da Babilônia, Marduk. Portanto, o nome "Marduk" foi inserido onde no texto original sumério aparecia o planeta Nibiru, o invasor do espaço exterior, descrito como o Senhor do Céu; e onde, descrevendo feitos na Terra, o Deus Supremo foi nomeado Enlil, na versão babilônica, também se incluiu o nome de Marduk. Com isso, Marduk tornou-se supremo no Céu e na Terra.

Sem descobertas de tábuas intactas ou mesmo fragmentadas com o texto sumério original da Epopéia da Criação, é impossível dizer se os 36 decanatos foram uma verdadeira inovação de Marduk ou apenas um conceito emprestado dos sumérios. Uma idéia básica da astronomia suméria era a divisão da esfera celestial envolvendo a Terra em três "caminhos" - o Caminho de Anu como faixa central do céu, o Caminho de Enlil dos céus do norte e o Caminho de Ea (Enki) nos céus do sul. Imaginara-se que as três áreas representassem a faixa equatorial no centro e as duas faixas demarcadas pelos dois trópicos, norte e sul; entretanto, mostramos em O 12º. Planeta que o Caminho de Anu, ao longo do equador, estendendo-se 30 graus ao norte e ao sul do equador, resultava numa largura de 60 graus; e que o Caminho de Enlil e o Caminho de Ea da mesma forma se estendiam por 60 graus cada, de maneira que os três juntos cobriam a esfera celeste, num total de 180 graus de norte a sul.

Se essa divisão em três partes dos céus fosse aplicada à divisão calendárica do ano em doze meses, o resultado seriam 36 segmentos. Tal divisão - que resulta nos decanatos - foi realmente implantada na Babilônia.

Em 1900, falando para a Royal Astronomical Society, em Londres, o orientalista T. G. Pinches apresentou a reconstrução de um astrolábio mesopotâmico (literalmente: "capturador de estrelas"). Era um disco circular dividido como uma torta em doze segmentos e três anéis concêntricos, resultando numa divisão dos céus em 36 partes. Os símbolos circulares próximos aos nomes inscritos indicavam que era feita referência a corpos celestes; os nomes (aqui transliterados) são os de constelações do zodíaco, estrelas e planetas - 36 ao todo. Que essa divisão era ligada ao calendário fica claro pela inscrição dos nomes dos meses, um em cada um dos doze segmentos (marcados por Pinches de I a XII, começando com o primeiro mês do calendário babilônico, Nisamu).



Embora esse planisfério não responda à questão da origem dos versos relevantes do Enuma Elish, ela estabelece que aquilo que deveria ser uma inovação egípcia única na verdade possuía uma contraparte (se não uma base) na Babilônia - o local escolhido por Marduk para sua supremacia.

Ainda mais certo é que os 36 decanatos não aparecem no primeiro calendário egípcio. O mais antigo era ligado à Lua, o mais novo ao Sol. Na teologia egípcia, Thot era um deus lunar e Rá um deus solar. Estendendo essa idéia aos dois calendários, segue-se que o primeiro calendário egípcio foi formulado por Thot e o segundo, mais tarde, por Rá/Marduk.

O fato é que, quando chegou a época, por volta de 3.100 a.C., a fim de estender o nível de civilização (reinado humano) aos egípcios, Rá/Marduk - tendo sido frustrado em seus esforços para estabelecer a supremacia na Babilônia - retornou ao Egito e expulsou Thot.

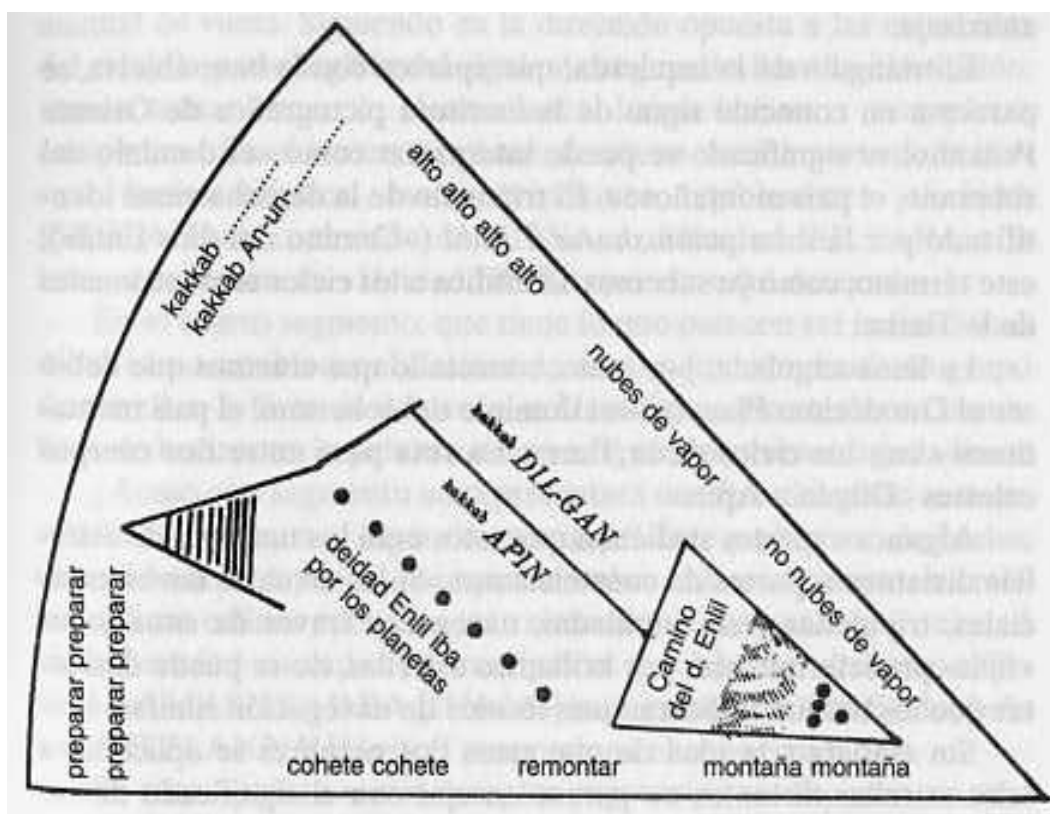
Foi então, acreditamos, que Rá/Marduk - não por conveniência administrativa, mas num passo deliberado para erradicar os vestígios da predominância de Thot - reformou o calendário. A passagem no Livro dos Mortos relata que Thot foi "perturbado pelo que ocorrera com os filhos divinos" que "tinham combatido em batalhas, reagido, criado inimigos, causado problemas". Como consequência disso, Thot "foi provocado até a raiva quando eles (seus adversários) levaram confusão à contagem dos anos, misturando e perturbando os meses". Todo esse mal, declara o texto, "em tudo que haviam feito a ti, trabalharam a iniquidade em segredo".

Isso pode muito bem indicar que o conflito que levou à substituição do calendário de Thot pelo de Marduk no Egito aconteceu quando o calendário (por motivos já explicados) precisou ser colocado de volta nos eixos. R. A. Parker, como assinalamos acima, acredita que essa mudança ocorreu por volta de 2.800 a.C. Adolf Erman (*Aegypten und Aegyptisches Leben im Altertum*) foi mais específico. A oportunidade, escreve ele, foi o retorno de Sírius a sua posição original, depois do ciclo de 1.460 anos, em 19 de julho de 2.776 a.C.

Deve ser observado que essa data, por volta de 2.800 a.C., é a data oficial adotada pelas autoridades britânicas para Stonehenge I.

A introdução, por Rá/Marduk, de um calendário dividido ou baseado em períodos de dez dias pode também ter sido motivada por um desejo de estabelecer uma distinção clara, tanto para seus seguidores no Egito e quanto para os da Mesopotâmia, entre ele e quem era "sete" - o líder dos enlilitas, o próprio Enlil. De fato, tal distinção pode ter estado por trás das oscilações entre calendários solares e lunares; pois os calendários, conforme já vimos e os registros mais antigos atestam, foram criados pelos "deuses" anunaques a fim de delinear para seus seguidores os ciclos de adoração; a luta pela supremacia significava, em última análise, quem seria adorado.

Os acadêmicos debateram por longo tempo a origem da semana, a parte do ano medida em grupos de sete dias. Temos mostrado em livros anteriores das Crônicas da Terra que sete era o número que representava nosso planeta, a Terra. A Terra era chamada, em textos sumérios, "o sétimo", e era representada em corpos celestes pelo símbolo de sete círculos porque ao entrar em nosso Sistema Solar vindos do planeta deles, o mais distante, os anunaques teriam encontrado primeiro Plutão, passado por Netuno e Urano (segundo e terceiro), continuado por Saturno e Júpiter (quarto e quinto). Contariam Marte como o sexto planeta (portanto representado como estrela de seis pontas) e a Terra como sétimo. Tal jornada e tal contagem estão ilustradas num planisfério descoberto nas ruínas da biblioteca real de Nínive, onde um dos oito segmentos mostra o vôo de Nibiru e afirma (aqui numa tradução): "a divindade Enlil passou pelos planetas". Esses planetas, representados por círculos escuros, totalizam sete. Pois para os sumérios, era Enlil, e nenhum outro, o "Senhor do Sete". Os nomes mesopotâmicos de pessoas, assim como os bíblicos (exemplo: Bath-sheba, "Filha do Sete") ou de lugares (exemplo: Beer-Sheba, o "Poço do Sete") honravam os deuses pelo epíteto.



A importância da santidade do número sete, transferida para a unidade calendária de sete dias como uma semana, permeia a Bíblia e outras escrituras antigas. Abraão separou sete cordeiros quando negociou com Abimelec; Jacó serviu a Labão por sete anos até conseguir casar-se com uma de suas filhas, e curvou-se sete vezes ao aproximar-se de seu ciumento irmão Esaú. O sumo sacerdote executava vários ritos sete vezes, Jericó foi sitiada sete vezes até que suas muralhas tombassem; o sétimo dia tinha de ser observado estritamente como Shabat, e o importante festival de Pentecostes acontecia sete semanas a contar da Páscoa.

Embora ninguém possa alegar que "inventou" a semana de sete dias, obviamente ela está associada na Bíblia com os tempos mais antigos - na verdade, quando o próprio Tempo começou: os sete dias da criação com os quais começa o livro do Gênesis. O conceito de um período de sete dias para contar o Tempo do Homem é encontrado na Bíblia assim como na precedente história mesopotâmica do Dilúvio, atestando, portanto, sua antiguidade. Nos textos da Mesopotâmia, o herói da enchente recebe um aviso com antecedência de sete dias por parte de Enki, que "abriu o relógio de água e o

enchou" para certificar-se de que seu fiel seguidor não perderia a contagem até o prazo final. Nessas versões o Dilúvio inicia-se com uma tempestade que "varreu a terra por sete dias e sete noites". Na versão bíblica, o Dilúvio também se inicia depois de um período de sete dias de aviso a Noé.

A história bíblica da enchente e de sua duração revela uma ampla compreensão do calendário numa época primitiva. De forma significativa, demonstra familiaridade com a unidade dos sete dias e com uma divisão do ano em 52 semanas de sete dias cada. Além do mais, sugere uma compreensão das complexidades de um calendário lunar-solar.

Segundo o Gênesis, o Dilúvio começou "no segundo mês, no décimo sétimo dia do mês" e terminou no ano seguinte "no segundo mês, no vigésimo sétimo dia do mês". Porém, o que poderia parecer ser um período de 365 dias mais dez não foi assim. A história bíblica descreve a duração do Dilúvio como sendo 159 dias da avalanche de água, 150 dias durante os quais a água recuou e mais quarenta dias até Noé julgar seguro abrir a Arca. Então, em dois intervalos de sete dias, ele enviou um corvo e uma pomba para reconhecer o terreno; só quando a pomba não mais voltou é que Noé soube que era seguro sair.

Segundo essa contagem, tudo somava 354 dias ($150 + 150 + 40 + 7 + 7$). Porém esse não é um ano solar; é precisamente um ano lunar de doze meses com uma média de 29,5 dias cada ($29,5 \times 12 = 354$) representados por um calendário - assim como ainda é o calendário hebraico - alternando entre meses de 29 e 30 dias.

Porém 354 dias não é um ano inteiro em termos solares. Reconhecendo isso, o narrador ou editor do Gênesis recorreu à intercalação, ao afirmar que o Dilúvio, que começou no décimo sétimo dia do segundo mês, terminou (um ano mais tarde) no vigésimo sétimo dia do segundo mês. Os acadêmicos estão divididos em relação ao número de dias que foi adicionado aos 354 lunares. Alguns (por exemplo, S. Gandz, *Studies in Hebrew Mathematics and Astronomy*) consideram a adição como tendo sido de onze dias - a quantidade intercalada correta que expandiria o ano lunar de 354 dias para os 365 do ano solar. Outros, entre eles o autor do antigo Livro dos Jubileus, considera o número de dias adicionados apenas 10, aumentando o ano em

questão para 364 dias. O significado, claro, implica um calendário dividido em 52 semanas de sete dias cada ($52 \times 7 = 364$).

Esse não teria sido apenas o resultado de somar $354 + 10$ como número de dias, mas uma divisão deliberada do ano em 52 semanas cada, como fica claro no Livro dos Jubileus. Afirma (capítulo 6) que, quando o Dilúvio terminou, Noé recebeu "tábuas celestes" ordenando que:

Todos os dias do mandamento
Serão dois e cinquenta semanas de dias
Que tornarão o ano completo.
Assim está gravado e ordenado nas tábuas celestes;
Não haverá negligência para um ano apenas ou de ano para ano.
E ordenarás aos filhos de Israel que observem os anos
De acordo com esse cálculo:
Trezentos e sessenta e quatro dias;
Irão formar um ano completo.

A insistência do ano de 52 semanas de sete dias, perfazendo um ano calendário de 364 dias, não foi o resultado de ignorância em relação à verdadeira extensão de 365 dias do ano solar.

Essa consciência do tamanho exato é tornada clara pela Bíblia pela idade de Enoch ("cinco e sessenta e trezentos anos") até que fosse chamado pelo Senhor. No texto não bíblico do Livro de Enoch o "excesso do Sol", os cinco dias epagômenos que precisavam ser adicionados aos 360 (12×30) de outros calendários, para completar os 365, são especificamente mencionados. Ainda assim o Livro de Enoch, em capítulos que descrevem os movimentos do Sol e da Lua, os doze "portais" zodiacais, os equinócios e solstícios, afirmam sem sombra de dúvida que o calendário anual será "um ano exato em seus dias: trezentos e sessenta e quatro".

Isso é repetido numa afirmação de que "o ano completo, com justiça perfeita" era de 364 dias - 52 semanas de sete dias cada uma.

Acredita-se que o Livro de Enoch, especialmente na versão conhecida como Enoch II, mostra elementos de conhecimento científico centrado na época em

Alexandria, no Egito. Quanto dele pode ser seguido até os ensinamentos de Thot não se pode saber com certeza; porém as histórias bíblicas, assim como as egípcias, sugerem um papel para o sete e cinquenta e dois vezes sete em épocas remotas.

Bem conhecida é a história bíblica de José, que se elevou a governador do Egito depois de interpretar os sonhos do faraó, com sete vacas gordas sendo devoradas por sete vacas magras, depois sete espigas belas de milho devoradas por sete espigas mirradas. Poucos se dão conta, porém, que a história - lenda ou mito para alguns - possuía fortes raízes egípcias, assim como um elemento antigo do folclore egípcio. Entre os últimos estava o precursor egípcio do oráculo grego das deusas sibilinas da sorte; eram chamadas de Sete Hathors, sendo Hathor a deusa da península do Sinai, representada como uma vaca. Em outras palavras, as Sete Hathors simbolizavam sete vacas que podiam prever o futuro.

O elemento antigo dessa história de sete anos de fartura que precediam sete anos magros é um texto hieroglífico que E. A. W. Budge (Legends of Gods) intitulou "A lenda do deus Khnemu e da fome dos sete anos". Khnemu era outro nome de Ptah/Enki em seu papel de projetista da humanidade. Os egípcios acreditavam que depois de ter entregue o poder no Egito para seu filho Rá, ele se aposentara na ilha de Abu (conhecida como Elefantina desde os gregos por causa de sua forma), onde criara as cavernas gêmeas - dois reservatórios ligados -, cujas trancas ou comportas podiam ser manipuladas para regular o fluxo das águas do Nilo. (A moderna represa de Assuã é localizada de forma semelhante, acima da primeira catarata do Nilo.)

Segundo esse texto, o faraó Zoser (construtor da pirâmide em degraus de Sakkara) recebeu um despacho real do governador do povo do sul afirmando que uma grande provação se abateria sobre o povo, "porque o Nilo não atingira a altura correta por sete anos".

Como resultado disso, "o grão é escasso, faltam verduras, e todo tipo de coisas que os homens comem para se alimentar diminuíram, e agora os homens saqueiam seus vizinhos".

Esperando que uma onda de fome e caos pudesse ser evitada por um pedido direto ao deus, o rei viajou para o sul, até a ilha de Abu. Disseram-lhe que o

deus habitava lá "num edifício de madeira com portais feitos de papiros", mantendo com ele "a corda e a tábua" que o capacitava a abrir "as portas duplas das comportas do Nilo". Khnemu, respondendo aos apelos do rei, prometeu "elevar o nível do Nilo, dar água para que a colheita crescesse". Considerando-se que a enchente anual do Nilo estava ligada ao aparecimento da estrela Sírius, seria o caso de perguntar se os aspectos celestes ou astronômicos da história remetem não apenas à falta de água (que ocorre em ciclos até hoje) mas também da mudança (discutida acima) da aparição de Sírius sob um calendário rígido. Que toda a história possuía conotações calendáricas é sugerido pela afirmação no texto de que a habitação de Khnemu em Abu era astronomicamente orientada: "A casa do deus possuía uma abertura para sudoeste, e o Sol permanecia em oposição todos os dias". Isso só pode significar uma instalação para observar o Sol no curso de seu movimento para a frente e para trás em relação ao solstício de inverno.

Essa breve revisão do uso e significado do número sete nos assuntos de deuses e homens é o suficiente para nos mostrar sua origem celeste (os sete planetas de Plutão até a Terra) e sua importância calendárica (a semana de sete dias, o ano de 52 semanas). Porém, na rivalidade entre os anunaques, tudo assumiu outro significado: a determinação de quem seria o Deus do Sete (Eli-Sheva em hebraico, de onde deriva Elisabeth) e assim o Governante (oficial) da Terra.

Isso, acreditamos, foi o que alarmou Rá/Marduk em sua volta para o Egito depois do golpe fracassado na Babilônia: a veneração do Sete, ainda o epíteto de Enlil, por meio da introdução da semana de sete dias no Egito.

Nessas circunstâncias a veneração das Sete Hathors, por exemplo, foi um anátema para Rá/Marduk. Não apenas seu número, sete, que implicava veneração a Enlil, mas sua associação com Hathor, divindade importante no panteão egípcio, mas por quem Rá/Marduk não nutria sentimentos de apreciação.

Hathor, conforme mostramos em livros anteriores das Crônicas da Terra, era o nome egípcio de Ninharsag do panteão sumério - meia-irmã de Enki e Enlil, e objeto da atenção sexual de ambos. Desde que as esposas oficiais de ambos (Ninki de Enki, Ninlil de Enlil) não eram meias-irmãs deles, era

importante que eles tivessem um filho com Ninharsag; tal filho, sob as regras de sucessão dos anunaques, seria um Herdeiro Legal acima de qualquer disputa para o trono da Terra. Apesar de várias tentativas de Enki, tudo o que Ninharsag lhe deu foram filhas; Enlil teve mais sucesso e seu filho foi concebido numa união com Ninharsag. Isso possibilitou a Ninurta (Ningirsu, o "Senhor de Girsu" para Gudea) que herdasse do pai o número cinquenta. - ao mesmo tempo privando o primogênito de Enki, Marduk, de ser o governante da Terra.

Havia outras manifestações da ampliação do culto do sete e sua importância calendárica. A história da seca de sete anos acontece na época de Zoser, construtor da pirâmide de Sakkara. Arqueólogos descobriram na área de Sakkara um "topo de altar" circular feito de alabastro, cuja forma sugere que poderia servir como lâmpada, para ser acesa durante um período de sete dias. Outro achado foi uma "roda" de pedra (alguns pensam ser a base de um ônfalo, uma "pedra-umbigo" oracular) que claramente está dividida em quatro segmentos de sete marcadores cada, sugerindo que se tratava de uma pedra-calendário - um calendário lunar, sem dúvida -, incorporando o conceito de uma semana de sete dias e (com a ajuda das quatro divisões) possibilitando uma contagem do mês lunar, de 28 a 32 dias.

Os calendários de pedra existiam na Antiguidade, como evidenciam Stonehenge, nas Ilhas Britânicas, e o calendário asteca, no México. Que esse tenha sido encontrado no Egito não deveria ser estranho, já que nossa crença indica que o gênio por trás de todas aquelas pedras geograficamente espalhadas pelo mundo era um deus apenas: Thot. O que poderia ser surpreendente seria o ciclo de sete dias; porém isso, como mostra outra lenda egípcia, também deveria ser esperado.

O que os arqueólogos identificaram como jogos ou tabuleiro tem sido encontrado por todo o Oriente Médio, como testemunham essas poucas ilustrações de achados provenientes da Mesopotâmia, de Canaã e do Egito. Os dois jogadores moviam suas peças de um orifício para outro de acordo com lances dos dados. Os arqueólogos não perceberam mais do que jogos para passar o tempo; porém o número de orifícios, 58, é claramente uma divisão de 29 para cada jogador - e 29 é o número de dias de um mês lunar.

Havia também subdivisões óbvias em grupos menores e sulcos ligando alguns orifícios a outros (indicando talvez que o jogador poderia saltar casas para chegar até ali). Reparamos, por exemplo, que o orifício 15 estava ligado ao 22 e o 10 ligava-se ao 24, o que sugere um "salto" de uma semana de sete dias e meio mês de catorze.

Hoje em dia empregamos cantigas e jogos para ensinar o moderno calendário às crianças; por que excluir a possibilidade de que isso fosse feito também no passado?

Que esses fossem jogos de calendário e que pelo menos um deles, o favorito de Thot, fosse projetado para ensinar a divisão do ano em 52 semanas, se torna evidente a partir de uma história egípcia antiga conhecida como "As Aventuras de Satni-Khamois com as Múmias".

É uma história de magia, mistério e aventura, um suspense antigo que combina o número mágico 52 com Thot e os segredos do calendário. A história foi escrita num papiro (catalogado no Cairo – 30.646), descoberto numa tumba em Tebas, remontando ao século III a.C. Fragmentos de outros papiros com a mesma história também foram encontrados, indicando que fazia parte de uma literatura popular ou canônica do Egito Antigo, que registrava histórias de deuses e homens.

O herói da história era Satni, um filho de faraó, "bem instruído sobre todas as coisas". Ele gostava de vagar na necrópole de Mênfis, estudando as escrituras sagradas nas paredes dos templos e procurando antigos "livros de magia". Com o tempo, ele mesmo tornou-se "um mago que não encontrava rival nas terras do Egito". Um dia um velho misterioso lhe contou sobre uma tumba "onde estava depositado o livro que o deus Thot escrevera com sua própria mão", e no qual os mistérios da Terra e os segredos dos céus eram revelados. Essa sabedoria secreta incluía informações divinas em relação "ao nascer do Sol e às aparições da Lua e dos movimentos dos deuses celestes (os planetas) que estão no círculo (órbita) do Sol"; em outras palavras - os segredos da astronomia e do calendário.

A tumba em questão era a de Ne-nofer-khe-ptah, o filho de um rei. Quando Satni pediu para ver a localização do túmulo, o velho o avisou de que embora Nenoferkheptah estivesse enterrado e mumificado, não estava morto e podia

abater qualquer um que ousasse levar o livro de Thot, alojado entre seus pés. Sem temor, Satni procurou o túmulo subterrâneo e, quando atingiu o lugar certo, "recitou uma fórmula, abrindo um buraco no solo, por onde ele entrou e desceu até o local onde estava o livro".

No interior da tumba, Satni viu as múmias de Nenoferkheptah, de sua irmã-esposa e do filho de ambos. O livro realmente estava aos pés de Nenoferkheptah e "emitiu uma luz quando o Sol bateu ali". Quando Satni deu um passo naquela direção, a múmia da mulher falou, avisando-o para não avançar mais. Ela contou a Satni as desventuras do marido, que tentou obter o livro que Thot escondera num lugar secreto, no interior de uma caixa de ouro que estava dentro de uma de prata, que por sua vez estava dentro de uma série de caixas dentro de caixas, sendo as últimas de bronze e de ferro. Quando seu marido, ignorando os avisos e os perigos, agarrou o livro, Thot o condenou, bem como a mulher e o filho a ficarem em vida suspensa; embora vivos, estavam enterrados; e embora mumificados, podiam ver, ouvir e falar. Ela avisou Satni que, se ele tocasse o livro, seu destino seria o mesmo, ou pior.

Os avisos e o destino do rei anterior não foram capazes de deter Satni. Tendo chegado até ali, estava determinado a obter o livro. Quando deu outro passo na direção do livro, a múmia de Nenoferkheptah falou. Havia uma forma de possuir o livro sem incorrer na ira de Thot, disse ele: jogar e ganhar o jogo dos 52, "o número mágico de Thot".

Desafiando o destino, Satni concordou. Perdeu o primeiro jogo e encontrou-se parcialmente afundado no solo da tumba. Perdeu o jogo seguinte, e o seguinte, afundando ainda mais no chão. Como ele escapou com o livro e as calamidades que caíram sobre ele por causa disso, além de como ele resolveu ao final devolver o livro ao local onde o encontrara, é algo que torna a leitura fascinante; contudo não é essencial para nosso assunto imediato: o fato de que os "segredos de Thot" astronômicos e calendáricos incluíam o Jogo do Cinquenta e Dois - a divisão do ano em 52 partes de sete dias cada, resultando no enigmático ano de apenas 364 dias do Livro dos Jubileus e do Livro de Enoch.

É um número mágico que nos faz atravessar os oceanos, até as Américas, remetendo-nos de volta ao enigma de Stonehenge, e abrindo a cortina de eventos que levarão à primeira Nova Era registrada pela humanidade e também que dela resultarão.

9

Onde o Sol Também Nasce

Nenhuma visão caracteriza mais Stonehenge do que a dos raios solares brilhando através dos megálitos ainda eretos do Círculo Sarsen na aurora do dia mais longo do verão; o Sol, em sua migração para o norte, dá a impressão de hesitar, parar e começar seu retorno. Por obra do destino, apenas quatro daqueles grandes pilares de pedra permanecem em pé, ligados pelo topo por lintéis curvos, que formam três janelas alongadas através das quais, como se fôssemos os construtores gigantes de Stonehenge há muito desaparecidos, podemos também ver - e determinar - o início de um novo ciclo anual.

E como se fosse por obra do destino, do outro lado do mundo, outro conjunto de três janelas numa estrutura de pedra de proporções ciclópicas - construídas, segundo as lendas locais, por gigantes - igualmente oferece uma visão maravilhosa do Sol aparecendo entre nuvens brancas e nevoentas num alinhamento preciso. Esse outro lugar das Três Janelas, onde o Sol nasce num dia crucial para o calendário, fica na América do Sul, no Peru.

Seria essa semelhança uma mera curiosidade visual, uma simples coincidência? Acreditamos que não.

Hoje em dia o lugar é chamado de Machu Picchu, em virtude do pico agudo onde as ruínas da cidade estão localizadas, que se eleva três mil metros acima de uma curva do rio Urubamba. Tão bem escondida ela fica entre a vegetação tropical e os muitos picos dos Andes que enganou os conquistadores espanhóis e permaneceu como uma "cidade perdida dos incas" até sua descoberta, em 1911, por Hiram Bingham. Agora sabemos que foi construída muito antes dos incas, e que seu nome antigo era TampuTocco, "Porto das Três Janelas". O lugar e suas janelas únicas são apresentados pelo folclore local como remontando às origens da civilização andina, quando os deuses,

liderados pelo grande criador Viracocha, colocaram os quatro irmãos Ayar e suas quatro irmãs-esposas em Tampu-Tocco. Três irmãos emergiram através das três janelas para colonizar e civilizar as terras dos Andes; um deles fundou o Antigo Império, que antecedeu o dos incas em milhares de anos.

As três janelas fazem parte de uma parede construída com blocos ciclóticos de granito, que - como em Stonehenge - não são nativos do local e foram transportados por grandes distâncias, entre montanhas escarpadas e vales fundos, acidentes geográficos quase intransponíveis. As rochas colossais, cuidadosamente aparelhadas, com a superfície alisada e os cantos arredondados, foram cortadas em numerosos lados e ângulos como se fossem compostas de material macio. Os lados e ângulos de cada pedra se ajustam perfeitamente aos de todas as peças vizinhas; assim, essas pedras poligonais parecem encaixadas umas às outras, formando um quebra-cabeça gigantesco, precisamente ajustado sem a ajuda de argamassa de nenhum tipo, e ainda capaz de suportar os terremotos que acontecem com certa frequência na área, além de outros desastres naturais e daqueles provocados pelo homem.

O Templo das Três Janelas, como foi batizado por Bingham, possui apenas três paredes: a que contém as janelas fica voltada para leste e as outras duas estendem-se uma para cada lado, como asas protetoras. O lado oeste é completamente aberto, deixando espaço para um pilar de pedra, que mede cerca de dois metros e dez centímetros de altura; apoiado por duas pedras cuidadosamente trabalhadas, em posição horizontal, uma de cada lado, localizando-se o pilar em frente à janela do meio. Como há um nicho escavado no alto, Bingham supôs que poderia ter suportado um telhado de plantas, porém isso seria um aspecto único em Machu Picchu, e acreditamos que tal pilar servisse ao mesmo propósito que a Pedra do Calcanhar, em Stonehenge, no início, ou que a Pedra do Altar mais tarde; também como o sétimo pilar de Gudea, que providenciava uma referência de mira. Engenhosamente, a disponibilidade das janelas tornava possível três linhas de mira - a aurora no meio do verão, o dia do equinócio e o dia do meio do inverno.

A estrutura das três janelas com o pilar em frente formavam a parte leste do que Bingham chamou de Plaza Sagrada, como ainda é conhecida entre os

estudiosos. Sua estrutura principal, também de três lados, possui a parede mais longa no lado norte da praça e o espaço vazio voltado para o sul. Também é feita com blocos enormes de granito importado, mantidos no lugar pela precisão dos encaixes em ângulo das formas poligonais. A parede central norte foi construída para criar sete falsas janelas - cortes trapezoidais que imitam as três janelas, mas não chegam a atravessar a espessura das pedras. Um monólito retangular e compacto, medindo 4,2 por 1,5 por 1 metro, repousa sobre o piso de pedra abaixo das janelas falsas. Embora o propósito dessa estrutura ainda não tenha sido descoberto, ainda é chamada de Templo Principal, como Bingham a batizou.

Como a altura de um metro e meio da pedra caída não permitia que servisse como cadeira, Bingham especulou que pode ter sido usado como uma mesa de oferendas, "uma espécie de altar; provavelmente ofertas de comida eram colocadas ali, ou poderiam ter a função de receber múmias dos mortos ilustres, que ali podiam permanecer e ser adorados nos dias de festas". Embora tais costumes fossem puramente imaginários, a sugestão de que toda a estrutura poderia estar relacionada a festas religiosas - ou ao calendário - é intrigante. As sete janelas falsas possuem protuberâncias de pedra acima de cada uma, de forma que algum tipo de contagem envolvendo sete e seis - como no Girsu em Lagash - se constitui numa hipótese que não deve ser descartada. As duas paredes laterais ostentam cinco janelas falsas cada uma, de forma que cada parede lateral - uma no leste e outra no oeste - fornecia uma contagem de doze se somada à parede central (no norte). Isso também implica função calendárica.

Um pequeno terraço pertencente à mesma Era Megalítica foi construído como estrutura adjunta ao Templo Principal, atrás do canto noroeste. Pode ser melhor descrito como uma sala sem teto com um banco de pedra; Bingham presumiu que fosse a habitação do sacerdote, porém não havia nada lá que indicasse seu propósito. O que é óbvio, porém, é que foi construída com o mesmo cuidado enorme dos grandes blocos poligonais de granito, moldado e polido até a perfeição. De fato, é ali que se encontra a pedra com mais faces e ângulos: 32! Como e por que esse impressionante megálito foi esculpido e colocado ali é um mistério que confunde o visitante.

Logo atrás desse terraço inicia-se uma escada, feita de pedras retangulares que servem como degraus. Segue seu caminho para cima, começando da praça sagrada até uma elevação que domina toda a cidade. O alto da colina foi aplainado para permitir a construção de um terraço. Também foi elaborado com pedras trabalhadas da mesma forma que as outras, mas sem o tamanho megalítico nem muitas faces; ao contrário, a parede mais alta da entrada cria um portão para o topo da colina, e as paredes circundantes, mais baixas, são feitas de pedras de cantaria, - pedras de formas regulares, que, como tijolos, se encaixam para formar os muros. Esse método de construção não é o mesmo que os colossos da Era Megalítica nem de estruturas inferiores com pedras unidas entre si por argamassa, da qual a maioria das estruturas em Machu Picchu foram construídas. Estas últimas sem dúvida pertencem ao período inca; e as estruturas de pedras de cantaria, como a que está no alto da colina, pertencem a uma era mais recente, que, em Os Reinos Perdidos, identificamos como sendo da Era do Império Antigo.

A estrutura de pedras de cantaria no alto da colina tem a intenção de servir como espaço decorativo e de proteção para a estrutura principal no alto. No centro, onde a colina foi aplainada para formar uma plataforma, uma protuberância foi deixada para cima, depois esculpida e trabalhada magnificamente para formar uma base poligonal, de onde uma pequena coluna se projeta para o alto. Que a pedra-na-base sirva a propósitos astronômico-calendários fica evidente por seu nome: Inti-huatana, que na língua local significa "Aquilo que ata o Sol". Como os incas e seus descendentes explicaram, era um instrumento de pedra para observar e determinar os solstícios, para se certificarem de que o Sol fosse atado e não se afastasse para sempre, sem retornar.

Quase um quarto de século se passou entre a descoberta de Machu Picchu e o primeiro estudo sério de suas conotações astronômicas. Foi apenas na década de 30 que Rolf Milller, um professor de astronomia da Universidade de Potsdam, na Alemanha, começou uma série de investigações de vários locais importantes no Peru e na Bolívia. Felizmente ele aplicou a seus achados os princípios da arqueoastronomia expostos por Lockyer; dessa forma, além das interessantes conclusões em relação aos aspectos astronômicos de Machu

Picchu, Cuzco e Tiahuanaco (na margem sul do lago Titicaca), Müller pôde determinar a época da construção.

Müller concluiu (*Die Intiwatana (Sonnenwarten) im Alten Peru* e outros escritos) que o pequeno pilar no alto da base e a própria base tinham sido cortados e trabalhados para permitir observações astronômicas precisas naquela localização geográfica e altitude. O pilar servia como gnômon, e a base como um registro da sombra. Entretanto, a própria base era formada e orientada de forma que a observação ao longo dos sulcos pudesse apontar o nascer ou o pôr-do-sol em dias cruciais. Müller concluiu que os dias visados eram o pôr-do-sol (Su) no dia do solstício de inverno (21 de junho no hemisfério sul) e a aurora (Sa) no dia do solstício de verão (23 de dezembro). Mais tarde ele decidiu que os ângulos da base retangular eram de tal forma que, se alguém observasse o horizonte ao longo de uma linha de mira diagonal ligando as protuberâncias 1 e 3, teria observado o pôr-do-sol precisamente nos dias de equinócio na época em que o Intihuatana foi esculpido.

Isso, concluiu ele, com base na inclinação maior da época, foi cerca de quatro mil anos atrás - em alguma época entre 2.100 e 2.300 a.C. Dessa forma, o Intihuatana de Machu Picchu seria contemporâneo, ou mais antigo do que o Eninnu em Lagash e do que Stonehenge II. Mais impressionante ainda seria o formato retangular para a função astronômica da base do Intihuatana, pois imita o formato excepcional e retangular das quatro Pedras das Estações em Stonehenge I (embora, aparentemente, sem seus propósitos lunares).

A lenda dos irmãos Ayar narra que os três irmãos de quem descendem os reinados andinos - uma espécie de versão sul-americana de Cam, Sem e Jafé, da Bíblia - livraram-se do quarto irmão aprisionando-o numa caverna no interior de uma rocha enorme, onde ele virou pedra. Tal caverna, localizada no interior de um grande rochedo, de fato existe em Machu Picchu, e dentro dela encontramos uma protuberância, uma espécie de pequeno pilar branco e vertical. Sobre ela está uma das estruturas mais notáveis em toda a América do Sul. Feito do mesmo tipo de rocha que a plataforma do Intihuatana, nitidamente contemporâneo dele, existe um recinto que em dois dos lados forma paredes perfeitas em ângulo reto em relação uma à outra,

enquanto os outros dois se curvam para formar um semicírculo perfeito. É conhecido como Torreón (a Torre).

O recinto, a que se tem acesso por sete degraus de pedra, engloba, como o Intihuatana, o pico proeminente da grande rocha onde foi construído. Assim como o Intihuatana, a protuberância ali também foi escavada e recebeu uma forma proposital; exceto pelo fato de que no caso nenhum prolongamento foi feito para funcionar como gnômon. Ao invés disso, as linhas de mira astronômicas que correm ao longo das reentrâncias e superfícies poligonais da "rocha sagrada" levam a duas janelas na parede semicircular. Müller e outros astrônomos depois dele (por exemplo, D. S. Dearborn e R. E. White, *Archaeoastronomy at Machu Picchu*) concluíram que as linhas de mira foram orientadas para o nascer do Sol nos dias dos solstícios de inverno e verão da época - há mais de quatro mil anos.

As duas janelas eram similares em sua forma trapezoidal (mais largas na base, mais estreitas no alto) às legendárias Três Janelas na Praça Sagrada e assim imitam, em forma e propósito, as estruturas da Era Megalítica. A semelhança continua na estrutura de pedras de cantaria perfeitas: onde o semicírculo terminava e a parede reta de norte começava, existia uma terceira janela - se é que se pode chamar assim essa abertura. É maior do que as outras duas; seu peitoril não é reto, mas possui o formato de uma escada invertida; o topo não é formado por um lintel reto, mas por uma abertura que lembra um "v" invertido.

Em virtude de a visão através dessa abertura (do interior da Torre para fora) ter sido obstruída por uma construção de pedras do tempo dos incas, os astrônomos que estudaram a Torre não atribuíram nenhum significado astronômico a essa Terceira Janela. Bingham ressaltou que a parede onde se encontra essa janela apresenta evidências claras de fogo, e ele supôs que seria uma indicação da queima de sacrifícios em certas festas religiosas. Nossos próprios estudos mostram que quando os prédios incas ainda não estavam ali, por exemplo, na época do Império Antigo, uma linha de mira da Rocha Sagrada através da abertura nessa janela até o alto do Intihuatana na colina a noroeste provavelmente teria indicado o solstício de inverno ao pôr-do-sol na época em que a Torre foi construída.

A estrutura no alto do rochedo também imitava aquelas da Praça Sagrada em outros aspectos. Além das três aberturas, havia nove janelas falsas em forma de trapézio nas paredes retas. Espaçadas regularmente entre as janelas falsas havia protuberâncias das paredes, como pinos ou carretéis, conforme batiza dos por Bingham. A parede mais longa, que possui sete janelas falsas, apresenta seis desses pinos - duplicando o arranjo na parede maior do Templo Principal.

O número de janelas - verdadeiras e falsas -, doze, sem dúvida está relacionado a uma função calendárica, tal como a contagem de doze meses no ano. O número de janelas falsas (sete) e pinos (seis) na parede maior, assim como o do Templo Principal, pode indicar uma necessidade calendárica de uma intercalação - um ajuste periódico do ciclo lunar para o ciclo solar adicionando um mês em intervalos de alguns anos. Combinados com os alinhamentos e aberturas para observação e determinação dos solstícios e equinócios, as falsas janelas com seus pinos conduzem à conclusão de que em Machu Picchu alguém criou um computador de pedra complexo, solar e lunar, para servir de calendário.

A Torre, contemporânea do Eninnu e de Stonehenge II, é nesse aspecto mais impressionante do que o formato retangular na Intihuatana, porque apresenta a forma circular, extremamente rara na América do Sul, mas com uma relação óbvia com os círculos de pedra em Lagash e Stonehenge.

Segundo as lendas e datações compiladas pelo espanhol Fernando Montesinos no início do século XVII, o Império Inca não foi o primeiro reinado com capital em Cuzco, no Peru. Pesquisadores agora sabem que os legendários incas, que os espanhóis encontraram e subjugaram, chegaram ao poder em Cuzco apenas em 1.021 d.C. Muito antes disso, um dos irmãos Ayar, Manco Capac, fundou a cidade quando um cajado de ouro dado a ele pelo deus Viracocha afundou no solo para marcar o ponto apropriado. Aconteceu, pelos cálculos de Montesinos, em cerca de 2.400 a.C. - quase 3.500 anos antes dos incas. Esse Império Antigo durou aproximadamente 2.500 anos até que uma sucessão de pragas, terremotos e outras calamidades levou ao abandono de Cuzco. O rei, acompanhado por um punhado de pessoas escolhidas, retirou-se para o esconderijo em Tampu-Tocco; lá, o

intervalo durou cerca de mil anos, até que um jovem de nascimento nobre foi escolhido para liderar as pessoas de volta a Cuzco e estabelecer um Novo Reino - aquele da dinastia inca.

Quando os conquistadores espanhóis chegaram a Cuzco, a capital inca, em 1533, ficaram surpresos ao descobrir uma metrópole com cerca de 100.000 casas cercando um complexo real-religioso de magníficos palácios, templos, praças, jardins, mercados e avenidas. Mostraram-se intrigados ao saber que a cidade era dividida em doze bairros, disposta em forma oval, com fronteiras que estavam posicionados ao longo de postos em torres construídas nos picos que cercavam a região, além de ficarem impressionados pela visão do templo mais sagrado da cidade e do império - não porque fosse construído de forma especial, mas porque estava, literalmente, recoberto de ouro. O nome Coricancha, que significava o Lugar do Ouro, era verdadeiro, pois as paredes do templo eram recobertas de placas de ouro; no interior havia maravilhosos artefatos e esculturas de pássaros e animais, feitas de ouro, prata e pedras preciosas. No pátio principal do templo havia um jardim artificial, cujo milho e outras plantas eram feitos de ouro e prata. Só a expedição inicial dos espanhóis removeu cerca de setecentas dessas placas de ouro (assim como muitos dos objetos preciosos).

Cronistas que viram o Coricancha antes que fosse saqueado, demolido pelos padres católicos e transformado numa igreja, afirmaram que o complexo incluía um templo principal, dedicado ao deus Viracocha; santuários ou capelas para o culto à Lua, Vênus, uma estrela misteriosa chamada Coyllor, o Arco-íris, e o deus dos raios e trovões. Os espanhóis o batizaram de Templo do Sol, acreditando que o Sol seria a divindade suprema adorada pelos incas. Presume-se que a idéia surgiu para os espanhóis do fato de que no Santo dos Santos no Coricancha - uma câmara semicircular - pendia na parede sobre o grande altar uma "imagem do Sol". Era um grande disco dourado que os espanhóis presumiram representar o Sol. Na verdade, servia em tempos remotos para refletir o raio de luz quando o sol penetrava na câmara escura uma vez por ano - no instante do nascer do Sol no dia do solstício de inverno. De forma significativa, o arranjo era semelhante ao que existia no Grande Templo de Amon em Karnak, no Egito. Também de forma significativa, o

Santo dos Santos era uma forma extremamente rara de semicírculo, como a Torre de Machu Picchu. A parte mais antiga do templo, incluindo o Santo dos Santos, foi construída, vale notar, com os mesmos paralelepípedos perfeitos do Torreón e das paredes ao redor do Intihuatana - o "cartão de visita" da Era do Império Antigo. Müller mostrou que a disposição para permitir que o raio de sol passasse pelo corredor e refletisse a "imagem do Sol" foi concebida quando a obliquidade da Terra era de 24 graus, o que cronologicamente significa, escreveu ele, mais do que quatro mil anos atrás. Isso combina com o cálculo de tempo feito por Montesinos, segundo o qual o Antigo Império inicia-se por volta de 2.500-2.400 a.C., e com a afirmativa de que o templo em Cuzco foi construído logo depois.

Por mais antigas que sejam as estruturas do Antigo Império, nitidamente não eram as mais antigas, pois segundo a lenda dos Ayar a megalítica Três Janelas já existia quando o fundador do Império Antigo, Manco Capac, e seus irmãos partiram de Tampu-Tocco para estabelecer reinados nas terras dos Andes.

Uma Era Megalítica, com suas estruturas colossais, com certeza precedera o Império Antigo - estruturas distintas não apenas pelo tamanho monstruoso, mas também pelo impressionante número de faces nos blocos de pedra, combinados com as faces lisas e às vezes arredondadas desses megálitos. Porém, por mais intelectualmente provocantes que sejam as eras das estruturas em Machu Picchu, não são as mais antigas, nem as mais enigmáticas. Esses adjetivos seriam, sem dúvida, para as ruínas de Sacsahuamán, o promontório de onde se descortina Cuzco.

Na forma de um triângulo com sua base na direção da cadeia de montanhas das quais o promontório é uma borda, seus dois lados compunham desfiladeiros profundos, e seu ápice dava origem a um pico que se erguia na vertical a cerca de 250 metros sobre a cidade incrustada ao fundo. O promontório pode ser dividido em três partes. A mais larga, que constitui a base do triângulo, é dominada por enormes protuberâncias na rocha que alguém - gigantes, segundo as lendas locais - havia cortado e esculpido, com facilidade incrível e em ângulos que possivelmente não poderiam ser obtidos com ferramentas primitivas; degraus gigantes, ou plataformas ou escadas

invertidas, adicionalmente perfurando a rocha com canais curvos, túneis, sulcos e nichos. O meio do promontório é formado por uma área com dezenas de metros de largura e comprimento que foi aplainada para tornar a superfície nivelada. Essa área plana é claramente separada do ápice do promontório, triangular e mais elevado, por uma estrutura de pedra notável e, sem dúvida, única. Consiste em três paredes gigantes que se estendem em ziguezague paralelo de uma borda do promontório à outra. As paredes são construídas de forma a parecerem despontar uma atrás da outra, até uma altura combinada de dezoito metros. São construídas de blocos colossais de pedra, e na mesma forma poligonal que se tornou a marca da Era Megalítica; os que estão à frente, e suportam a terra que eleva os terraços para o segundo e terceiro níveis, são os maiores. Os blocos menores pesam entre dez e vinte toneladas; a maioria possui cinco metros de altura e de dez a catorze de largura e altura. Muitos são bem maiores; um bloco na fila da frente mede cerca de oito metros de altura e pesa por volta de trezentas toneladas. Assim como os outros megálitos em Machu Picchu, os de Sacsahuamán também foram trazidos de uma grande distância, têm as superfícies trabalhadas e as formas poligonais, e permanecem unidos entre si sem argamassa.

Por quem, quando e por que foram feitas essas estruturas sobre o solo, além dos túneis, canais, ductos, orifícios e outras formas estranhas esculpidas na rocha viva? As lendas locais atribuem a construção a "gigantes". Os espanhóis, como o cronista Garcilaso de La Vega escreveu, acreditaram que "não foram feitos por homens, mas por demônios". Squier escreveu que as paredes em ziguezague representam "sem dúvida o maior exemplo do estilo chamado Ciclóptico existente na América", mas não forneceu nenhuma explicação ou teoria.

Escavações recentes descobriram atrás de grandes protuberâncias rochosas que separam a área plana do meio da área rochosa voltada para noroeste, onde a maior parte dos túneis e canais se formam, uma estrutura das mais incomuns na América do Sul: um círculo perfeito. Pedras cuidadosamente esculpidas foram dispostas de modo a formar a borda de uma depressão, perfeitamente circular. Em Os Reinos Perdidos enumeramos

os motivos para nossa conclusão de que servia como reservatório onde minérios - de ouro, para ser específico - eram processados num recipiente gigantesco.

Essa, entretanto, não era a única estrutura circular do promontório. Presumindo que os três paredões fizessem parte de uma fortaleza, os espanhóis acharam que os restos estruturais, na parte mais alta e estreita do promontório, atrás e acima das paredes, pertenciam a uma fortificação inca. Instigados por lendas locais de que uma criança certa vez caiu num dos orifícios e emergiu mais tarde trezentos metros mais abaixo, na cidade propriamente dita, arqueólogos locais fizeram escavações limitadas. Descobriram que a área atrás e sobre as três paredes estava repleta de túneis e câmaras. Mais importante, descobriram as fundações de uma série de edifícios ligados, quadrados e retangulares; no meio delas podiam-se observar os restos de uma estrutura perfeitamente circular. Os nativos se referem a ela como Muyocmarca, "A Estrutura Circular"; os arqueólogos a chamam de Torreón, o mesmo nome descritivo dado à estrutura semicircular em Machu Picchu, e presumiram que se tratava de uma torre de defesa, parte da "fortaleza" de Sacsahuamán.

Arqueoastrônomos, entretanto, enxergam na estrutura evidências claras de uma função astronômica. R. T. Zuidema (Inca Observations of the Solar and Lunar Passages, e outros estudos) reparou que o alinhamento das paredes retas em volta da estrutura circular era de tal forma que era possível determinar os pontos de zênite e nadir (ponto oposto ao zênite) ao norte e ao sul. As paredes que formavam o quadrado no interior do qual a estrutura circular foi colocada realmente são alinhadas com os pontos cardeais; porém eles formam apenas uma moldura para a estrutura circular, que consiste em três paredes concêntricas unidas por esteios de alvenaria e divide as duas internas em seções. Uma dessas aberturas - uma abertura se as estruturas elevadas seguissem a planta baixa - se volta para o sul e assim poderia ter servido para apontar o pôr-do-sol no dia do nadir. Porém as quatro outras aberturas são claramente orientadas para o noroeste, sudoeste, sudeste e nordeste - os pontos de nascer e pôr-do-sol nos dias de solstício de inverno e verão (no hemisfério sul).

Se, como parece, forem os restos de um observatório astronômico, com toda a probabilidade foi o mais antigo observatório na América do Sul, talvez em todas as Américas.

O alinhamento desse observatório circular de solstícios o coloca na mesma categoria do que existe em Stonehenge e nos templos egípcios. A evidência sugere, entretanto, que depois da Era Megalítica e na era do Império Antigo, iniciada sob a proteção de Viracocha, tanto os equinócios quanto os ciclos lunares desempenharam papéis-chave no calendário andino.

O cronista Garcilaso de La Vega, descrevendo as estruturas em forma de torre ao redor de Cuzco, afirmava que eram usadas para determinar o solstício. Mas ele descrevia outro "calendário de pedra" que não sobreviveu, e que nos lembra o círculo de pedras sobre a plataforma em Lagash... De acordo com Garcilaso, os pilares de Cuzco serviam para determinar os equinócios, não os solstícios. Segundo suas palavras: "A fim de determinar o dia exato do equinócio, pilares do mais fino mármore foram erigidos na área aberta em frente ao Coricancha, que, quando o Sol se aproxima da época, os sacerdotes observam diariamente para determinar que sombras são projetadas; para tornar mais exata a leitura, eles fixaram um gnômon como a agulha de um mostrador. Assim, como logo que nasce o Sol começa a projetar uma sombra direta, e quando está a pino, não há sombra, eles concluíram que o Sol entrou no equinócio".

Segundo o estudo de L. E. Valcarcel, O Calendário Andino, tal fixação e veneração pelos equinócios existiam, embora eles tivessem mudado seu calendário equinocial para um de solstício. Seu estudo revelou o fato de que os nomes dos meses incas atribuíam significado especial aos meses correspondentes a março e setembro para nós. "Os incas acreditavam que nos dois dias do equinócio o Pai Sol vinha viver entre eles", escreve.

A necessidade de ajustar o calendário solar por um período de milênios por causa do fenômeno da precessão, e, talvez, também devido à oscilação entre um solstício e o Ano Novo equinocial, levaram a repetir formas no calendário, mesmo nos dias do Império Antigo. Segundo Montesinos, os monarcas de números 5, 22, 33, 39 e 50 do Império Antigo "renovaram a contagem do tempo, que caíra na confusão". Que tais reformas do calendário

estivessem relacionadas com a oscilação entre solstícios e equinócios é algo confirmado pela afirmação de que o monarca Manco Capac IV "ordenou que o ano começasse no equinócio de primavera", um feito possível porque ele era Amauta, um "conhecedor de astronomia". Porém, evidentemente, ao fazer isso ele só reafirmou um calendário que estivera em uso nos tempos antigos; de acordo com Montesinos, o quarto monarca que reinara mil anos antes de Manco Capac IV "fundou uma academia para o estudo da astronomia e determinação de equinócios. Ele conhecia astronomia e determinou os equinócios, que os nativos chamavam de Illa-Ri".

Como se isso não fosse o suficiente para reformas constantes, outras evidências também indicam o emprego de um calendário lunar, ou pelo menos a familiaridade com ele. Em seus estudos de arqueoastronomia Rolf Müller registra que num local chamado Pampa de Anta, cerca de 24 quilômetros a oeste de Sacsahuamán, a rocha pura foi esculpida numa série de degraus que formam um semicírculo ou crescente. Como não há nada para ver ali, exceto o promontório em Sacsahuamán para leste, Müller concluiu que o local servia para fazer observações astronômicas ao longo de uma linha de mira ancorada no promontório de Sacsahuamán - mas aparentemente ligada às aparições da Lua. O nome nativo para o edifício, Quillarumi, "Pedra da Lua", sugere tal propósito.

Iludidos pela noção de que os incas adoravam o Sol, acadêmicos modernos acharam difícil a princípio aceitar que as observações dos incas também poderiam ter incluído a Lua. Na verdade, os cronistas espanhóis da época afirmavam repetidamente que os incas tinham um calendário preciso e elaborado, incluindo aspectos solares e lunares. O cronista Felipe Guaman Poma de Ávila afirmou que os incas "conheciam os ciclos do Sol e da Lua... e o mês do ano e os quatro ventos do mundo". A asserção de que os incas observavam tanto ciclos solares quanto lunares é confirmada pelo fato de que próximo ao santuário do Sol no Coricancha havia um santuário para a Lua. No Santo dos Santos o símbolo central era uma eclipse flanqueada pelo Sol à esquerda e pela Lua à direita; foi apenas o governante Huáscar, um dos dois meios-irmãos que lutou pelo trono quando os espanhóis chegaram, que substituiu o disco oval por um disco de ouro representando o Sol.

São aspectos calendáricos mesopotâmicos; encontrá-los nos remotos Andes deixou os estudiosos assombrados. Ainda mais perplexos ficaram com a descoberta de que os incas estavam familiarizados com o zodíaco - um dispositivo totalmente arbitrário para dividir o círculo orbital ao redor do Sol em doze partes - uma "criação" dos sumérios para todos os efeitos.

E. G. Squier, em seu relatório sobre Cuzco e o significado de seu nome ("Umbigo da Terra"), reparou que a cidade era dividida em doze territórios ao redor do núcleo ou "umbigo" em forma elíptica, que é o verdadeiro circuito orbital. Sir Clemens Markham (Cuzco and Lima: the Incas of Peru) citou o cronista Garcilaso de La Vega, cuja informação era de que os doze territórios representavam as doze constelações do zodíaco.

Stansbury Hagar (Cuzco, the Celestial City) registrou que, de acordo com o folclore inca, Cuzco fora projetada conforme um plano divino para imitar os céus, e concluiu que o primeiro território, chamado "Terraço de Ajoelhar", representava a constelação de Áries. Ele mostrou que - como na Mesopotâmia - os incas associaram cada uma das "casas" do zodíaco com um mês no calendário. Esses meses zodiacais ostentavam nomes que possuíam uma estranha relação com seus nomes do Oriente Médio, originários da Suméria. Assim, o mês do equinócio de outono, igual, na Suméria, ao equinócio de primavera relacionado à constelação de Touro, era chamado Tupa Taruca, "Animal no Pasto". A constelação de Virgem, como outro exemplo, era chamada de Sara Mama, "Mãe Milho". Para entender completamente a extensão dessas semelhanças, é preciso lembrar que na Mesopotâmia essa constelação é representada por uma donzela segurando um feixe de grão - trigo ou cevada, que nos Andes é representado pelo milho. A conclusão de Hagar de que o projeto zodiacal de Cuzco associou o primeiro território com Áries e não com Touro, como na Suméria, sugere que o plano foi feito depois que a Idade do Touro terminou (devido à Precessão) por volta de 2.150 a.C. Segundo Montesinos, foi o quinto monarca do Império Antigo que completou o Coricancha e introduziu um novo calendário em algum momento depois de 1.900 a.C. Esse Capac (governante) recebeu o epíteto Pachacuti, e pode-se concluir com segurança que a reforma do calendário em seu tempo foi necessária pela mudança zodiacal de Touro para Áries - outra

confirmação da familiaridade com o zodíaco e seus aspectos calendáricos, mesmo nos tempos pré-incaicos nos Andes.

Havia outros aspectos - complexos - dos calendários do Oriente Médio no calendário que os incas conservaram do tempo do Império Antigo. A exigência (ainda válida nos calendários hebraico e cristão) que a festa da Primavera (Pessach, Páscoa) acontecesse quando o Sol estava na casa apropriada do zodíaco e na primeira lua cheia ou logo depois dela, forçava os astrônomos-sacerdotes da época a intercalar ciclos solares e lunares. Os estudos por R. T. Zuidema e outros concluíram que não apenas tal intercalação ocorreu nos Andes, mas que o ciclo lunar foi adicionalmente ligado a dois outros fenômenos: tinha de ser lua cheia depois do solstício de junho e deveria coincidir com o despontar zodiacal de uma determinada estrela. Essa correlação dupla é intrigante, pois traz à mente a ligação egípcia do início de seu ciclo calendárico tanto com a data solar (cheia do Nilo) quanto com o despontar zodiacal de uma estrela (Sírius).

Cerca de trinta quilômetros a noroeste de Cuzco, num lugar chamado Pisac, existem restos de uma estrutura, provavelmente do início da época dos incas, que parece ter sido uma tentativa de imitar e combinar algumas das estruturas sagradas em Machu Picchu: uma construção cujos lados são semicirculares, com uma tosca Intihuatana no meio. Em um local chamado Kenko, que não fica longe de Sacsahuamán, um imenso semicírculo de paralelepípedos bem-feitos num grande monólito que poderia ter tido a forma de um animal (as feições encontram-se danificadas demais para serem identificadas); se esse edifício possuía ou não funções calendáricas, não se sabe. Esses locais, adicionados a Machu Picchu, Sacsahuamán e Cuzco, ilustram o fato de que no que foi chamado o Vale Sagrado - e apenas ali - a religião, o calendário e a astronomia levaram à construção de observatórios circulares ou semicirculares; em nenhum outro local da América do Sul encontramos essas estruturas.

Quem teria aplicado, aproximadamente à mesma época, o mesmo conjunto de princípios astronômicos, adotando um formato circular para observação celeste na Inglaterra antiga, em Lagash na Suméria e no Império Antigo na América do Sul?

Todas as lendas, apoiadas por evidências geográficas e achas dos arqueológicos, apontam para as margens do lago Titicaca como o local do Início Sul-Americano, não apenas da civilização humana, mas dos próprios deuses. Foi ali, segundo as lendas, que o repovoamento das terras dos Andes começou depois do Dilúvio; que os deuses, liderados por Viracocha, fizeram sua morada; que os casais destinados a iniciar o Império Antigo receberam conhecimento, instruções sobre o caminho e o Bastão de Ouro com o qual localizar o Umbigo da Terra - a fundação de Cuzco.

No que se relaciona com o início da colonização andina pelos humanos, as histórias o ligam a duas ilhas diferentes no lago Titicaca. Eram chamadas a ilha do Sol e a ilha da Lua, sendo os dois corpos celestes considerados os principais ajudantes de Viracocha; o simbolismo do calendário inerente a essas duas histórias foi percebido por vários acadêmicos. A habitação de Viracocha era, entretanto, numa Cidade dos Deuses na terra firme, na margem sul do lago. O local, chamado Tiahuanaco, foi fundado pelos deuses (segundo o folclore local) em épocas imemoriais; foi, segundo a lenda relata, um lugar de estruturas colossais que apenas gigantes poderiam erigir.

O cronista Pedro Cieza de León, que viajou por onde hoje em dia estão o Peru e a Bolívia nos anos que sucederam a conquista espanhola, relata que, sem dúvida, de todas as antiguidades das terras andinas, as terras de Tiahuanaco eram "o local mais antigo de todos". Entre os edifícios que o surpreenderam estava uma colina artificial "sobre um grande alicerce de pedra" que media mais de 280 por 120 metros na base e se elevava cerca de 35 metros.

Nas proximidades ele viu blocos gigantescos caídos no solo, entre eles "muitos portais com seus umbrais, lintéis e batentes, tudo em uma só peça", que por sua vez faziam parte de blocos ainda maiores, "alguns deles com 10 metros de largura, 5 ou mais de comprimento, e que se elevavam a mais de 2 metros de altura".

Ele imaginou se a "força humana teria sido suficiente para movê-las até o local onde as encontrara, sendo tão grandes". Porém não apenas o imenso tamanho dos blocos de pedra o intrigou; também a "grandeza e magnificência". "Por mim, não posso entender que instrumentos ou

ferramentas poderiam ter feito isso, pois é certo que antes de essas pedras serem trabalhadas à perfeição e terem ficado da forma que as vemos, as ferramentas de veriam ser muito melhores do que as usadas agora pelos nativos", escreveu ele. Não tinha dúvidas de que "dois ídolos de pedra, de figura e forma humanos, com as feições esculpidas com habilidade... que parecem pequenos gigantes", haviam sido responsáveis pelas maravilhosas estruturas.

Ao longo dos séculos, a maioria dos blocos pequenos foram levados para ser usados na construção de La Paz, a capital boliviana, em ferrovias que conduziam até lá e nas áreas rurais circundantes. Porém, mesmo assim, os viajantes continuavam a relatar as incríveis ruínas monumentais; por volta do século XIX os relatórios assumiram uma precisão mais científica, como resultado de visitas e pesquisas por Ephraim George Squier (*Peru: Incidents of Travel and Exploration in the Land of the Incas*) e A. Stübel e Max Uhle (*Die Ruinenstaette Von Tiahuanaco im Hochland des Alten Peru*). Foram seguidos no início do século passado pelo mais renomado e tenaz pesquisador de Tiahuanaco, Arthur Posnansky (*Tiahuanacu - The Cradle of American Man*). O trabalho deles e outros estudos e escavações recentes, que revimos em *Os Reinos Perdidos*, nos leva a concluir que Tiahuanaco seria a capital do estanho no mundo antigo, e que tanto as estruturas sobre a terra quanto outras, subterrâneas, eram instalações metalúrgicas, que os blocos enormes de uma peça faziam parte de instalações portuárias na antiga margem do lago, e que Tiahuanaco não foi feita pelos homens, e sim pelos "deuses" anunaques, em sua busca por ouro, muito antes que o homem aprendesse os usos do estanho.

Onde um platô estreito e raro se espalhava da margem sul do lago Titicaca, o local da outrora magnífica Tiahuanaco e seu porto (hoje em dia chamado de Puma-Punku), apenas três monumentos de seu passado dominam a paisagem. O que fica na parte sudoeste das ruínas é a colina chamada Akapana, uma colina artificial (como Cieza de León observou) que se concluiu ter servido como fortaleza; é agora sabido que era mais uma pirâmide em estágios com reservatórios, canais, canos e ranhuras que indicam seu verdadeiro propósito: uma instalação para a separação e processamento de minérios.

Essa colina artificial, que alguns acreditam ter tido originalmente a forma de uma pirâmide em degraus como um zigurate mesopotâmico, domina a paisagem plana. À medida que o visitante corre os olhos pela paisagem, outra estrutura se impõe. Situada a noroeste do Akapana, parece à distância um Arco do Triunfo francês transplantado de Paris. De fato é um portão, intrincadamente cortado e esculpido num único bloco ciclópico de pedra; porém não foi erigido para comemorar nenhuma vitória - ao contrário, foi para eternizar em pedra um maravilhoso calendário.

Chamado de "Porta do Sol", o bloco único de pedra do qual foi cortado e moldado media cerca de 3 por 7 metros e pesava mais de cem toneladas. Existem nichos e cortes de precisão geométrica na parte inferior, especialmente onde é considerado o lado traseiro. As esculturas mais elaboradas e enigmáticas se encontram na parte dianteira superior, que fica de frente para o leste. Ali, o arco do portão foi esculpido para mostrar em relevo uma figura central- provavelmente Viracocha - flanqueada por um grupo de assistentes alados; a figura central e três fileiras foram posicionadas sobre uma moldura com meandros geométricos, ondulando acima e abaixo de imagens em miniatura de Viracocha.

Os escritos de Posnansky estabeleceram que as esculturas no portão representam um calendário de doze meses, num ano que se inicia no dia do equinócio de primavera no hemisfério sul (setembro), ainda assim um ano em que os outros pontos importantes do ano solar - o equinócio de outono e os dois solstícios também são indicados pelas posições e formas das imagens menores representadas. Tratava-se, concluiu ele, de um calendário de onze meses de trinta dias mais um "grande mês", um décimo segundo mês de trinta e cinco dias, totalizando um ano solar de 365 dias.

Um décimo segundo mês começando no dia do equinócio de primavera foi, como sabemos agora, introduzido em Nippur, na Suméria, de cerca de 3.800 a.C.

A "Porta do Sol", conforme descobriram os arqueólogos, fica no canto noroeste do que foi uma parede construída de pilares erguidos formando uma área retangular no interior da qual o terceiro edifício mais proeminente ficava. Alguns acreditam que havia outro portão similar na extremidade

sudoeste do espaço delimitado, ladeando simetricamente uma fileira de treze monólitos eretos precisamente no centro da parede oeste. Essa fileira de monólitos, parte de uma plataforma especial, voltava-se exatamente para a escadaria construída no centro da parede leste, no lado oposto. A escadaria monumental, descoberta e restaurada, levava a uma série de plataformas retangulares levantadas que englobavam uma área rebaixada.

Batizado como Kalasasaya ("Os Pilares Eretos"), o edifício foi orientado com precisão segundo um eixo leste-oeste, como os templos do Oriente Médio. Essa foi a primeira pista de que poderia ter servido para propósitos astronômicos. Pesquisas mais recentes demonstraram que realmente se tratava de um observatório sofisticado para determinar solstícios, bem como equinócios, observando-se o nascer e o ocaso do Sol de um determinado ponto focal ao longo das linhas de mira nas cantos e nos pilares eretos nas paredes oeste e leste. Posnansky encontrou provas de que a parte traseira da Porta do Sol foi esculpida de forma a apoiar dois painéis de ouro que poderiam girar em eixos de bronze; aquilo permitiria que o astrônomo-sacerdote movesse as placas para que refletissem os raios de sol na direção de qualquer ponto no Kalasasaya. Essas linhas de mira múltiplas - mais do que era necessário para observações nos dias de solstícios e equinócios -, o fato de que Viracocha fora ajudado tanto pelo Sol quanto pela Lua, e o fato de que havia treze, e não doze, pilares ao centro da parede oeste sugeriam que o Kalasasaya não era usado apenas como observatório solar, mas que servia também de calendário solar-lunar.

A percepção de que essa antiga estrutura, a mais de seis mil metros de altitude nos Andes, num platô desolado e estreito entre montanhas cobertas de neve, era um sofisticado observatório calendárico foi completada por descobertas em relação à sua idade. Posnansky foi o primeiro a concluir que os ângulos formados pelas linhas de mira sugeriam uma obliquidade bem maior do que a atual, de 23,5 graus; ele mesmo ficou surpreso ao constatar que isso significava que o Kalasasaya fora projetado e construído milhares de anos antes da Era Comum.

A compreensível descrença por parte do mundo científico na época - quando se imaginava que as ruínas, se não fossem do período inca, não passariam de

alguns séculos a.C. - levou à formação de uma Comissão de Astrônomos Alemães para o Peru e Bolívia. O dr. Rolf Müller, cujo amplo trabalho sobre outros locais arqueológicos já foi mencionado por nós, foi um dos três astrônomos escolhidos para a tarefa. As investigações e extensas medições não deixaram dúvida de que a obliquidade que prevalecia no instante da construção significava que o Kalasasaya poderia ter sido feito em 4050 a.C. ou (como o eixo da Terra se inclina para a frente e para trás) por volta de 10.050 a.C. Müller, que chegara à data de apenas 4.000 a.C. para os restos megalíticos de Machu Picchu, estava inclinado a datar assim o Kalasasaya - uma conclusão com a qual Posnansky, ao final, concordou.

Quem estaria ali com todo o conhecimento sofisticado para planejar, orientar e erigir tais observatórios calendáricos - e de uma forma que seguia princípios astronômicos e arranjos calendáricos criados no Oriente Médio? Em Os Reinos Perdidos, apresentamos as provas e chegamos à conclusão de que foram os mesmos anunaques, aqueles que haviam desembarcado na Terra, vindos de Nibiru para buscar ouro. E, como os homens que procuraram o Eldorado milênios depois, também vieram para o Novo Mundo em busca de ouro. As minas no sudoeste da África foram inundadas pelo Dilúvio; mas a mesma catástrofe descobriu a incrível riqueza dos veios auríferos nas encostas dos Andes.

Acreditamos que Anu e sua esposa Antu, vindos de Nibiru para visitar a Terra por volta de 3.800 a.C., também foram ver por eles mesmos os novos centros metalúrgicos na margem sul do lago Titicaca. Velejaram a partir das instalações de Puma Punku, onde as câmaras ciclópicas eram esculpidas em blocos únicos de pedra, depois observaram os enormes ancoradouros de pedra.

Os restos de Puma Punku continham ainda outra pista enigmática para a incrível ligação entre as estruturas no lago Titicaca e o incomum templo para Ninurta que Gudea construiu. Para a descrença dos escavadores, descobriram que os construtores dos megálitos usaram "grampos de bronze", fundidos para encaixarem em sulcos em forma de "T" nas rochas a serem unidas, para segurar os blocos juntos. Tal método e tal uso do bronze são típicos da Era Megalítica, tendo sido encontrados apenas em Puma Punku e em outro local,

Ollantaytambo, a cerca de catorze quilômetros a noroeste de Cuzco, no Vale Sagrado.

Ainda assim, a milhares de quilômetros de distância, do outro lado do mundo, em Lagash, na Suméria, Gudea usou o mesmo método único e os mesmos grampos de bronze para segurar as pedras que, importadas, foram usadas na construção do Eninnu. Registrando em suas inscrições o uso incomum das rochas e dos metais, assim Gudea descreve seus feitos:

Ele construiu o Eninnu com pedra,
Ele a tornou brilhante com jóias;
Com cobre misturado ao estanho [bronze]
Ele a manteve unida.

Foi um feito para o qual um Sangu Simug, um "sacerdote-metalúrgico", foi trazido da "Terra da Fundição". Acreditamos que essa terra era Tiahuanaco, nos Andes.

10

Nas Pegadas Deles

A Grande Esfinge do Egito olha precisamente para leste, acolhendo o Sol nascente ao longo do paralelo 30. Em tempos antigos esse olhar acolhia os "deuses" anunaques quando aterrissavam no espaçoporto da península do Sinai, e depois guiavam os faraós mortos para o Pós-Vida, quando o Ká deles se juntava aos deuses em sua subida celestial. Em alguma época entre esses dois pontos, a Esfinge pode ter testemunhado a partida de um grande deus - Thot - com seus seguidores, para se transformarem nos primeiros americanos.

O aniversário de 500 anos da viagem épica de Colombo, em 1492, foi agora reclassificado de descoberta para redescoberta e intensificou a pesquisa para saber a verdadeira identidade dos "Primeiros Americanos". A noção de que a colonização do território começou com a migração de grupos familiares da Ásia, por uma ponte de terra congelada no Alasca, pouco antes que a Era do

Gelo terminasse, tem cedido lugar às evidências arqueológicas de que seres humanos chegaram à América milênios antes disso, e que a América do Sul, e não a América do Norte, foi a mais antiga arena da presença humana no Novo Mundo.

"Durante os últimos 50 anos, acreditou-se na idéia de que os artefatos de 11.500 anos encontrados em Clovis, no Novo México, foram fabricados logo depois que os primeiros americanos encontraram seu caminho pela ponte de terra de Bering", afirma a revista Science (21 de fevereiro de 1992), atualizando o debate entre os cientistas. "Aqueles que ousaram questionar o consenso depararam-se com a crítica implacável". A relutância em aceitar uma data mais antiga e uma rota diferente deriva simplesmente da afirmação de que o homem não poderia ter atravessado o oceano que separa o Velho e o Novo Mundo na época pré-histórica porque a tecnologia marítima não existia. Sem levar em conta evidências contrárias, a lógica continuou sendo: se o homem não podia fazer, não aconteceu.

A idade da Esfinge surgiu recentemente como uma questão parecida, em que os cientistas se recusam a aceitar novas evidências porque implicariam conquistas do homem quando este não as poderia ter feito; assistência por parte dos "deuses" - extraterrestres - está simplesmente fora de questão.

Em livros anteriores das Crônicas da Terra, apresentamos provas extensas (com datações não recusáveis) de que as grandes pirâmides de Gizé foram construídas não pelos faraós da IV dinastia por volta de 2.600 a.C., mas pelos "deuses" anunaques milênios antes, como componentes do corredor de aterrissagem para o espaçoporto da península do Sinai. Chegamos a uma idade de 10.000 anos - talvez 12.000 - para aquelas pirâmides; demonstramos que a Esfinge, construída logo depois, já existia no platô de Gizé quando os faraós começaram seus reinados, muitos séculos antes da IV Dinastia. As provas nas quais nos apoiamos e que apresentamos foram imagens egípcias e sumérias, inscrições e textos.

Em outubro de 1991, cerca de quinze anos depois de nossa apresentação inicial dessas evidências em O 12º. Planeta, o dr. Robert M. Schoch, um geólogo da Universidade de Boston, falou, no encontro da Sociedade Geológica da América, que estudos meteorológicos da Esfinge e de suas

camadas indicaram que ela tinha sido esculpida em rocha nativa "muito antes dos faraós".

Os métodos de pesquisa utilizados incluíam estudos sísmicos das rochas do subsolo - realizados pelo dr. Thomas L. Dobecki, um geofísico de Houston, e pelo egiptólogo Anthony West, de Nova York - e estudos da erosão e marcas de água na Esfinge e no ambiente que a cerca. Schoch afirmou que "a erosão induzida por precipitação indica que o trabalho na Esfinge começou no período entre 10.000 e 5.000 a.C., quando o clima egípcio era mais úmido".

A conclusão "extrapola tudo o que sabemos sobre o Egito Antigo", acrescenta o Los Angeles Times em seu anúncio do acontecimento. "Outros egiptólogos que viram o trabalho do Sr. Schoch não sabem explicar as evidências geológicas, mas insistem em que a idéia de que a Esfinge seja milhares de anos mais velha do que imaginaram 'simplesmente não combina' com o que se sabe." O jornal citou a arqueóloga Carol Redmount, da Universidade da Califórnia, em Berkeley: "Não existe possibilidade de que sejam verdadeiras... a Esfinge foi criada com uma tecnologia muito mais avançada do que a usada em outros monumentos egípcios de data conhecida, e as pessoas daquela região não possuíam a tecnologia, as instituições governamentais ou a vontade de construir tal estrutura milhares de anos antes".

Em fevereiro de 1992, a Associação Americana para o Avanço da Ciência reuniu-se em Chicago, dedicando uma sessão ao tema "Qual a idade da Esfinge?", na qual Robert Schoch e Thomas Dobecki debateram suas descobertas com Mark Lehner, da Universidade de Chicago, e K. L. Gauri, da Universidade de Louisville. Segundo a Associated Press, o caloroso debate que terminou em confronto no saguão não se concentrou nos méritos científicos das descobertas meteorológicas, mas, como Mark Lehner expressou, em se é "permitido ou não confrontar a história egípcia com base em um fenômeno tal como um perfil meteorológico". O argumento final dos debatedores foi a ausência de evidências de que uma civilização avançada o suficiente para esculpir a Grande Esfinge tenha existido no Egito entre 7.000

e 5.000 a.C. "Durante essa época os povos eram caçadores e coletores; não construíam cidades", afirmou o dr. Lehner; com isso, o debate terminou.

A única resposta para esse argumento lógico, naturalmente, é invocar outros, que na época não fossem "caçadores e coletores" - os anunaques. Porém, admitir que toda essa evidência aponta para seres mais avançados de outro planeta é uma fronteira que nem todos, incluindo os que acreditam que a Esfinge tenha 9.000 anos de idade, estão prontos a atravessar.

O mesmo Medo-de-Atravessar (fabricando uma expressão) bloqueou por vários anos não apenas a aceitação, mas também a disseminação de evidências em relação à antiguidade do homem e de suas civilizações nas Américas.

A descoberta perto de Clovis, no Novo México, em 1932, de um aglomerado de pontas de pedra em forma de folha, com as bordas cortantes, que poderiam ser presas às hastes e clavas para a caça, e depois em outros locais da América do Norte, levou à teoria de que caçadores de grandes animais haviam migrado da Ásia para a costa noroeste do Pacífico há cerca de 12.000 anos, quando a Sibéria e a Ásia eram ligadas por uma ponte de gelo. Com o tempo, afirmava a teoria, esse "Povo Clovis" e sua descendência se espalharam pela América do Norte e pela América Central, chegando à América do Sul.

A imagem dos Primeiros Americanos conservou sua validade a despeito de descobertas ocasionais, mesmo no sudoeste dos Estados Unidos, de restos de ossos amassados ou pontas de setas - presença inegável de humanos - datando de 20.000 anos antes de Clovis. Outro achado, menos duvidoso, foi na rocha de Meadowcroft, na Pensilvânia, local em que ferramentas de pedra, ossos de animais e, o mais importante, carvão foram datados entre 15.000 e 19.000 anos atrás - milênios antes de Clovis, e na parte leste dos Estados Unidos.

À medida que a pesquisa lingüística e o rastreamento genético se juntaram a outras ferramentas de investigação, começaram a se acumular nos anos 80 as evidências de que os humanos chegaram ao Novo Mundo por volta de 30.000 anos atrás - provavelmente em mais de uma migração, e talvez não necessariamente por uma ponte de gelo, mas com jangadas e canoas ao longo

das costas. A rota presumida, entretanto - do nordeste da Ásia para o noroeste das costas americanas -, foi mantida teimosamente, a despeito de evidências perturbadoras na América do Sul. Tais provas, cuja descoberta não foi apenas ignorada, mas também suprimida inicialmente, apontam em princípio dois locais onde ferramentas da Idade da Pedra, ossos amassados de animais e até mesmo petróglifos (pinturas na rocha) foram encontrados.

O primeiro desses casos foi em Monte Verde, no Chile, à beira do Pacífico. Lá, os arqueólogos encontraram restos de locais feitos com argila para conter fogueiras, ferramentas de pedra, pedaços de ossos e alicerces de abrigos de madeira - um acampamento de 13.000 anos atrás. Essa data é antiga demais para explicar uma migração do povo de Clovis, vindo da América do Norte. Além do mais, os estratos mais profundos desse acampamento revelaram ferramentas de pedra fragmentadas que sugeriam uma ocupação humana anterior em 20.000 anos. O segundo local é do outro lado da América do Sul, no nordeste do Brasil. Num lugar chamado Pedra Furada, um abrigo rochoso contendo fogueiras circulares, cheias de carvão cercado por pederneiras, ou sílex; a fonte mais próxima dessas pedras está a quase dois quilômetros de distância, indicando que elas foram levadas propositadamente. A datação por rádio-carbono e métodos mais novos forneceu leituras que vão desde o período de 14.300 anos até 47.000 anos atrás. Enquanto a maior parte dos arqueólogos estabelecidos continuam a considerar as datas mais antigas "simplesmente inconcebíveis", o abrigo de rocha apresentou, no nível correspondente a 10.000 a.C., petróglifos cuja idade é indiscutível.

Num deles, está representado um animal de pescoço longo que parece uma girafa - um animal que não existe nas Américas.

O desafio progressivo da teoria Clovis de migração em relação ao tempo tem sido acompanhado de um desafio à idéia do estreito de gelo em Bering ser a única via de chegada. Antropólogos do Centro de Pesquisas Árticas do Instituto Smithsonian em Washington, D.C., concluíram que a imagem de humanos envoltos em peles de animais carregando lanças sobre uma planície congelada (com mulheres e crianças) está errada quando se pensa sobre os primeiros americanos. Em vez disso, eram povos marítimos que velejaram em jangadas ou pequenos botes de pele para os litorais mais hospitaleiros das

Américas. Outros, no Centro de Estudos dos Primeiros Americanos da Universidade Estadual de Oregon, não descartam uma travessia do Pacífico, pelas ilhas e pela Austrália (que era habitada por volta de 40.000 anos atrás). A maior parte dos outros ainda considera tais travessias realizadas nessa época pelo "homem primitivo" como fantasias; as datas mais antigas são brandidas como erros instrumentais, "ferramentas" de pedra se tomam pedras quebradas, ossos quebrados de animais passam a ser o resultado de esmagamento por avalanches, não por caçadores. A mesma pergunta que tem trazido o debate sobre a Idade da Esfinge a um beco sem saída tem sido aplicada aos debates sobre os Primeiros Americanos; quem estava lá, milhares de anos atrás, que possuísse a tecnologia necessária para atravessar vastos oceanos com barcos pequenos, e como poderiam esses marinheiros pré-históricos ter sabido onde havia terra, terra habitável, do outro lado? Essa é uma questão que (também quando aplicada à Idade da Esfinge) só possui uma resposta: os anunaques, mostrando ao homem como cruzar oceanos, dizendo o porquê e mostrando onde - talvez transportando-o "nas asas das águias", conforme descrição na Bíblia - a uma nova Terra Prometida.

Iavé veio perante eles durante o dia
Num pilar de nuvens, para mostrar o caminho,
E durante a noite num pilar de fogo
Para dar-lhes luz, para ir de dia e de noite.

Ajudado e guiado, o povo seguiu as pegadas dos deuses no antigo Oriente Médio assim como nas terras novas além do oceano.

As últimas descobertas arqueológicas credenciam memórias de certos eventos antigos chamados "mitos" e "lendas". Invariavelmente, falam de migrações múltiplas e sempre além-mar. De forma expressiva, sempre envolvem os números 7 e 12 - números que não são reflexos da anatomia humana ou da contagem dos dedos, mas uma pista para o conhecimento astronômico, assim como uma ligação com o Velho Mundo.

Um dos ciclos de lendas mais bem preservados é o das tribos náuatles do México central, de quem os astecas encontrados pelos espanhóis eram os últimos representantes. Suas histórias de migração abrangiam quatro eras ou "sóis". A primeira terminava com o Dilúvio; uma versão que fornece quantidades em anos para essas eras indica que o primeiro "sol" começou 17.141 anos antes que a história fosse relacionada aos espanhóis, por volta de 15.600 a.C. e assim, de fato, milênios antes do Dilúvio. As tribos mais antigas, as lendas orais e as histórias escritas em pictogramas em livros chamados códices vieram de Azt-lan, o "Lugar Branco", que era associado ao número 7. Era algumas vezes representado como um local com sete cavernas, de onde teriam emergido seus ancestrais; outra alternativa o representava como um local com sete templos: uma grande pirâmide (zigurate) central, cercada por seis santuários menores. O Codex Boturini contém uma série de pinturas como desenhos representando a migração de quatro tribos, que começam no lugar com os sete templos, envolvem uma travessia do mar em barcos e um campo de pouso no local com as sete cavernas; os emigrantes foram guiados naquela jornada para o desconhecido por um deus cujo símbolo era o Olho-que-Vê preso a uma haste elíptica. Os quatro clãs de emigrantes foram para o interior da ilha, passando por várias marcas no terreno. Dividindo-se em várias tribos, uma, os Mexica, finalmente conseguiu atingir o vale onde uma águia encontrava-se pousada num cacto. Foi chamada de Tenochtitlán, ou Cidade de Tenoch. Os emigrantes mais antigos foram chamados de tenochtitas, o povo de Tenoch; em Os Reinos Perdidos, detalhamos os motivos por que eles poderiam ser os descendentes de Enoch, filho de Caim, que ainda sofria a vingança sétupla pelo crime de fratricídio do antepassado. Segundo a Bíblia, Caim, banido para uma "Terra de Node", construiu uma cidade e a batizou com o nome de seu filho, Enoch; e Enoch teve quatro descendentes, que geraram quatro clãs.

O cronista espanhol frei Bernardino de Sahagún (*Historia de las Cosas de la Nueva España*), cujas fontes foram verbais, assim como histórias de Nahuatlán escritas depois da conquista, registrada durante a viagem de volta, e o nome, Panotlán, do campo de pouso; o nome significa simplesmente "Lugar de Chegada por Mar", e ele concluiu que ficava onde hoje é a

Guatemala. Suas informações acrescentaram o interessante detalhe de que os emigrantes foram liderados por quatro Homens Sábios, "que carregavam com eles manuscritos rituais e também conheciam os segredos do calendário". Agora sabemos que ambos - rituais e calendários - eram dois lados da mesma moeda, a adoração aos deuses. Seria seguro apostar que o calendário náuatle seguia um arranjo de doze meses, talvez até dividissem em doze o zodíaco; nas crônicas de Saragún, lemos que os toltecas, a tribo náuatle que precedeu e ensinou os astecas, "sabiam que os céus eram muitos; diziam que existiam doze divisões superpostas".

Para o sul, onde o oceano Pacífico banha as costas da América do Sul, os "mitos" andinos não lembram as emigrações ante-diluvianas, mas sabiam do Dilúvio e afirmaram que os deuses, sempre presentes naquelas terras, foram os que ajudaram os poucos sobreviventes a chegar até os picos mais altos e, depois, a repovoar o continente. As lendas falam claramente sobre novas chegadas marítimas depois do Dilúvio; as primeiras e mais memoráveis foram chefiadas por um líder chamado Naymlap. Ele liderou seu povo pelo Pacífico numa flotilha de barcos feitos de balsa, guiados por um "ídolo", uma pedra verde por meio da qual o Grande Deus dava instruções gerais e sobre a navegação. Aportaram onde o continente sul-americano avança mais para dentro do Pacífico, no local atualmente chamado de cabo Santa Helena, no Equador. Depois de desembarcarem, o Grande Deus (ainda falando por meio da pedra verde) instruiu o povo em relação à agricultura, arquitetura e artesanatos.

Uma antiga relíquia feita de ouro puro, hoje em dia guarda da no Museu do Ouro em Bogotá, na Colômbia, representa um líder alto que podia ser Naymlap. Segundo a lenda a respeito deste, todos estavam familiarizados com o calendário e adoravam um panteão de doze deuses. Movendo-se para o interior a fim de se estabelecer onde fica Quito, capital do Equador hoje em dia, construíram dois templos, um de frente para o outro: um dedicado ao Sol, outro dedicado à Lua. O Templo do Sol possuía duas colunas de pedra diante do portão, e no átrio um círculo de doze pilares de pedra.

A familiaridade com o sagrado número 12 - o saguão do panteão e do calendário mesopotâmico - fala de um calendário não muito diferente do que

se originou na Suméria. A veneração tanto do Sol quanto da Lua indica um calendário solar-lunar, novamente parecido com o que se iniciou na Suméria. Um portão com duas colunas à frente lembra as duas colunas à entrada dos templos por todo o Oriente Médio, desde a Mesopotâmia até a Ásia ocidental e o Egito. E como se não bastassem todas essas ligações com o Velho Mundo, encontramos um círculo de doze pilares de pedra. Quem quer que tenha atravessado o Pacífico devia ser conhecedor dos círculos de pedra astronômicos de Lagash, ou de Stonehenge - ou de ambos.

Vários objetos que agora estão no Museu Nacional do Peru, em Lima, são considerados como tendo servido de computadores calendáricos pelo povo que habitou a costa. Um deles, por exemplo, catalogado com o número 15-278, é dividido em dezesseis quadrados que contêm de seis a doze orifícios; os painéis do alto e de baixo possuem 28 e 29 orifícios respectivamente - uma forte sugestão de contagem mensal lunar.

Fritz Buck (*Inscripciones Calendarias del Peru Preincaico*), que se tornou especialista no assunto, foi de opinião que os 116 orifícios ou marcas nos dezesseis quadrados representam um elo com o calendário dos maias do México e da Guatemala. Que a parte norte das terras andinas esteve em contato estreito com o povo e as culturas da Mesoamérica - uma possibilidade até então rejeitada peremptoriamente - é algo que hoje dificilmente é contestado. Aqueles que chegaram da Mesoamérica sem dúvida incluíram semitas e africanos, como fica evidenciado pelas inúmeras esculturas e trabalhos em pedra. Antes que eles chegassem por mar, as pessoas haviam sido representadas como indo-européias; em algum momento, chegou a essa terra o "povo-pássaro" de capacete, equipados com armas de metal. Outro grupo pode ter chegado via bacia do Amazonas e seus tributários; o povo associado com eles era idêntico ao hieróglifo hitita para "deuses". Ainda que o panteão hitita fosse uma adaptação do sumério, talvez explique uma estatueta de ouro na Colômbia, com uma deusa segurando nas mãos o emblema do cortador umbilical - o símbolo de Ninharsag, a Deusa-Mãe dos sumérios.

A costa andina centro-norte, assim como as cordilheiras da América do Sul, abrigava um povo que falava quíchua, chamados, por falta de outra

referência, de acordo com os rios ao longo dos quais habitavam. Os incas formaram seu império e construíram suas famosas estradas nas ruínas desses habitantes mais antigos. Para o sul, desde onde fica Lima (capital do Peru), ao longo das costas e montanhas do lago Titicaca, e mais ainda, na direção do Chile, a linguagem tribal dominante era a dos aimarás. Eles lembravam em suas lendas a chegada à costa do Pacífico e também por terra, a leste do Titicaca. Os aimarás consideraram os antigos como invasores belicosos; os últimos foram chamados de uru, cujo significado é "povo antigo", que formavam um povo à parte, cujos remanescentes ainda existem no Vale Sagrado como um grupo, com seus costumes e tradições. A possibilidade de que fossem sumérios, chegando ao lago Titicaca quando Ur era a capital da Suméria (da última vez, entre 2.200 e 2.000 a.C.), deve ser levada a sério. O fato é que a província que liga o Vale Sagrado, as margens orientais do lago Titicaca e o Brasil ocidental ainda é chamada de Madre del Dios - "Mãe dos Deuses", o que Ninharsag era. Mera coincidência?

Os estudiosos descobriram que, ao longo dos milênios, as influências culturais desses povos eram as de Tiahuanaco; sua maior expressão foi encontrada nos milhares de objetos de argila e metal que traziam a imagem de Viracocha conforme aparecia no grande Portal do Sol, em decorações (incluindo o magnífico tecido trabalhado no qual as múmias eram embrulhadas), que emulavam os símbolos no Portal, e seu calendário.

O mais popular desses símbolos, ou como Posnansky e outros os consideram, hieróglifos, era o da escadaria, que também era usado no Egito e que era representado em artefatos andinos para compor uma torre com o "olho-que-vê". Tal observação, a julgar pelas linhas astronômicas de mira no Kalasasaya e pelos símbolos celestes associados com Tiahuanaco, incluía a Lua (cujo símbolo era um círculo entre crescentes).

No lado da América do Sul banhado pelo Pacífico, parece que o calendário e sua sabedoria celeste seguiram os passos dos mesmos professores que estiveram ativos no Oriente Próximo.

Comentando essas evidências, já discutidas pela presença muito antiga do homem nas Américas e por suas rotas de chegada, a dra. Niede Guidon, do Instituto Francês de Estudos Sociais Avançados, que participou com

arqueólogos brasileiros das descobertas em Pedra Furada, afirmou: "Uma travessia transatlântica da África não pode ser descartada".

A descoberta da "cerâmica mais antiga das Américas", anunciada por uma equipe arqueológica do Museu de História Natural em Chicago, na edição da revista Science de 13 de dezembro de 1992, "ultrapassou os pressupostos-padrão" em relação ao povo das Américas e especialmente à visão de que a bacia Amazônica, onde a descoberta foi realizada, era "simplesmente pobre demais em recursos para ter suportado uma cultura pré-histórica complexa". Ao contrário de opiniões antigas, "a bacia Amazônica tinha um solo tão fértil quanto as planícies do Nilo, do Ganges e de outras grandes bacias hidrográficas pelo globo", afirmou a dra. Anne C. Roosevelt, a chefe do grupo. Os fragmentos de cerâmica castanho-avermelhada, alguns decorados com padrões pintados, foram datados pelas tecnologias mais recentes como tendo sete mil anos de idade. Foram encontrados num lugar chamado Santarém, entre montes de conchas e outros objetos desprezados pelos antigos residentes, um povo pescador.

A data e o fato de a cerâmica ser pintada com desenhos lineares fizeram com que fosse comparada com objetos similares que apareceram no Oriente Médio, nas montanhas que margeavam a planície onde a civilização suméria floresceu. Em Os Reinos Perdidos, apresentamos as evidências de traços sumérios na bacia Amazônica e nas áreas produtoras de ouro e estanho, no Peru. A última descoberta, ao fixar a data de produção da cerâmica sem sombra de dúvida, e ao surgir numa época em que as chegadas eram uma possibilidade aceitável, serve principalmente para corroborar conclusões anteriores não-ortodoxas; na Antiguidade as pessoas do Oriente Médio atingiram o continente americano atravessando o Atlântico.

As chegadas de tal direção não se deram sem vestígios calendáricos. A mais dramática e enigmática das descobertas foi a nordeste da bacia Amazônica, perto da fronteira Brasil-Guiana. Lá, erguendo-se na grande planície, encontra-se uma rocha em forma de ovo que se eleva cerca de trinta metros, cujo diâmetro fica em torno de 75 a cem metros. Uma cavidade natural no alto foi esculpida para formar um lago cujas águas fluíssem para o interior da rocha gigante, através de canais e sulcos. O orifício em forma de caverna foi

alargado para formar um abrigo maior, e em seguida esculpido para criar depressões e plataformas em vários níveis. A entrada para o interior da rocha possui a pintura de uma cobra, com cerca de sete metros de comprimento, a boca formada por três aberturas na rocha, cercada por enigmáticas inscrições, ainda não decifradas; tanto no interior quanto fora, a rocha é coberta por centenas de símbolos pintados.

Intrigado pelos relatos de exploradores modernos e pelas histórias de que as cavernas continham o esqueleto de "gigantes cujas faces apresentam expressões européias", o professor Marcel F. Homet (Die Sohne de Sonne) explorou a rocha nos anos 50 e conseguiu dados mais precisos sobre ela do que até então se conhecia. Ele descobriu que as três fachadas da Pedra Pintada apontam em três direções: a fachada grande está orientada segundo um eixo leste-oeste, e as menores estão orientadas nas direções sul-sudoeste e sul-sudeste. Sua observação era de que "externamente, em sua orientação estrutural... esse monumento segue os valores exatos das antigas culturas européias e mediterrâneas". Ele considerou vários sinais e símbolos pintados sobre a superfície meticulosamente polida na rocha, anunciando que eles eram "numerais impecavelmente regulares, que não são baseados no sistema decimal", mas "pertencem às mais antigas culturas mediterrâneas". Ele imaginou que as superfícies cheias de orifícios seriam tabelas de multiplicar, tais como 9 vezes 7, ou 7 vezes 7, ou 12 vezes 12.

O mais importante desse local, que alguns exploradores chamaram de Lugar dos Livros de Pedra, eram dólmene - grandes pedras achatadas sobre suportes laterais - pesando cerca de quinze a vinte toneladas cada uma. Suas faces eram elaboradamente pintadas; as duas maiores foram cortadas em formas precisas - uma como um pentágono e a outra como um oval. À entrada, ambas parecem representar a serpente como sinal dominante, e esses e outros símbolos remeteram Homet aos antigos egípcios e ao Mediterrâneo oriental. Como muitos dos dólmene estavam colocados nos níveis e nas entradas para as grutas-sepulturas nas profundezas da rocha, ele concluiu que, conforme as lendas nativas afirmavam, seria um local sagrado para o sepultamento de líderes ou de outras pessoas notáveis, "por um povo civilizado que vivia aqui, assim como estavam em Tiahuanaco, a grande

cidade nos Andes, muito, muito, muito tempo atrás - talvez milhares de anos antes do nascimento de Cristo".

A observação de Homet em relação ao sistema matemático que parecia existir sob as marcas da superfície, "não baseado em sistema decimal", mas naquele "das culturas mais antigas conhecidas do Mediterrâneo", é uma forma de descrever o sistema sumério sexagesimal, cujo uso foi difundido pelo Oriente Médio. Suas outras conclusões sobre conexões por um lado com o "Mediterrâneo oriental" e por outro com Tiahuanaco "milhares de anos antes do nascimento de Cristo" são notáveis.

Embora os desenhos nesses dois dólmenes em particular permaneçam indecifrados, eles contêm, em nossa opinião, um número de pistas importantes. O pentagonal, sem dúvida, registra algum tipo de história coerente, talvez, como ocorre com os livros pictóricos da América Central, uma história sobre emigração e sobre a rota tomada. Em seus quatro cantos, a tábua representa quatro tipos de pessoas; nisso ela poderia ser precursora de um conhecido quadro maia na capa do Codex Fejérvary que mostrava os quatro cantos da Terra e (em cores diferentes) suas diversas raças de pessoas. Como no dólmen pentagonal, a representação maia também possui um painel central geométrico.

A não ser pelo painel central, que no Brasil é pentagonal, a face do dólmen está coberta pelo que parece ser uma escrita desconhecida. Encontramos similaridades entre essa e uma escrita do Mediterrâneo oriental, conhecida como Linear A; era uma precursora da escrita na ilha de Creta e também daquela dos hititas da Anatólia (hoje Turquia).

O símbolo dominante do dólmen pentagonal é a serpente, igualmente conhecido na cultura pré-helênica de Creta e do Egito Antigo. Em termos de panteão do Oriente Médio, a serpente era o símbolo de Enki e seu clã. Sobre o dólmen oval ela é representada como uma nuvem pesada, o que traz à mente o símbolo da serpente no kudurru da Mesopotâmia, no qual está representada a Via Láctea.

Muitos dos símbolos que envolvem o painel central nesse dólmen são desenhos e símbolos (tais como a suástica) elamitas e sumérios. As imagens maiores no interior do oval são ainda mais reveladoras. Se considerarmos o

símbolo central mais alto como elemento de escrita, precisamente doze símbolos são deixados. Em nosso ponto de vista, representam os doze signos do zodíaco.

Que os símbolos todos sejam idênticos àqueles que se originaram na Suméria não é incomum, já que em várias terras (como a China) o zodíaco (que significa "círculo animal") foi adaptado à fauna local. Porém, alguns dos símbolos nesse dólmen oval, como os dois peixes (Peixes), as duas imagens humanas (Gêmeos) e a mulher segurando um talo de grão (Virgem) são idênticos aos símbolos zodiacais (e de seus nomes) que se originaram na Suméria e foram adotados no Velho Mundo.

O significado das inscrições amazônicas dificilmente pode ser exagerado. Como já ressaltamos, todo o zodíaco foi uma divisão arbitrária do círculo celeste em doze grupos de estrelas; não foi o resultado de simples observação de fenômenos naturais, tais como o ciclo do dia e da noite, o aumento e diminuição da Lua, ou as mudanças ocasionais do Sol. Para encontrar o conceito e a sabedoria do zodíaco e além do mais tê-lo representado por símbolos mesopotâmicos deve ser tomado como prova de que havia alguém com a sabedoria do Oriente Médio na bacia do Amazonas.

Não menos surpreendente do que os símbolos decorativos e os signos zodiacais ao redor da face do dólmen, é a representação no centro do dólmen pentagonal. Mostra um círculo de pedras ao redor de dois monólitos, entre os quais aparece, parcialmente apagado, o desenho de uma cabeça humana, cujo olho está focalizado num dos monólitos. Tal "cabeça com o olho-que-vê" pode ser encontrada nos códices astronômicos maias, nos quais o sinal representa astrônomos-sacerdotes.

Tudo isso, mais as orientações astronômicas das três superfícies da pedra, fala da presença de alguém familiar com observações celestes.

Quem seria esse alguém? Quem poderia ter cruzado o oceano numa época daquelas? A travessia, com certeza, não poderia ter ocorrido sem ajuda. E mesmo que os que foram liderados ou transportados até as praias da América do Sul já possuíssem conhecimentos calendárico-astronômicos, ou tivessem aprendido nas novas terras, nada disso poderia ter ocorrido sem os "deuses".

Na ausência de registros escritos, os petróglifos encontrados na América do Sul são pistas preciosas do que os antigos habitantes sabiam e viam. Muitos deles têm sido encontrados no funil formado entre o Nordeste e a bacia Amazônica, ao longo do enorme rio que se inicia à distância, nos Andes, e seus incontáveis tributários. O rio principal do Vale Sagrado dos incas, o Urubamba, não passa de um afluente do rio Amazonas; assim também outros rios peruanos que fluem para o leste, de locais cujos restos indicam terem sido centros processadores metalúrgicos. Os locais conhecidos, apenas uma fração dos que aguardam descoberta, tão logo o trabalho arqueológico correto seja realizado, procurando a veracidade das histórias locais, que afirmam terem pessoas do outro lado do Atlântico chegado à costa e jornadaado pela bacia Amazônica, para obter ouro, estanho e vários outros tesouros dos Andes.

Só no país antes chamado de Guiana Inglesa, mais de uma dúzia de locais foram descobertos, em que as pedras estavam cobertas de inscrições entalhadas. Num local perto de Carakánanc, nas montanhas Pacaraima, os petróglifos representam estrelas com números diferentes de raios ou pontas (uma das "primeiras" descobertas introduzidas pelos sumérios), o crescente da Lua e do símbolo solar, e o que poderia ser um dispositivo de observação próximo a uma escada. Num lugar chamado Marlissa, uma longa extensão de rochas de granito ao longo da margem do rio está coberta com numerosos petróglifos; alguns deles adornaram a capa do jornal da Sociedade Agrícola e Comercial da Guiana Inglesa (Timehri, edição 6, de 1919). A pessoa peculiar com mãos levantadas e uma cabeça parecida com um capacete ostentando um "olho-que-vê" aparece na rocha próxima ao que lembra um grande barco. Os seres com roupas justas e ostentando halos, que aparecem várias vezes, são de proporções gigantescas: num dos casos quatro metros e em outro quase dois e meio.

No vizinho Suriname, ex-Guiana Holandesa, nas áreas das cataratas Frederik Willem IV, os petróglifos são tão numerosos que os pesquisadores julgaram necessário atribuir números aos locais, a cada grupo de petróglifos de cada lugar, e a cada sinal individual em cada grupo. Alguns deles seriam hoje vistos como representações de OVNI's e de seus ocupantes, assim como um

petróglifo no local 13 das cataratas Wonotobo, onde as representações anteriores de seres altos com halos foram convertidas num mecanismo com domo, com uma escada saindo da abertura; uma pessoa poderosa está parada nessa abertura.

A mensagem enviada por tais petróglifos é que, enquanto algumas pessoas foram vistas chegando por meio de barcos, outras criaturas divinas chegaram em "discos voadores".

Pelo menos dois dos símbolos entre esses petróglifos podem ser reconhecidos como sendo das escritas do Oriente Médio, e especificamente de uma inscrição hitita na Anatólia. Uma, que parece o sinal determinante ao lado de um rosto com capacete e chifres, sem dúvida lembra o hieróglifo hitita que significa "grande". Esse sinal hieroglífico foi usado muitas vezes em inscrições hititas em combinação com o sinal para "rei, governante", para significar "grande rei"; exatamente a combinação em que foi encontrado várias vezes entre os petróglifos próximos às cataratas de Wonotobo, no Suriname.

Os petróglifos, na verdade, cobrem rochas grandes e pequenas na América do Sul; sua difusão e suas imagens contam a história do homem nessa parte do mundo, uma história que ainda precisa ser totalmente decifrada e compreendida. Por mais de cem anos os exploradores mostraram que o continente da América do Sul pode ser atravessado a pé, a cavalo, por canoas e jangadas. Uma das rotas mais importantes começa no nordeste do Brasil/Guiana/Venezuela e usa principalmente o rio Amazonas para entrar pelo norte do Peru e pelo centro; a outra começa no Brasil, em algum lugar perto de São Paulo, e progride em direção oeste pelo Mato Grosso rumo à Bolívia e ao lago Titicaca, depois para o norte pelo centro do Peru (Vale Sagrado) ou pela região costeira - os lugares onde os dois caminhos se cruzam.

Como mostram as descobertas comentadas no início deste capítulo, o homem chegou às Américas e especialmente à América do Sul dezenas de milhares de anos atrás. As imigrações, a julgar pelas evidências petroglíficas, vieram em três fases reconhecíveis. O trabalho intenso em Pedra Furada no nordeste

do Brasil oferece um bom exemplo dessas fases no que está relacionado à costa atlântica.

Pedra Furada é apenas o local mais estudado na área que leva o nome da cidade mais próxima, São Raimundo Nonato; mais do que 260 sítios arqueológicos de ocupações antigas foram encontrados ali, e 240 deles contêm arte nas pedras. De acordo com a datação pré-histórica de amostras de carvão dos locais de queima, o homem vive ali desde 32.000 anos atrás. Ao longo dessa área, tais habitações parecem ter chegado a um final abrupto por volta de 12.000 anos atrás, ao mesmo tempo que ocorreu a mudança brusca do clima. É nossa opinião que essa mudança coincide com o final abrupto da última era glacial pelo Dilúvio, a Grande Inundação. A arte rupestre dessa longa época era naturalista; os artistas da época representavam o que viam ao seu redor: animais da região, árvores e outras vegetações e pessoas.

Um hiato de dois mil anos seguiu-se, até que a ocupação humana do local continuasse, quando outros grupos novos chegaram até a área. Sua arte rupestre sugeria que tinham vindo de uma terra distante, pois animais que não eram autóctones foram incluídos nas pinturas: preguiças-gigantes, cavalos e um tipo primitivo de lhama, além de (segundo relatórios dos escavadores) camelos (aos nossos olhos parecem mais girafas). Essa segunda fase durou pelo menos até 5.000 anos atrás e incluiu, ao final, a confecção de cerâmica decorada. Também estão incluídos na arte desse povo, nas palavras de Niede Guidon, que liderou as escavações, "sinais abstratos" que "parecem ligados a cerimônias ou a temas míticos" - uma religião, uma consciência dos "deuses".

É ao final dessa fase que a transição para petróglifos semelhantes aos símbolos, sinais e escrita do Oriente Próximo se manifestou, levando nessa terceira fase aos aspectos calendáricos e astronômicos das marcas nas pedras. Esses petróglifos podem ser encontrados nas zonas de erosão e também ao longo dos dois maiores caminhos para atravessar o continente. Quanto mais eles pertencem a essa terceira fase, mais pronunciados são os símbolos celestes e conotações. Quanto mais são encontrados para o sul, seja no Brasil, seja na Bolívia, mais parecem remanescentes dos sumérios, da Mesopotâmia

e da Anatólia. Alguns estudiosos, especialmente na América do Sul, interpretam vários sinais como uma espécie de escrita cuneiforme suméria. O maior petróglifo nessa zona é chamado de candelabro ou tridente, e fica de frente para quem chega do Pacífico na América do Sul, na baía de Paracas. Segundo a tradição local, é o cetro de raios de Viracocha, como é visto acima do Portal do Sol, em Tiahuanaco; nós o temos identificado como o emblema, do Oriente Médio, do "Deus da Tempestade", o filho mais novo de Enlil, a quem os sumérios chamam de Ishkur, os babilônios e assírios de Adad e os hititas de Teshub ("O que Sopra o Vento").

Embora a presença dos sumérios, ou pelo menos sua influência, possa ser documentada de muitas formas, como fizemos em Os Reinos Perdidos, nenhuma tentativa de estudo foi feita para levar a um quadro mais compreensivo da presença hitita na América do Sul. Mostramos alguns dos sinais hititas que podem ser encontrados no Brasil, mas provavelmente muito mais existe por ser desenterrado e estudado por trás de uma coincidência como o fato de o povo das colinas da Anatólia ter sido o primeiro a introduzir o ferro no Velho Mundo, e o fato paralelo de que o nome do país, Brasil, é idêntico à palavra acadiana para ferro, Barzel - uma similaridade que Cyrus H. Gordon (Before Columbus e Riddles in History) considerava ser uma pista significativa em relação à verdadeira identidade dos primeiros americanos. Outras pistas são os tipos indo-europeus representados nos bustos encontrados no Equador e norte do Peru, e o fato de que as enigmáticas inscrições encontradas na ilha de Páscoa, no oceano Pacífico ao largo do Chile, são lidas com o sistema "de arado de boi" - começando na parte superior, da esquerda para a direita, na segunda linha da direita para a esquerda, depois outra vez em sentido contrário, e assim por diante.

Ao contrário dos sumérios, que escolheram uma planície de aluvião sem pedras para servir de material de construção, o domínio da Anatólia era todo KUR.KI, "terra montanhosa", da qual Ishkur/Adad/Teshub ficou encarregado. As estruturas e edifícios em terras andinas também eram feitas de pedra - desde os primeiros e ciclópicos trabalhos em pedra, passando pelos refinados muros do Império Antigo e pelas construções dos incas até os

edifícios do presente. Quem estava lá nas terras dos Andes, versado no uso de pedras antes que a civilização inca começasse? Sugerimos que eram pedreiros da Anatólia, que bem a calhar também eram peritos mineradores - pois a Anatólia fora importante fonte de minérios metálicos na Antiguidade e foi um dos primeiros lugares a misturar estanho e cobre para fazer bronze.

Fazendo uma visita às ruínas de Hatusa, a antiga capital hitita, e a outros bastiões nas proximidades, a cerca de 250 quilômetros a nordeste de Ancara, a atual capital da Turquia, começa-se a perceber que em alguns aspectos eles representam uma imitação tosca do trabalho com as pedras nos Andes, mesmo incluindo os únicos e intrincados cortes na pedra dura para criar o "motivo da escada".

É preciso ser perito em cerâmica antiga para distinguir entre alguns trabalhos em cerâmica da Anatólia e dos Andes, especialmente o tipo queimado e polido típico da Idade do Bronze. Não é necessário, porém, ser um perito para reparar na similaridade entre os estranhos guerreiros representados nos artefatos peruanos das áreas costeiras e os guerreiros pré-helênicos representados nos artefatos do Mediterrâneo oriental.

Considerando essas semelhanças, vem à mente o fato de que o berço dos antigos gregos, a Jônia, não ficava na Grécia e sim na parte ocidental da Anatólia (Ásia Menor). Os mitos e lendas dos tempos antigos, registrados em trabalhos como a Ilíada, de Homero, tratam de localizações na Anatólia. Tróia ficava lá, e não na Grécia. Assim também a famosa Sardenha, capital de Cresus, rei da Lídia, famoso por seus tesouros de ouro. Talvez a crença de que algumas das viagens e trabalhos de Ulisses também o tenham trazido ao que hoje chamamos de América não seja exagerada.

É estranho que o debate sobre os Primeiros Americanos tenha sido menos apreciado, já que pouca ou nenhuma atenção foi dada ao fato de quanto conhecimento de navegação os povos antigos possuíam. Existem muitas indicações de que tinham conhecimento amplo e avançado; mais uma vez, o impossível pode ser aceito como possível apenas se os ensinamentos dos anunaques foram levados em conta.

A Lista dos Reis Sumérios descreve um antigo rei de Erech, precursor de Gilgamesh, dessa forma: "Em Eanna, Meskiagasher, filho do divino Utu, tornou-se sumo sacerdote além de rei, e reinou 324 anos. Meskiagasher foi para o mar do oeste e seguiu para as montanhas". Como tal jornada transoceânica pôde ser realizada sem nenhum tipo de recurso adicional, que ainda não existia, é algo que os acadêmicos não explicam.

Séculos mais tarde, Gilgamesh, tendo sido criado por uma deusa, saiu em busca de imortalidade. Suas aventuras precedem no tempo às de Ulisses, mas as excedem em dramaticidade. Em sua última jornada ele teve de atravessar as águas do mar da Morte, o que só foi possível com a ajuda do barqueiro Urshanabi. Assim que os dois começaram a travessia, Urshanabi acusou Gilgamesh de quebrar as "coisas de pedra" sem as quais o barqueiro não podia navegar. O antigo texto registra o lamento de Urshanabi sobre as "coisas de pedra quebradas" em três linhas que infelizmente constituem a única parte legível de toda a tábua de argila; as três começam com as palavras "eu vejo, mas não consigo..." o que sugere um instrumento de navegação. Para corrigir o problema, Urshanabi instruiu Gilgamesh a voltar à terra e cortar longos pedaços de madeira, 120 ao todo. Quando partiram, Urshanabi pediu que Gilgamesh atirasse um de cada vez, em grupos de doze. Isso foi repetido dez vezes até que todos os 120 fossem usados: "Em duas vezes sessenta, Gilgamesh tinha usado todos os varões", atingindo seu destino do outro lado do mar. Assim, um número específico de varões, arrançados conforme os pedidos, substituíram as "coisas de pedra" que não podiam mais ser usadas.

Gilgamesh foi um rei histórico da antiga Suméria; reinou em Erech (Uruk) por volta de 2.900 a.C. Séculos depois, negociantes sumérios atingiram terras distantes por rotas marítimas, exportando grãos, lã e roupas, pelas quais os sumérios se tornaram conhecidos, e importando - como Gudea confirma - metais, madeira, material de construção e pedras preciosas. Tais viagens de ida e volta não poderiam ter acontecido sem instrumentos de navegação.

A existência de instrumentos como esses na Antiguidade pode ser comprovada por um objeto encontrado na ilha Antiquitera, no mar Egeu, no começo desse século. Navegando pelo mar, de leste para oeste no

Mediterrâneo entre as ilhas de Creta e Quitera, dois barcos de mergulhadores de esponjas descobriram os restos do naufrágio de um navio antigo no solo oceânico. Os artefatos do naufrágio, incluindo bronze e mármore, datavam do século IV a.C. O navio em si foi datado em alguma época antes de 200 a.C.; ânforas, recipientes contendo vinho, azeite de oliva e outros itens de alimentação foram datados de 75 a.C. Que o navio e seu conteúdo sejam de uma época anterior ao início da Era Cristã parece certo, e, dessa forma, também a conclusão de que apanhara sua carga na Ásia Menor, ou próximo à sua costa.

Os objetos e materiais recuperados do naufrágio foram levados a Atenas para exame e estudo. Entre eles estava um pedaço de bronze e peças partidas que, quando reunidas, espantaram os cientistas do museu. O "objeto" parecia um mecanismo de precisão com muitas engrenagens em vários planos dentro de uma moldura circular que por sua vez ficava no interior de um recipiente quadrado; parecia um astrolábio "com projeções esféricas e um conjunto de anéis". Depois de estudos durante décadas, incluindo investigação com raios X e análise metalúrgica, foi exposto no Museu Nacional de Arqueologia, em Atenas, na Grécia (número de catálogo X.15087). A caixa de proteção ostenta uma placa que identifica o objeto como se segue:

Este mecanismo foi encontrado no mar das ilhas Antiquitera por mergulhadores de esponja em 1.900. Era parte da carga do navio naufragado, fato que ocorreu no século I a.C. .

Este mecanismo é considerado um computador calendário do Sol e da Lua, datado, depois das últimas provas, de 80 a.C.

Um dos estudos mais intensos sobre o assunto é o livro *Gears from the Greeks*, pelo professor Derek de Sola Price, da Universidade de Yale. Ele descobriu que as três seções quebradas continham engrenagens, mostradores e escalas graduadas, que por sua vez eram montadas e constituídas de pelo menos dez partes separadas. As engrenagens eram ligadas uma à outra numa base de vários diferenciais - uma sofisticação que agora encontramos nos carros - que incorporaram o ciclo do Sol e o ciclo Metônico (dezenove anos)

da Lua. As engrenagens possuíam dentes pequenos e se moviam em vários eixos; marcações em partes circulares e angulares eram acompanhadas de inscrições em grego que citavam constelações zodiacais.

O instrumento, sem dúvida, era produto de alta tecnologia e sofisticado conhecimento científico. Nada que tivesse sido encontrado antes ou depois chegava perto em complexidade, apesar da idéia de Sola Price de que ele poderia ser proveniente da escola de Possidônio na ilha de Rodes - ou pelo menos consertado lá segundo o modelo de dispositivos planetários usados por Arquimedes. Embora "simpatizasse com o choque que alguém poderia receber ao rever para cima a estimativa dos conhecimentos tecnológicos helenísticos", Sola Price escreveu que não poderia concordar com a "interpretação radical" de alguns segundo a qual "a complexidade do dispositivo e sua sofisticação mecânica o colocavam muito além do alcance da tecnologia helenística e que só poderia ter sido projetado e criado por astronautas alienígenas vindos do espaço e visitando nossa civilização".

Ainda assim, o fato é que nada chegou nem perto da complexidade e precisão do instrumento, em nenhum dos séculos que antecederam a época do naufrágio ou que vieram depois dela. Mesmo os astrolábios medievais, mais de um milênio depois do achado em Antiquitera, pareceriam brinquedos se comparados ao achado antigo. Além do mais, os astrolábios medievais e posteriores europeus eram feitos de latão, que é bastante maleável, enquanto o antigo era feito de bronze - um metal útil em moldes, porém extremamente difícil de se dar forma, especialmente ao se produzir um mecanismo que é mais intrincado do que um cronômetro moderno.

Ainda assim, o instrumento estava lá; não importa que tipo de tecnologia e ciência foram utilizados, prova que a contagem do tempo e a navegação orientada pelos astros eram possíveis naquela época remota, num grau espantoso de sofisticação.

Parece que a relutância em admitir o inaceitável também se esconde atrás do fato de que quase nada relacionado à cartografia antiga foi apresentado no debate sobre os Primeiros Americanos - mesmo com uma oportunidade como o aniversário de 500 anos da viagem de Colombo, em 1492.

Do outro lado do mar Egeu, oposto a Atenas e às ilhas Quitera, em Istambul (antiga capital otomana e bizantina), num palácio convertido agora conhecido como Museu Topkapi, existe outro achado que revela muito sobre a antiga capacidade de navegação. É conhecido como o Mapa de Piri Re'is, citando o almirante turco que o elaborara, e ostenta o ano muçulmano equivalente a 1.513 d.C. Um dos vários mapas-múndi que sobreviveram a essa era de descobertas, ele atraiu interesse particular por vários motivos: primeiro, sua precisão e seu sofisticado método de projeção do aspecto global numa superfície plana; segundo, porque mostra claramente toda a América do Sul, com acidentes geográficos e topográficos passíveis de reconhecimento, tanto na costa do oceano Atlântico quanto na do oceano Pacífico; terceiro, porque projeta corretamente o continente antártico. Embora cartografado alguns anos depois das viagens de Colombo, o fato surpreendente é que o sul da América do Sul era desconhecido em 1513 - Pizarro velejou do Panamá ao Peru apenas em 1.530, e os espanhóis não prosseguiram ao longo da costa nem se aventuraram a explorar a cordilheira dos Andes até muitos anos depois. Ainda assim, o mapa mostra toda a América do Sul, incluindo a ponta da Patagônia. Em relação à Antártida, não apenas a forma, mas também sua existência era desconhecida até 1820 - três séculos depois do mapa de Piri Re'is. Estudos extensos desde que o mapa foi descoberto em 1929 entre os tesouros do sultão reafirmaram essas suas características.

Anotações curtas nas margens são mais bem explicadas num tratado intitulado Bahariyeh ("Sobre o Mar") que o almirante escreveu. Em relação aos acidentes geográficos como as Antilhas, ele explicou que obteve a informação dos "mapas do genovês infiel, Colombo". Repetiu também a história de como Colombo primeiro tentou convencer os importantes de Gênova e depois o rei da Espanha que, segundo um livro que ele (Colombo) possuía, "ao final do mar de Oeste (oceano Atlântico), isto é, em seu lado oeste, existem costas e ilhas e todos os tipos de metais e também pedras preciosas". Este detalhe no livro do almirante turco confirma os relatos de outras fontes de que Colombo sabia muito bem para onde estava indo antes de partir, tendo conseguido alguns mapas e dados geográficos de fontes antigas.

Na verdade, a existência de tais mapas antigos é atestada também por Piri Re'is. Numa notação posterior, que explica como o mapa foi desenhado, ele listou mapas feitos por cartógrafos árabes, mapas portugueses (que mostram os países de Hind, Sind e China), o "mapa de Colombo", assim como "cerca de vinte cartas e mapas-múndi; esses foram desenhados na época de Alexandre, Senhor dos Dois Chifres". Esse era um epíteto árabe para referir-se a Alexandre, o Grande, e a afirmação significa que Piri Re'is viu e usou mapas do século IV a.C. Os acadêmicos admitem que tais mapas eram mantidos na Biblioteca de Alexandria e que alguns devem ter sobrevivido à destruição do fogo daquele grande palácio da ciência, por invasores árabes em 642 a.C. Acredita-se agora que a sugestão para velejar em direção oeste no Atlântico para alcançar costas existentes foi feita primeiramente não por Colombo, mas por um astrônomo, matemático e geógrafo de Florença, na Itália, chamado Paulo del Pozzo Toscanelli, em 1474. Também é reconhecido que mapas, tal como o dos Médici de 1351 e os de Pizingi de 1367, estavam disponíveis para marinheiros e cartógrafos posteriores; o mais renomado entre eles foi Gerhard Kremer, aliás Mercator, cujo Atlas de 1569 e seus métodos de projeção se tornaram padrões da cartografia até os dias atuais.

Uma das coisas estranhas nos mapas mundiais de Mercator é que mostravam a Antártida, embora o continente coberto de gelo só fosse ser descoberto, por marinheiros russos e ingleses, 250 anos depois, em 1820!

Como aqueles que o precederam (e sucederam), Mercator usou para seu Atlas mapas anteriores, desenhados por cartógrafos do passado. Com respeito ao Velho Mundo, especialmente as terras em volta do Mediterrâneo, ele obviamente apoiou-se em mapas que remontam aos tempos em que os fenícios e cartagineses dominavam os mares, mapas desenhados por Marino de Tiro, conhecidos pelas gerações futuras por intermédio do astrônomo, matemático e geógrafo Cláudio Ptolomeu, que viveu no Egito no século II d.C. Por suas informações sobre o Novo Mundo, Mercator dependia apenas de mapas antigos e dos relatos dos exploradores desde a descoberta da América. Mas onde conseguiu os dados não apenas sobre a forma do continente americano, mas sobre sua própria existência?

Os acadêmicos concordam que a fonte provável foi um mapa mundial feito em 1531 por Orontius Finaeus. Corretamente projetando o globo terrestre ao dividi-lo nos hemisférios norte e sul, com os pólos norte e sul como epicentros, o mapa não mostra simplesmente a Antártida - um fato em si já surpreendente. Mostra o continente com aspectos geográficos e topográficos que estariam enterrados e obscurecidos por uma camada de gelo de milhares de anos!

O mapa mostra em inegável detalhe as costas, baías, enseadas, estuários e montanhas, até mesmo rios, onde nada é agora visto em virtude da calota polar que os esconde. Hoje em dia sabemos que tais aspectos existem porque foram descobertos por sondagens científicas sob o gelo, que culminaram em intensos exames por vários grupos durante o Ano Internacional Geográfico de 1958. A representação no mapa Finaeus, como ficou claro, se assemelha notavelmente com a forma verdadeira do continente antártico e seus vários acidentes geográficos.

Num dos estudos mais completos sobre o assunto, Charles H. Hapgood (Maps of the Ancient Sea Kings) concluiu que o mapa de Finaeus foi desenhado por ele baseado em cartas antigas que representavam a Antártida na época em que o continente, depois de ter se livrado de sua calota polar, começou a ser coberto pelo gelo outra vez em sua porção ocidental. Isso, concluiu o grupo de pesquisa, ocorreu por volta de seis mil anos atrás, ao redor de 4.000 a.C.

Estudos posteriores, como o de John W. Weihaupt (Eos, the Proceedings of the American Geophysical Union, agosto de 1984), corroboram as primeiras descobertas. Reconhecendo que "mesmo o mapeamento impreciso de um grande continente requer um conhecimento de navegação e geometria presumivelmente além dos conhecimentos dos navegadores primitivos", ele estava convicto, apesar de tudo, que o mapa era baseado em dados obtidos em alguma época entre 2.600 e 9.000 anos atrás. As fontes de tais dados, afirma ele, permanecem um enigma não resolvido.

Apresentando suas conclusões em Mapas dos Antigos Reis do Mar, Charles Hapgood escreve: "Torna-se claro que os antigos viajantes iam de pólo a pólo. Por mais inacreditável que possa parecer, as evidências apontam que

algum povo antigo explorou a Antártida quando suas costas não estavam cobertas de gelo. Fica claro também que tinham instrumentos de navegação para determinar longitudes que eram muito superiores a qualquer coisa possuída pelos povos antigos, medievais ou de tempos modernos até a segunda metade do século 18”.

Porém esses marinheiros antigos, como mostramos, apenas seguiram os passos dos deuses.

11

Exílios numa Terra em Mudança

Os historiadores acreditam que o exílio como política de castigo penal foi introduzido pelos assírios no século VII a.C., quando eles "carregavam" reis, grupos de anciãos, oficiais da corte e às vezes até o povo, de suas próprias terras para outras, a fim de que vivessem suas vidas entre estrangeiros em lugares distantes. Na verdade, a partida forçada de alguém para o exílio foi uma forma de punição iniciada pelos deuses, e os primeiros exilados foram os próprios líderes dos anunaques. Tais partidas forçadas, primeiro de deuses, depois de pessoas, mudaram o curso da História. Deixaram também sua marca no calendário, ligadas à chegada de uma Nova Era.

Quando os espanhóis, e depois os outros europeus, perceberam quão numerosas eram as similaridades em tradições, costumes e crenças, entre nativos americanos e aqueles associados com a Bíblia e os hebreus, pensaram que tais "índios" seriam descendentes das Dez Tribos Perdidas de Israel. Retornaram ao mistério que cercava o paradeiro do povo que pertencia às dez tribos israelitas que formavam o Reino Norte e foram forçadas ao exílio pelo rei assírio Salmanasar. Fontes bíblicas e pós-bíblicas acreditavam que, embora dispersos, os exilados tinham mantido sua fé e costumes para que fossem contados entre os que seriam redimidos e devolvidos à terra natal. Desde a Idade Média, viajantes e sábios afirmaram ter encontrado as Dez Tribos Perdidas em lugares tão remotos como a China, ou tão próximos como a Irlanda e a Escócia. No século XVI, os espanhóis estavam seguros de

que tais exílios tinham sido responsáveis por levar a civilização para as Américas.

O exílio das dez tribos pelos assírios no século VIII a.C. e depois das duas tribos restantes pelos babilônios dois séculos mais tarde é fato histórico, enquanto a "Conexão das Dez Tribos" com o Novo Mundo permanece no reino das lendas intrigantes. Sem saber, os espanhóis estavam certos em atribuir o início de uma civilização formal, com seu próprio calendário nas Américas, a um exílio - só que não de um povo, mas um exílio divino.

Os povos da América Central - maias, astecas, toltecas, olmecas e outras tribos menos conhecidas - possuíam três calendários. Dois eram cíclicos, medindo os ciclos do Sol, da Lua e de Vênus. O outro era cronológico, medindo a passagem do tempo de um determinado ponto de início, o "Ponto Zero". Os estudiosos estabeleceram que o ponto inicial dessa Contagem Longa estava no ano que corresponderia ao ano 3.113 a.C. no calendário ocidental, mas eles não sabem o que significa esse ponto inicial.

Em Os Reinos Perdidos, sugerimos que esse ponto marcava a data de chegada de Thot à América, acompanhado por um pequeno grupo de ajudantes e seguidores.

Levantamos a hipótese de que Quetzalcoátl, o Grande Deus dos habitantes da América Central, não fosse outro senão Thot. Seu epíteto, a Serpente Alada ou Emplumada, era conhecido na iconografia egípcia. Quetzalcoátl, assim como Thot, era o deus que conhecia e ensinava os segredos da construção de templos, dos números, da astronomia e do calendário. De fato, os outros dois calendários americanos em si fornecem pistas para uma conexão egípcia, e para identificar Quetzalcoátl com Thot.

Os dois sem dúvida revelaram o trabalho de "alguém" familiarizado com os antigos calendários do Oriente Médio.

O primeiro dos dois era Haab, um calendário de ano solar com 365 dias, dividido em 18 meses de 20 dias, mais um adicional de cinco dias especiais ao final do ano. Embora essa divisão de 18 x 20 seja diferente do Oriente Médio, com uma de 12 x 30, esse calendário era uma adaptação do calendário egípcio de 360 + 5. Puramente solar, como já vimos, ele foi o

preferido por Rá/ Marduk; a mudança de sua subdivisão pode ter sido um ato deliberado de Thot para torná-lo diferente do que seu rival utilizava.

Esse calendário puramente solar não tinha espaços para a intercalação - um dispositivo que, na Mesopotâmia, era expresso pela adição de um décimo terceiro mês a cada número determinado de anos. Na América Central, esse número, 13, figurava no calendário seguinte.

Como no Egito, que possuía tanto um calendário secular (puramente do ano solar) quanto um sagrado, assim era o segundo calendário meso-americano, aquele do Ano Sagrado, chamado Tzolkin. Nele, a divisão de 20 também desempenhava um papel, porém era contada num ciclo que girava 13 vezes - o número inserido no calendário Haab. Esse resultado de 13×20 totalizava apenas 260 dias. O que tal número representava, ou como o fazia, é algo que gerou muitas teorias, mas nenhuma solução correta. O que é significativo, calendárica e historicamente, é que esses calendários de dois ciclos funcionavam juntos, como uma engrenagem em que os dentes se encaixam em outra, para criar o Ciclo Sagrado de 52 anos solares; a combinação de 13, 20 e 365 não se repetia a não ser em 18.980 dias, o que significa 52 anos.

Esse grande ciclo de 52 anos era sagrado para todos os povos da América, que o relacionavam a eventos passados e futuros. Ele está no centro dos assuntos relacionados com a grande divindade americana, Quetzalcoátl ("A Serpente Emplumada"), que, tendo chegado àquelas terras, vinda do outro lado do mar, foi forçada pelo Deus da Guerra a se exilar, mas ficou de voltar no ano "1 Junco" do ciclo sagrado de 52. No calendário cristão, os anos paralelos seriam 1.363, 1.415, 1.467 e 1.519 a.C.; esse último foi o mesmo ano em que Hernán Cortés apareceu na costa mexicana, com a pele clara e barbado como Quetzalcoátl; por isso a chegada dele foi vista como um cumprimento da profecia do Deus que Retorna.

A centralidade do número 52 é um marco das expectativas religiosas e messiânicas, apontando uma similaridade-chave entre Quetzalcoátl e seu Calendário Sagrado e o calendário de 52 de Thot. O Jogo do Cinquenta e Dois era o jogo de Thot, e a história de Satni, relatada anteriormente, afirma claramente que o "cinquenta e dois era o número mágico de Thot". Já explicamos o significado, em termos da rivalidade entre Thot e Rá/Marduk,

do calendário egípcio de 52 semanas. O "52" da América Central tinha a marca de Thot por todos os lados.

Outra marca registrada de Thot era a aplicação de um desenho circular aos edifícios relativos a observações calendáricas dos céus. Os zigurates da Mesopotâmia eram quadrados, seus cantos alinhados com os pontos cardeais. Os templos do Oriente Médio - no Egito, na Mesopotâmia, em Canaã, e até os israelitas - eram estruturas retangulares cujo eixo era orientado ou para os equinócios ou para os solstícios (um aspecto ainda encontrado nas igrejas e templos atuais). Apenas no edifício único que Thot ajudou a construir em Lagash foi adotada a forma circular. Sua única imitação no Oriente Médio era o templo dedicado a Hathor (Ninharsag) em Dendera; e em Stonehenge, próximo de onde o Velho Mundo avista o Novo Mundo do outro lado do oceano Atlântico.

No Novo Mundo, nos domínios de Adad, o filho mais novo de Enlil e divindade-chefe dos hititas, a forma retangular costumeira e a orientação dos templos mesopotâmicos predominaram. O maior e mais antigo deles com funções astronômicas e calendáricas, o Kalasasaya em Tiahuanaco, era retangular e construído num eixo leste-oeste, portanto nada diferente do templo de Salomão. Na verdade, nos perguntamos se quando o Senhor levou o profeta Ezequiel pelos ares, para mostrar o projeto do templo futuro em Jerusalém, ele não o levou voando para Tiahuanaco para ver o Kalasasaya, como podem sugerir os detalhes arquitetônicos bíblicos.

Outro templo importante ao sul dos Andes, um ponto focal de peregrinação sagrada, foi aquele dedicado ao Grande Criador, no alto de um promontório voltado para o Pacífico infinito (não muito ao sul de onde se localiza Lima, hoje em dia). Também tinha a forma retangular.

A julgar pelos projetos dessas estruturas, Thot não foi convidado a colaborar na construção. Porém, conforme acreditamos, ele foi o Arquiteto Divino dos observatórios circulares, e certamente estava presente no Vale Sagrado. Suas marcas registradas entre as estruturas da Era Megalítica foram o Observatório Redondo no alto do promontório Sacsahuamán, a parede semicircular do Santo dos Santos em Cuzco e a Torre em Machu Picchu.

O reino verdadeiro de Quetzalcoátl/Thot era a Meso-América e América Central, a terra das tribos que falavam náuatle e maia; porém sua influência estendeu-se para o sul, penetrando a parte norte da América do Sul. Petróglifos encontrados próximos a Cajamarca ao norte do Peru, que representam o Sol, a Lua, estrelas de cinco pontas e outros símbolos celestes, mostram repetidamente próximos a eles o símbolo da serpente - o inegável emblema de Enki e seu clã, e especificamente da divindade conhecida como a "Serpente Emplumada". Os petróglifos também incluem representações de dispositivos para observação astronômica, um deles sustentado por uma pessoa (sacerdote?), como era costume no antigo Oriente Médio, e o outro com os chifres curvos, como se fossem os dispositivos de visão encontrados no Egito, no templo de Min.

O local parece estar onde as rotas antigas do ouro nos Andes, a do Pacífico e a da costa Atlântica, se encontram quando a última segue os rios. A própria Cajamarca, para o interior, e o porto natural em Trujillo, na costa do Pacífico, desempenharam um papel histórico na conquista européia do Peru. Foi lá, em Trujillo, que Francisco Pizarro e seu pequeno bando de soldados aportaram em 1530. Desembarcaram e estabeleceram sua base em Cajamarca, uma cidade "cuja plaza era maior do que qualquer uma, na Espanha" e cujos "prédios tinham três vezes a altura de um homem"; segundo relatórios dos conquistadores. Foi para Cajamarca que o último imperador inca, Atahualpa, foi atraído, apenas para ser aprisionado por um resgate em ouro e prata. Tal resgate era o preenchimento de uma sala de oito metros por cinco, tão alto quanto um homem pudesse alcançar, com esses metais preciosos. Os ministros e sacerdotes do rei ordenaram que objetos feitos de ouro e prata fossem trazidos de todo o reino; S. K. Lothrop (*Inca Treasure as Depicted by Spanish Historians*) calculou que os espanhóis mandaram para a Espanha pelo resgate uma quantidade de 6.000 quilos de ouro e o dobro de prata (tendo recebido o resgate, os espanhóis executaram Atahualpa).

Mais para o norte, na Colômbia, num local à margem do rio Magdalena, os petróglifos sem dúvida registram encontros hititas e egípcios ao incluir hieróglifos hititas (tais como "ouro" e "rei") ao longo de uma variedade de símbolos egípcios; cartuchos (molduras arredondadas utilizadas para destacar

nomes reais), o hieróglifo para "esplendor" (um círculo com um ponto no meio como o Sol se pondo com raios dourados), e o Machado de Min em "lua dupla".

Caminhando para o norte, o símbolo egípcio por excelência, o desenho de uma pirâmide é encontrado entre "pichações" na área de sepulcros em Holmul, na Guatemala, identificando, portanto, os primeiros habitantes como familiares com o Egito. Também representada está uma torre de estágios circulares, sua planta. Possui a aparência de um observatório circular, parecido ao que existira no promontório de Sacsahuamán, para o sul.

Por incrível que pareça, referências aos petróglifos com símbolos astronômicos são feitas em escrita antiga do Oriente Médio. O Livro dos Jubileus, ampliando as concisas narrativas bíblicas e acrescentando detalhes, registra a geração que se seguiu ao Dilúvio, descrevendo como Noé instruiu seus descendentes ao contar para eles a história de Enoch e a sabedoria que ele conseguiu. A narrativa continua:

No vigésimo nono jubileu, na primeira semana, no começo, portanto, Arpachshad tomou para si uma esposa e seu nome era Rasu'eja, a filha de Sushan, filha de Elam, e ela lhe deu um filho no terceiro ano naquela semana, e o chamaram de Kainam.

E o filho cresceu, e seu pai o ensinou a escrever, e ele foi procurar um lugar que pudesse ocupar para construir uma cidade para si.

E encontrou escritos que gerações anteriores haviam deixado na pedra, e leu o que estava ali, e o transcreveu e pecou como resultado disso; pois continham os ensinamentos dos Guardiões em concordância com o que costumavam observar nos presságios do sol, da lua e das estrelas em todos os signos dos céus.

Os petróglifos, conforme aprendemos nesse texto de um milênio, não eram simplesmente desenhos; eram a expressão da sabedoria dos "ensinamentos dos Guardiões" - os anunaques "de acordo com o que costumavam observar nos presságios do sol, da lua e das estrelas"; os petróglifos eram os "sinais dos céus" de "gerações anteriores".

As representações nas rochas que mostramos incluem observatórios circulares e relatos de testemunhos sobre o que sabiam e tinham visto na Antiguidade nas Américas.

De fato, no coração do domínio de Quetzalcoátl, no México, onde os petróglifos evoluíram para hieróglifos semelhantes aos egípcios, os traços mais óbvios de sua presença eram templos alinhados astronomicamente, incluindo circulares e semicirculares, além de observatórios arredondados. Tais rumas iniciam-se com dois montes perfeitos que faziam a mira astronômica em La Venta, um dos mais antigos locais dos olmecas - seguidores africanos de Thot que chegaram ao México atravessando o Atlântico por volta de 2.500 a.C. No outro extremo dos quatro milênios que se passaram até a conquista dos espanhóis, a última palavra em observatório arredondado era a pirâmide semicircular no território sagrado dos astecas em Tenochtitlán (mais tarde Cidade do México). Era posicionada de tal maneira que servia para determinar o dia do equinócio, observando da arredondada "torre de Quetzalcoátl" o nascer do Sol precisamente entre as torres da Pirâmide dos Dois Templos.

Cronologicamente, entre os antigos olmecas e os modernos astecas, havia as incontáveis pirâmides e observatórios sagrados dos maias. Alguns deles, como o de Cuicuilco, eram perfeitamente redondos. Outros, como o de Cempoala, começaram, de acordo com os arqueólogos, como estruturas arredondadas puras, mas mudaram de forma à medida que a pequena escada original que levava aos estágios mais altos evoluía para várias escadarias monumentais e plazas. A mais famosa dessas estruturas é o Caracol em Chichén Itzá, na península do Yucatán - um observatório circular, cujas funções astronômicas e orientações têm sido estudadas de forma exaustiva e firmemente estabelecida. Embora a estrutura que vemos hoje em dia seja datada de aproximadamente 800 d.C. é sabido que os maias tomaram Chichén Itzá dos colonizadores anteriores, erigindo estruturas maias onde havia as mais antigas. Um observatório original, na concepção dos estudiosos, deve ter estado no local em épocas anteriores, construído e reformado, assim como os maias fizeram com as pirâmides.

As linhas de mira na estrutura mais antiga foram pesquisadas exaustivamente, e sem dúvida incluem os pontos principais do Sol - equinócios e solstícios, assim como alguns pontos importantes da Lua. Alinhamentos com várias estrelas são sugeridos, embora não com Vênus; isso é estranho, pois nos códices maias os movimentos de Vênus são o assunto principal. É um dos motivos para acreditar que as miras não foram construídas por astrônomos maias, mas herdadas de outras eras.

O plano do solo no Caracol - uma torre redonda numa área cercada em quadrado como parte de um terreno grande e retangular, e as aberturas na própria torre - lembra a forma e o projeto (agora visto apenas pelas fundações) do observatório circular com a área quadrada no interior de um complexo retangular em Sacsahuamán sobre Cuzco. Existe dúvida de que ambos foram desenhados pelo mesmo Arquiteto Divino? Em nossa opinião, esse arquiteto foi Thot.

Para suas observações, os astrônomos maias utilizaram dispositivos de visão, muitas vezes representados nos códices, e as semelhanças com os instrumentos do Oriente Médio, postos de observação e outros símbolos são numerosos demais para serem apenas coincidência. Em todos os casos, os postos de observação são virtualmente idênticos aos que ficavam no alto das torres na Mesopotâmia; o símbolo da "escadaria" que evoluiu deles, o símbolo sempre presente no observatório em Tiahuanaco, é claramente visto nos códices maias. Um deles, no Codex Bodley, indica que os dois astrônomos-sacerdotes estão observando o Sol que se ergue entre duas montanhas; essa é a forma como os textos egípcios em hieróglifos representam a idéia e a palavra "horizonte"; e não pode ser por acaso que as duas montanhas no códice maia se parecem com as duas pirâmides em Gizé. As ligações com o antigo Oriente Médio em geral, e com o Egito em particular, evidenciadas por glifos e ruínas arqueológicas, são aumentadas pelas lendas.

O Popol Vuh, o "Livro do Conselho" dos maias das terras altas, contém um relato de como o céu e a Terra foram formados, como a Terra foi dividida em quatro regiões e repartida, e como a corda de medida foi trazida e esticada no céu e sobre a Terra, criando os quatro cantos. Existem todos os elementos

básicos para a cosmogonia e as ciências do Oriente Médio, lembranças de como a Terra foi dividida entre os anunaques, e as funções dos Medidores Divinos. Tanto as tradições dos náuatles como as dos maias, na forma de lendas como a de Votan, recontam a chegada dos "Pais e Mães", os ancestrais tribais, de além-mar. Os Anais de Cakchiquels, um registro dos náuatles, afirma que enquanto eles mesmos vieram do oeste, existiram outros que vieram do leste, nos dois casos "do outro lado do mar". A Lenda de Votan, que construiu a primeira cidade, o berço da civilização meso-americana foi escrita por cronistas espanhóis a partir de tradições orais maias. O emblema de Votan, registraram eles, era a serpente; "ele era um descendente dos Guardiões, da raça de Can". "Guardiões" refere-se ao significado do termo egípcio Neteru (deuses). Can, segundo revelaram estudos feitos por Zelia Nuttall (Papers of the Peabody Museum), era uma variante de Canaã, que (segundo a Bíblia) fazia parte dos povos hamíticos na África e era uma nação-irmã do Egito.

A possibilidade, que já mencionamos, de que os mais antigos emigrantes possam ter sido descendentes de Caim, relaciona o início dos náuatles a uma das primeiras deportações registradas: o exílio de Caim como castigo pelo assassinato de Abel. A primeira, segundo a Bíblia, foi a expulsão de Adão e Eva do Jardim do Éden. Em nossos tempos o exílio de reis é uma ocorrência conhecida; o exílio de Napoleão para a ilha de Santa Helena é um exemplo famoso. Registros bíblicos mostram que essa modalidade de punição remonta às origens do tempo, quando a humanidade era mantida num certo código de ética pelos "deuses". Segundo os escritos mais antigos e detalhados dos sumérios, eram, de fato, os próprios deuses que aplicavam os castigos aos pecadores; e o primeiro deles registrado é em relação ao seu comandante-chefe, Enlil: ele foi exilado para uma terra de banimento pelo crime de estupro de uma jovem enfermeira anunaque (ao final, ele casou-se com ela e obteve perdão).

Fica claro pelas lendas maias e náuatles que Quetzalcoátl (Kukulcan no folclore maia) chegara à sua terra com um pequeno bando de seguidores, e que essa partida fora forçada - um exílio imposto pelo Deus da Guerra. Acreditamos que essa chegada foi também o resultado de uma partida

forçada, um exílio de sua terra nativa, o Egito. A data desse evento é um componente vital da contagem de tempo mesopotâmica.

Já discutimos a centralidade do Ciclo Sagrado de 52 anos no calendário meso-americano, na religião e nos assuntos históricos, e demonstramos que se referia ao número sagrado de Thot. Em seguida, em termos de significado, vinha o Grande Círculo de "anos perfeitos", que incluíam treze eras de baktuns, unidades de quatrocentos anos, que se constituíam em elemento-chave no calendário consecutivo conhecido como a Contagem Longa.

A menor unidade no calendário de Contagem Longa era o kin, um único dia, e foi construída para números grandes, que poderiam chegar a milhões de dias por séries de multiplicações, por 20 e por 360.

1 kin			=	1 dia
1 uinal	=	1 kin x 20	=	20 dias
1 tun	=	1 kin x 360	=	360 dias
1 ka-tun	=	1 tun x 20	=	7.200 dias
1 bak-tun	=	1 ka-tun x 20	=	144.000 dias

Como exercício puramente aritmético, as multiplicações por vinte poderiam continuar, aumentando o número de dias que cada termo e seu glifo específico representavam, chegando a 2.880.000 e 57.600.000, e assim por diante. Porém, na prática, os maias não passavam do baktun; pois a contagem que se iniciava no enigmático ponto em 3.113 a.C. devia correr em ciclos de treze baktuns. Os modernos acadêmicos dividem o número de dias que a Contagem Longa indica nos monumentos maias não pelo número perfeito 360, mas sim pelos 365,25 dias do ano solar; assim, um monumento afirmando "1.243.615" dias é lido como a passagem de 3.404,8 anos desde agosto de 3.113 a.C., no caso, 292 d.C.

O conceito de eras na história da Terra e da pré-história era uma crença básica das civilizações pré-colombianas da Meso-América. Segundo os astecas, sua Era ou "Sol" era a quinta e "começou 5.042 anos atrás". Embora as fontes náuatles não sejam específicas sobre quanto ainda deveria durar essa era, fontes maias forneceram uma resposta mais precisa por meio da

Contagem Longa. O atual "Sol", dizem eles, irá durar precisamente treze baktuns – 1.872.000 dias do Ponto Zero. Isso representa um Grande Ciclo de 5.200 "anos perfeitos" de 360 dias cada.

Em O Fator Maia, José Argüelles conclui que cada era de um baktun agiu como um marco na história e pré-história da América Central, assim como irá acontecer com o ano 2.012 d.C., no qual os treze baktuns que se iniciaram em 3.113 a.C. se completarão. Ele acredita que o número 5.200 é uma chave para compreender a cosmogonia maia e as eras do passado e do futuro.

Nos anos 30, Fritz Buck (El Calendario Maya en La Cultura de Tiahuanacu), percebendo elementos comparáveis entre o calendário maia e o de Tiahuanaco, considerou a data de início e outros marcadores de períodos para relacionar com os eventos que afetaram os povos americanos. Ele acreditava que um símbolo-chave no calendário no Portão do Sol era 52, e outro, 520, e aceitava como historicamente significativo o número de 5.200 anos; por outro lado, mantinha a idéia de que não era um, mas dois os Grandes Ciclos a serem considerados, e que como 9.360 recaía no segundo Grande Ciclo, o primeiro iniciara-se em 9.360 a.C. Foi então, afirma ele, que os eventos lendários e as histórias dos deuses nos Andes começaram. O segundo Grande Ciclo iniciava-se em Tiahuanaco, em 4160 a.C.

Para chegar ao ano de 2.012 como final do Quinto Sol, José Argüelles seguiu o costume atual dos cientistas de dividir os 1.872.000 dias pelo número real de 365,25 do ano solar, resultando na passagem de apenas 5.125 anos desde o ponto inicial, em 3.113 a.C. Fritz Buck, por outro lado, não viu necessidade de fazer tal ajuste, acreditando que a divisão deveria seguir o "ano perfeito" dos maias, 360. Segundo Buck, a era histórica que os astecas e os maias viveram deveria durar 5.200 anos.

Esse número, como 52, está ligado a Thot, segundo fontes do Egito Antigo. Entre elas estavam os escritos de um sacerdote egípcio que os gregos chamavam de Maneto (seu nome hieroglífico significava "Presente de Thot"). Ele registrou a divisão de monarquias em dinastias, incluindo as divinas e semidivinas que precederam as faraônicas; forneceu também a duração do reinado de todos eles.

Lendas e histórias dos deuses, de outras fontes, confirmam a lista de Maneto, que afirma que os sete grandes deuses - Ptah, Rá, Shu, Geb, Osíris e Hórus - reinaram por um total de 12.300 anos. Então iniciou-se uma segunda dinastia divina, liderada por Thot; durou 1.570 anos. Foi seguida por trinta semideuses que reinaram 3.650 anos. Uma época caótica seguiu-se, um período de 350 anos em que o Egito permaneceu desunido e em desordem. Depois disso, uma pessoa chamada Mên estabeleceu a primeira dinastia faraônica. Os acadêmicos acreditam que isso aconteceu por volta de 3.100 a.C.

Temos sustentado que a data verdadeira foi 3.113 a.C., o ponto inicial da Contagem Longa meso-americana. Foi então, acreditamos, que Marduk/Rá, reclamando supremacia sobre o Egito, expulsou Thot e seus seguidores da terra, forçando-os a procurar o exílio em outra terra, distante. E se o reinado de Thot (1.570 anos) e o de seus semideuses indicados (3.650 anos) for somado, o resultado é 5.220 anos - uma mera discrepância de 20 anos dos 5.200 anos perfeitos que perfazem o Grande Ciclo maia de treze baktuns. Assim como o 52, 5.200 também era um "número de Thot".

Nos dias antigos, quando os anunaques eram os Senhores, o banimento e exílio de deuses deixaram marcos no que chamamos de Crônicas da Terra. Muito dessa parte da história diz respeito a Marduk, aliás Rá no Egito; e o calendário - a contagem do Tempo Divino, Celestial e Terrestre - desempenhou um papel muito importante nesses eventos.

O reinado de Thot e sua dinastia de semideuses, terminando por volta de 3.450 a.C., foram seguidos no Egito, de acordo com Maneto, por um período caótico que durou 350 anos, e logo depois se iniciava um período de governo dos faraós fiéis a Rá.

Segmentos do capítulo 175 do Livro dos Mortos (conhecido como Papiros de Ani) registram um diálogo irritado entre Thot e Rá, que reapareceu. "Ó Thot, o que aconteceu?", quis saber Rá. "Os deuses fizeram um alarido, eles escolheram brigar, fizeram coisas más, criaram a rebelião." Devem ter diminuído Rá/Marduk no curso dessa rebelião: "Transformaram o grande em pequeno".

Rá, o Grande Deus, apontou um dedo acusador para Thot; a acusação se referia diretamente às mudanças no calendário: Rá acusou Thot, dizendo que "os anos estão mais curtos, os meses se curvaram". Thot fizera isso com a "destruição de Coisas Escondidas que tinham sido feitas para eles".

Embora a natureza dessas coisas escondidas cuja destruição encurtou os anos e os meses permaneça desconhecida, o desfecho só poderia ser uma mudança do ano solar mais longo para o ano lunar, menor - "transformação do grande em pequeno". O texto termina com a aceitação de Thot de uma sentença de exílio e banimento: "Vou partir para o deserto, a terra silenciosa". É um lugar tão desolado, explica o texto, que "os prazeres sexuais não são desfrutados ali".

Outro texto pouco compreendido, encontrado no santuário de Tutancâmon, assim como nas tumbas de reis em Tebas, pode ter registrado a ordem de expulsão por Rá/Marduk, dando como um dos motivos o conflito de calendários entre o "deus-Sol" e o "deus-Lua" (Thot). O texto, que os estudiosos estão certos de haver se originado numa época bem anterior, conta como Rá ordenou que Thot se apresentasse a ele. Quando Thot veio, Rá anunciou: "Contemple a mim, estou no céu, em meu lugar certo". Prosseguindo a acusação contra Thot e "aqueles que fizeram atos de rebelião contra mim", Rá disse: "Você circulou os dois céus com seus raios brilhantes; quer dizer, Thot, como a Lua circulou". E ele disse a Thot: "Devo, portanto, mandá-lo para o outro lado, para o lugar chamado Hau-nebut". Alguns acadêmicos intitularam o texto de "A designação de funções a Thot". Na verdade, era a "designação" a Thot para uma terra distante e não identificada por causa de suas "funções" - preferências calendáricas - relativas à Lua.

O exílio de Thot foi tratado na Meso-américa como o Ponto Zero do Calendário Longo - segundo a cronologia aceita, era o ano de 3.113 a.C. Deve ter sido um evento cuja repercussão foi sentida a distância e amplamente, pois não pode ser mera coincidência o fato de que, segundo a tradição hindu (que também divide a história e a pré-história da Terra em eras), a era atual, a Kali-iuga, tenha começado num dia equivalente à meia-noite do dia 17 para 18 de fevereiro, em 3.102 a.C. Essa data é estranhamente

próxima à data do Ponto Zero da Contagem Longa meso-americana, e, portanto, de alguma forma está ligada ao exílio de Thot.

Mas logo depois de Marduk/Rá ter forçado Thot a deixar seus domínios africanos, ele mesmo se tornou vítima de uma pena similar: o exílio.

Com Thot fora do caminho e com seus irmãos Nergal e Gibil distantes do centro de poder egípcio, Rá/Marduk poderia ter esperado uma supremacia sem perturbações. Porém um novo rival emergiu na cena. Era Dumuzi, o filho mais jovem de Enki, e seus domínios eram os campos ao sul do Alto Egito. Inesperadamente, ele surge como pretendente ao trono do Egito; como Marduk logo irá descobrir, suas ambições foram aumentadas por um caso de amor que Marduk desaprovava fortemente. Precedendo em alguns milênios a ambientação e os papéis principais de Romeu e Julieta, de Shakespeare, a noiva de Dumuzi não era outra senão Inana/Ishtar, uma neta de Enlil, que lutara ao lado do irmão e dos tios para defender os enkiitas nas Guerras das Pirâmides.

Demonstrando ambição ilimitada, Inana viu no casamento com Dumuzi um grande papel para ela mesma - simplesmente se ele parasse de ser o pastor (como era seu epíteto) e passasse a ser o senhor da grande nação egípcia: "Tive uma visão em que uma grande nação escolhia Dumuzi como Deus de seu país, pois tornei o nome de Dumuzi exaltado, dei uma posição a ele", confidenciou ela mais tarde.

Opondo-se à traição e enraivecido pelas ambições, Marduk mandou seus "delegados" para prender Dumuzi. De alguma forma a prisão deu errado; Dumuzi, tentando esconder-se em seus rebanhos, foi encontrado morto.

Inana elevou "o mais amargo pranto" e buscou vingança. Marduk, sentindo sua ira, escondeu-se no interior da Grande Pirâmide, o tempo todo proclamando sua inocência porque a morte de Dumuzi não fora intencional, e sim accidental. Sem descansar, Inana "não parou de atacar" a pirâmide, "nos cantos, e mesmo na profusão de pedras". Marduk avisou que teria de recorrer a armas "cuja fúria é terrível". Temendo outra guerra, os anunaques convocaram a corte suprema dos Sete que Julgam. Foi decidido que Marduk deveria ser punido, mas, como não matara Dumuzi diretamente, não poderia ser sentenciado à morte. O veredicto foi, portanto, enterrar Marduk vivo na

Grande Pirâmide em cujo interior ele se refugiara, selando-a hermeticamente com ele dentro.

Vários textos, citados por nós em *As Guerras de Deuses e Homens*, relatam os eventos seguintes, a comutação da sentença sobre Marduk e o esforço dramático para cortar através da sólida pirâmide, usando a planta original para chegar até Marduk a tempo. O salvamento passo a passo é descrito em detalhes. A conclusão do incidente: Marduk foi sentenciado ao exílio, e, no Egito, Rá se tomou Amen, o Oculto, um deus que não mais seria visto.

Inana, que, com a morte de Dumuzi, perdera a chance de realizar sua ambição de ser Senhora do Egito, recebeu Erech para ser seu "centro de culto", e o domínio de Arata para se tornar a terceira região de civilização - aquela do vale do Indo - por volta de 2.900 a.C.

Onde estava Thot nos séculos que se seguiram, com aquele que o enviara para o exílio também exilado? Aparentemente em terras distantes - guiando a construção do primeiro Stonehenge nas ilhas Britânicas por volta de 2.800 a.C., e ajudando a orientar astronomicamente as estruturas megalíticas nos Andes. Onde estava Marduk durante esse período? Não sabemos na verdade, mas ele não devia estar longe, pois observava o desenrolar dos acontecimentos no Oriente Médio, continuando seu plano para conseguir supremacia na Terra - supremacia, segundo acreditava, negada a seu pai, Enki.

Na Mesopotâmia, Inana, impiedosa e ardilosa, manobrava o reinado na Suméria, passando-o às mãos de um jardineiro que era um homem ao seu gosto. Ela o chamou de Sharru-kin, "líder justo", e ele se tornou conhecido de nós pelo nome de Sargão I.

Com a ajuda de Inana, ele expandiu seus domínios e criou uma nova capital para uma Suméria maior, que seria conhecida como Suméria e Acádia. Mas procurando legitimidade, ela foi até a Babilônia - a cidade de Marduk - e removeu de lá uma porção do solo consagrado para usar na fundação de sua nova capital. Aquela era a oportunidade que Marduk aguardava. "Por causa do sacrilégio cometido", narram os textos babilônicos, "o grande Senhor Marduk ficou enraivecido" e destruiu Sargão e seu povo; e, de fato,

reinstalou-se na Babilônia. Lá começou a fortificar a cidade e melhorar seu sistema de águas subterrâneo, tornando-a inexpugnável a um ataque.

Como o texto antigo revela, tudo estava relacionado ao Tempo Celeste.

Preocupados com a possibilidade de uma nova guerra dos deuses, os anunaques se reuniram em conselho. O chefe dos antagonistas era Ninurta, o herdeiro aparente de Enlil, cujo direito de nascimento Marduk desafiava diretamente. Convidaram Nergal, um poderoso irmão de Marduk, para unir-se a eles e mediar uma solução pacífica para o conflito. Misturando elogios e persuasão, Nergal primeiro acalmou Ninurta, depois concordou em ir para a Babilônia, e da mesma forma persuadir Marduk a recuar de um confronto aberto. A corrente de acontecimentos, com reviravoltas dramáticas e aleatórias, mais suas conseqüências, é descrita no Erra Epos (sendo Erra um epíteto de Nergal). Inclui muitos diálogos entre os participantes, como se um estenógrafo estivesse presente; realmente, o texto (conforme atesta o pós-escrito) foi ditado a um escriba depois dos eventos por um dos participantes anunaques.

À medida que a história se desenrola, torna-se cada vez mais claro que os acontecimentos na Terra estavam relacionados aos celestes - às constelações do zodíaco. Resumindo: as afirmações e posições assumidas pelos contendores pela supremacia na Terra - Marduk, o filho de Enki, e Ninurta, o filho de Enlil levavam à única conclusão de que a questão era a chegada de uma Nova Era: a mudança iminente da casa zodiacal de Touro para a do Carneiro (Áries), como ocorreria no equinócio de primavera, no momento calendárico do Ano Novo.

Listando todos os seus atributos e desdobramentos, Ninurta afirmou:

No céu sou um touro selvagem,

Na terra sou um leão.

Na terra sou o senhor, entre os deuses, sou o mais feroz.

O herói dos Igigi eu sou, entre os anunaques sou poderoso.

A afirmação descreve o que as representações ilustraram pictoricamente: a era zodiacal quando o equinócio de primavera começou na casa de Touro e o

solstício de verão ocorreu no zodíaco do Leão pertenceu aos enlilitas, cujos "animais de culto" eram o touro e o leão.

Cuidadosamente, escolhendo as palavras, Nergal formulou sua resposta a Ninurta. Sim, concordou ele, é verdade, mas:

No alto da montanha,
Nos arbustos fechados,
Você não vê o Carneiro?

Seu aparecimento, continuou Nergal, é inevitável:

Naquela floresta,
Mesmo o melhor medidor de tempo,
O portador dos padrões,
O curso não pode mudar.
Pode-se soprar como o vento,
Rugir como a tempestade (e ainda)
À orla da órbita do Sol,
Não importa qual a luta,
Vê-se aquele Carneiro.

Em seu implacável retardamento precessional, enquanto a constelação do Touro ainda dominava, "à orla da órbita do Sol" já se podia ver a aproximação da Era de Áries, o Carneiro.

Porém, embora a mudança fosse inevitável, a hora ainda não chegara. "Os outros deuses estão com medo da batalha", concluiu Nergal. Tudo podia ser explicado para Marduk, ele acreditava. "Deixe que eu vá e convoque o príncipe Marduk para sair de seus domínios, pacificamente", sugeriu Nergal. Assim, com o consentimento relutante de Ninurta, Nergal enviou uma missão para a Babilônia. No caminho ele parou em Erech, buscando o oráculo de Anu, no templo que ali existia, o E.AN.NA. A mensagem que ele levava para Marduk do "rei de todos os deuses" era esta: a Hora ainda não chegou.

A Hora em questão, como a conversa-debate entre Nergal e Marduk torna claro, era a iminente mudança zodiacal - a chegada de uma Nova Era. Marduk recebeu seu irmão no E.SAG.IL, o templo-zigurate da Babilônia; o encontro teve lugar numa câmara sagrada chamada SHU.AN.NA, "O Supremo Palácio Celestial", que evidentemente Marduk considerava o local mais adequado para a discussão; pois ele estava certo de que sua hora chegara, e até mostrou a Nergal os instrumentos que usara para provar isso. (Um artista babilônio, representando o encontro entre os dois irmãos, mostrou Nergal com sua arma identificadora, e um Marduk de capacete em pé no topo de seu zigurate e segurando um dispositivo - muito parecido com os instrumentos de observação empregados no Egito, no templo de Min.)

Percebendo o que acontecera, Nergal argumentou o contrário. Seus "instrumentos preciosos eram imprecisos, e por isso interpretara de forma incorreta" o brilho das estrelas do céu como a luz do dia decretado". Enquanto em seu lugar sagrado você concluiu que "à coroa de seu domínio a luz brilhou", não foi assim no Eanna, onde Nergal parara a caminho. Lá, ele disse, "o rosto do E.HAL.AN.KI no Eanna ainda permanece coberto". O termo E.HAL.AN.KI significa literalmente "Casa dos Círculos do Céu-Terra", e em nossa opinião sugere a localização de instrumentos para a determinação do eixo precessional da Terra.

Porém Marduk via as coisas de forma diferente. Quais instrumentos estavam de fato incorretos? Na época do Dilúvio, ele disse que "a ordem Céu-Terra foi alterada, saiu do rumo, e as estações dos deuses celestes, as estrelas do céu, mudaram e não voltaram aos seus lugares (antigos)". Uma grande causa para a mudança, argumentou Marduk, era o fato de que "a Erkalum tremeu, sua cobertura foi diminuída, e as medidas não puderam mais ser tomadas".

Essa é uma afirmação de alto significado, cuja importância científica - assim como a do texto completo do Erra Epas - foi ignorada pelos acadêmicos. Erkalum costumava ser traduzida por "Mundo Inferior" e mais recentemente o termo foi deixado intacto, como palavra cujo significado preciso é indeterminado. Sugerimos que seja um termo que denota a terra embaixo do mundo: a Antártida; e a "cobertura" ou mais literalmente "cabelo-que-cobre"

é uma referência à calota polar, que, segundo Marduk afirmou, ainda estava diminuída, milênios depois do Dilúvio.

Quando tudo terminou, continuou Marduk, ele enviou emissários para verificar o Mundo Inferior. Ele mesmo foi dar uma olhada. Mas a "cobertura tinha se transformado em centenas de quilômetros de água pelos mares": a calota polar ainda estava derretida.

Essa é uma afirmação que corrobora nossa asserção, em O 12º. Planeta, de que o Dilúvio foi uma enorme onda criada pela imersão da calota polar, cerca de 13.000 anos atrás. O evento foi a causa, acreditamos, do final abrupto da última era do gelo e da mudança climática trazida. Também deixou o continente antártico sem sua calota de neve, permitindo a visão - e evidentemente o mapeamento - daquele continente como realmente são as massas de terra e litoral.

A implicação da afirmação de Marduk em relação ao fato de que a "ordem Céu-Terra foi alterada, saiu do rumo" como resultado do derretimento da imensa calota de gelo e da redistribuição de seu peso como água por todos os mares do mundo merece um estudo mais aprofundado. Teria isso implicado uma alteração na inclinação da Terra? Um retardo diferente, e talvez uma alteração na precessão? Talvez uma diminuição do giro da Terra, ou da sua órbita ao redor do Sol? O resultado de experiências que simulam os movimentos e vibrações da Terra com e sem a massa de gelo na Antártida poderia trazer uma conclusão interessante.

Tudo isso, disse Marduk, era agravado pelo destino dos instrumentos em Abzu, a ponta sudeste da África. Sabemos por outros textos que os anunaques possuíam lá uma estação científica monitorando a situação antes do Dilúvio e assim foram capazes de alertá-los para a calamidade iminente. "Depois que terminou a acomodação Céu-Terra", continuou Marduk, afirmando que esperara até que as fontes secassem e as águas da enchente retrocedessem, "voltei, olhei e olhei outra vez; era lamentável". O que descobriu foi que certos instrumentos "que para o céu de Anu podiam voltar-se" haviam desaparecido, sumido. Os estudiosos acreditam que os termos usados para descrevê-los se referem a cristais não identificados. "Onde está o instrumento para dar ordens?", perguntou ele, irritado, e "a pedra do oráculo

dos deuses que dá o sinal para o domínio... onde está a sagrada pedra radiante?"

Essas perguntas em relação aos instrumentos de precisão perdidos, que costumavam ser operados pelo "artesão-chefe divino dos poderes de Anu que carregava o sagrado Sabedor-de-Tudo-do-Dia", parecem mais acusações do que interrogações. Nós nos referimos anteriormente ao texto egípcio no qual Rá/Marduk acusava Thot de destruir "as Coisas Escondidas" que eram utilizadas para determinar os movimentos da Terra e o calendário; as perguntas retóricas atiradas a Nergal implicam uma transgressão deliberada contra Marduk. Em tais circunstâncias, Marduk indicou, ele não estava certo em apoiar-se em seus próprios instrumentos para determinar quando a Hora dele - a Era do Carneiro - chegasse?

A resposta completa de Nergal não está clara porque quando ela começa várias linhas nas tábuas estão danificadas. Parece que, baseado em seus vastos domínios africanos, ele não sabia onde alguns dos instrumentos (ou seus substitutos) se encontravam. Assim, sugeriu que Marduk fosse aos locais indicados no Abzu e verificasse por ele mesmo. Tinha certeza que então Marduk compreenderia que seu direito de nascença não estava em risco; o que estava em disputa era o momento de sua ascendência.

Para colocá-lo mais à vontade, Nergal prometeu que iria pessoalmente cuidar para que nada mais fosse perturbado na Babilônia durante a ausência de Marduk. Como gesto final de boa vontade, prometeu fazer os símbolos celestes da era enlilita, "os touros de Anu e Enlil, ajoelharem-se no portão do templo".

Tal ato simbólico de obediência, a curvatura do Touro do Céu de Enlil à entrada do templo de Marduk, persuadiu este a aceitar a argumentação do irmão:

Marduk escutou isso.

A promessa, feita por Erra [Nergal], encontrou seu favor.

Então ele desceu de seu trono,

E para a Terra das Minas, uma residência dos anunaques,

Dirigiu seus passos.

Assim, a disputa que envolveu o momento exato da mudança zodiacal levou Marduk a um segundo exílio - temporário apenas, ele acreditava. Porém, o destino não permitiu que a vinda antecipada de uma Nova Era fosse pacífica.

12

A Era do Carneiro

Quando a Era do Carneiro finalmente começou, não aconteceu como a alvorada de uma Nova Era. Ao invés disso, veio acompanhada de escuridão ao meio-dia - a escuridão de uma nuvem de radiação mortal, proveniente da primeira vez em que armas nucleares eram detonadas na Terra. Veio como a culminação de mais de dois séculos de levantes e guerras que lançaram deus contra deus e nação contra nação; e, em sua esteira, a grande civilização suméria, que durara quase dois milênios, estava prostrada e desolada, o povo dizimado e seus remanescentes espalhados na primeira Diáspora do mundo. Marduk, de fato, ganhou a supremacia; porém a Nova Ordem trazia novas leis e novos costumes, uma nova religião e novas crenças; uma era de regressão nas ciências, de astrologia ao invés de astronomia mesmo de um novo e pior papel para as mulheres.

Por que aconteceu dessa maneira? Teria a mudança sido tão devastadora e amarga apenas porque envolvia protagonistas ambiciosos - porque os anunaques, não os homens, dirigiram o curso dos acontecimentos? Ou tudo teria sido predestinado, pré-ordenado, e a força e influência - real ou imaginária - da passagem para uma nova casa do zodíaco tão avassaladora que os impérios precisavam ruir, as religiões precisavam mudar, as leis, costumes e organização social precisavam ser destruídas?

Vamos rever o registro dessa primeira mudança conhecida; com sorte encontraremos respostas completas, com certeza pistas elucidadoras.

Segundo nossos cálculos, por volta de 2.295 a.C., Marduk saiu da Babilônia, indo primeiro para a Terra das Minas e depois para regiões não especificadas

pelos textos mesopotâmicos. Ele partiu com o entendimento de que os instrumentos e outras "maravilhas" que colocara na Babilônia não seriam perturbados; porém, assim que Marduk saiu, Nergal/Erra quebrou sua promessa. Por pura curiosidade, ou talvez cheio de malícia, ele entrou no Gigunu proibido, a misteriosa câmara que Marduk declarara estar fora dos limites. Uma vez no interior dela, fez com que o "brilho" da câmara fosse removido; portanto, como Marduk avisara, "o dia tornou-se noite" e calamidades começaram a afligir a Babilônia e seu povo.

Seria esse "brilho" um dispositivo nuclear que irradiava? Não fica claro o que é, a não ser que o efeito adverso começou a espalhar-se pela Mesopotâmia. Os outros deuses ficaram irritados pela ação de Nergal; até mesmo seu pai, Enki, o repreendeu e mandou que retornasse ao seu domínio africano, Kutha. Nergal obedeceu a ordem, porém antes de partir destruiu tudo o que Marduk fizera, e deixou atrás de si seus guerreiros para se certificarem de que os seguidores de Marduk na Babilônia permaneceriam subjugados.

As duas partidas, primeiro de Marduk e depois de Nergal, deixaram a arena livre para os descendentes de Enlil. A primeira a tirar partido da situação foi Inana; ela escolheu um neto de Sargão, Naram-Sin ("O Favorito de Sin") para subir ao trono da Suméria e da Acádia; com ele e seus exércitos, ela começou uma série de conquistas. Entre seus primeiros alvos estava o Grande Campo de Pousio nas montanhas de Cedro, a imensa plataforma de Baalbek, no Líbano. Então ela atacou as terras ao longo da costa mediterrânea, aprisionando o Centro de Controle de Missão, em Jerusalém, e o ponto de cruzamento na rota terrestre da Mesopotâmia para o Sinai, Jericó. Já o espaçoporto em si, na península do Sinai, estava sob o controle dela. Insatisfeita, porém, Inana buscou realizar seu sonho de dominar o Egito, interrompido pela morte de Dumuzi. Guiando, instigando e armando Naram-Sin com suas "armas poderosas", começou a invasão da terra egípcia.

Os textos sugerem que ao reconhecê-la como adversária de Marduk, Nergal deu sua aprovação à invasão. Porém os outros líderes anunaques não encararam a questão com tanta simplicidade. Não apenas ela ultrapassava as fronteiras regionais Enlil-Enki, mas também conseguiu controlar o espaçoporto, aquela zona sagrada na Quarta Região.

Uma reunião dos deuses foi realizada em Nippur para lidar com os excessos de Inana. Como resultado, uma ordem de prisão e julgamento foi emitida por Enlil. Ouvindo aquilo, Inana deixou seu templo em Agade, a capital de Naram-Sin, e foi esconder-se com Nergal. De longe, ela enviava ordens e oráculos para Naram-Sin, encorajando-o a continuar as conquistas e o derramamento de sangue. Para contrabalançar isso, os outros deuses deram o poder a Ninurta de trazer soldados leais das montanhas. Um texto chamado A Maldição de Agade descreve esses eventos e o voto dos anunaques para destruir a cidade. Obedecendo esse voto, a cidade - que fora o orgulho de Sargão e da dinastia de Agade - nunca mais foi encontrada.

A era relativamente breve de Ishtar chegara ao fim e, para trazer alguma ordem e estabilidade para a Mesopotâmia e as terras vizinhas, Ninurta (que iniciara os reinados na Suméria) recebeu outra vez o comando do país. Antes que Agade fosse destruída, Ninurta "trouxe para seu templo a coroa de senhor, a tiara do reinado e o trono para seu próprio templo". Naquela época, seu "centro de culto" era em Lagash, no território sagrado em Girsu. De lá, voando em seu Divino Pássaro Preto, Ninurta percorria a planície entre os dois rios e as montanhas vizinhas, restaurando a irrigação e a agricultura, devolvendo a ordem e a tranquilidade. Dando o exemplo, por meio de fidelidade incontestada à sua esposa Bau (apelidada de Gula, "a Grande"), com a qual ele mandou fazer alguns retratos, e devotado à sua mãe, Ninharsag, ele proclamou leis morais e códigos de justiça. Para ajudar nessa tarefa, nomeou vice-reis humanos; por volta de 2.160 a.C., o escolhido foi Gudea.

No Egito, logo após o exílio de Marduk/Rá, a invasão de Naram-Sin e a reprimenda a Nergal, o país estava em desordem. Os egiptólogos chamam esse período de século caótico, entre 2.180 e 2.040 a.C., o "Primeiro Período Intermediário" na história do Egito. Foi uma época em que o Velho Reinado, que estava centralizado em Mênfis e Heliópolis, sofreu o ataque de príncipes tebanos ao sul. Questões políticas, religiosas e calendárias foram envolvidas; por trás da rivalidade humana estava o confronto celeste entre o Touro e o Carneiro.



Ninurta

Desde o início do período dinástico egípcio, o maior cumprimento celeste que se podia fazer aos grandes deuses era compará-los ao Touro do Céu. Seu símbolo terrestre, o boi sagrado Ápis, era adorado em Heliópolis e Mênfis. Algumas das inscrições pictóricas mais antigas - tão antigas que sir Flinders Petrie (Royal Tombs) as atribuía à época da "dinastia zero" - mostram esse símbolo ao Barco Celeste, com um sacerdote segurando objetos rituais em frente a ele. (As representações nessa placa arcaica e em outras similares, ainda segundo sir Flinders Petrie, também mostram claramente a Esfinge, indicando que ela já existia vários séculos antes de sua suposta construção pelo faraó Quéfren, na IV Dinastia). Como mais tarde aconteceu com o Minotauro, em Creta, um labirinto especial foi criado para o boi Ápis, em Mênfis. Em Sakkara, efígies de cabeças de touro feitas de argila com chifres naturais eram colocadas no interior da tumba de um faraó da II Dinastia; e sabe-se que Zoser, um faraó do período da III Dinastia, realizou cerimônias especiais em homenagem ao Touro do Céu em sua pirâmide espaçosa construída em Sakkara. Tudo isso ocorreu durante o Velho Reinado, um período que chegou ao final por volta de 2.180 a.C.

Quando os sacerdotes tebanos de Amon-Rá começaram a sabotar a religião e o calendário menfita-heliopolita, as representações celestes ainda mostravam

o Sol se elevando sobre o Touro do Céu, mas este era representado preso e cansado. Mais tarde, quando o Novo Reinado reuniu o Egito, com Tebas como capital, e Amon-Rá foi elevado à supremacia, o Touro do Céu era representado machucado e dominado. O Carneiro começou a dominar os movimentos celestes e a arte dos monumentos, e Rá recebeu o epíteto "Carneiro dos Quatro Ventos", sendo assim representado para indicar que ele dominava os quatro cantos e as quatro regiões da Terra.

Onde estava Thot durante esse Primeiro Período Intermediário, quando nos céus acima e na Terra abaixo o Carneiro e seus seguidores continuavam a lutar e a afugentar o Touro e seus seguidores? Não existe indicação de que ele quisesse reclamar o reinado com um Egito dividido e caótico. Era uma época em que, sem desistir de seus novos domínios no Novo Mundo, ele podia fazer aquilo em que se tornara eficiente - construir observatórios circulares e ensinar aos habitantes locais, em antigos e novos lugares, os "segredos dos números" e do conhecimento do calendário. A reconstrução de Stonehenge I para torná-lo Stonehenge II e III, naquela mesma época, era uma daquelas edificações monumentais. Se esperamos que as lendas possam ser veículos para fatos históricos, então aquela sobre africanos chegando para erigir os círculos megalíticos em Stonehenge sugere que Thot, aliás Quetzalcoátl, trouxera para a reconstrução alguns seguidores olmecas, que àquela altura tinham se tornado especialistas em trabalhar pedras pelas experiências na América Central.

O resumo dessas conquistas era o convite de Ninurta para ir até Lagash e ajudar a projetar, orientar e construir o Eninu, o novo templo-pirâmide de Ninurta.

Foi apenas um trabalho de amor, ou havia uma razão mais forte para esse surto de atividade astronômica?

Tratando do simbolismo que guiava a construção de um templo sumério, Beatrice Goff (*Symbols of Prehistoric Mesopotamia*) escreveu sobre a construção do Eninu: "A hora é o momento em que no céu e na terra a sorte está decidida". A orientação para que o templo fosse construído da forma que seus planejadores divinos ordenaram e na hora específica em que foi construído e inaugurado, ela determinou, era "parte de um plano pré-

ordenado quando os destinos foram decididos; a comissão de Gudea fazia parte de um plano cósmico". Esse, concluiu ela, era "o tipo de cenário em que não apenas a arte e o ritual mas também a mitologia andam de mãos dadas, tão importantes quanto a religião".

Por volta de 2.200 a.C. era um tempo "em que no Céu e na Terra os destinos estavam decididos", pois tratava-se da época em que uma Nova Era, a Era do Carneiro, devia substituir a Velha Era, a Era de Touro.

Embora Marduk/Rá estivesse em algum lugar do exílio, crescia uma disputa pelos corações e mentes das pessoas, já que os "deuses" haviam se tornado cada vez mais dependentes de reis e exércitos humanos para atingir seus objetivos. Muitas fontes indicam que o filho de Marduk, Nabu, estava percorrendo as terras que mais tarde se tornariam as Terras Bíblicas, procurando adesões para o lado de seu pai. Seu nome, Nabu, tinha o mesmo significado e vinha do mesmo verbo pelo qual a Bíblia chama um profeta verdadeiro: Nabi, o que recebe as palavras e sinais divinos e em troca as leva ao povo. Os sinais divinos dos quais Nabu falava eram os Céus em mudança; o fato de que o Ano Novo e outras datas de adoração não parecessem mais ocorrer quando deviam. A arma de Nabu, a favor de Marduk, era o calendário...

Poderíamos perguntar o quê estava sendo disputado, ou pouco esclarecido? A verdade do assunto é que mesmo atualmente ninguém pode dizer com certeza quando uma "Era" terminou e outra começou. Existia um cálculo arbitrário, matematicamente preciso, pois como o Ciclo Precessional de 25.920 anos é dividido em doze Casas, cada Casa ou Era deveria durar exatamente 2.160. Essa era a base matemática do sistema sexagesimal, a razão de 10:6 entre o Tempo Divino e o Tempo Celeste. Mas se nenhuma pessoa viva, nenhum sacerdote-astrônomo, tinha testemunhado o início de uma Era e seu final, já que nenhum ser humano tinha permanecido vivo por 2.160 anos, era ou a palavra dos deuses, ou a observação do céu. Porém as constelações do zodíaco eram muito variadas em tamanho, e o Sol podia ficar um pouco mais ou um pouco menos em seu interior. O problema aparece especialmente no caso de Áries, que ocupa menos de 30 graus do arco celeste, enquanto seus vizinhos Touro e Peixes se estendem além dos 30 graus oficiais. Portanto, se

os deuses discordavam, alguns deles (por exemplo, Marduk, que aprendera ciências com seu pai, Enki, e Nabu) poderiam dizer: 2.160 anos se passaram, a Hora chegou. Porém outros (Thot e Ninurta) diziam: mas olhe para o céu, está vendo a mudança ocorrer?

O registro histórico, conforme descrito pelos textos antigos e afirmado pela arqueologia, indica que as táticas funcionaram - pelo menos por algum tempo. Marduk permaneceu no exílio, e na Mesopotâmia a situação acalmou-se o suficiente para que os soldados fossem mandados de volta. Depois de servir como base militar por "noventa e um anos e quarenta dias" (segundo os registros antigos), Lagash voltava a ser um centro civil para a glorificação de Ninurta. Aproximadamente em 2.160 a.C. isso era expresso pela construção do novo Eninnu sob o reinado de Gudea.

A Era de Ninurta durou por volta de um século e meio. Então, satisfeito por que a situação estava sob controle, Ninurta partiu para alguma missão distante. Na ausência dele, Enlil apontou seu filho Nanar/Sin para cuidar da Suméria e da Acádia, e Ur, o "centro de culto" de Nanar/Sin, tornou-se a capital de um império revitalizado.

Foi uma indicação com implicações mais do que políticas e hierárquicas, pois Nanar/Sin era o "deus da Lua" e sua promoção anunciava que o calendário puramente solar de Rá/Marduk estava terminado e que o calendário lunissolar de Nippur era o único verdadeiro - religiosa e politicamente. Para assegurar adesão, um sumo sacerdote versado em astronomia e vaticínios celestiais foi enviado do templo de Nippur para Ur. Seu nome era Tera; com ele foi seu filho de dez anos, Abrão.

O ano, por nossos cálculos, era 2.113 a.C.

A chegada de Tera e sua família a Ur coincidiu com o estabelecimento do reinado de cinco governadores consecutivos, conhecidos como a dinastia de Ur III. O século deles, e de Abrão, via por um lado a gloriosa culminação da civilização suméria; seu epíteto e marca registrada era o grande zigurate construído ali para Nanar/Sin - um edifício monumental que, embora estivesse em ruínas havia quase quatro mil anos, ainda dominava a paisagem e impressionava quem o visse pela imensidão, estabilidade e complexidade.

Sob a ativa orientação de Nanar e sua esposa Ningal, a Suméria atingia novos estágios em arte e ciência, literatura e organização urbana, agricultura, indústria e comércio. A Suméria tornou-se um celeiro das Terras da Bíblia, suas indústrias de lã e roupas formavam uma casta por si mesmas, sendo seus mercadores os famosos Mercadores de Ur. Mas este era apenas um aspecto da Era de Nanar. Por outro lado, pendendo sobre toda essa grandeza e glória estava o destino ordenado pelo Tempo - a mudança inexorável, de um Ano Novo para outro, da posição do Sol, cada vez menos na casa de GUD.ANNA, o "Touro do Céu" e cada vez mais perto de KU.MAL, o Carneiro celeste - com todas as conseqüências funestas.

Desde que recebeu o Sacerdócio e a Realeza, a humanidade sabia seu lugar e seu papel. Os "deuses" eram os senhores, para serem adorados e venerados. Havia uma hierarquia definida, rituais prescritos e dias santos. Os deuses eram austeros mas benevolentes, seus decretos eram definidos porém justos. Durante milênios os deuses supervisionaram o bem-estar e o destino da humanidade, permanecendo claramente separados das pessoas, aparecendo apenas para o sumo sacerdote em datas específicas, comunicando-se com os reis por visões e profecias. Mas tudo começa a ruir, pois os próprios deuses estavam ao acaso, citando diferentes profecias celestes e um calendário que mudava, envolvendo nação após nação nas causas de guerras "divinas", provocando lutas e derramamento de sangue. E a humanidade, confusa e perplexa, cada vez mais falando em "meu deus" e "seu deus", chegava mesmo a duvidar da credibilidade divina.

Em tais circunstâncias, Enlil e Nanar escolheram cuidadosamente o rei para a nova dinastia. Optaram por Ur-Namu ("A Glória de Ur"), um semideus, cuja mãe era a deusa Ninsun. Sem dúvida foi um movimento calculado evocar entre as pessoas as lembranças das glórias passadas e dos "bons e velhos dias", pois Ninsun era a mãe do famoso Gilgamesh, que ainda era exaltado em histórias épicas e representações artísticas. Ele foi um rei de Erech, privilegiado em ver tanto o Campo de Pousio nas montanhas do Cedro quanto o espaçoporto do Sinai; e a escolha de outro filho de Ninsun, sete séculos depois, era destinada a evocar confidências de que aqueles locais vitais seriam outra vez parte da herança suméria, sua Terra Prometida.

A função de Ur-Namu era conduzir o povo para "longe do Mal", evitando seguir os deuses errados. O esforço foi marcado pela reforma e reconstrução do maior templo no país - com exceção do templo de Marduk na Babilônia. O passo seguinte seria subjugar as "cidades más" onde Nabu estava em missão secreta para Marduk. Para essa finalidade, Enlil forneceu a Ur-Namu uma "Arma Divina" com a qual "empilhar os corpos dos rebeldes nas cidades hostis". O reforço do Templo Celeste de Enlil era o objetivo principal, o que ficava claro no texto que fornece as instruções a Ur-Namu sobre o uso da arma:

Como o Touro esmagar terras estrangeiras;
Como o Leão caçar [os pecadores];
Destruir as cidades más,
Limpá-las da oposição aos Magníficos.

O Touro do equinócio e o Leão do solstício deveriam ser mantidos; qualquer oponente dos Magníficos seria caçado, esmagado e destruído.

Liderando expedições militares, Ur-Namu não obteve a vitória, e sim um final ignominioso. No decurso de uma batalha, seu carro ficou preso na lama e ele caiu, apenas para encontrar a morte entre as próprias rodas. A tragédia ficou completa quando o barco que levava seu corpo para a Suméria afundou no caminho, de forma que o grande rei ficou privado de seu funeral.

Quando as notícias alcançaram Ur, o povo ficou triste e incrédulo. Como Ur-Namu não foi "seguro pela mão de Nanar/Sin", por que Inana "não colocou seu braço nobre ao redor da cabeça dele", por que Utu não o ajudou? Por que Anu "alterou sua palavra sagrada"? Certamente era uma traição dos grandes deuses; só pôde acontecer porque "Enlil traiçoeiramente mudou seu decreto". O trágico destino de Ur-Namu e a dúvida dos deuses partidários de Enlil causaram a mudança de Tera e sua família para Haram, uma cidade a noroeste da Mesopotâmia que servia como elo de ligação entre as terras e os povos da Anatólia - os hititas; evidentemente, os poderes sentiram que Haram, onde um templo a Nanar/Sin quase duplicava o de Ur, seria o local

mais apropriado para os descendentes nipurianos de uma linha de sacerdotes reais nos tempos turbulentos que estavam à frente.

Em Ur, Shulgi, um filho de Ur-Namu com uma princesa, num casamento arranjado por Nanar, subiu ao trono. Imediatamente ele procurou o favor de Ninurta, construindo para este um santuário em Nippur. O ato teve vários aspectos práticos; pois as províncias do oeste se tornavam inquietas, a despeito de uma jornada pacífica empreendida por Shulgi, ele conseguiu obter uma "legião estrangeira" de soldados em Elam, um domínio de Ninurta nas montanhas a sudoeste da Suméria. Usando-os para lançar expedições militares contra as "cidades pecadoras", ele mesmo procurou refúgio numa vida de dissipações e luxúria, tornando-se um "amado" de Inana e oferecendo banquetes e orgias em Erech, no próprio templo de Anu.

Embora as expedições militares tenham levado, pela primeira vez, soldados elamitas até o portal para a península do Sinai e seu espaçoporto, fracassaram em controlar a "rebelião" provocada por Nabu e Marduk. No quadragésimo sétimo ano de seu reinado, 2.049 a.C., Shulgi recorreu a um estratagema desesperado: ordenou a construção de um muro de defesa ao longo da fronteira oeste da Suméria. Para os deuses enlilitas era o equivalente a abandonar as áreas vitais onde ficavam o Campo de Pouso e o Centro de Controle de Missão. Pelo fato de que ele "não cumpriu os regulamentos divinos", Enlil decretou a morte de Shulgi, a "morte de um pecador", no ano seguinte.

A retirada das terras de oeste e a morte de Shulgi dispararam duas ações. Como sabemos, por um texto biográfico no qual Marduk explica suas ações e motivos! foi então que ele decidiu retornar à proximidade da Mesopotâmia, chegando à terra dos hititas. Foi também decidido que Abrão realizasse seu movimento. Nos 48 anos do reinado de Shulgi, Abrão amadureceu em Haram, de um adolescente recém-casado para um líder de 75 anos, possuidor de um conhecimento variado e treinado em artes militares, aprendidas dos anfitriões hititas.

Ora, o Senhor disse a Abrão:
Sai da tua terra

E da tua parentela e da casa de teu pai,
E vem para a terra que eu te mostrarei.
Saiu, pois, Abrão de Haram, como o Senhor lhe tinha ordenado.

O destino, como o capítulo 12 do Gênesis deixa claro, era o território vital de Canaã; ele deveria prosseguir tão rapidamente quanto possível e posicionar a si mesmo e a sua cavalaria de elite no Negev, na fronteira Canaã/Sinai. Sua missão, como detalhamos em *As Guerras de Deuses e Homens*, era proteger o acesso ao espaçoporto. Chegou até lá contornando as "cidades pecadoras" dos cananeus; logo depois, ele foi ao Egito, obtendo mais soldados e camelos como montarias, do último faraó da dinastia de Mênfis. De volta ao Negev, estava pronto para cumprir sua missão de guardar os acessos ao espaçoporto. O conflito antecipado ocorreu no sétimo ano do reinado do sucessor de Shulgi, Amar-Sin ("Visto por Sin"). Era, até para os tempos modernos, uma guerra verdadeiramente internacional, na qual uma aliança de quatro reis do leste partiu para atacar uma aliança dos cinco reis de Canaã. Liderando o ataque, de acordo com o relato bíblico no capítulo 14 do Gênesis, estava "Anrafel, o rei de Senaar", e por um bom tempo acreditou-se que ele era o rei babilônio Hamurabi. Na verdade, conforme mostram nossos estudos, ele era o sumério Amar-Sin, e a história do conflito internacional foi registrada também em textos mesopotâmicos, tais como as tábuas da Coleção Spartoli no Museu Britânico, cuja confirmação da história bíblica foi primeiro apontada por Theophilus Pinches em 1897. Juntamente com fragmentos complementares, a coleção de tábuas mesopotâmicas que discorre sobre esses eventos é conhecida como o Texto de Kedorla'omer.

Marchando sob a bandeira de Sin e segundo oráculos de Inana/Ishtar, o exército aliado - provavelmente a maior força militar em número que os homens haviam visto até então - conquista uma cidade do oeste após a outra. Reconquistando para Sin todas as terras entre o Eufrates e o rio Jordão, circundaram o mar Morto e partiram para o alvo seguinte, o espaçoporto no Sinai. Porém, lá estava Abrão, cumprindo sua missão e interpondo-se no caminho; voltaram, portanto, para o norte, prontos a atacar as "cidades do mal" dos cananeus.

Ao invés de esperar o ataque em suas cidades cercadas, a aliança dos reis de Canaã marchou contra os invasores, combatendo-os no vale de Siddim. Os registros, tanto bíblicos quanto mesopotâmicos, sugerem um resultado indeciso. As "Cidades do Mal" não foram destruídas, embora a fuga (e morte resultante) de dois reis, os de Sodoma e Gomorra, tenham resultado em saques e prisioneiros levados pelos atacantes. Entre os prisioneiros de Sodoma estava o sobrinho de Abrão, Lot; quando Abrão ficou sabendo, sua cavalaria perseguiu os invasores, alcançando-os perto de Damasco (hoje capital da Síria). Lot, os outros prisioneiros e o saque foram recuperados e levados de volta a Canaã.

Quando os reis cananeus foram saudar Abrão, ofereceram a ele o saque como recompensa por ter salvo os prisioneiros. Porém ele se recusou a ficar até mesmo com "um cordão de sapatos". Não agira por inimizade pela aliança mesopotâmica, nem por aliança com os cinco reis de Canaã. Foi apenas por "Iavé, o Deus Altíssimo, Senhor do Céu e da Terra, que ergui minha mão", afirmou ele.

A campanha militar fracassada deprimiu e confundiu Amar-Sin. De acordo com o registro de dados do ano seguinte, 2.040 a.C., ele saiu de Ur e do culto a Nanar/Sin e se tornou sacerdote em Eridu, o "centro de culto de Enki". No espaço de um ano estava morto, presumivelmente por uma picada de escorpião. O ano 2.040 a.C. foi ainda mais memorável no Egito; Mentuhotep II, líder dos príncipes de Tebas, derrotou o faraó do norte e estendeu as regras e o culto de Amon-Rá por todo o Egito, até a fronteira do Sinai. A vitória trouxe o que os acadêmicos chamam de Médio Império da XI e XII dinastias, que durou até 1.790 a.C. Enquanto toda a força e significado da Era do Carneiro entravam em cena no Egito durante o Novo Império, a vitória tebana de 2.040 a.C. marcava o final da Era do Touro nos domínios africanos.

Se, por uma questão de perspectiva histórica, a vinda da Era do Carneiro parecia inevitável, da mesma forma deve ter parecido para os protagonistas e antagonistas principais daqueles tempos difíceis. Em Canaã, Abrão retirou-se para uma fortaleza na montanha, perto de Hebron. Na Suméria, o novo rei, Shu-Sin, um irmão de Amar-Sin, fortaleceu as muralhas defensivas no oeste,

procurou fazer uma aliança com os nipurianos que se haviam estabelecido com Abrão em Haram, e mandou construir dois grandes navios - possivelmente como precaução, para uma rota de fuga... Numa noite que pode ter ocorrido em fevereiro de 2.031 a.C., um grande eclipse lunar ocorreu na Suméria; foi encarado como uma profecia sobre o "eclipse" seguinte do deus da Lua. A primeira vítima, entretanto, foi Shu-Sin; no ano seguinte ele não era mais rei.

À medida que a premonição celeste, o eclipse da Lua, espalhou-se pelo Oriente Médio, as esperadas mensagens necessárias de lealdade de vice-reis e governadores, primeiro no oeste depois no leste, cessaram. No espaço de um ano de reinado do soberano seguinte (o último) de Ur, chamado Ibbi-Sin, atacantes do oeste, organizados por Nabu e encorajados por Marduk, entravam em choque com mercenários elamitas às portas da Mesopotâmia. Em 2.026 a.C., a contagem dos recibos comerciais (em tábuas de barro) em Drehem, um ponto de comércio importante na Suméria durante o período Ur III, parou abruptamente, demonstrando que o comércio exterior cessara. A própria Suméria tornou-se um país sitiado, seu território diminuiu gradativamente, a população começou a ocultar-se atrás de muralhas protetoras. Num local que já fora considerado o celeiro do mundo antigo, as matérias-primas escassearam e o preço dos alimentos essenciais - cevada, óleo, lã - aumentava todo mês.

Ao contrário de outras épocas na longa história da Suméria e da Mesopotâmia, as profecias eram citadas a todo momento. A julgar pelo registro de comportamento humano pode-se reparar na existência de uma reação familiar de medo perante o desconhecido e numa procura de segurança ou orientação vindas de um poder ou inteligência maior. Porém, nessa época havia um bom motivo para se observar os céus, onde a chegada prevista do Carneiro se tornava cada vez mais evidente.

Os textos que sobreviveram a esse período atestam que o curso de eventos prestes a acontecer na Terra estava intimamente ligado aos fenômenos celestes; cada lado dos que estavam em confronto observava constantemente os céus, à procura de um sinal. Como os vários Grandes Anunaques estavam associados aos corpos celestes, tanto as constelações do zodíaco quanto os

doze membros do Sistema Solar (assim como os meses), os movimentos e as posições dos corpos celestes associados aos protagonistas ganhavam significado especial. A Lua, associada ao grande deus de Ur, Nanar-Sin, o Sol (associado ao filho de Nanar, Utu/ Shamash), Vênus (o planeta da filha de Sin, Inana/Ishtar) e os planetas Saturno e Marte (relativos a Ninurta e Nergal) eram especialmente observados em Ur e Nippur. Além dessas associações, as várias terras do império sumério eram relacionadas a constelações zodiacais: a Suméria, a Acádia e Elam eram consideradas sob o signo da proteção de Touro; as terras dos ocidentais, sob o signo de Áries. Portanto, conjunções planetárias e zodiacais, incluindo combinações com a aparência da Lua (oculta, brilhante, com "chifres" etc.), do Sol e dos planetas, eram analisadas como sinais de bons ou maus augúrios.

Um texto, chamado por estudiosos de Texto de Profecias B, conhecido por meio de cópias posteriores do original sumério feito em Nippur, ilustra como as profecias celestes eram interpretadas para profetizar o destino que se aproximava. Apesar de quebras e danos, o impacto da tábua de texto conserva suas previsões do destino que se aproxima:

Se [Marte] está muito vermelho, brilhante...

Enlil falará com o Grande Anu.

A terra [Suméria] será saqueada,

A terra de Acádia será...

...Em todo o país...

Uma filha fechará a porta para a mãe,

...Amigo matará amigo...

Se Saturno...

Enlil falará com o Grande Anu.

A confusão... problemas...

Um homem trairá outro homem,

Uma mulher trairá outra mulher...

...Um filho do rei irá...

...Templos vão ruir...

...Uma grande fome vai ocorrer...

Algumas dessas profecias se relacionam diretamente com a posição planetária da constelação do Carneiro:

Se o Carneiro ao lado de Júpiter entrar
Quando Vênus entrar na Lua,
A vigia chega ao final.
Inimigos, problemas, confusão
E coisas ruins acontecerão nas terras.
O povo irá vender seus filhos por dinheiro.
O rei de Elam será cercado em seu palácio:
...A destruição de Elam e seu povo.
Se o Carneiro tiver conjunção com o planeta...
...Quando Vênus... e o...
...Os planetas podem ser vistos...
...Irão rebelar-se contra o rei,
...Irão capturar o trono,
Toda a terra... vai diminuir à sua ordem.

No campo oposto, os céus eram observados à procura de presságios e previsões. Tal texto, reunido com a colaboração de muitos estudiosos a partir de várias tábuas (principalmente no Museu Britânico), é um registro autobiográfico por Marduk de seu exílio, a agonizante espera pelo sinal celeste adequado, e o movimento final para assumir o reinado que ele acreditava seu. Escrito como uma lembrança na idade avançada, ele revela seus "segredos" para a posteridade:

Ó grandes deuses, aprendam meus segredos
Enquanto afivelo o cinto, minhas lembranças retornam.
Sou o divino Marduk, um grande deus.
Fui afastado por meus pecados,
Para as montanhas parti.

Em muitas terras fui um andarilho;
De onde o Sol se ergue até onde ele se põe.

Tendo perambulado de um ponto a outro da Terra, ele recebeu uma profecia:

Por uma profecia fui até a terra de Hati.
Na terra de Hati pedi uma profecia
[Sobre] meu trono e meu reinado.
No meio [perguntei]: "Até quando?"
24 anos no meio deles fiquei.

Vários textos astronômicos dos anos que marcaram a transição de Touro para Áries oferecem pistas em relação à profecia na qual Marduk estava interessado em especial. Naqueles textos, assim como no que é chamado pelos acadêmicos de "textos mitológicos", a associação de Marduk e Júpiter é sugerida enfaticamente. Sabemos que antes de Marduk ter sucesso em suas ambições e estabelecer-se na Babilônia como divindade suprema, tais textos, como a Epopéia da Criação, foram escritos outra vez para associar Marduk com Nibiru, o planeta natal dos anunaques. Porém, anterior a Júpiter, por todas as indicações, estava o corpo celeste de Marduk, em seu epíteto "Filho do Sol"; e uma sugestão - feita mais de um século e meio antes - de que Júpiter poderia ter servido para a Babilônia, como Sírius serviu para o Egito, de sincronizador do ciclo calendárico, é bastante pertinente.

Nós nos referimos a uma série de palestras no Instituto Real da Sociedade dos Antiquários da Grã-Bretanha em 1822 (!), por um "antiquário" chamado John Landseer, na qual, a despeito dos poucos dados arqueológicos disponíveis na época, demonstrou uma compreensão incomum dos tempos antigos. Muito antes dos outros, e por conseqüência o detentor de visões não aceitas, ele afirmou que os caldeus tinham conhecimento do fenômeno da precessão milênios antes dos gregos. Chamando essa era de "quando a Astronomia era Religião" e vice-versa, ele afirmou que o calendário era relacionado à "casa" zodiacal de Touro, e que a transição para Áries estava associada a uma "conjunção mística do Sol e de Júpiter no signo de Áries, no

início do grande círculo de intrincadas revoluções [celestes]". Ele acreditava que os mitos gregos e lendas que ligavam Zeus/Júpiter com o Carneiro e seu velocino de ouro refletiam essa transição para Áries. E calculou que tal conjunção de Júpiter e do Sol na fronteira entre o Touro e Áries ocorrera no ano 2.142 a.C.

A idéia de que Júpiter em conjunção com o Sol pode ter servido como Anunciador, o arauto da Era de Áries, também foi encontrada em tábuas da Babilônia, numa série de textos intitulados "Pesquisas Estelares Eufatianas" por Robert Brown, em *Proceedings of the Society of Biblical Archaeology*, Londres, em 1893. Focalizando-se em particular em duas tábuas astronômicas (K.2310 e K.2894), números de catálogo do Museu Britânico, Brown concluiu que tratavam da posição das estrelas, constelações e planetas, conforme vistos na Babilônia à meia-noite de uma data equivalente a 10 de julho de 2.000 a.C. Aparentemente citando Nabu em referência a sua "proclamação do planeta do Príncipe da Terra" - presumivelmente Júpiter - aparecendo em "observação ocular que ocorrerá no signo de Áries", os textos foram traduzidos por Brown em um "mapa de estrelas" que mostrava Júpiter em conjunção com a estrela mais brilhante (Lulim, conhecida por seu nome árabe, Hamal) de Áries e ligeiramente deslocada do ponto do equinócio de primavera, quando o caminho zodiacal e o caminho planetário (equador celeste e eclíptica) se cruzam.

Lidando com transições de uma era para outra, conforme registrado nas tábuas da Mesopotâmia, vários assiriólogos (como eram chamados, na época - por exemplo, Franz Xavier Kugler (*Im Bannkreis Babels*)) -, lembram que enquanto, a transição de Gêmeos para Touro foi perceptível com razoável precisão, a de Touro para Áries era menos determinável. Kugler acreditava que o equinócio vernal, que sinalizava o Ano Novo, ainda estava em Touro no ano 2.300 a.C., e observou que os babilônios haviam presumido que o Zeitalter, a nova era zodiacal, aconteceria em 2.151 a.C.

Provavelmente não é coincidência que a mesma data marque uma importante inovação em práticas egípcias para representar os céus. Segundo a obra-prima sobre o assunto de astronomia egípcia, *Egyptian Astronomical Texts*, de O. Neugebauer e Richard A. Parker, as imagens celestes que incluíam

também os 36 decanatos começaram a ser pintadas nas tampas dos sarcófagos por volta de 2.150 a.C. - coincidindo com o caótico Primeiro Período Intermediário, o início do impulso tebano para o norte a fim de suplantar Mênfis e Heliópolis, e a época em que Marduk lê o oráculo a seu favor.

As tampas de sarcófagos, à medida que o tempo passava e a Era do Carneiro não era mais contestada, claramente mostravam a nova Era Celeste, como se pode ver pela ilustração de uma tumba perto de Tebas. O carneiro de quatro cabeças domina os quatro cantos dos céus (e da Terra, também); o Touro do Céu é mostrado com uma flecha ou lança espetada; e as doze constelações do zodíaco, em sua ordem e símbolos sumérios, estão dispostas de forma que a constelação de Áries esteja precisamente no leste, por exemplo, onde o Sol aparece no dia do equinócio.

Se a determinação ou profecia inicial para Marduk/Rá foi a conjunção de Júpiter com o Sol na "casa" de Áries, e se esta ocorreu em 2.142 a.C., como John Landseer sugeriu, então isso mais ou menos coincide com a cifra calculada aritmeticamente (uma vez em cada 2.160 anos) para a mudança zodiacal. Esse dado, entretanto, teria significado que a alegação de mudança para Áries precedeu em cerca de um século e meio a mudança observada no equinócio vernal em Áries, em 2.000 a.C., conforme atestam as duas tábuas. Essa discrepância poderia explicar, pelo menos em parte, o desacordo existente na época em relação ao que as profecias celestes ou as observações estavam realmente predizendo.

Como o texto autobiográfico de Marduk admitia, mesmo a profecia que sinalizava para ele a época de terminar suas peregrinações e vir para a Terra de Hati, na Ásia Menor, onde viviam os hititas, aconteceu 24 anos antes do próximo movimento dele. Porém essa e outras previsões celestes também eram observadas do lado enlilita; embora o Carneiro ainda não tivesse dominado por completo o Ano Novo no equinócio de primavera na época de Ibbi-Sin, o último rei de Ur, os sacerdotes do oráculo interpretaram as previsões como prenúncios de um fim desastroso. No quarto ano do reinado de Ibbi-Sin (2.026 a.C.) os sacerdotes do oráculo lhe disseram que, de acordo com a profecia, "pela segunda vez, ele, que chama a si próprio de Supremo,

como aquele cujo peito foi ungido, virá do oeste". Com tais previsões as cidades sumérias, no quinto ano do reinado de Ibbi-Sin, deixaram de entregar os tradicionais animais para o sacrifício no templo de Nanar, em Ur. Naquele mesmo ano os sacerdotes profetizaram que "quando o sexto ano chegar, Ur estará numa armadilha". No ano seguinte, o sexto, os vaticínios de destruição e ruínas se tornaram mais urgentes e a própria Mesopotâmia, o coração da Suméria e da Acádia, foi invadida. As inscrições registram que no sexto ano "guerreiros hostis do oeste entraram na planície, penetraram no interior do país, tomando uma por uma as grandes fortalezas".

No vigésimo quarto ano de sua permanência na Terra dos Hititas, Marduk recebeu outra profecia: "Meus dias [de exílio] estão completos, meus anos [de exílio] foram cumpridos", escreveu ele em suas memórias. "Com saudade de minha cidade, a Babilônia, parti para [reconstruir] meu templo Esagila, restabelecer minha morada eterna". Essa tábuia, parcialmente danificada, descreve então a rota de Marduk desde a Anatólia até a Babilônia; as cidades citadas indicam que ele primeiro foi para o sul, para Hama (a Hamat bíblica), depois atravessou o rio Eufrates em Mari; realmente retornou, conforme as previsões anunciavam, vindo de oeste.

O ano era 2.024 a.C.

Em suas memórias autobiográficas, Marduk descreve como imaginara sua triunfante volta à Babilônia, abrindo uma era de bem-estar e prosperidade para seu povo. Imaginou o estabelecimento de uma nova dinastia, e previu como primeira tarefa do rei a reconstrução do Esagil, o templo-zigurate da Babilônia, segundo uma nova "planta da Terra e do Céu" - uma planta de acordo com a nova Era do Carneiro.

Ergui meus calcanhares na direção da Babilônia,
Pelas terras fui para minha cidade;
Um rei da Babilônia para fazer um novo início,
Em seu meio meu templo-montanha elevar aos céus.
O Esagil que parece uma montanha irá renovar,
A planta dos Céus e da Terra irá ele desenhar para o Esagil
Que parece uma montanha, sua altura ele irá alterar,

Sua plataforma ele irá elevar,
Sua cabeça ele irá melhorar.

Em minha cidade, a Babilônia
Em abundância irá residir;
Minha mão ele irá agarrar,
Para minha cidade e para meu templo Esagil
Na eternidade vou entrar.

Sem dúvida imaginando a forma como o templo-zigurate de Ninurta em Lagash foi decorado e embelezado, Marduk diviso seu novo templo, o Esagil ("Casa cuja cabeça é magnífica"), decorado com belos e preciosos metais: "com folhas de metal ele será coberto, os degraus serão feitos de metal moldado, e suas paredes serão cheias de metal importado". E quando tudo estiver completo, astrônomos irão subir os estágios e observar os céus, confirmando sua supremacia:

Conhecedores das profecias, colocados em serviço,
Deverão subir em seu meio;
Esquerda e direita, em lados opostos,
Irá ficar separados.
O rei então irá aproximar-se;
A estrela certa do Esagil
Sobre a terra [ele irá observar].

Quando o Esagil foi realmente construído, foi erigido segundo planos muito detalhados e precisos; sua orientação, altura e vários estágios eram de fato dispostos de forma que sua cabeça apontasse diretamente para a maior estrela da constelação de Áries.

Porém a ambiciosa visão de Marduk não iria realizar-se naquele momento. No mesmo ano em que ele iniciou sua marcha de volta para a Babilônia chefiando uma horda de combatentes aliados do oeste, organizados por Nabu,

uma catástrofe espantosa se abateu sobre o Oriente Próximo - uma calamidade que nem a Humanidade nem a Terra já tinham experimentado. Ele esperava que quando as profecias fossem claras, tanto os deuses quanto os homens iriam considerar suas palavras para aceitar sua supremacia sem resistir mais. "Chamei os deuses, todos eles, para me escutarem", escreveu Marduk em suas memórias. "Chamei o povo em minha marcha: trouxe seu tributo para a Babilônia." Ao invés disso, ele encontrou uma política de queimar a terra: os deuses encarregados do gado e dos grãos que sobraram "foram embora para o céu" e o deus encarregado da cerveja "deixou doente o coração da terra". O avanço tornou-se violento e sangrento. "Irmão consumiu irmão, amigos mataram uns aos outros com a espada, corpos de pessoas bloquearam os portões." A terra ficou abandonada, animais selvagens devoravam pessoas, matilhas de cães atacavam as pessoas até a morte.

À medida que os seguidores de Marduk continuavam seu avanço, os templos e santuários de outros deuses começaram a ser profanados. O maior sacrilégio foi a violação do templo de Enlil em Nippur, até então o centro religioso mais venerado de todas as terras e por todas as pessoas. Quando Enlil escutou que até mesmo o Santo dos Santos não fora poupado, que no "santo dos santos até o véu fora rasgado", retornou às pressas para a Mesopotâmia. Emitia um brilho "como o de um raio ao descer" dos céus; "cavalgando em frente a ele havia deuses vestidos de luz". Vendo o que acontecera, "o mal de Enlil contra a Babilônia teve de ser planejado". Ordenou que Nabu fosse apanhado e trazido ao Conselho de Deuses, e Ninurta e Nergal receberam essa missão. Mas descobriram que Nabu escapara de seu templo em Borsipa, na fronteira com o Eufrates, para esconder-se entre seus seguidores em Canaã e nas ilhas do Mediterrâneo.

Encontrando-se em conselho, os líderes anunaques debateram o que fazer, discutindo as alternativas "um dia e uma noite, sem cessar". Apenas Enki falou em defesa do filho: "Agora que o príncipe Marduk se ergueu, agora que o povo pela segunda vez ergue sua imagem", por que continua a oposição? Passou uma reprimenda em Nergal por se opor ao irmão; mas Nergal, "perante ele dia e noite sem cessar", argumentou que os sinais do céu estavam sendo lidos de forma errada. "Deixe Shamash - o deus-Sol- enxergar

os sinais e informar as pessoas", disse ele. "Deixe Nanar - o deus-Lua - ao seu sinal olhar e transmitir isso à terra". Referindo-se à constelação cuja identidade era discutida, disse que "entre as estrelas do céu a Estrela da Raposa estava cintilando para ele". Ele enxergava outros sinais - "estrelas ofuscantes do céu que carregam uma espada" -, cometas riscando o firmamento. Ele queria saber o que esses novos presságios significavam.

À medida que a troca entre Enki e Nergal se tornava mais dura, Nergal, "saindo às pressas", anunciou que seria necessário "ativar aquilo que com um manto de radiação está coberto" e portanto fazer com que as "pessoas más perecessem". Não havia forma de impedir a tomada por Marduk e Nabu, a não ser pelo uso das "sete armas monumentais", cujo esconderijo na África apenas ele conhecia. Eram armas que das terras poderiam fazer uma "massa de poeira", cidades iriam "dissolver-se", os mares iriam "agitar-se, e o que vive neles seria dizimado" e as "pessoas desapareceriam, suas almas transformadas em vapor". A descrição das armas e as conseqüências de seu uso as identificam claramente como armas nucleares.

Fora Inana quem lembrara que o tempo estava diminuindo para eles. "Até que o tempo seja preenchido, a hora terá passado", disse ela aos deuses que discutiam; "prestem atenção, todos vocês", disse ela, avisando-os para continuar suas deliberações em particular, a menos que o plano de ataque fosse divulgado para Marduk (presumivelmente por Enki). "Cubram seus lábios, vão para seus aposentos." Na privacidade do templo Emeslam, Ninurta falou: "O tempo passou, a hora passou. Abram o caminho e deixem que eu torne a estrada", disse ele.

A morte estava lançada.

Das várias fontes que se referem a essa corrente de eventos, a principal e mais intacta é o Erra Epic. Descreve com grande detalhe as discussões, os argumentos pró e contra, os temores de que Marduk e seus seguidores controlassem o espaçoporto e suas instalações. Outros detalhes são adicionados pelos Textos Khedorlaomer e inscrições em várias tábuas, tais como aquelas nas Oxford Editions of Cuneiform Texts. Todos descrevem a terrível e inexorável marcha até seu auge, do qual podemos ouvir falar no Gênesis, capítulos 18 e 19: "a insurreição" de Sodoma e Gomorra, e das

"cidades más" da planície, "e todos os habitantes das cidades, e tudo o que cresce sobre o chão".

A insurreição e a destruição das "cidades más" da face da Terra foi apenas um show colateral. O alvo principal da ação era o espaçoporto na península do Sinai. "O que foi construído para ser lançado na direção de Anu", o texto mesopotâmico afirma, dele Ninurta e Nergal "causaram a destruição completa; seu rosto foi removido, o lugar ficou desolado". O ano era 2.024 a.C.; as provas - a imensa cavidade no centro do Sinai e as resultantes linhas de fratura, a vasta área plana coberta com pedras escurecidas, traços de radiação ao sul do mar Morto, o novo leito e a nova forma do mar Morto - ainda estão lá, quatro mil anos depois.

Os efeitos posteriores não foram menos profundos e duradouros. A explosão nuclear e seus brilhos, além do impacto que sacudiu a terra, não foram vistos nem sentidos na Mesopotâmia; mas da forma como as coisas aconteceram, a tentativa de salvar a Suméria, seus deuses e sua cultura, na verdade determinou um final para a Suméria e sua civilização.

O final amargo da Suméria e de seus grandes centros urbanos é descrito em numerosos Textos de Lamentações, longos poemas que descrevem a destruição de Ur, Nippur, Uruk, Eridu e outras cidades, mais e menos famosas. Um exemplo das calamidades que recaíram sobre a terra antigamente próspera e orgulhosas são estas que estão listadas no texto Lamentação sobre a Destruição de Ur, um poema longo, de cujos 440 versos citamos uns poucos:

A cidade em ruínas transformada,
O povo reclama...
Pessoas, não vasos em cacos,
Enchiam suas ravinas...
Seus portões enormes, aonde eles iam
Passear, agora estão cheios de cadáveres.
Onde as festividades do povo ocorriam,
O povo está empilhado...
Os jovens estão nos colos das mães,

Como peixes retirados das águas...
O conselho da terra dissipou-se.
Nos armazéns que abundavam na terra, fogos crepitaram...
O boi em seu estábulo não foi cuidado, seu tratador está morto...
Os carneiros em seu rebanho não foram atendidos, o pastor se foi...
Nos rios da cidade, a poeira acumulou-se, tornou-se uma longa trincheira...
Nos campos da cidade não há grãos, o agricultor se foi...
As palmeiras e vinhas, com mel e vinho,
Foram abandonadas, e agora produzem espinhos da montanha...
Metais preciosos e pedras, lápis-lazúli, foram espalhados...
O templo de Ur cedeu ao vento...
A canção tornou-se um lamento...
Ur entregou-se às lágrimas.

Por muito tempo os estudiosos sustentaram que a visão sobre a qual o texto fala descreve a sucessiva porém separada destruição das cidades sumérias pelos invasores do oeste, do leste e do norte. Porém, em *As Guerras de Deuses e Homens*, sugerimos que não foi assim que ocorreu; que essas lamentações tratam de uma calamidade apenas, uma catástrofe incomum e um desastre súbito, contra os quais não havia defesa, proteção ou esconderijos. Essa visão, súbita e calamitosa, agora é aceita pelos acadêmicos; o que resta ainda ser aceito é a evidência que apresentamos de que a calamidade estava ligada à "rebelião" das "cidades ruins" e ao espaçoporto a oeste. Foi o desenvolvimento inesperado de um vácuo atmosférico, criando um enorme turbilhão e uma tempestade, que carregou a nuvem radiativa para o leste na direção da Suméria.

Os vários textos aceitáveis e não apenas os de lamentação falam com clareza sobre a calamidade, como uma tempestade que não se pode parar, um Vento Mau, claramente identificado com o dia inesquecível em que uma explosão nuclear ocorreu próximo à costa do Mediterrâneo:

Nesse dia,
Quando o céu foi esmagado

E a terra foi atingida,
Seu rosto obliterado pelo rodamoinho...
Quando os céus escureceram e se cobriram com uma sombra...
Nesse dia havia sido criado
Uma grande tempestade do céu...
Uma tempestade destruidora...
Um vento mau, como uma torrente que vem
Uma tempestade de guerra, com um calor insuportável...
De dia a terra foi privada do sol brilhante,
Durante a noite as estrelas não brilharam...

O povo, apavorado, mal podia respirar;
O Vento Mau os agarrou, não lhes concedeu nem mais um dia...
Bocas ficaram manchadas de sangue, cabeças rolaram no sangue...
O rosto ficava pálido com o Vento Mau.

Depois que a nuvem do mal se deslocou, "depois que a tempestade passou, a cidade transformou-se em desolação":

Cidades ficaram desoladas,
Casas ficaram desoladas,
Estábulos ficaram desolados,
Cercados de ovelhas ficaram vazios...
Dos rios da Suméria começou a fluir
Uma água amarga;
Os campos cultivados deram ervas daninhas,
Os pastos produziram ervas doentes.

Foi uma tempestade que trouxe a morte e colocou em perigo até os deuses. As listas de lamentações apresentam todas as cidades importantes da Suméria como lugares onde os deuses abandonaram seus lares, templos e santuários - na maioria dos casos para não voltar mais. Alguns escaparam às pressas da nuvem que se aproximava, "voando como pássaros". Inana, tendo velejado

para um porto seguro, mais tarde queixou-se de que teve de deixar para trás jóias e outras posses. A história, porém, não foi a mesma em todos os locais. Em Ur, Nanar e Ningal se recusaram a abandonar seus seguidores e pediram ao grande Enlil que fizesse o possível para evitar o desastre, porém Enlil respondeu que o destino de Ur não podia ser alterado. O casal divino passou uma noite de pesadelos em Ur: "da corrupção da noite eles não fugiram", escondendo-se sob o chão, "como cupins". Porém, pela manhã Ningal percebeu que Nanar/Sin fora afetado e "colocando uma roupa com rapidez" partiu da amada Ur com o companheiro abalado. Em Lagash, onde Bau ficara na Girsu e Ninurta estava fora, a deusa não conseguia encontrar forças para sair. Ficando para trás, "ela chorou amargamente por seu templo e por sua cidade". A demora quase lhe custou a vida: "Naquele dia, a tempestade alcançou-a, a Senhora". (De fato, alguns estudiosos atribuem esses versos de lamentação para indicar que Bau na verdade perdera a vida: "Bau, como se fosse mortal, foi alcançada pela tempestade".)

Passando sobre a Suméria e a Acádia, a nuvem do Vento Mau tocou Eridu, a capital de Enki, ao sul. Enki estava distante do caminho do vento, mas ainda assim próximo o suficiente para retornar tão logo o vento passou. Descobriu a cidade "silenciosa, seus moradores empilhados". Mas aqui e ali havia sobreviventes, e Enki os levou para o sul, para o deserto. Era uma "terra hostil", inabitável; porém, usando suas habilidades científicas, Enki - como Iavé, meio milênio mais tarde no deserto do Sinai - conseguiu miraculosamente providenciar água e comida para "aqueles que foram expulsos de Eridu".

Como que por obra do destino, a Babilônia, situada na margem norte do Vento Mau, foi a menos afetada de todas as cidades da Mesopotâmia. Alertado e avisado por seu pai, Marduk fez com que o povo da cidade saísse e fosse para o norte; em palavras semelhantes ao conselho do anjo para Lot e sua família, que fugiram de Sodoma, Marduk disse aos que fugiam: "Não se virem, nem olhem para trás". Se a fuga não fosse possível, foram avisados para "entrar num quarto sob a terra, na escuridão". Uma vez que o Vento Mau passou, não comeram nem beberam nada da cidade, pois os alimentos poderiam ter sido "tocados pelo fantasma".

Quando finalmente o ar ficou limpo, todo o sul da Mesopotâmia estava arrasado. "A tempestade esmagou a terra, varreu tudo... ninguém anda pelas estradas, ninguém procura o crescimento doentio das plantas... nos pomares e jardins havia um novo tipo de crescimento, que com rapidez foi eliminado... nos estábulos, o gado grande e pequeno tornou-se raro... Os rebanhos de ovelhas foram dizimados pelo vento."

A vida só recomeçou a fluir ali depois de sete anos. Com o apoio de soldados elamitas e de Gutian, leais a Ninurta, um arremedo de sociedade formou-se nas proximidades dos grandes centros, Isin e Larsa. Foi só depois da passagem de setenta anos - o mesmo intervalo que mais tarde se aplicou à restauração do templo em Jerusalém - que o templo em Nippur foi restaurado. Mas os "deuses que determinam os destinos", Anu e Enlil, não viam propósito em reviver o passado. Como Enlil dissera a Nanar/Sin quando este fora pedir por Ur:

Ur recebeu o reinado...
Não lhe foi garantido um reino eterno.

Marduk vencera. No espaço de poucas décadas, sua visão de um rei na Babilônia que seria guiado por sua mão, que iria reconstruir a cidade, elevar seu zigurate Esagil - se tornara verdadeira. Depois de um início brusco, a Primeira Dinastia da Babilônia conseguiu o poder e a segurança expressos por Hamurabi:

Magnífico Anu, Senhor dos Deuses
Que dos Céus para a Terra vieram,
E Enlil, Senhor do Céu e da Terra,
Que determina os destinos da terra,
Determinou para Marduk, o primogênito de Enki,
As funções de Enlil para a humanidade;
Tornou-o grande entre os deuses que olham e vêem,
Proclamou que o nome da Babilônia fosse exaltado,
Tornou-a suprema no mundo;

E estabeleceu para Marduk um reinado eterno.

No Egito, que não fora afetado pela nuvem nuclear, a transição para a Era do Carneiro começou logo após a vitória tebana e o estabelecimento das dinastias do Médio Império. Quando as comemorações do Ano Novo, coincidindo com a enchente do Nilo, foram ajustadas para a Nova Era, os hinos a Amon-Rá o louvavam:

Ó Brilhante

Que brilha nas águas da enchente.

Ele que ergueu sua mão e ergueu a testa:

Ele do Carneiro, a maior das criaturas celestes.

Sob o Novo Império, as avenidas dos templos foram enfeitadas com imagens do Carneiro; no grande templo de Amon-Rá, em Karnak, num posto secreto de observação que seria aberto no dia do solstício de inverno para deixar que os raios do sol atingissem o Santo dos Santos, as seguintes instruções estavam escritas para os astrônomos-sacerdotes:

Sobe-se pelo corredor chamado Horizonte do Céu.

Sobe-se o Aha, "Lugar solitário da alma majestosa",

A sala elevada para observar o Carneiro que veleja pelos céus.

Na Mesopotâmia, lenta mas inexoravelmente a ascendência da Era do Carneiro foi reconhecida pelas mudanças no calendário e nas listas de estrelas celestes. Tais listas, que costumavam iniciar com o Touro, agora começavam com o Carneiro; e para Nissan, o mês do equinócio de primavera e o Ano Novo, o zodíaco de Áries, ao contrário do de Touro, foi escrito no interior. Um exemplo disso é o astrolábio da Babilônia ("tomador de estrelas") que discutimos anteriormente na conexão com a origem da divisão em 36 segmentos. Está claramente anotada a estrela Iku como o corpo celeste para o primeiro mês de Nissan. Iku era a estrela principal da constelação do

Carneiro; ainda é conhecida por seu nome árabe, Ramal, que significa "carneiro".

A Nova Era chegara, nos céus e na Terra.

Devia dominar os dois milênios seguintes e a astronomia que os "caldeus" haviam transmitido aos gregos. Quando, nos anos finais do século IV a.C., Alexandre acreditou que tinha direito como Gilgamesh, 2.500 anos antes - à imortalidade, porque seu pai verdadeiro era o deus egípcio Amon, ele foi até o oráculo no deserto, a oeste do Egito para procurar confirmação. Tendo-a recebido, cunhou moedas de prata com sua imagem, adornada com os chifres do Carneiro.

Alguns séculos mais tarde, o Carneiro se dissolveu e foi substituído pelo signo de Peixes. Porém isso, como se diz, já virou história.

13

Conseqüências

Para estabelecer sua supremacia na Terra, Marduk buscou estabelecer sua supremacia nos céus. Um grande veículo para esse fim foi a importante comemoração anual do Ano Novo, quando a Epopéia da Criação era lida publicamente. Tratava-se de uma tradição cujo propósito era acostumar a população não apenas com a cosmogonia básica, a história da Evolução e a chegada dos anunaques, mas também funcionar como uma forma de afirmar e reinstalar crenças religiosas básicas em relação a deuses e homens.

A Epopéia da Criação era assim um veículo útil e poderoso para doutrinação e recondicionamento religioso; como um de seus primeiros atos, Marduk instituiu uma das maiores falsificações que já existiu: a criação de uma versão babilônica do épico na qual o nome "Marduk" substituíra "Nibiru". Assim Marduk, deus celeste, que viera do espaço exterior, combatera Tiamat, criara a "Pulseira Feita a Martelo" (O Cinturão de Asteróides) e a Terra das metades de Tiamat, reorganizara o Sistema Solar e tornara-se o Grande Deus cujas órbitas circulam e abraçam "como um anel" aquelas de todos os outros deuses celestes (planetas), tornando-os subordinados à majestade de Marduk.

Assim, todas as coisas contidas nesse anel, as órbitas, os ciclos e os fenômenos, passaram a ser vistos como a obra-prima de Marduk: era ele quem determinava o Tempo Divino por sua órbita, o Tempo Celeste ao definir as constelações e o tempo terrestre ao dar à Terra sua posição atual e o eixo. Fora também Marduk quem impedira Kingu, o maior satélite de Tiamat, de tornar-se independente, transformando-o no satélite da Terra, a Lua, que diminui e aumenta, marcando os meses.

Reorganizando os céus dessa forma, Marduk não esqueceu de acertar determinadas inimizades pessoais. No passado, Nibiru, como o planeta natal dos anunaques, era a habitação de Anu e assim associado a ele. Tendo-se apropriado de Nibiru como seu, Marduk relegou Anu a um planeta menor - um que agora chamamos de Urano. O pai de Marduk, Enki, estava originalmente associado à Lua; agora, Marduk lhe dava a honra de ser o planeta "número um" - o mais longínquo, que hoje chamamos Netuno. Para ocultar a falsidade e fazê-la aparecer como se sempre fosse assim, a versão babilônica da Epopéia da Criação (chamada de Enuma Elish pelas duas primeiras palavras do texto) empregava a terminologia suméria para designar os planetas, chamando o planeta de NUDIMMUD, o "Artista Criador" que era precisamente o que o epíteto egípcio para Enki, Khnum, significava.

Um equivalente celeste foi necessário para o filho de Marduk, Nabu. Para conseguir isso, o planeta que agora chamamos Mercúrio, que estava associado ao filho mais novo de Enlil, Ishkur/Adad, foi desapropriado e redirecionado para Nabu. Sarpanit, a esposa de Marduk, a quem ele devia sua libertação da Grande Pirâmide e a comutação da sentença de ser enterrado vivo para exílio (o primeiro dos dois que ele enfrentou), não foi esquecida. Acertando as contas com Inana/Ishtar, ele a retirou da associação celeste com Vênus e entregou o planeta a Sarpanit. (Na verdade, enquanto a mudança de Adad para Nabu foi parcialmente aceita na astronomia babilônica, a de mudar Ishtar para Sarpanit não funcionou.)

Enlil era onipotente demais para ser deixado de lado. Ao invés de mudar a posição celeste de Enlil (como deus do sétimo planeta, a Terra), Marduk apropriou-se para ele mesmo da associação ao número cinquenta, que era o número de Enlil, só um ponto abaixo do sessenta de Anu (Enki ficara com o

número quarenta). Essa apropriação foi incorporada pelo Enuma Elish ao listar, na sétima e última tábuas do épico, os Cinquenta Nomes de Marduk. Começando com seu próprio nome, "Marduk", e terminando com o novo nome celeste, "Nibiru", sendo a lista acompanhada de extensas explicações do significado de cada nome.

Quando a leitura dos cinquenta nomes durante a festa de Ano Novo se completava, não havia conquista, obra criativa, benevolência, qualidades e supremacias que tivessem ficado de fora... "Com os Cinquenta Nomes os Grandes Deuses o proclamaram; com o título Cinquenta eles o fizeram supremo", afirmam os últimos dois versos do épico. Um epílogo, acrescentado pelo escriba-sacerdote, tornou obrigatória a leitura dos Cinquenta Nomes na Babilônia.

Deixe que eles permaneçam na mente,
Deixe que o chefe os explique;
Deixe os sábios e conhecedores discuti-los juntos;
Deixe que o pai os recite e os transmita a seu filho.

A tomada de Marduk da supremacia nos céus foi acompanhada por uma mudança religiosa paralela na Terra. Os outros deuses, os líderes anunaques - até mesmo seus adversários diretos -, não foram punidos ou eliminados. Ao invés disso foram declarados subordinados a Marduk por meio do estratagema de declarar que vários dos seus atributos e poderes haviam sido transferidos para ele. Se Ninurta era conhecido como deus da agricultura, que dera ao homem essa capacidade fazendo represas e canais de irrigação, a função agora pertencia a Marduk. Se Adad era o rei da chuva e tempestade, Marduk passava a ser o "Adad das chuvas". A lista, apenas parcialmente disponível numa tábuas babilônica, começa como se segue:

Ninurta	=	Marduk do cultivo
Nergal	=	Marduk do ataque
Zababa	=	Marduk do combate corpo a corpo
Enlil	=	Marduk do poderio e conselho

Nabium	=	Marduk dos números e da contagem
Sin	=	Marduk, o iluminador da noite
Shamash	=	Marduk da justiça
Adad	=	Marduk das chuvas

Alguns estudiosos especularam que nessa concentração de poderes divinos em uma única mão, Marduk introduzira o conceito de um deus onipotente - um passo na direção do monoteísmo dos profetas bíblicos. Porém isso apenas confunde a crença em um Deus Todo-Poderoso com uma religião em que um dos deuses é superior aos outros. Nas palavras do Enuma Elish, Marduk tornou-se "o Enlil dos deuses", seu "Senhor".

Não residindo mais no Egito, Marduk/Rá se torna Amen, "O que não é Visto". Apesar disso, os hinos no Egito proclamavam sua supremacia, concordando com a nova teologia de que ele se tornara o "deus dos deuses", "mais poderoso em força que os outros deuses". Num conjunto desses hinos, compostos em Tebas e descobertos no texto que ficou conhecido como os Papiros Leiden, os capítulos iniciam com a descrição sobre como depois de as "ilhas no meio do Mediterrâneo" reconhecerem seu nome como "elevado e poderoso e forte", o povo dos "países nas colinas veio a ti maravilhado; cada país rebelde se encheu de terror". Listando outras terras que mudaram sua obediência para Amen-Rá, o sexto capítulo descreve a chegada do deus na terra dos deuses - da forma que entendemos, a Mesopotâmia - e a construção, lá, do novo templo de Amon - o Esagil, segundo nossa interpretação. O texto se parece com aquele da descrição de Gudea de todos os materiais raros de construção trazidos de terras próximas e longínquas: "As montanhas cedem seus blocos de pedra para ti, a fim de fazer os grandes portões de teu templo; embarcações fizeram-se ao mar, nos portos estão outros navios, carregados e navegados para tua presença". Cada terra, cada povo, enviou ofertas de boa vontade.

Porém não apenas o povo prestava suas homenagens a Amen; os outros deuses, também. Aqui estão alguns versos do papiro que aponta Amen-Rá como rei dos deuses:

A companhia dos deuses que vieram do céu reuniu-se, anunciando:
Grande em sua glória. Senhor dos Senhores... Ele é o Senhor!
Os inimigos do Senhor Universal foram vencidos;
Seus inimigos no Céu e na Terra não existem mais.
És triunfante, Amen-Rá.

És o deus mais forte em poder do que todos os outros deuses.
És o Deus Único.
Deus Universal:
Mais forte do que todas as cidades em tua cidade, Tebas.

Engenhosamente, a política não era eliminar os outros anunaques, mas controlá-los e supervisioná-los. Quando, em seu tempo, o terreno sagrado do Esagil foi construído com a grandeza apropriada, Marduk convidou as outras divindades para ir à Babilônia e ali residir, em santuários especiais, construídos para cada um no terreno. A sexta tábuia do épico, em sua versão babilônica, afirma que o próprio templo de Marduk estava completo, e os santuários para outros anunaques foram erigidos. Marduk convidou a todos para um banquete. "Esta é a Babilônia, o lugar que é vossa casa!", disse ele. Concordando com essa afirmação, os outros deuses tornariam o nome Babilônia pleno de significado - Bab-ili, o "Portal dos Deuses". Segundo essa versão babilônica, os outros deuses sentaram-se em frente ao magnífico trono que Marduk fizera para si mesmo. Entre eles estavam "os sete deuses do destino". Depois do banquete e de todos os rituais, após verificar que as normas estavam de acordo com todos os presságios".

Enlil ergueu o arco, sua arma,
E a depositou perante os deuses.

Reconhecendo a declaração simbólica de "coexistência pacífica" pelo líder dos enlilitas, Enki falou:

Possa nosso filho, o Vingador, ser exaltado;

Que sua realeza não seja ultrapassada,
Que não tenha rival.
Possa ele pastorear a raça humana até o final dos dias;
Sem esquecer, deixai-o escolher seus caminhos.

Enumerando todos os deveres de adoração que as pessoas deviam realizar em honra a Marduk e aos outros deuses reunidos na Babilônia, Enki disse aos anunaques:

Quanto a nós, pelos nomes pronunciados,
Ele é nosso deus!
Vamos agora proclamar os Cinquenta Nomes!

Ao proclamar os Cinquenta Nomes - garantindo a Marduk a posição que fora de Enlil e Ninurta -, Marduk tornou-se o Deus dos Deuses. Não apenas um Deus, mas o deus ao qual todos os outros prestam obediência.

Se a nova religião proclamada na Babilônia era um eco distante de uma teologia monoteísta, os acadêmicos (especialmente na virada do século) perguntaram-se e discutiram calorosamente até que ponto a idéia de uma Trindade se originara na Babilônia. Era reconhecido que a nova religião da Babilônia enfatizava a linhagem Enki-Marduk-Nabu e que a divindade do Sol era obtida de um pai celeste. Ficava claro que Enki referia-se a ele como "nosso filho", e que o próprio nome dele, MAR.DUK significava "Filho do Lugar Puro" (P. Jensen), "Filho da Montanha Cósmica" (B. Meissner), "Filho do Dia Brilhante" (F. J. Delitzsch), "Filho da Luz" (A. Deimel), ou simplesmente "O Filho Verdadeiro" (W. Paulus). O fato de todos esses assiriólogos importantes serem alemães devia-se primariamente ao declarado interesse que a Deutsche Orient-Gesellschaft - uma sociedade arqueológica que também servia os terminais políticos e de reunião de informações da Alemanha - dedicou a uma série de eventos contínuos em escavações na Babilônia desde 1899 até quase o final da Primeira Guerra Mundial, quando o Iraque foi perdido para os britânicos em 1917. A escavação da antiga Babilônia (embora os restos sejam, em sua maioria, aqueles do século 7 a.C)

em meio à percepção cada vez maior de que as histórias da criação bíblica eram de origem mesopotâmica, levou a uma série de aquecidos debates sob o tema Babel und Bibel - A Babilônia e a Bíblia, partindo daí para outros, teológicos. Depois da história do aprisionamento de Marduk e de seu subsequente reaparecimento para tornar-se a divindade dominante, os estudos perguntavam: era Marduk Urtyp Christie? (como dizia o título de um deles, escrito por Witold Paulus).

A questão, jamais resolvida, foi deixada de lado à medida que a Europa pós-Primeira Guerra Mundial, e especialmente a Alemanha, passaram a enfrentar problemas mais urgentes. O que é certo é que a Nova Era que Marduk e a Babilônia introduziram por volta de 2.000 a.C manifestou-se como uma nova religião, um politeísmo no qual um deus dominava todos os outros.

Revedo quatro milênios de religião mesopotâmica, Thorkild Jacobsen (*The Treasures of Darkness*) identifica como mudança principal no início do segundo milênio a.C. o aparecimento de deuses nacionais em vez dos deuses universais dos dois milênios anteriores. A pluralidade dos poderes divinos, escreve Jacobsen, "requeria a capacidade de distinguir, avaliar e escolher" não apenas entre deuses, mas também entre o bem e o mal. Ao assumir os poderes de todos os outros deuses, Marduk aboliu tais escolhas. Jacobsen escreveu (num estudo intitulado *Toward the Image of Tammuz*): "O caráter nacional de Marduk criou uma situação na qual religião e política se tornaram intricadamente ligadas", onde os deuses "por meio de sinais e presságios ativamente guiavam as políticas de seus países".

A emergência de líderes políticos e religiosos por "sinais e presságios" foi realmente a maior inovação dessa Nova Era. Não foi um aspecto surpreendente, por causa da importância que os sinais e presságios celestes vinham representando para determinar o verdadeiro início da mudança zodiacal e ao decidir quem se tornaria supremo na Terra. Por muitos milênios, foi a palavra dos Sete que Determinam os Destinos, Anu, Enlil e os outros líderes anunaques, que forjou as decisões que afetavam os anunaques; Enlil, sozinho, era o Senhor do Governo, no que se referia à humanidade. Agora, sinais e profecias celestes guiavam as decisões.

Nos "textos das profecias" (um dos quais acabamos de citar) os deuses principais desempenham seu papel coadjuvante ou dentro do contexto das profecias celestes. Na Nova Era, as profecias celestes - conjunções planetárias, eclipses, halos lunares, campos de estrelas e assim por diante - eram suficientes em si mesmas, não havia intervenção nem participação direta: os céus já narravam os fatos.

Textos babilônicos e aqueles de nações vizinhas no segundo e no primeiro milênios a.C. estão repletos dessas profecias e de suas interpretações. Toda uma ciência, se assim pode ser chamada, desenvolveu-se com o tempo, com sacerdotes beru (a melhor tradução seria "adivinhos") por perto, a fim de interpretar observações de fenômenos celestes. No início as predições, continuando uma tendência que se iniciou na época da Terceira Dinastia de Ur, preocupavam-se com assuntos de Estado - o destino do rei e sua dinastia e a sorte da terra:

Quando um halo cercar a Lua e Júpiter estiver no interior,
Haverá uma invasão do exército de Aharru.

Quando o Sol atingir seu zênite e ficar escuro,
A injustiça da terra desaparecerá.

Quando Vênus aparecer próximo a Escorpião,
Tendências malévolas chegarão à terra.

Quando no monte Shiwan Vênus aparecer em Câncer,
O rei não terá rival.

Quando um halo cercar o Sol e sua abertura apontar para o sul,
Um vento sul soprará.
Se um vento sul soprar no dia em que a Lua desaparecer,
Choverá dos céus.

Quando Júpiter aparecer no começo do ano,

Nesse ano o milho será abundante.

As "entradas" dos planetas nas constelações zodiacais eram de particular importância, assim como os signos de influência sobre o planeta (bom ou mau). As posições dos planetas no interior das constelações zodiacais eram descritas pelo termo Manzallu ("estações"), do qual deriva o plural hebraico Mazzaloth (Reis II, 23:5), e de onde se desenvolveu Mazal ("sorte, fortuna"), capaz de trazer boa ou má sorte.

Tendo em vista que não apenas as constelações e os planetas mas também os meses foram associados a vários deuses - alguns, na época da Babilônia, adversários de Marduk -, o tempo dos fenômenos celestes cresceu em importância. Uma profecia, por exemplo, dizia: "Se a Lua sofrer um eclipse no mês de Ayaru, na terceira vigia" e certos outros planetas estiverem em determinadas posições, "o rei de Elam cairá por sua própria espada... seu filho não ocupará o trono; o trono de Elam ficará vazio".

Um texto babilônico numa grande tábu (VAT-10564) era dividido em doze colunas que continham instruções sobre o que podia ou não ser feito em determinados meses: "Um rei pode construir um templo ou reformar um local sagrado apenas em Shebat e Adar... Uma pessoa deve voltar para sua casa em Nissan". O texto, chamado por S. Langdon (Babylonian Menologies and the Semitic Calendar) de "O Grande Calendário da Igreja da Babilônia", listava então os meses de sorte e de azar, até mesmo dias ou meios-dias, para atividades pessoais (tais como o momento mais favorável para trazer uma nova esposa para a casa).

As profecias, presságios e instruções mais e mais assumiam um caráter pessoal, beirando o horóscopo. Iria determinada pessoa, não necessariamente o rei, se recuperar de uma doença? Será que a mãe grávida iria dar à luz uma criança saudável? Se determinados tempos ou profecias fossem de azar, como poderíamos afastar esse azar? Com o tempo, encantamentos foram criados para esse propósito; um texto, por exemplo, na verdade fornecia os dizeres a serem recitados para prevenir a perda de pêlos da barba, apelando para "a estrela que dava a luz" com fórmulas especiais. Tudo isso era seguido pela apresentação de amuletos nos quais os versos de proteção estavam

escritos. O material do amuleto (geralmente era usado com um cordão em volta do pescoço) podia também fazer diferença. Se feito de hematita, "o homem poderia perder aquilo que adquiriu". Por outro lado, um amuleto feito de lápis-lazúli assegurava que "teremos poder".

Na famosa biblioteca do rei assírio Assurbanipal, os arqueólogos encontraram mais de duas mil tábuas de argila com textos de fórmulas mágicas. Embora a maioria tratasse de fenômenos celestes, nem todos eram assim. Alguns tratavam de sonhos proféticos, outros da interpretação dos signos do "óleo e da água" (o padrão determinado pelo óleo ao ser derramado na água), ou mesmo do significado das entranhas de animais, como apareciam no momento do sacrifício. O que costumava ser astronomia tornou-se astrologia, e a astrologia foi seguida por adivinhações, leitura de sorte e feitiçaria. R. Camblell Thompson reuniu provavelmente a maior coleção de textos de profecias em *The Reports of the Magicians and Astrologers of Nineveh and Babylon*.

Por que a Nova Era trouxe tudo isso à tona? Beatrice Goff (*Symbols of Prehistoric Mesopotamia*) identificou a causa como a queda do cenário do deus-sacerdote-rei, que mantivera a sociedade funcionando no milênio anterior. "Não havia aristocracia, nem os sacerdotes, nem intelligentsia" para evitar a situação em que "todos os assuntos estavam inextricadamente entrelaçados com essas práticas "mágicas". A astronomia se tornou astrologia, porque, com os Deuses Antigos desaparecidos de seus "centros de culto", as pessoas procuravam pelo menos por sinais e presságios para guiá-las em tempos turbulentos.

Realmente, mesmo a astronomia em si não era mais o que fora durante dois milênios de conquistas sumérias. A despeito da reputação e da alta estima em que a astronomia "caldéia" era tida pelos gregos na segunda metade do primeiro milênio a.C., era uma astronomia estéril e um eco distante daquela praticada na Suméria, onde tantos princípios, métodos e conceitos nos quais a astronomia moderna é fundamentada se originaram. "É difícil existir outro capítulo na história da ciência em que haja uma lacuna profunda entre as descrições geralmente aceitas do período e os resultados que emergiram lentamente de uma investigação detalhada do material de origem", escreveu

O. Neugebauer em *The Exact Sciences in Antiquity*. "É evidente que a teoria matemática desempenhou um papel primordial na astronomia da Babilônia quando comparada com o papel modesto das observações." Essa "teoria matemática", conforme revelaram os estudos das tábuas astronômicas, eram colunas e colunas de números impressos - usamos esse termo de forma proposital - em tábuas de argila como se fossem impressões de computadores!

Não muito diferente dos códices astronômicos dos maias, que continham páginas e páginas de glifos relativos ao planeta Vênus, porém sem nenhuma indicação de que fossem baseados em observações maias, mas seguidos de alguma fonte dos dados, a lista babilônica de posições previstas do Sol, da Lua e dos planetas visíveis era extremamente detalhada e precisa. Na versão babilônica, entretanto, a lista das posições chamadas efemérides era acompanhada dos procedimentos em tábuas relacionadas nos quais as regras para calcular as efemérides eram fornecidas passo a passo; continham instruções sobre como calcular - com até cinquenta anos de avanço - eclipses lunares, levando em conta dados das colunas que tratavam das velocidades orbitais do Sol e da Lua e outros fatores necessários. Mas, para citar a obra de O. Neugebauer, *Astronomical Cuneiform Texts*, "esses textos de procedimento infelizmente não contêm muito do que chamamos de 'teoria' para apoiar o método".

Ainda assim, "tal teoria deve ter existido, porque é impossível divisar esquemas de cálculos altamente complicados sem um plano muito elaborado". Fica claro desde o primeiro escrito e na disposição regular das colunas cuidadosamente dispostas, afirma Neugebauer, que essas tábuas babilônicas eram cópias meticulosas feitas de fontes preexistentes, já arranjadas de forma compreensiva. A matemática em que essas séries são baseadas é a de base sexagesimal dos sumérios, e a terminologia usada - de constelações zodiacais, nomes de meses, e mais de cinquenta termos astronômicos - era puramente suméria. Não deve, portanto, haver dúvida de que a fonte de dados babilônicos foram os sumérios; todos os babilônios sabiam como usá-las, traduzindo para o babilônio os "textos sumérios de procedimento".

Não foi senão no século VIII ou VII a.C. que a astronomia, no que chamamos hoje de período neobabilônico, reassumiu seus aspectos de observação. Esses foram gravados no que os estudiosos (A. J. Sachs e H. Hunger, *Astronomical Diaries and Related Texts from Babylonia*) chamam de "diários dos astrônomos". Acredita-se que a astronomia e astrologia helenística, persa e hindu derivam desses dados.

O declínio e deterioração manifestos na astronomia eram sintomáticos de um declínio geral e da regressão nas ciências, artes, leis e quadro social.

É difícil citar uma contribuição para a cultura e a civilização da Babilônia que ultrapasse ou mesmo iguale as incontáveis novidades dos sumérios. O sistema sexagesimal e as teorias matemáticas foram aprendidos sem aperfeiçoamentos. A medicina se deteriorou para tornar-se pouco mais do que feitiçaria. Não é de se espantar que tantos acadêmicos, ao estudar esse período, considerem a época em que a Velha Era Suméria do Touro do Céu deu lugar ao Carneiro da Babilônia como uma "época de escuridão".

Os babilônios, assim como os assírios e outros que se seguiram, conservaram - quase até a era dos gregos - a escrita cuneiforme que os sumérios haviam introduzido (baseada, como mostramos em *Gênesis Revisitado*, em teorias sofisticadas de geometria e matemática). Porém ao invés de receber quaisquer melhoramentos, as velhas tábuas babilônicas eram escritas com sinais menos refinados. As muitas referências sumérias a escolas, professores e lições de casa não existiam nos séculos que se seguiram. Encerrada estava a tradição de criação literária que transmitiu a gerações futuras, incluindo a nossa, textos de "sabedoria", poesia, provérbios, parábolas e não menos importantes "mitos" que proporcionaram dados relativos ao Sistema Solar, Céu e Terra, aos anunaques e à criação do homem. Esses, devemos apontar, são gêneros literários que reaparecem apenas na Bíblia Hebraica, cerca de um milênio depois. Um século e meio de pesquisas sobre textos babilônicos, e inscrições feitas por governantes se vangloriando de conquistas e campanhas militares, de quantos prisioneiros foram feitos, ou de quantas cabeças foram cortadas, ao passo que os reis sumérios (como por exemplo, Gudea) se vangloriavam em seus textos da construção de templos, escavação de canais, da realização de belos trabalhos de arte.

Uma certa rusticidade e vulgaridade substituiu a compaixão e a elegância anteriores. O rei babilônio Hamurabi, o sexto do que chamamos de Primeira Dinastia da Babilônia, ficou conhecido por seu código legal, o famoso "Código de Hamurabi". Entretanto, tratava-se apenas de uma lista de crimes e seus castigos enquanto mil anos antes os reis sumérios haviam promulgado códigos de justiça social, com leis protegendo as viúvas, os órfãos, os fracos, e decretando que "não tirarás o asno de uma viúva", ou "não atrasarás o salário de um trabalhador diário". Mais uma vez, o conceito sumério de lei, voltado diretamente para a conduta humana, ao invés de punir as faltas, reaparece apenas nos Dez Mandamentos bíblicos, cerca de seis séculos depois da queda da Suméria. Os governantes sumérios valorizavam o termo EN.SI - "Pastor Justo". O governante selecionado por Inana para reinar sobre Agade (Acádia), a quem chamamos de Sargão I, ostentava o nome-epíteto de Sarru-kin, "Rei Justo". Os reis babilônios (e os assírios, mais tarde) chamavam a si mesmos de "rei das quatro regiões" e se vangloriavam de ser "rei de reis" ao invés de "pastores" do povo. (Foi muito simbólico que o maior rei hebraico tenha sido um pastor.)

Ficaram faltando na Nova Era palavras de amor e carinho. Isso pode parecer um item insignificante no meio de uma longa lista de mudanças para pior; mas acreditamos que seja a manifestação de uma atitude profunda que vai do alto até embaixo do próprio Marduk.

A poesia da Suméria incluía um número substancial de poemas de amor e sobre fazer amor. Alguns, é verdade, estavam relacionados a Inana/Ishtar e ao relacionamento apaixonado com seu noivo, Dumuzi. Outros eram recitados ou cantados por reis para esposas divinas. Outros ainda eram devotados à noiva e ao noivo comuns, ou a maridos e mulheres, ou ao amor e a compaixões maternos e paternos. (Mais uma vez, esse gênero reaparece apenas depois de muitos séculos na Bíblia Hebraica, no Cântico dos Cânticos.) Parece a nós que essa omissão na Babilônia não era acidental, mas parte de um declínio geral no papel das mulheres e de seu status em relação aos tempos sumérios.

O papel notável das mulheres em todos os aspectos da vida na Suméria e na Acádia e sua nítida decadência com a ascensão da Babilônia foram

ultimamente revistos e documentados em estudos especiais e em várias conferências internacionais, tais como as "Conferências Convidadas sobre o Oriente Médio na Universidade do Texas, em Austin", publicado em 1976 (The Legacy of Sumer) por Denise Schmandt-Besserat como editora, e os procedimentos do Trigésimo Terceiro Reencontro Assiriológico Internacional, em 1986, cujo tema era "A Mulher no Oriente Próximo Antigo". As evidências reunidas mostram que na Suméria e na Acádia as mulheres não se envolviam apenas em trabalhos caseiros, como fiar, tecer, tirar leite ou cuidar da casa e da família, mas também eram "profissionais produtivos", como médicas, parteiras, enfermeiras, governantas, professoras, esteticistas e cabeleireiras. As evidências textuais em tábuas recentemente descobertas aumentam as representações das mulheres em suas variadas tarefas desde os tempos mais antigos, que as mostram como cantoras e músicas, bailarinas e organizadoras de banquetes.

As mulheres eram também importantes nos negócios e na administração de propriedades. Foram encontrados registros de mulheres administrando as terras da família e supervisionando seu cultivo, depois organizando a comercialização dos produtos resultantes. Isso era especialmente verdadeiro para as "famílias importantes" da corte. Mulheres da corte administravam os templos e as vastas propriedades, e as filhas não serviam apenas como sacerdotisas (das quais existiam três classes) mas até como altas sacerdotisas. Já mencionamos Enheduanna, a filha de Sargão I, que compôs uma série de hinos memoráveis para os grandes templos-zigurates da Suméria. Ela serviu como alta sacerdotisa no templo de Nanar em Ur (sir Leonard Woolley, que realizou escavações em Ur, encontrou uma placa redonda representando Enheduanna realizando uma cerimônia de libação). Sabemos que a mãe de Gudea, Gatumdu, era uma alta sacerdotisa no Girsu de Lagash. Por meio da história suméria, outras mulheres tiveram posições elevadas nos templos e hierarquias sacerdotais. Não existe registro de situações análogas na Babilônia.

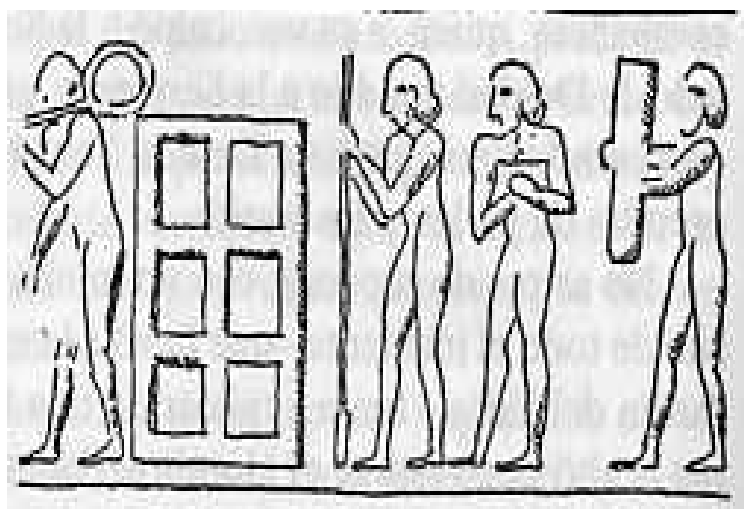
A história do papel feminino na corte não era muito diferente. É preciso recorrer a fontes gregas para encontrar menção a uma rainha governante (diferente de uma rainha-consorte) na história da Babilônia - a história da

lendária Semíramis, que, de acordo com Heródoto (I, 184), "manteve o trono da Babilônia" nos tempos antigos. Os acadêmicos foram capazes de estabelecer que ela era uma personagem histórica, Shammu-ramat. Ela reinou na Babilônia, mas apenas porque seu marido, o rei assírio Shamshi-Adad, havia capturado a cidade em 811 a.C. Serviu como regente real por cinco anos depois da morte do marido, até que seu filho Adad-Nirari III pudesse assumir o trono. "Essa dama", escreveu H. W. F. Saggs em *The Greatness that Was Babylon*, "foi obviamente muito importante", porque "excepcionalmente para uma mulher, ela foi mencionada junto com o rei, numa inscrição dedicada".

Rainhas-consortes e rainhas-mães foram mais freqüentes na Suméria, mas a Suméria também podia vangloriar-se da primeira rainha por seu próprio direito, ostentando o título LU.GAL ("Grande Homem") que significava "rei". Seu nome era Ku-Baba; ela foi registrada na Lista de Reis Sumérios como "a que consolidou as fundações do Kish" e dirigiu a Terceira Dinastia de Kish. Podem ter existido outras rainhas como ela durante a época dos sumérios, mas os acadêmicos não têm certeza de seu papel (se foram apenas rainhas-consortes ou regentes para um filho ainda novo).

É digno de nota que mesmo nas representações sumérias mais arcaicas, em que os homens eram mostrados nus, as mulheres estavam vestidas; as exceções eram representações de relações sexuais, nas quais ambos estavam nus.





Com o passar do tempo, os vestidos e adereços das mulheres, assim como seus penteados, se tornaram mais elaborados e elegantes (fig. 163b, 163c), refletindo seu status, educação e origem nobre. Estudiosos que pesquisaram esses aspectos das civilizações do Oriente Médio notaram que, enquanto durante os dois milênios de supremacia suméria as mulheres eram representadas por elas mesmas em desenhos e em artes plásticas – centenas de estátuas e estatuetas que na verdade são como retratos de mulheres foram encontradas –, existe uma ausência quase total de tais representações em períodos pós-sumerianos, no Império Babilônico.

W. G. Lambert intitulou o trabalho que ele apresentou no Reencontro de Assiriologia de "Deusas no Panteão: Um Reflexo da Mulher na Sociedade?" Acreditamos que essa situação pode ter sido o oposto: o lugar da mulher na sociedade reflete a posição das deusas no panteão. No panteão sumério, as deusas anunaques desempenhavam papéis importantes juntamente com os homens desde o início. Se EN.LIL era o "Senhor do Comando", sua esposa era NIN.LIL, "Senhora do Comando"; se EN.KI era "Senhor da Terra", sua esposa era NIN.KI, "Senhora da Terra". Quando Enki criou o Trabalhador Primitivo por meio de engenharia genética, Ninharsag estava lá para ser co-criadora. Basta ler as inscrições de Gudea para perceber quantos papéis importantes as deusas desempenhavam no processo que levava à construção de templos-zigurates. É suficiente lembrar que um dos primeiros atos de Marduk foi transferir para Nabu, seu filho, as funções de Nisaba, como deusa da escrita. Na verdade, todas as deusas que nas funções do panteão sumério

possuíam conhecimento específico ou realizavam funções definidas foram relegadas à obscuridade no panteão da Babilônia. Quando as deusas eram mencionadas, eram apenas listadas como consortes dos deuses homens. O mesmo era verdadeiro para o povo que adorava esses deuses: as mulheres eram mencionadas como esposas ou filhas, principalmente quando eram "oferecidas" em casamentos arranjados.

Podemos supor que a situação refletia o que pensava o próprio Marduk. Ninharsag, a "mãe de deuses e homens", afinal de contas, era a mãe do maior adversário pela supremacia na Terra, Ninurta. Inana/Ishtar fora quem causara seu enterro na Grande Pirâmide. As muitas deusas encarregadas das artes e ciências ajudaram a construção do Eninnu, em Lagash, como símbolo de desafio da afirmação de Marduk, dizendo que sua hora chegara. Havia algum motivo para que ele mantivesse a posição elevada e a veneração por essas mulheres? Sua degradação religiosa e em adoração, acreditamos, refletia a desvalorização da posição da mulher na sociedade pós-suméria.

Um aspecto interessante disso era a mudança aparente nas regras de sucessão. A fonte do conflito entre Enki e Enlil foi o fato de que, enquanto Enki era o primogênito de Anu, Enlil era o legítimo herdeiro, pois era filho de Anu com uma mãe que era meia-irmã dele. Na Terra, Enki repetidamente tentou ter um filho com Ninharsag, meia-irmã dele e de Enlil, mas ela só teve filhas. Ninurta era o herdeiro legítimo da Terra porque fora Ninharsag sua mãe, com Enlil. Seguindo essas regras de sucessão, foi Isaac quem nasceu de Abraão e sua meia-irmã Sara, e não o primogênito Ismael (filho da criada, Agar) quem se tornou o legítimo herdeiro do patriarca. Gilgamesh, rei de Erech, era dois terços (não apenas metade) "divino", porque sua mãe era uma deusa; outros reis sumérios procuraram melhorar sua posição afirmando que uma deusa os amamentara. Todas essas imagens matriarcais perderam significado quando Marduk tornou-se supremo. (A linhagem maternal se tornou significativa outra vez para os judeus na época do Segundo Templo.) Estaria o mundo antigo experimentando no início da Nova Era, século XX a.C., no intervalo de guerras internacionais, do uso de armas nucleares, da dissolução de um grande sistema cultural e político unificado, o deslocamento de uma religião sem fronteiras com um dos deuses nacionais?

Nós, ao final do século XX, podemos achar mais fácil visualizar, tendo nós mesmos testemunhado duas guerras mundiais, o uso de armas nucleares, a dissolução de um sistema político e ideológico, o deslocamento de impérios centralmente controlados e sem fronteiras pelo nacionalismo guiado pela religião.

O fenômeno de milhões de refugiados de guerra por um lado, e o rearranjo do mapa populacional por outro, tão sintomáticos nos eventos do século XX d.C. teria tido seu eco no século XX a.C?

Pela primeira vez aparece na Mesopotâmia o termo Munnabtutu, literalmente significando "fugitivos da destruição". À luz de nossas experiências atuais, uma tradução mais precisa seria "pessoas deslocadas" - pessoas que, nas palavras de vários acadêmicos, foram "destribalizadas", pessoas que perderam não apenas seus lares, as posses e as vidas que levavam, mas também os países aos quais haviam pertencido e portanto seriam "refugiados sem pátria", procurando asilo religioso e segurança pessoal nas terras de outros povos.

Quando a própria Suméria se tornou desolada e prostrada, os habitantes que restavam (nas palavras de Hans Baumann, A Terra de Ur) "espalharam-se em todas as direções; médicos e astrônomos sumérios, arquitetos e escultores, cortadores de selo e escribas, se tornaram professores em outras terras".

Além de todas as coisas que os sumérios fizeram "primeiro", eles adicionaram mais uma à medida que a Suméria e sua civilização chegavam a um fim amargo: a primeira Diáspora...

Sua migração, é certo, levou-os até aonde outros grupos haviam ido antes, como Haram, onde a Mesopotâmia se liga com a Anatólia, o lugar para onde Tera e sua família haviam migrado e que já era conhecido como a "Ur fora de Ur". Sem dúvida eles permaneceram (e prosperaram) ali nos séculos seguintes, pois Abraão procurou uma esposa para Isaac seu filho entre os parentes que habitavam lá, e o mesmo fez Jacó, o filho de Isaac. Suas explorações sem dúvida também seguiram o caminho anterior dos "mercadores de Ur", cujas caravanas e navios carregados traçaram caminhos na terra e no mar para locais próximos e distantes. Na verdade, podemos ver onde as "pessoas deslocadas" da Suméria foram examinando as culturas que

apareceram, umas depois das outras, em terras estrangeiras - culturas cuja escrita era cuneiforme, cuja linguagem incluía vários estrangeirismos sumérios (especialmente nas ciências), cujo panteão, mesmo que os deuses fossem chamados por seus nomes locais, era o mesmo que o panteão sumério, cujos "mitos" eram os "mitos" sumérios, cujas histórias de heróis (como as de Gilgamesh) eram de heróis sumérios.

Até aonde foram os andarilhos da Suméria?

Sabemos que eles com certeza foram para as terras onde novas nações-estado formaram-se dois ou três séculos depois da queda da Suméria. Enquanto os amurru (ocidentais), seguidores de Marduk e Nabu, invadiram a Mesopotâmia e forneceram os governantes que fizeram a Primeira Dinastia da Babilônia de Marduk, outras tribos e futuras nações envolvidas em movimentos grandes da população alteraram para sempre o Oriente Médio, a Ásia e a Europa. Foram responsáveis pelo surgimento da Assíria ao norte da Babilônia, do reino hitita a noroeste, os mitanis para o oeste, os reis indo-arianos que se espalharam do Cáucaso até o nordeste da Babilônia e de seus tratados com outros (nos quais era invocado cada um dos deuses nacionais), os grandes deuses da Suméria renunciaram ao convite para ir morar no território sagrado da Babilônia; ao invés disso, a maioria tornou-se a divindade nacional em nações antigas ou nas que estavam se formando.

Foram nessas terras que os refugiados sumérios receberam asilo por toda a Mesopotâmia, servindo ao mesmo tempo como catalisadores para a conversão dos países que os receberam em estados modernos e em expansão. Porém alguns devem ter se aventurado a terras mais distantes, emigrando por conta própria ou, com maior probabilidade, acompanhando os próprios deuses.

Para o leste ficavam os espaços sem limites da Ásia. Muitos discutem as ondas migratórias dos arianos (ou indo-arianos, como preferem alguns). Originalmente em algum lugar a sudoeste do mar Cáspio, eles migraram para onde seria a Terceira Região de Ishtar, o vale do Indo, para povoá-la e revigorá-la. As histórias védicas dos deuses e os heróis que eles trouxeram com eles eram novas versões da mitologia suméria; as noções de tempo, suas medidas e ciclos eram de origem suméria. É seguro presumir que nessa

migração ariana estavam os refugiados sumérios; dizemos que "é seguro" porque os sumérios precisavam passar por ali para chegar aonde chamamos de Oriente.

É geralmente aceito que no espaço de dois séculos aproximadamente em torno de 2.000 a.C. ocorreu "uma mudança abrupta e misteriosa" (nas palavras de William Watson, China) na China; sem nenhum desenvolvimento paulatino, a terra foi transformada de pequenas cidades primitivas em uma de "cidades muradas, cujos governantes possuíam armas de bronze, carros e o conhecimento da escrita". A causa, todos concordamos que foi a chegada de emigrantes, vindos do oeste - as mesmas "influências civilizadoras" da Suméria que "por fim podem ser traçadas até as migrações culturais que se irradiaram no Oeste a partir do Oriente Próximo" - as migrações que ocorreram na esteira da queda da Suméria.

O surgimento "misteriosamente abrupto" da nova civilização floresceu na China desde 1.800 a.C., segundo a maior parte dos estudiosos. A vastidão do país e a falta de evidências favorecem a possibilidade de disputas acadêmicas, porém a opinião vigente é que a escrita tenha sido introduzida juntamente com os reinados da dinastia Shang; o propósito era significativo por si mesmo: registrar profecias em ossos de animais. Tais profecias estavam mais relacionadas com pedidos para a orientação de ancestrais mais enigmáticos.

A escrita era monossilábica e pictórica (de onde a escrita chinesa evoluiu para uma espécie de escrita "cuneiforme") - ambos traços marcantes da escrita suméria. Observações do século XIX mostram a semelhança entre as escritas chinesa e suméria, num estudo feito por C. J. Ball (Chinese and Sumerian, 1913), publicado sob os auspícios da Universidade de Oxford. Provava conclusivamente a similaridade entre os pictogramas sumérios (de onde evoluiu a escrita cuneiforme) e as formas antigas (Ku Wen) de escrita chinesa.

Ball também atacou o tema se este era uma similaridade proveniente apenas da expectativa de que um homem ou um peixe seria desenhado de forma similar, mesmo em culturas diferentes. O que essa pesquisa mostrou é que não apenas os pictogramas eram parecidos, como (em boa parte dos casos), o

nome era pronunciado de forma análoga; isso incluía termos-chave como An para "céu" e "bem", En para "Senhor" ou "chefe", Ki para "Terra" ou "área", Itu para "mês", Mul para "brilhante" (planeta ou estrela). Além disso, quando uma sílaba suméria tinha mais de um significado, o pictograma chinês correspondente possuía um conjunto similar de variações.

Estudos recentes de lingüística, liderados por acadêmicos da ex-União Soviética, expandiram a conexão suméria para incluir toda a nova família de linguagens sino-tibetanas. Tais ligações formam apenas um aspecto de uma variedade de aspectos "científicos" e "mitológicos" que lembram os da Suméria. Os primeiros são especialmente fortes; tais aspectos como o calendário de doze meses, a contagem do tempo dividindo o dia em horas duplas, a adoção de um dispositivo do zodíaco totalmente arbitrário, e a tradição de observações astronômicas são de origem inteiramente suméria.

As ligações "mitológicas" estão ainda mais espalhadas. Ao longo das estepes e por toda a Índia, China e Japão, as crenças religiosas falam de deuses do Céu e da Terra e de um lugar chamado Sumeru, onde, no umbigo da Terra, havia uma ligação que juntava o Céu e a Terra, como se fossem duas pirâmides, uma delas invertida sobre a outra, ligada por uma ampulheta, com cintura fina. A crença xintoísta dos japoneses segundo a qual o imperador é descendente do filho do Sol se torna plausível se presumirmos que a referência deles não era relativa à estrela ao redor da qual nosso planeta orbita, mas ao "Deus-Sol", Utu/Shamash; pois tendo desaparecido o espaçoporto do Sinai do qual ele estava encarregado, e com o Campo de Pousio no Líbano em mãos de Marduk, ele bem pode ter perambulado com um bando de seguidores até os confins da Ásia.

Como indicam as evidências lingüísticas e outras, a Munnabtutu também fora para algum lugar na Europa, usando duas rotas: uma pelo Cáucaso e ao redor do mar Negro, a outra pela Anatólia. Teorias relativas à rota antiga vêm os sumérios passando pela área que hoje é a Geórgia (onde costumava ser a União Soviética), explicando por que a linguagem pouco comum de seu povo demonstra afinidade com a dos sumérios, depois avançando ao longo do rio Volga, estabelecendo-se em sua cidade principal, chamada Samara (hoje Kuybichev), e - de acordo com alguns pesquisadores - finalmente chegando

ao mar Báltico. Isso explicaria a incomum língua finlandesa, que não parece nenhuma outra, a não ser o sumério. (Alguns atribuem também essa origem para a linguagem da Estônia.)

A outra rota, onde algumas evidências arqueológicas apóiam os dados lingüísticos, representa os refugiados sumérios avançando pelo rio Danúbio, portanto corroborando a crença persistente e enraizada entre os húngaros de que sua linguagem única poderia também ter essa origem: os sumérios.

Teriam os sumérios tomado realmente esse caminho? A resposta pode ser encontrada em uma das mais intrigantes relíquias da Antiguidade que pode ser vista onde o Danúbio encontra o mar Negro; ali já foi a província celto-romana da Dácia (agora parte da Romênia). Lá, num local chamado Sarmizegetusa, uma série que os pesquisadores teriam chamado de "templos calendáricos" inclui o que poderia ser descrito como o "Stonehenge do mar Negro".

Construídas em terraços feitos pelo homem, várias estruturas foram projetadas para serem componentes integrados de um maravilhoso Computador de Tempo feito de pedra e madeira. Os arqueólogos identificaram cinco estruturas que na verdade eram fileiras de "lóbulos" de pedras arredondadas para compor cilindros curtos, arrumados cuidadosamente em retângulos formados pelos lados de pequenas pedras cortadas para produzir o desenho com precisão. As duas maiores dessas estruturas retangulares continham sessenta lobos cada, sendo uma (o "grande e velho santuário") em quatro fileiras de quinze, e a outra ("grande e novo santuário"), em seis fileiras de dez.

Três componentes dessa antiga "cidade-calendário" eram arredondados. O menor é um disco de pedra feito de dez segmentos na qual pequenas pedras ficavam embutidas para formar uma circunferência - seis pedras por segmento, perfazendo um total de sessenta. A segunda estrutura arredondada, algumas vezes chamada de "pequeno santuário redondo", consiste num perfeito círculo de pedras, todas idênticas e precisamente arranjadas em onze grupos de oito, um de sete e um de seis; pedras mais largas e diferentemente esculpidas, treze no total, eram colocadas de forma a separar as outras pedras agrupadas. Lá teriam existido outros postes ou pilares no interior do círculo,

para observação e contagem; mas nunca se pôde determinar com certeza. Estudos, tais como *Il Templo-Calendario Dacico di Sarmizegetusa*, por Hadrian Daicoviciu, sugerem que essa estrutura serviu como calendário solar-lunar, permitindo uma série de cálculos e previsões, incluindo a intercalação apropriada entre os anos solar e lunar, por meio da adição periódica de um décimo terceiro mês. Isso, junto com a prevalência do número sessenta, o número básico do sistema sexagesimal, levou os pesquisadores a discernir fortes laços com a antiga Mesopotâmia. Conforme escreveu H. Daicoviciu, "as semelhanças podem não ter sido coincidência nem acidente". Estudos arqueológicos e etnográficos da história e pré-história da área em geral indicam que no início do segundo milênio a.C. uma civilização da Idade do Bronze de "pastores nômades com organização social superior" (Rumania, um guia oficial) chegou à área que até então fora ocupada por uma população de simples agricultores. A época e a descrição se encaixam com emigrantes sumérios.

O mais impressionante e intrigante componente dessa Cidade do Calendário é o terceiro "templo" redondo. Consiste em dois círculos concêntricos cercando uma "ferradura" no meio, ostentando uma semelhança estranha com Stonehenge, na Inglaterra. O círculo exterior, com cerca de 30 metros de diâmetro, é feito de um anel com 104 blocos de andesita que cercam 180 outros blocos oblongos perfeitamente trabalhados, cada um com uma cavilha quadrada no topo, como se ali pudesse ser colocado um marcador móvel. Essas pedras eretas estão reunidas em grupos de seis; os grupos são separados por rochas horizontais perfeitamente cortadas, num total de trinta. Ao todo, então, o círculo exterior de 104 pedras abriga um círculo interno com 210 (180 + 30) pedras.

O segundo círculo, entre o externo e a ferradura, consiste em 68 orifícios para postes - semelhantes aos Orifícios Aubrey em Stonehenge - divididos em quatro grupos separados por blocos horizontais de pedra; três nas posições nordeste e sudeste, dando ao "círculo" seu eixo noroeste/sudeste e a perpendicular nordeste/sudoeste. Esses marcadores dos quatro grupos, é possível reparar, imitam as Pedras das Quatro Estações em Stonehenge.

A semelhança final, e imediatamente óbvia, com Stonehenge é a "ferradura" interna; consiste num arranjo elíptico de 21 orifícios de postes, separados por duas pedras horizontais em cada lado de uma linha de mira de treze orifícios para poste, que se voltam para sudoeste, sem deixar dúvidas de que o principal alvo do observatório era o sol do solstício de inverno. H. Daicoviciu, eliminando alguns dos postes para uma visualização mais simples, ofereceu um desenho de como teria parecido o "templo". Reparando que os postes de madeira eram cobertos com uma "folha" de terracota, Serban Bobaneu e outros pesquisadores na Academia Nacional da Romênia (Calendrul de la Sarmizegetusa Regia) observaram que cada um dos postes "possuía um grande bloco de calcário como fundação, um fato que sem dúvida revela a estrutura numérica do santuário e prova, como na verdade as outras estruturas também fazem, que os construtores queriam que essas estruturas durassem por séculos e milênios" .

Esses últimos pesquisadores concluíram que o "velho templo" originalmente consistia em apenas 52 segmentos (4 x 13 ao invés do arranjo de 4 x 15) e que, com efeito, havia dois sistemas calendáricos encaixados um no outro em Sarmizegetusa: um era um calendário solar-lunar com raízes mesopotâmicas, e outro um "calendário ritual" baseado no 52, semelhante ao ciclo sagrado da América Central, com aspectos estelares, ao invés de lunar-solar. Eles concluíram que a "era estelar" consistia em quatro períodos de 520 anos cada (o dobro de 260 do Calendário Sagrado da América Central), e que o propósito principal do complexo calendárico era medir uma "era" de 2.080 anos (4 x 520) - a duração aproximada da Era de Áries.

Quem era o gênio matemático-astronômico que engendrara tudo aquilo, e com que propósito?

A resposta, acreditamos, leva também a uma solução dos enigmas de Quetzalcoátl e dos observatórios circulares que ele construiu, o deus que de acordo com as lendas foi embora num determinado momento para atravessar os mares na direção leste (e prometendo voltar). Não foram apenas os deuses enlilitas a guiar e liderar os sumérios errantes, mas também Thot/Ningishzida (aliás Quetzalcoátl), o deus do Jogo do 52, que fora, ele mesmo, expulso de sua terra natal.

O propósito de todas as "Stonehenge" na Suméria, na América do Sul e Central, nas Ilhas Britânicas e também no litoral do mar Negro, não era apenas para ajustar o ano lunar ao ano solar, e calcular o Tempo Terrestre, mas também - e principalmente - para calcular o Tempo Celeste, as Eras do Zodíaco?

Quando os gregos adotaram Thot como seu deus, Hermes, eles o chamaram de Hermes Trimegisto, "Hermes, Três Vezes Grande". Talvez tenham reconhecido que ele guiou três vezes a humanidade na observação do início de uma Nova Era - a mudança para Touro, para Áries e para Peixes.

Pois foi então, para aquelas gerações da Humanidade, quando o Tempo começou.